



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

KARLA RIBEIRO

***LETTERE (1578-1585), DE FILIPPO SASSETTI:***  
TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS

FLORIANÓPOLIS  
2023

KARLA RIBEIRO

***LETTERE (1578-1585), DE FILIPPO SASSETTI:***  
**TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Simoni

FLORIANÓPOLIS

2023

Ribeiro, Karla

Lettere (1578-1585), de Filippo Sassetti : Tradução comentada e anotada para o português / Karla Ribeiro ; orientadora, Karine Simoni, 2023.

264 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução comentada. 3. Filippo Sassetti. 4. Navegadores. 5. Literatura de viagem. I. Simoni, Karine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

KARLA RIBEIRO

***LETTERE (1578-1585), DE FILIPPO SASSETTI:***  
TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 21 de março de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Andréia Guerini, Dra.  
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Vanessa Castagna, Dra.  
Instituição: Università Ca' Foscari – Venezia

Profa. Michele Gonçalves Cardoso, Dra.  
Instituição: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Profa. Karine Simoni, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 2023.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a esta Força Maior que nos rege neste universo, que nos dá o sopro da vida.

Imensamente sou grata aos meus pais, por sempre me incentivarem nos estudos, desde sempre, mesmo que com poucas condições e pouca instrução escolar. Nunca me questionaram sobre um curso, uma aula ou qualquer formação. Obrigada pelo apoio incondicional.

Sou grata desde o início da minha jornada nos Estudos da Tradução à professora, pesquisadora e minha orientadora Karine Simoni. Acreditou em mim desde o princípio quando apresentei um singelo projeto de mestrado. Devo a ela essa minha jornada acadêmica numa instituição pública federal, que é a realização de um sonho.

Devo agradecimento a toda a Coordenação e colaboradores da PGET, sempre muito atenciosos e prestativos em todas as minhas solicitações ou dúvidas.

Meu agradecimento especial às professoras da banca de qualificação, Andréia Guerini e Vanessa Castagna, pelas considerações e contribuição com a tese. Também agradeço imensamente aos professores e pesquisadores, Brian Brege e Adele Dei, que foram sempre solícitos comigo e contribuíram com materiais de suas pesquisas. Muito obrigada!

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pois tive o privilégio de, por alguns meses, ter sido contemplada com bolsa.

Também gostaria de agradecer ao meu noivo Lauro, pelas leituras dos textos, ele que sempre me motivou e acreditou em mim, acho que até mais do que eu própria. Obrigada!

Aos muitos colegas que fiz durante esse percurso na PGET, de tantos lugares, quanta gratidão tenho a vocês!

A todos que de uma forma ou outra passaram pela minha vida, obrigada!

*“Cercar m’hai fatto diversi paesi”*

*(Sassetti em referência a Petrarca, Canção XXIV)*

## RESUMO

Esta tese consiste na tradução comentada para o português das cartas escritas pelo mercador Filippo Sassetti (1540-1588) entre 1578 e 1581, o qual, quando esteve em Lisboa, Madri ou nas Índias, escreveu correspondências que foram enviadas à sua cidade natal, Florença, na península itálica, enquanto agente dos Médici. O trabalho tem início com a apresentação do autor e de suas cartas, realizando breve contexto histórico, para, em seguida, abordar o florentino e sua vida literária e mercantilista, apoiando-se nos estudos de Dei (1995) e Brege (2014; 2020). Destaca-se a importância de se traduzir as cartas de Sassetti devido ao fato de ele ser ainda um autor a ser descoberto, não somente na Itália, mas pelos países por onde passou e registrou o que viu e observou. Entende-se aqui, assim, a crítica como um dos papéis da tradução, que serve para divulgar não somente o cânone, mas a literatura considerada periférica, como o próprio gênero *carta* é visto. Além disso, outra relevância em se traduzir Sassetti se pauta em tomar conhecimento da temática e dos sujeitos que aparecem nos conteúdos, seja para se conhecer um pouco melhor a estrutura epistolar que se apresentava à época e qual(is) influência(s) determinado escrito teve para a sociedade. Apontam-se reflexões acerca do que representa a literatura de viagem, especialmente durante o período das Grandes Navegações, graças às cartas escritas por Sassetti. Após a apresentação da proposta de tradução de cartas sassettianas que citam o “Brasil” em seu conteúdo a partir da edição de 1855, editada por Ettore Marcucci, com base na tradução da letra de Berman (2012), além das reflexões de Venuti (2019) e Eco (2014) a respeito dos Estudos da Tradução e o ato de traduzir, são feitos os comentários acerca do projeto tradutório empreendido, destacando-se situações relacionadas a marcadores temporais, como formas de tratamento, questões de léxico e estilístico-sintáticas, paratextos, com destaque para as notas, e outros fatores que estiveram presentes durante o processo de tradução.

**Palavras-chave:** Navegações séc. XVI. Filippo Sassetti. Epistolário. Tradução comentada.

## ABSTRACT

This thesis aims to do a commented translation of letters written by the merchant Filippo Sassetti (1540-1588) during the period between 1578 and 1581, when he has been to Lisbon, Madrid and India where he wrote correspondences which were sent to his hometown, Florence, in the Italian peninsula, when he was a Medici agent. The thesis starts with an introduction of the author and his letters with a brief historical context to then approach the Florentine and his literary and mercantilist life, based on studies done by Dei (1995) and Brege (2014; 2020). The importance of translating Sassetti's letters is highlighted due to the fact that he is still an author to be discovered not only in Italy, but also in the countries where he went and registered what he saw through people's observation. We understand critics as a role of translation used to disseminate not only the canon, but the literature considered peripheral, as the letter genre itself. In addition, another relevance in translating Sassetti is based on learning about the theme and the subjects that appear in the contents, whether it is to know a little better the epistolary structure that was presented at that time as well as the influence (s) a particular writing had on society. I point out reflections about what travel literature represents, especially during the Great Navigations period, thanks to the letters written by Sassetti. After the presentation of the proposal for the translation of Sassettian letters that cite "Brazil" in their content from the 1855 edition, edited by Ettore Marcucci, based on the translation of the letter by Berman (2012), in addition to the reflections of Venuti (2019) and Eco (2014) regarding Translation Studies and the act of translating, I bring comments about the translation project undertaken, highlighting situations related to temporal markers, such as forms of treatment, lexical and stylistic and syntactical issues, paratexts, and other factors that were seen throughout the translation process.

**Keywords:** 16th Century Navigation. Filippo Sassetti. Epistolary. Commented Translation.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Afresco da Capela da família Sassetti, Igreja de Santa Trinità .....	15
Figura 2 – Carta de nomeação de Francesco Sassetti como Senhor da Casa da Moeda, em 1482 .....	37
Figura 3 - Moeda com símbolo da família Sassetti.....	38
Figura 4 - Atual complexo da Villa del Mulinaccio .....	39
Figura 5 - Árvore da família Sassetti .....	41
Figura 6 – Lugares por onde alguns mercadores passaram, como Filippo Sassetti e Francesco Carletti .....	46
Figura 7 - Retrato de Filippo Sassetti .....	50
Figura 8 - Página da carta citada por Dei a respeito do caminho à Índia a partir de Veneza .....	53
Figura 9 - Dizeres na lápide de Filippo Sassetti em Goa .....	58
Figura 10 - Livro de Sansovino que inspirou o termo 'secretário' no auge da epistolografia .....	74
Figura 11 - Manuscrito de Sassetti: a carta como manuscrito do pensamento .....	95
Figura 12 - Carta de Filippo Sassetti: destinatário e forma de selar a carta.....	97
Figura 13 - Cópia de carta de Filippo Sassetti a Piero Vettori, constante do arquivo da Universidade de Stanford, nas Coleções Especiais .....	100
Figura 14 - Manuscrito de Sassetti com abertura de missiva .....	219
Figura 15 - Manuscrito de Filippo Sassetti .....	220
Figura 16 - Página da edição do texto de partida com uso de paratextos.....	244

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes de tratamento de 2ª pessoa .....	206
Quadro 2 – Estratégia de tradução dos pronomes pessoais e formas de tratamento .....	210
Quadro 3 - Uso dos pronomes Tu e Vos do latim .....	211
Quadro 4 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti I.....	212
Quadro 5 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti II.....	212
Quadro 6 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti III.....	213
Quadro 7 - Abertura das cartas .....	217
Quadro 8 - Encerramento das cartas .....	221
Quadro 9 - Nomes próprios de lugares nas cartas de Sasseti .....	225
Quadro 10 - Uso de expressões estrangeiras .....	228
Quadro 11 – Palavras e expressões típicas da navegação .....	231
Quadro 12 – Notas de rodapé .....	246

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 DA TOSCANA PARA AS ÍNDIAS: O SUJEITO FILIPPO SASSETTI</b> .....	36
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO .....	59
<b>2 PARTIR PARA ESCREVER: REFLEXÕES SOBRE O ESCRITOR-VIAJANTE</b> ...	64
2.1 SOBRE O GÊNERO CARTA .....	69
2.2 EPISTOLOGRAFIA DE SASSETTI COMO LITERATURA DE VIAGEM.....	76
2.3 A CARTA COMO REGISTRO HISTÓRICO .....	84
2.4 SASSETTI EPISTOLÓGRAFO: A ESTÉTICA DIPLOMÁTICA .....	87
2.4.1 Sobre o <i>corpus</i> da tradução .....	104
<b>3 TRADUÇÃO DO ITALIANO PARA O PORTUGUÊS DE CARTAS DE FILIPPO SASSETTI</b> .....	108
3.1 DA TRADUÇÃO DAS CARTAS .....	108
3.1.1 Carta XLIV .....	108
3.1.2 Carta XLVI .....	118
3.1.3 Carta L .....	124
3.1.4 Carta LII .....	126
3.1.5 Carta LIV .....	134
3.1.6 Carta LXIII.....	139
3.1.7 Carta LXVI .....	155
3.1.8 Carta LXIX .....	160
3.1.9 Carta LXXXI.....	162
3.1.10 Carta LXXXIV .....	169
3.1.11 Carta LXXXV .....	175
3.1.12 Carta XCV .....	185
<b>4 COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO</b> .....	194
4.1 MARCADORES TEMPORAIS.....	203

<b>4.1.1 Formas de tratamento</b> .....	204
<b>4.1.2 Abertura e encerramento das cartas</b> .....	214
<b>4.1.3 Abreviações, maiúsculas iniciais e ortografia</b> .....	224
<b>4.2 QUESTÕES DE LÉXICO</b> .....	224
<b>4.2.1 Nomes próprios, neologismos e estrangeirismos</b> .....	225
<b>4.2.2 Palavras e expressões próprias da navegação</b> .....	230
<b>4.2.3 Palavras e expressões ligadas a elementos da mitologia e da literatura</b>	231
<b>4.2.4 Outros casos de léxico</b> .....	234
<b>4.3 ASPECTOS ESTILÍSTICO-SINTÁTICOS</b> .....	237
<b>4.4 PARATEXTOS</b> .....	242
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	253
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	258

## INTRODUÇÃO

O mundo ou sua formação tal e qual conhecemos hoje não era visto/a como há séculos ou milênios. A visão que hoje se consegue ter do globo terrestre e de sua dimensão só é possível graças a diversas pessoas, de variadas regiões e nacionalidades, que saíram para ver e relatar a outros o que encontraram; outros estes que, talvez, nunca poderiam ter saído do seu local para ver e registrar. Os relatos de viagens foram grandes contribuidores para a visão de mundo conhecida ao longo dos séculos, sempre com um olhar “externo”, e sua relevância reverbera no tempo presente, pois, como aponta Doré, “identificar a forma como foram apresentadas as terras descobertas e exploradas ajuda a compreender o efeito que essas narrativas tiveram sobre o imaginário e sobre iniciativas futuras dos homens da época” (2002, p. 313), daí a importância de se buscar nos documentos históricos os elementos apresentados pelos viajantes e cronistas aos que recebiam a mensagem.

Segundo o historiador e arquivista francês Charles Samaran, “não há história sem documentos”. (1961 apud LE GOFF, 1990, p. 539). Do mesmo modo, o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, ao tratar sobre historiografia moderna, destacou que “não há notícia histórica sem documentos”. E mais: “Pois se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se” (LEFEBVRE, 1971 apud LE GOFF, 1990, p. 539), reflexão que pode ser associada à história das cartas de Filippo Sassetti (1540-1588), mercador florentino do século XVI, objeto desta tese.

Deste modo, trazer os escritos de Filippo Sassetti por meio da tradução comentada de suas cartas é o que proponho com esta tese doutoral, uma vez que escassa é a bibliografia do escritor florentino tanto na Itália como no Brasil. Como mostrarei neste estudo, é inegável a importância do autor para a história das Grandes Navegações do século XVI, e por ele ser tão pouco conhecido, essa tese irá disponibilizar para o público leitor de hoje observações acerca dos povos e costumes descritos pelo mercador em seu tempo, conforme as sensações e opiniões por ele sentidas e pensadas.

O historiador Jacques Le Goff faz uma observação acerca do que seja o documento enquanto material histórico. Declara ele:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor

de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (1990, p. 547-8).

Deste modo, as cartas escritas por Sasseti serão tratadas como registos históricos, como uma forma de se compreender um pouco mais a respeito do século em que viveu e escreveu a partir de seu ponto de vista. Cabe, aqui, mencionar que esses viajantes, assim como Sasseti, eram, em sua maioria, indivíduos do sexo masculino, o que, portanto, impele o leitor de hoje a pensar os relatos por eles deixados considerando o ponto de vista viril, que não poucas vezes implicava visões com características bem específicas sobre o pensamento predominante da época na qual viviam, como por exemplo, concepções misóginas e eurocêntricas, com um discurso a partir de um olhar do colonizador para o colonizado, muitas vezes trazendo uma narrativa realista-maravilhosa, como nomeia Chiampi (2015) em sua obra *O realismo maravilhoso*, apresentando uma realidade exótica.

Nesta tese, o foco será realizar uma tradução comentada de cartas escritas por Sasseti, escritas na segunda metade do século XVI, mais especificamente entre os anos de 1578 e 1585, enviadas de Portugal, da Espanha e das Índias para Florença, que tratam de temáticas envolvendo o Brasil. Tais cartas, como será visto, apresentam a visão de mundo e de cultura do autor, o que nos permite entrever questões do expansionismo europeu da época, embasado, entre outros elementos, no mercantilismo e na concepção eurocentrista perante as populações e paisagens encontradas.

Eco declara que “uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão da obra traduzida” (2014, p. 291). Dessa forma, não tenho a pretensão de apresentar aqui uma tradução definitiva, até porque, como mostrarei, o fato de trabalhar com um *corpus* distante temporalmente traz desafios característicos desses tipos de texto, mas adianto que busco uma tradução que se aproxime do texto de

partida, e, de todo modo, o fato de aproximar Sassetti do leitor de língua portuguesa é um modo de divulgar os seus escritos ao mundo lusófono.

A minha “descoberta”, pode-se dizer, do nome de Filippo Sassetti se deu a partir da obra *Storia dell’Italiano – la formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento*, do linguista italiano Riccardo Tesi (2012), o qual cita Filippo Sassetti como um representante da língua das relações diplomáticas e dos viajantes, com valor estilístico e literário de destaque, como mostrarei adiante.

Filippo Sassetti nasceu em Florença em 26 de setembro de 1540, filho de Giambattista e Margherita de’ Gondi, uma família com algumas posses restantes na antiga Florença (Filippo era bisneto de Francesco Sassetti, o qual encomendara uma capela em honra a São Francisco, no interior da igreja de Santa Trinità, localizada na área central de Florença com afrescos pintados pelo artista renascentista Domenico Ghirlandaio, de quem Michelangelo fora aprendiz). Considerado linguista, geógrafo, botânico, crítico literário e tradutor pelos estudiosos que o citaram, Sassetti foi movido talvez pelo sentimento de aventura, alguém que foi buscar em terras longínquas conhecimento e contato com outros povos, realizando negócios em favor de uma tradicional família florentina, os Médici<sup>1</sup>. A própria família de Sassetti já possuía certa tradição mercantil, como cita Alessandrini a respeito dos italianos em Lisboa nos séculos XV e XVI: “outro mercador florentino activo [sic] em Lisboa neste final de século foi Carlo Velluti, nascido a 9 de Setembro de 1557, filho de Piero de Raffaello Velluti e primo de Filippo Sassetti por parte da mãe que era da casa dos Gondi”. (2013, p. 119)

---

<sup>1</sup> Médici: família de banqueiros proveniente de Mugello, na Toscana, com grande influência política e econômica sobre Florença do início do século XV até meados do século XVIII. Os Médici também são conhecidos por possuírem forte relação com as Artes e o meio cultural em geral, financiando grandes obras para a cidade (LUCAS-DUBRETON, 2017).

**Figura 1 - Afresco da Capela da família Sassetti, Igreja de Santa Trinità, em Florença**



Fonte: DEVI, 2009, p. 27

É importante salientar que, no período das viagens de Sassetti, a Coroa Portuguesa era uma das grandes financiadoras das viagens marítimas realizadas principalmente por italianos, genoveses e florentinos, de modo particular (BRUSCOLI, 2018). Um estudo relevante enfocando o mercador florentino é o artigo “A Florentine humanist in India - Filippo Sassetti, Medici agent by annual letter”, do professor estadunidense Brian Brege<sup>2</sup> (2020, p. 215), que assim destaca a característica multifacetada do mercador:

As cartas que ligavam Sassetti a Florença eram capazes o suficiente de permitir a Sassetti realizar vários papéis. Às suas funções de analista botânico e coletor, Sassetti adicionava aquela de provedor de informações estratégicas. Isso abrangia desde discussões sobre a construção do novo forte português próximo a Cochim até comentários críticos sobre a grande estratégia portuguesa no oceano Índico<sup>3,4</sup> (2020, p. 215)

<sup>2</sup> Entrei em contato com o referido pesquisador, que me indicou importantes referências para aprofundar o meu estudo sobre Sassetti e a sua época. Falarei mais sobre isso no Capítulo 1.

<sup>3</sup> “The letters that bound Sassetti to Florence were capacious enough to allow Sassetti to play many roles. To his roles as botanical analyst and collector, Sassetti added that of provider of strategic information. This ranged from discussion of the construction of a new Portuguese fortress near Cochim to critical commentary on Portuguese grand strategy in the Indian Ocean.”

<sup>4</sup> Todas as traduções serão minhas, exceto quando explicitamente indicado o nome de outro tradutor.



O esquecimento da figura do mercador humanista com o passar dos anos é comprovado pelas poucas referências e poucos relatos encontrados a seu respeito. No Brasil, quase nada encontrei, e as informações sobre Sasseti e sua obra não passaram de breves linhas que se detiveram a utilizar as cartas do autor como fundamento histórico para determinado fato de algum estudo. É o caso da obra *Visão do Paraíso*, publicada pela primeira vez em 1956, de Sérgio Buarque de Holanda, na qual o autor cita o florentino no trecho em que fala dos portugueses. Declara Holanda: “escreve, com efeito, Filippo Sasseti, o que deles disse um natural destas partes, aos quais, por não cuidarem de entrar um palmo pela terra, deu o nome de ‘bate praias’”. (2000, p. 121) Em todo o restante do livro o mercador não é mais citado. Já em *Raízes do Brasil*, publicado em 1936 também por Sergio Buarque de Holanda, o nome do mercador é trazido como forma de ratificar informações a respeito do tráfico negreiro no Reino de Portugal, como mostra o excerto abaixo:

Embora os cálculos estatísticos acerca da introdução de negros no reino fossem, em geral, escassos e vagamente aproximativos, é de notar que, em 1541, defendendo o bom nome dos portugueses e espanhóis contra as críticas de Münster, Damião de Góis estima-se em 10 a 12 mil os escravos da Nigricia que entravam anualmente em seu país. E que um decênio depois, conforme o *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa contava 9950 escravos para o total de 18 mil vizinhos. Isso significa que formavam cerca de uma quinta parte da população. **A mesma proporção ainda se guardava mais para fins do século, a julgar pelos informes de Filippo Sasseti, que andou em Portugal entre os anos de 1578 e 1583.** (1995, p. 54, negritos meus)

O que de antemão declaro é que várias buscas foram realizadas, mas com poucos resultados, tanto no Brasil quanto na Itália. O Banco de Teses da CAPES, por exemplo, não traz nenhum registro acerca de Sasseti, enquanto o Portal de Periódicos da CAPES<sup>5</sup> traz algumas referências a artigos que falam do mercador, a citar, principalmente, o periódico *Annali d’Italianistica* publicada em 2003, com o tema “*Hodoeporics Revisited / Ritorno all’odeporica*”, tratando sobre literatura de viagem. Nesse periódico, foram encontrados alguns artigos do professor Luigi Monga (1941-2004), especialista em escritos de viagem, além de Literatura Renascentista. Em linhas gerais, o nome do mercador florentino é citado esporadicamente em alguns textos do periódico em questão, sempre de modo sucinto. O próprio editor da publicação que será tomada como base para a tradução comentada nesta tese, Ettore

<sup>5</sup> Via endereço eletrônico: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>

Marcucci, brevemente relata o esquecimento do mercador no prefácio da edição: “A vida de Filippo Sassetti não se encontra em nenhum livro [...]”<sup>6</sup> (MARCUCCI, 1855, p. I).

Deste modo, mesmo Sassetti tendo deixado registros em diversos campos do conhecimento, como informações de marinharia, oceanografia, meteorologia, comércio, botânica, zoologia, linguística etc., por meio de seus escritos, seja no Brasil, seja na Itália, o que ajuda a justificar a falta de conhecimento e estudo acerca da sua obra.

Milanesi também destaca o “desaparecimento” de Sassetti, inclusive nos anos logo após a sua morte, o que pode causar certa estranheza visto que a presença do mercador nas Índias dava-se pelo cargo de ser agente dos Médici, que, como sabemos, eram uma das mais importantes famílias da época. Alguns fatores podem servir de hipótese para a ausência de Sassetti da história: um deles está no fato de os Médici não terem recebido todas as comunicações dentro do tempo previsto, ou, nas palavras de Milanesi, “Estranho que, nos últimos anos em que o Grão-Duque Ferdinando ordena a Carletti para escrever a relação de sua viagem, as cartas de Sassetti desaparecem, destinadas a voltar somente em 1700”<sup>7</sup> (1973, p. 3), além de haver registros de queixas do referido Grão-Duque a respeito da falta de informação que ele deveria ter recebido das Índias. Outro ponto destacado pela pesquisadora é o desaparecimento do interesse comercial por parte dos Médici na região onde Sassetti era o agente, isso nos anos que seguiram a sua morte, o que teria também contribuído para o seu esquecimento. Pode-se inferir, a partir de tais fatos, que possivelmente existiram fatores externos, como econômicos e políticos, que impediram a divulgação do nome do mercador ao longo dos anos. Apesar dessas lacunas, o nome dele voltou a ser lembrado em 1700, porém, não especificamente como mercador, e sim devido ao seu estilo de escrita, como atesta Milanesi:

O fato é que o nome de Sassetti, mercador e estudioso de filosofia natural, reaparece somente no ano de 1700, em um local que reflete a sua personalidade mais antiga: a de literato. A partir das *Notizie* de Rilli a menção difunde-se entre as histórias literárias de início do *Settecento* até que, em 1744, pela primeira vez, uma parte de suas cartas é publicada como modelo

---

<sup>6</sup> “La Vita di Filippo Sassetti non si trova in nessun libro.”

<sup>7</sup> “Par strano che, negli anni in cui il Granduca Ferdinando ordina al Carletti di scrivere la relazione del suo viaggio, le lettere del Sassetti scompaiano, destinate a tornare alla luce solo nel '700, sotto la spinta di interessi completamente diversi.”

e testemunho da vitalidade de um gênero literário, nas *Prose Fiorentine*.<sup>8</sup> (1973, p. 3-4)

Ao longo do percurso de busca por estudos que pudessem corroborar com a fundamentação de minha tese, cheguei ao nome de Lorenzo Panciatichi, que, conforme apontou Rilli (1700), pretendia publicar os escritos de Sassetti, o que não aconteceu em virtude da morte do editor.

Como será detalhado adiante, houve algumas publicações das cartas após 1700, mas com um grande hiato de tempo entre uma edição e outra. A pesquisadora italiana Adele Dei é quem vai retomar o nome de Sassetti com uma publicação datada de 1995, intitulada *Lettere dall'India (1583-1588)*, segundo a autora uma reprodução das cartas editadas e publicadas em 1970 por Vanni Bramanti, intitulada *Lettere da vari paesi*. (DEI, 1995)

Adoto aqui a edição de Ettore Marcucci, datada de 1855, sob o título *Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti*, com impressão em Florença, por ser uma das edições mais antigas e bem conservadas do ponto de vista do texto, com informações importantes para leitura e tradução do material. É uma edição que traz quase 600 páginas dedicadas aos escritos de Filippo Sassetti, a iniciar com um prefácio de 12 páginas escrito por Marcucci, no qual ele traz detalhes sobre as cartas encontradas até aquele momento da publicação e informações relativas à vida do mercador. Diz ele em seu prefácio: “De três coisas me sinto obrigado a informar quem me lê; e essas são, 1ª algum aceno em torno à pessoa do autor; 2ª de onde e como me veio a ideia de publicar a presente coletânea de cartas; 3ª quais e quantos cuidados eu despendi”<sup>9</sup> (MARCUCCI, 1855, p. I).

Nessa edição, Marcucci traz um prefácio tratando de Sassetti e de seus escritos, além de um compilado de informações a respeito da família Sassetti com um texto biográfico escrito por Francesco di Giambatista Sassetti de 1600. A edição de Marcucci também apresenta uma árvore genealógica da família Sassetti e, ao final da coletânea das cartas, a edição traz um espólio de vozes e modos de dizer encontrados nas missivas, uma tabela de nomes próprios presentes nas cartas (com referência ao

<sup>8</sup> “Sta di fatto che il nome del Sassetti, mercante e studioso di filosofia naturale, ricompare soltanto nell'anno 1700, in una sede che rispecchia la sua personalità più antica: quella del letterato. Dalle *Notizie* del Rilli 17 la menzione rimbalza fra le storie letterarie del primo Settecento, finché nel 1744, per la prima volta, una parte delle sue lettere viene pubblicata, come modello di stile e testimonianza della vitalità di un genere letterario, nelle *Prose Fiorentine*.”

<sup>9</sup> “Di tre cose mi credo strettamente obbligato a far consapevole chi mi legge; e queste sono, 1º alcun cenno intorno alla persona dell'autore; 2º donde e come ne venisse il concetto di pubblicare la presente raccolta di lettere; 3º quali e quante cure io v'abbia speso.”

número da página onde se encontra determinada palavra), uma lista com nomes dos destinatários e outra lista com correções realizadas pelo editor ao longo do livro. Deste modo, com o auxílio desses paratextos foi possível realizar uma análise mais profícua das cartas e de seus conteúdos, bem como a seleção das correspondências traduzidas nesta tese.

Marcucci também apresenta um aparato crítico sobre Sassetti, elencando as publicações relacionadas a ele até aquela data e destaca o esforço de outros estudiosos e pesquisadores em estudar e publicar o material do mercador florentino, como Luigi Polidori e Lorenzo Panciatichi. Marcucci também tece uma crítica ao fato de Sassetti não ter sido lembrado em publicações ao longo dos anos passados e ressalta o caráter eloquente e modos do mercador, além de destacar o florentino como portador de pensamento rico, vivaz e artífice admirável de novas formas e vozes.

O organizador da edição também escreve que as cartas sassettianas merecem ser estudadas como monumentos históricos do saber humano, destacando-o como um precursor de Galileu Galilei (1564-1642), devido ao conteúdo nelas encontrado. Outrossim, afirma que essa herança epistolar é excelente material para quem deseja progredir nos estudos da natureza humana.

No que tange à organização e edição das cartas, Marcucci diz tê-las colocado em ordem cronológica. Escreve ele que observou algumas formas verbais arcaicas (isso para o século XIX) e em algumas situações que pudessem afetar a compreensão da língua foram feitas adequações. A divisão em parágrafos foi feita por Marcucci, o qual enfatiza que o fez em virtude de pensar no leitor do período da publicação, uma vez que os períodos muito longos sem pontuação eram característica dos antigos escritores. Do mesmo modo, as grafias em itálico foram adicionadas nesta edição, bem como os espaços em branco devido à falta de legibilidade dos manuscritos.

Marcucci fez imenso uso de paratextos, como as notas de rodapé, para explicar expressões e ou fatos históricos, o que foi de grande utilidade para este projeto tradutório, especialmente por se tratar de um *corpus* com mais de 500 anos de existência. Segundo ele, os manuscritos pertencem ao *Archivio Mediceo*, às *Bibliotecas Magliabecchiana*, *Riccardiana*, *Rinucciniana*, além dos arquivos das famílias Capponi e Cambiagi.

Após o prefácio, tem-se o texto integral do irmão de Filippo Sassetti, Francesco Sassetti, o qual deixou 33 páginas – na edição usada na tradução - sobre

a origem e nobreza de sua família. Além de uma árvore genealógica (Figura 5), o texto intitulado “Notizie dell’origine e nobiltà della famiglia Sassetti” traz um resgate histórico detalhado sobre os membros a partir do século XIII até os registros da era em que viveram os familiares do mercador aqui traduzido.

Em relação à seleção das cartas, num primeiro momento, pareceu-me algo muito complicado em virtude de todos os textos parecerem apresentar conteúdo de relevância. Ao ler as cartas, pude perceber a presença das Américas e do exótico no conteúdo escrito por Sassetti. Assim, a escolha se deu a partir do nome “Verzino”, que significa “Brasil” em florentino, o que traria alguma relação com a história do Brasil durante as navegações e período colonial, já que as cartas datam de fins do século XVI, quando o país era ainda Colônia portuguesa, nação que era uma das financiadoras do mercador.

Tendo esse parâmetro para a escolha dos textos que serviriam como *corpus* da pesquisa, parti para a seleção das cartas. No total, 12 missivas citam o “Verzino”, as quais são listadas abaixo, por ordem cronológica,, por ordem cronológica apresentada por Marcucci, identificadas também pela data e local onde foram escritas:

- XLIV – A Baccio Valori, em Florença, 10/10/1578, Lisboa;
- XLVI – A Francesco Bonciani, em Florença, s/d, Lisboa;
- L – A Francesco Valori, em Florença, 15/01/1581, Lisboa;
- LII – A Francesco Valori, em Florença, 26/06/1581, Madri;
- LIV – A Francesco Valori, em Florença, 07/08/1581, Madri;
- LXIII – A Francesco Bonamici, em Florença, 06/03/1582, Lisboa;
- LXVI – A Baccio Valori, em Florença, 24/09/1582, Lisboa;
- LXIX – A Francesco Valori, em Florença, 15/11/1582, Lisboa;
- LXXXI – A Francesco Valori, em Florença, 12/1583, Cochim;
- LXXXIV – Al Cardinale Ferdinando de’ Medici, em Florença, 01/1584, Cochim;
- LXXXV – Al Cap. fra Piero Spina, cav. Di Malta, em Florença, 01/1584, Cochim;
- XCV – A Michele Saladini, em Pisa, 1585, Cochim.

Das cartas publicadas, nem todas possuem anotação completa de data, faltando em algumas o dia, e das 12 selecionadas para tradução, somente a carta XLVI não possui indicação de data, mas se presume o ano pela sequência dos fatos

e o local de escrita da correspondência. Os numerais romanos antes do destinatário referem-se à numeração trazida por Marcucci (1855) na edição publicada e organizada por ele. Foi mantida tal numeração a título de organização e identificação em relação à edição utilizada como base para a tradução aqui empreendida.

Ainda sobre a carta XLVI, sem data específica no corpo do texto, mas com informação de local e destinatário, o qual seria Francesco Bonciani, de Florença, Sasseti fala de várias pessoas conhecidas de seu meio. Nessa missiva, o mercador opina a respeito de algumas pessoas e o cargo que ocupam na sociedade, fazendo críticas aos portugueses, dizendo não conhecerem eles outra coisa além de Portugal. Nas partes finais da carta, o autor escreve que está lendo alguma coisa a respeito da Índia, do Brasil e da China, terras que estavam sendo conquistadas e exploradas pelos europeus, como mostra o trecho: “[...] Essa geração, vivendo aqui muito tempo nesta orla com felizes sucessos em seus negócios, havia colocado na cabeça que não existia outra coisa no mundo a não ser Portugal; [...] Deixo ao senhor grande afeto. A Deus. De Lisboa. O seu obedientíssimo servidor<sup>10</sup>” (SASSETTI, 1855, p. 138-140).

Adiantando algo do conteúdo a ser traduzido nas demais missivas, a carta LIV, por exemplo, escrita em Madri em 7 de agosto de 1581 e endereçada a Francesco Valori, trata sobre notícias de comércio e política. Esta é uma das poucas correspondências em que se tem a confirmação de que o destinatário havia recebido a missiva anterior, pois esta se inicia com a referência de uma resposta de uma carta datada de 12 do mês passado (ou seja, 12 de julho). Nessa mesma correspondência há também referência ao açúcar em pó do Brasil, que, segundo o mercador, seria muito requisitado na época. O encerramento da carta se dá com uma menção a um verso de “Capitolo”, escrito pelo poeta Francesco Berni, cujo poema também cita a data de 7 de agosto, mesmo dia em que Sasseti havia escrito essa correspondência. Segue trecho:

[...] Sobre o açúcar do Brasil, que é em pó e é o tipo mais solicitado, apareceu, entre os brancos do segundo e do terceiro tipo, até trezentos mil, que é uma bela quantia, e com tudo isso não se vendiam a menos de 16 ducados [...] Tive o prazer de ouvir que o senhor Baccio estava em bom estado: faça-me o favor de visitá-lo e cumprimentá-lo em meu nome, e

---

<sup>10</sup> “[...] Questa ingenerazione, vissutasi qui su questo orlo molto tempo con felici successi alle cose loro, s’era posta in capo che non fusse altra cosa nel mondo che Portogallo; [...] Raccomandomi a voi teneramente. A Dio. Di Lisbona. Il vostro obbligatissimo servitore.”

colocar-me inteiramente a sua disposição. Adeus. De Madri, 7 de agosto, *idest di state*<sup>11</sup>, 1581.  
Seu Fidelíssimo Servidor.<sup>12</sup> (SASSETTI, 1855, p. 171-2)

A carta XLIV é endereçada a Baccio Valori, em Florença, e também foi escrita em Lisboa, antes da partida para a Índia, em 10 de outubro de 1578. Nela, Sassetti relata ao senhor Valori o que vê, qual a impressão que possui dos portugueses bem como a religiosidade deles, além do comércio de escravos, como trazido anteriormente por Holanda (1995). Sobre o Brasil, o autor declara que os portugueses retiram diversos tipos de produtos, tais como tecidos, panos, grãos, além de mercadorias como espelhos e chocalhos. Sassetti também reserva espaço nessa carta para falar do açúcar que é levado do Brasil para a Europa, assim como dos escravos no Brasil. Além disso, o exótico da fauna e flora brasileira aparece nos escritos do mercador, como se pode ler no trecho da carta XLIV:

Do Brasil vêm muitos açúcares, a maior parte branco, [...] Aqui existem, até onde sei, amostras estupendas de animais ferozes; e um piloto de um navio, de lá vindo este ano, trouxe a pele de uma serpente, sobre a qual havia pensado ter colocado o pé em cima de uma pedra, media quatro pés de dorso e 34 ou 35 de comprimento; o qual diz que comeria uma pantera e teria comido ele também se não o tivessem socorrido. Levou ainda o couro de um animal do tamanho da lontra, mas coberto de escamas duríssimas; tem a cabeça de tartaruga, pernas de crocodilo e as lascas das costas se encolhem umas nas outras como as manoplas de ferro e os coxotes de uma armadura; e o rabo é do mesmo material e já vem diferente de nó em nó até ficar finíssimo. Esse mesmo diz que em Pernambuco, terra do Brasil, há uma amostra esfolada e empalhada, caçada não faz muitos anos, que é quase uma Cila. Tem a cabeça e o pescoço de um cachorro, ombros, braços e mãos de figura humana, peito e ventre de peixe e pés de pato.<sup>13</sup> (1855, p. 123-4)

<sup>11</sup> Referência ao verso do poema “A Geronimo Fracastoro” (BEOLCHI, 1839). Nota do Editor (MARCUCCI, 1855).

<sup>12</sup> “[...] De’ zuccheri del Verzino, che sono in polvere ed è la sorte più richiesta, ve ne sono comparse, tra bianchi della seconda e della terza sorte, fino a trecento mila, che è una bella partita, e con tutto ciò non si vendevano a meno di ducati 16 [...] Ho auto piacere di sentire che messer Baccio fusse in buono termine: piacciavi visitarlo e salutarlo in nome mio, et offirmeli, e tenermi per tutto vostrissimo. Addio. Di Madrid a’ 7 d’agosto, idest di state 1581.

Ser.<sup>e</sup> vostro aff.<sup>mo</sup>”

<sup>13</sup> “Del Verzino vengono altrettanti zuccheri, la maggior parte bianchi, [...] Quivi sono, per quanto io intendo, mostri stupendi d’animali bruti; e un piloto d’una nave, venutone quest’anno, ha portato la pelle d’un serpente, sul quale, pensando di porre il piede sopra un sasso, scavalcava, che è largo sul dosso quattro piedi, e lungo trentaquattro o trentacinque; il quale dice che mangiava una pantera, e mangiava anche lui, se e’ non lo soccorrevano. Ha ancora portato il cuoio d’ uno animale della grandezza della lontra, ma coperto di squame durissime; ha la testa di testuggine, gambe di coccodrillo, e la scaglia della schiena si raccoglie come fa la parte di sopra delle manopole di ferro e i cosciali d’ un’armadura; e la coda è della medesima materia, e viene giù distinta a nodo a nodo fino a che ella viene sottilissima. Dice questo medesimo, che in Fernambuch, terra del Verzino, è un mostro scorticato, e pieno di paglia, preso non sono molti anni, che è quasi la Scilla. Ha testa e collo di cane, spalle, braccia e mani di figura umana, petto e ventre di pesce, e piedi d’ oca.”

No que diz respeito ao encerramento das cartas, cada uma é finalizada de um modo diferente pelo mercador, que dificilmente repete os termos de fechamento do texto, como mostrou o último excerto aqui trazido.

Sobre os conteúdos das missivas, temos questões de botânica, geografia, náutica, astronomia, costumes locais, política. Variados eram os assuntos sobre os quais Sassetti escrevia, sempre destacando que era para deixar os destinatários cientes de tudo o que ocorria por onde ele passava e os negócios realizados.

Apenas para ressaltar a importância de se traduzir Filippo Sassetti ao falante de português, na carta XCV leem-se correções a respeito de algo que escrevera anteriormente a Francesco Bonamici em relação aos ventos e à viagem de Colombo e de Vespúcio, além de relatar sobre a variação do ímã (relacionado à direção) e sobre a importância de ir à Índia e conhecer o local, bem como falar sobre o comércio de pimenta, sobre o domínio português na Índia Oriental e os exércitos e fortalezas também de Portugal. A respeito do Brasil, Sassetti cita nomes de lugares como Rio de Janeiro, Pernambuco, Ilhéus, Porto Seguro e Baía de Todos os Santos, referindo-se às fortalezas instaladas em tais lugares e de seus habitantes. Nesta carta, o florentino fala de muitos locais e de diversos costumes, incluindo Java, China, Japão, fala dos castelhanos, dos persas, e assim por diante, deixando observações de caráter antropológico e como geógrafo, conforme o trecho a seguir mostra:

[...] A primeira fortaleza no Brasil fica sobre Pernambuco em direção à linha 7 ou 8 léguas, tomada pelos Franceses. Mas sob Pernambuco são mesmo a modo deles; e entre outras Os Ilhéus, que são de Francesco Girdali, a Baía de Todos os Santos, Porto Seguro e o Rio de Janeiro, e outros lugares que ora habitam e ora desabitam porque aqueles Negros fazem mal pensar deles. De Malaca por Levante habitam uma ilha que fica na foz do rio da China, que se chama Macau e há um bispo, mas não há outra fortaleza: que o rei da China não está c....., e duas ou três vezes ameaçou os caçar; e como no ano passado não veio o navio que costumava vir, duvida-se fortemente que não se tenha tirado essa máscara porque fizeram lá não sei o que de insolência. [...] <sup>14</sup> (1855, p. 312-3)

Sobre as cartas de Sassetti, Boutier (1994) afirma que estas totalizam 126, ao menos as que chegaram até o conhecimento atual, escritas ao longo de seus anos

---

<sup>14</sup> “La prima fortezza nel Verzino è sopra Fernambuch verso la linea 7 o 8 leghe, che la presero loro i Franzesi. Ma sotto Fernambuch ne sono pure assai a modo loro; e tra l’altre Los Isleos, che sono di Francesco Girdali, la Baya di Todos los Santos, Porto Siguro e ’l rio di Gennero, e altri luoghi che ora abitano e ora disabitano, perchè que’ Negri fanno mal pensare di loro. Da Malacca per Legante abitano un’isola che è nella foce del rio della Cina, che si chiama Macao, e vi sta un vescovo, ma non vi è altra fortezza: chè il re della Cina non è c....., e due o tre volte ha minacciato di cacciarne gli; e come 1’anno passato non venne di là la nave solita, si dubita forte che non si sia cavato questa maschera, perchè fecero là non so che insolenza.”



de mercador, enviadas de Portugal, da Espanha ou das Índias. O fato é que tais cartas partiam sempre uma vez por ano rumo à península itálica, com o autor registrando o que via e ouvia e acumulando os escritos enquanto aguardava a data de envio, via embarcação em alto-mar, com destinatários diversos na Florença renascentista (DEI, 1995). Devemos lembrar que “a carta é por natureza dependente do sistema que permite a realização das trocas” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 67).

O historiador português Lúcio de Azevedo, em seu artigo “Viagens de um Florentino a Portugal e à Índia (século XVI)”, datado de 1932, dedicou parte de sua pesquisa a Filippo Sassetti na Universidade de Lisboa, com uma cátedra a respeito do mercador, uma vez que os estudos nessa área são interessantes academicamente para Portugal, já que o país fazia parte da União Ibérica (Portugal e Espanha), que financiava parte das viagens marítimas de muitos navegadores (ALESSANDRINI, 2013). Escreveu Azevedo que “o florentino sabia variar o estilo das cartas, conforme o correspondente: a um, provavelmente mercador, descreve o comércio da Índia; a outro, cavaleiro de Malta e capitão nas galès, fala de cousas marítimas; ao Grão-Duque, seu soberano, narra o que viu nos paços do Çamorim [sic]” (1932, p. 54), como comprovado pelos trechos das cartas de Sassetti anteriormente apresentados.

Mais uma vez questiona-se: por que estudar Filippo Sassetti? Por que agora, em pleno século XXI, retomar uma figura de segunda metade dos anos mil e quinhentos? Pois bem, ao buscar informações a respeito do autor, apesar de escassas, percebemos que são em sua maioria relacionadas a descobertas, sejam elas linguísticas, sejam elas do ponto de vista geográfico e cultural. Blikstein (1992, p. 105) traz o nome de Sassetti no artigo “Indo-europeu, lingüística [sic] e... racismo”<sup>15</sup>, declarando que fora o florentino o primeiro a revelar a relação entre as línguas, ou seja, os primórdios de uma linguística comparada, e não em pleno século XIX como se acreditava:

Na verdade, as semelhanças entre o sânscrito e as línguas europeias já tinham sido percebidas bem antes do séc. XIX. Ocorre, no entanto, que a história das ideias e do pensamento não é linear; ao contrário, ela é descontínua e, no dizer do eminente linguista romeno Eugenio Coseriu [...], a história da ciência linguística é “cheia de ocos, a tal ponto que, reiteradamente, as mesmas coisas voltam a ser de ‘redescobertas”’. Assim, já no séc. XVI, o italiano Filippo Sassetti (que morou em Goa) notara as correspondências entre o sânscrito e o italiano, sobretudo na categoria dos numerais.

---

<sup>15</sup> BLIKSTEIN, Izidoro. (1992). Indo-europeu, lingüística e... racismo. **Revista USP**, (14), 104-110. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i14p104-110>>. Acesso em: 25 out. 2019.

Outra referência relevante ao nome de Sassetti e a questão do sânscrito se encontra no *Zibaldone di Pensieri*, de Giacomo Leopardi, quando o literato afirma:

em relação a Sassetti, primeiro notificador da língua sânscrita, [...], observo que aqui também se verifica aquela observação de que aos italianos destinados a encontrar e a deixar aos outros, pois, o usar e o aperfeiçoar, e o receber a glória e a opinião ainda da descoberta”<sup>16</sup> (LEOPARDI, 1921, p. 2810).

Blocker, pesquisadora francesa, afirma que Sassetti pode ser considerado um dos primeiros geógrafos da História. Escreveu Blocker que “bem trabalhadas, essas cartas, a partir de suas edições ao longo do século XVIII, causaram fascínio pelas descrições detalhadas sobre a Índia e seus habitantes, fazendo com que alguns críticos o concebesssem como um dos primeiros geógrafos”<sup>17</sup> (2010, p. 32), como neste trecho retirado da carta XCV: “[...] E em Samatra há um rei Mouro, cujo reino se diz Dachen, onde vão os Mouros da Meca a carregar pimenta, que é grande e boa e na sua estação; e isso é, como lhe digo, a pimenta gauro; e se de Lisboa lhe mandassem pimenta de Onor, veriam que não há como tal no mundo”<sup>18</sup> (SASSETTI, 1855, p. 312).

Percebem-se, deste modo, diversos assuntos tratados por Sassetti ao longo de suas cartas, que permitem conhecer um pouco mais a respeito dos lugares por onde passava, consentindo a diversas áreas do conhecimento de se utilizarem das informações trazidas pelo autor a fim de refletir acerca de determinado tema. Deste modo, ressalto que traduzir um autor como Sassetti é poder conhecer melhor a estrutura epistolar que se apresentava bem como qual(is) a(s) influência(s) determinado escrito teve para a sociedade.

A data de chegada às Índias<sup>19</sup>, segundo os relatos em suas cartas, é novembro de 1583, como afirma Alessandrini:

Após uma primeira tentativa falhada em 1582 devido a uma partida demasiado tardia, Filippo Sassetti chega a Cochim em Novembro de 1583,

<sup>16</sup> “In proposito del Sassetti, primo notificatore della lingua sanscrita, [...], osservo che anche qui si verifica quella osservazione, che agl’italiani par destinato il trovare, e il lasciar poi agli altri l’usare e il perfezionare, e il raccogliere la gloria e l’opinione ancora della scoperta.”

<sup>17</sup> “Très travaillées, ces épitres ont, depuis leur édition au cours du XVIIIe siècle, fasciné par leurs descriptions détaillées de l’Inde et de ses habitants, incitant certains commentateurs à concevoir Sassetti comme l’un des premiers géographes.”

<sup>18</sup> “E nella Samatra ha un re Moro, il cui regno si dice Dachen, ove vanno i Mori della Mecca a caricare il pepe, che è grosso e buono e ’n sua stazione; e questo è, come io vi dico, il pepe gauro; e se di Lisbona vi mandassero del pepe di Onor, vedreste che non ne ha tale nel mondo come quello.”

<sup>19</sup> O próprio Sassetti (1855) em suas cartas escreve *Índias* ou *Índia*, sem distinção exata entre os termos. Contudo, pelo teor das correspondências e os registros históricos levantados sobre o autor, a referência precisa seria “Índias”, pois Goa e Cochim são os locais onde Sassetti tem estada.

depois de ter embarcado em Lisboa a 8 de Abril de 1583. Desde a sua chegada a Cochim até ao ano da sua morte em Goa em 1588, Filippo Sassetti redige 32 cartas que envia regularmente aos amigos, familiares e outras personalidades ilustres de Florença. Estas cartas, todas elas publicadas, foram objecto de vários estudos, alguns privilegiando o aspecto literário, outros debruçando-se sobre os aspectos mais especificamente científicos. A verdade é que a variedade de áreas e disciplinas abrangidas pelas cartas permite abordagens múltiplas, todas igualmente válidas [sic]. (2013, p. 635)

Nos escassos estudos que encontrei a respeito de Sassetti, boa parte destaca seu carácter multifacetado, abrangendo diversas áreas do saber, tal como aponta Brege a seguir, conferindo ao mercador um olhar de agente cultural:

A correspondência de Filippo Sassetti, um fino exemplar de cartas literárias italianas e publicadas como tal, precisa ser entendida num molde tanto sazonal quanto num contexto mais amplo de sua rede de contatos. As cartas publicadas permanecem fragmentos de uma conversa maior moldada pela viagem de longa distância, expatriação temporária e comunicação oral. (2020, p. 208)<sup>20</sup>

Deste modo, pode-se confirmar a importância de se traduzir um autor como Sassetti, tomando Eco como um dos aparatos para tal, quando o teórico italiano defende a ideia de que a tradução de uma obra contribui para sua divulgação e consequente reflexão crítica a seu respeito. Traz ele:

Uma tradução conduz sempre a um certo tipo de leitura da obra, assim como faz a crítica propriamente dita, pois, se o tradutor negociou escolhendo dirigir a atenção para determinados níveis do texto, ele automaticamente focalizou a atenção do leitor em tais níveis. Também nesse sentido, as traduções da mesma obra integram-se entre si, pois muitas vezes nos levam a ver o original sob um ponto de vista diverso. (ECO, 2014, p. 291)

Diante disso, o fato de traduzir Filippo Sassetti para o português, além de contribuir com funções históricas e literárias, daria a oportunidade para o público-leitor das cartas bem como à crítica de terem contato com um sujeito que teve relevância erudita e histórico-comercial em seu tempo, possibilitando, talvez, novas facetas do período em que viveu, apresentando sua experiência naquele período. Walter Benjamin (1989) afirma que a história e a cultura, ao se encontrarem, estabelecem relações e formam tradições, o que deixa rastros e registros como uma espécie de

---

<sup>20</sup> “Filippo Sassetti’s correspondence, a fine exemplar of Italian literary letters and long published as such, needs to be understood as shaped both by this seasonal limit and the broader context of his network. The published letters remain fragments of a larger conversation shaped by long-distance travel, temporary expatriation, and oral communication.”

acervo cultural, acervo este deixado por Sassetti que será alvo da tradução aqui por mim realizada.

Reitero que Sassetti teve funções comerciais com as Coroas de Portugal e Espanha num período em que o Brasil era colônia portuguesa. Além disso, o “Brasil” é citado pelo mercador em 12 de suas missivas conhecidas, entre os anos de 1578 e 1585, a maioria ainda escrita em Lisboa, mas também partindo de Madri e Cochim. Proponho, desse modo, como já destacado, a tradução das 12 cartas escritas pelo florentino a partir das missivas analisadas, nas quais ele cita o nome do Brasil como “Verzino”, em língua florentina.

Pensando nos elementos trazidos nas correspondências selecionadas para compor o *corpus* deste projeto tradutório, apresento uma tradução a partir de reflexões tradutológicas apontadas por Eco (2014; 2018), o qual, por sua vez, dialoga com conceitos de Berman (2012) e a tradução da letra, e Lawrence Venuti (2019), quando este trata especialmente a respeito de uma literatura menor, não canonizada, quando os “autores são estrangeiros em suas próprias línguas” (p. 26). Em relação à escrita epistolar, discuto a questão a partir de Garfield (2016), Haroche-Bouzinac (2016) e as contribuições relativas ao próprio autor Sassetti com Adele Dei (1995), Milanese (1973) e Brian Brege (2020). Quanto à questão da literatura de viagem, serão levantados conceitos de Bosi (2006), analisando possíveis diferenças entre literatura de informação e literatura de viagem, e Besson (2017), ao relacionar a literatura de viagem com a consciência no mundo.

Gostaria de destacar que o texto-carta não possui definição rígida sobre sua literariedade ou não, aqui as cartas de Filippo Sassetti são tomadas como texto literário do gênero carta, ao serem consideradas as reflexões acerca da escrita do autor, bem como o seu estilo de escrita, enquadrando-se como literatura de viagem, pois como afirma Moraes Cunha:

a literatura de viagem é um gênero de fronteira que se foi consolidando em torno de textos provenientes de matrizes e de contextos históricos diversos. Afirma-se, na Europa, entre os séculos XV e XVI, em consequência das viagens marítimas ao novo mundo, e assume a forma de cartas, diários, registros de bordo, relatos de naufrágio, textos de natureza plural que a viagem foram buscar formas, motivos e temas. (2012, p. 155)

As cartas de Sassetti são consideradas literárias, portanto, parto do pressuposto de que fazem parte do rol de registros escritos pertencentes à literatura de viagem especificamente. A própria aparição de Sassetti na edição de 1743 de

*Prose Fiorentine*, segundo Milanese, aconteceu porque ele era considerado literato até então, desconhecendo-se a faceta de mercador, pois:

Eles publicam as suas cartas com a explícita advertência de seu valor informativo que, por mais notável, é superado por outros, mais vastos, com descrições exaurientes; e, no momento em que as consideram [as cartas] “contemporâneas” [...] as recusam ao uso histórico, reservando-as aos amadores das belas letras e do exotismo de evasão.<sup>21</sup> (1973, p. 5)

Apesar dessa mínima valorização ao Sassetti literato, nem mesmo o seu valor dentro da Literatura teve sequência, com esquecimento nos anos que se seguiram, tendo breves citações e referências, como aqui já mencionei (MILANESI, 1973).

Levando em consideração os fatores e situações até este momento descritos, tenho como escopo apresentar um texto que apresente conceitos e contextos que remetam ao período de escritura do texto, permitindo ao leitor de hoje perceber o contexto de então, mesmo num texto fluido da tradução. Ao mesmo tempo, a tradução será feita considerando-se a tentativa de não arcaizar em demasia o texto em português. Essa ação vai em conformidade com Eco (2014), o qual afirma que, embora a negociação seja uma ação que perpassa todo o projeto tradutório desenvolvido, cabe ao tradutor atentar para não domesticar em excesso o texto traduzido, pois a valorização da letra do autor Sassetti é que estará em evidência. Essa ideia é defendida também por Berman, para quem “traduzir é, obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganham seu verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege”. (2002, p. 17) O crítico aborda a ética da tradução acompanhada do ato de traduzir e sobre sua “fidelidade”, sendo esta definida a partir do resgate, da afirmação e da defesa da pura visada tradução, definida como o escopo de realizar um texto traduzido sem estar impregnado de ideologias e olhares que possam tirar o sentido do texto de partida no texto transportado para outra língua/cultura. Sendo assim, a tradução desejada seria a tentativa de escrever, na língua de chegada da tradução, o que o autor do texto primeiro almejou escrever e fazer o seu destinatário entender. Deste modo, meu objetivo e projeto tradutório é o de buscar relatar o que Sassetti viu e viveu por meio

---

<sup>21</sup> “Essi pubblicano le sue lettere con l'esplicito avvertimento che il loro valore informativo, per quanto notevole, è superato da altre, più vaste, esaurienti descrizioni; e, nel momento in cui le considerano «contemporanee» [...] le rifiutano all'uso storico, riservandole agli amatori delle belle lettere e dell'esotismo di evasione.”

da tradução de suas cartas escritas em fins do século XVI, numa busca de compreender as experiências por ele vividas naquele período, transmitindo-se uma ideia do que seria e de como estava organizada a sociedade naquele momento a partir de um olhar humanista e eurocêntrico (vistas as origens e formação do mercador), mas ao mesmo tempo crítico de seu próprio tempo e lugar.

Ainda consoante Berman (2012), a consciência do estrangeiro é de grande relevância para os Estudos da Tradução, visto que o estudioso afirma que é importante que se sinta o estrangeiro habitando no texto traduzido. A respeito da importância da existência do estrangeiro em uma tradução, Berman cita o alemão Herder, que afirma:

Não é para desaprender minha língua que aprendo outras; é para intercambiar meus hábitos de educação que viajo entre os povos estrangeiros; não é para perder a cidadania de minha pátria que me torno um estrangeiro naturalizado; se eu assim agisse, perderia mais com isso do que ganharia. Mas passeio nos jardins estrangeiros para colher neles flores para minha língua, como para a noiva na minha maneira de pensar: observo os costumes estrangeiros a fim de sacrificar os meus ao gênio de minha pátria, como tantos frutos amadurecidos sob um sol estrangeiro. (BERMAN, 2002, p. 72-3)

Sassetti, ao longo de suas cartas, parece ter feito exatamente o que Herder externou: um passeio nos jardins estrangeiros. O olhar com o qual o autor escrevia a respeito do Outro parece ir além de experiências pessoais, carregando consigo uma busca antropológica na tentativa de compreender o seu lugar naquele momento.

Não era apenas uma escritura por si só, atualizando familiares, amigos e pessoas de sua relação profissional sobre o que vivia e fazia, mas uma escrita que informava e investigava as pessoas e os modos de vida com os quais esbarrava costumeiramente.

Por se tratar de uma escrita num período que se costumava informar por meio de cartas, tomemos Doré para falar a respeito de um desejo dos viajantes do *Cinquecento* que era o de verem e ouvirem o que lhes chegava por meio da leitura e relatos a respeito do Novo Mundo e do Oriente, ao mesmo tempo em que a

preocupação em ofertar um “testemunho de vista” aliava-se também ao desejo de domesticar o exótico. As árvores das especiarias ou a forma como eram obtidas as pedras preciosas eram descritas visando conhecer e compreender a origem — e, assim, talvez desmistificar — dos produtos que se consumiam na Europa (2002, p. 314).

Mais uma vez destaco que aquele era um período de descobertas, de viagens, onde a busca pelo novo e ou diferente era preponderante. Existia uma preocupação com a nomeação dos objetos e descobertas das “novas terras”, dos “povos descobertos”, tanto no Oriente quanto na América, ponto bastante presente nas missivas sassettianas, tornando, muitas vezes, a escrita “maravilhosa”, como destaca Chiampi:

Maravilhoso é o ‘extraordinário’, o ‘insólito’, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a *maravilha*, do latim *mirabilia*, ou seja, ‘coisas admiráveis’ (belas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas às *naturalia*. Em *mirabilia* está presente o ‘mirar’: olhar com intensidade, ver com atenção ou ainda, *ver através*. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre – portentoso contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. (2015, p. 48)

Incorporado à Literatura, o termo maravilhoso possui relação com a intervenção de seres sobrenaturais nas narrativas, provocando sensações diversas no leitor-ouvinte, tais como admiração, surpresa, espanto, etc. (CHIAMPI, 2015). Se, ainda, observarmos o ‘mirar’ presente em *mirabilia* poderemos certamente relacionar o termo ao ato de mercador-observador em Sassetti por meio de suas cartas, registros de povos, culturas, costumes, práticas de um dado local.

Por diversas vezes, como se verá no decorrer desta tese, Sassetti faz uso de expressões descritivas para falar a respeito de determinado item ou costume, faltando-lhe palavras em sua língua materna para escrever seu texto. Daí, a defesa de Chiampi (2015) para o dilema da nomeação por meio da narrativa realista-maravilhosa dos escritores daquele período na História.

Desta forma, a importância de se realizar a tradução de textos de literatura de viagem (com elementos realistas e maravilhosos, conforme abordo no item 2.2 desta tese) pode ser analisada do ponto de vista cultural, uma vez que os tradutores também são vistos como importadores de valores culturais. Essa ideia é defendida por Delisle e Woodsworth (2005) ao abordarem as traduções ao longo da história, destacando que as importações realizadas no ato de traduzir não são em sentido único, unilateral, mas também há um movimento da língua/cultura de chegada para a língua/cultura de partida, pois o tradutor coloca em circulação transformações e manipulações, gerando hibridizações culturais e de valores, tendo grande influência sobre os conteúdos que circulam nas sociedades.

Em relação à tipologia textual, denominam-se os textos de *cartas*, sendo, pois, o conjunto das missivas de Filippo Sassetti o seu epistolário (do latim medieval *epistolarium* = livro de cartas). Mas o que seria uma epístola?

Do grego *epistolé* e do latim *epistula*, conforme aponta Moisés, “além do sentido vulgar de carta, o vocábulo “epístola” reveste outras conotações. Epístolas denominavam-se os escritos endereçados pelos apóstolos bíblicos a um grupo social, como a *Epístola aos Coríntios*, de S. Paulo” (2004, p. 160). Ainda consoante o autor, uma epístola poderia significar, para os antigos romanos, uma composição poética escrita para um amigo ou mecenas, em linguagem cotidiana (ou vulgar) tratando de assuntos variados, como filosofia, política, moral, etc., tendo Horácio e Ovídio como grandes nomes do gênero.

A moda de escrever epístolas, esquecida na Idade Média, foi retomada durante a Renascença, tendo nomes como Petrarca e Ariosto recebido destaque por esse tipo de escritura. No século XVIII tem-se a epístola poética em alta, com nomes como Rousseau, Voltaire, Lord Byron, Shelley, Filinto Elísio, Victor Hugo, Mallarmé e muitos outros destacando-se na sua prática. Desse modo,

A epístola literária em prosa, ou carta (fr. *Lettre*; ing. *Letter*; al. *Epistel*), é apreciada desde a Antiguidade. Todavia, alcançou o auge a partir do século XVII, à medida que se desenvolviam os serviços postais. Nem sempre endereçadas a um destinatário real, manifestava intenção literária não só no recorte da frase, desejadamente escurrita e límpida, como nos temas versados (MOISÉS, 2004, p. 160).

Aqui, considero a epístola distinta da carta pelo seu caráter estético, e considero a definição de Mattei de la Barre (1662 apud HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 41): “dá-se o nome de epístola quando [a carta] é mais longa ou contém grandes louvores ou longas instruções, quando serve para dedicar uma obra ou constitui a própria obra, chamando-se então dedicatória, liminar ou epístola de algum sábio às vezes dirigida a vários indivíduos ao mesmo tempo”. Nas correspondências de Sassetti, visivelmente as cartas eram destinadas a pessoas específicas, bem definidas na abertura da correspondência, o que será abordado no capítulo reservado aos comentários da tradução.

Ainda sobre a caracterização de uma epístola,

A epístola destaca a relação de endereçamento para transmitir um conteúdo cuja finalidade é educativa, no sentido amplo do termo. Os valores estéticos



sobre os quais repousa distanciam-se da espontaneidade recomendada para a carta familiar.

Não basta que o interesse da mensagem seja documental para receber o nome de epístola: as célebres cartas do cardeal de Ossat, contendo informações históricas e geográficas, e que Montaigne muito apreciava, conservam o nome de “cartas”, certamente em virtude de seu caráter descritivo (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 42).

Logo, os escritos de Sassetti, assim como as cartas de cardeal de Ossat, por seu caráter descritivo, levam aqui o nome de *cartas*.

Voltando à importância de retomar os escritos de Sassetti, destaco ainda o linguista e orientalista italiano Angelo De Gubernatis, que escreveu sobre Sassetti e suas cartas em 1875, o que se pode associar à importância deste projeto de tradução:

Mas as cartas que Sassetti escrevia das Índias de 1583 a 1588 para a Itália são para nós tão precioso documento que, pela qualidade e especificação de certas informações, valem elas por si sós todas juntas as viagens às Índias Orientais por mim até aqui descritas nessa rápida corrida histórico-bibliográfica. Pois, se a morte não o acolhesse sobre a terra do Oriente em idade tão imatura, quem sabe quanto tesouro de ciência indiana não teria ele, a seu redor, levado para a Europa, inteligente e vivo observador como era; ao que, juntando, pois, as qualidades de cavalheiro distinto e de escritor peculiar e elegante, teria encontrado na pátria aquelas festanças que somente a tarda posteridade prepara agora ao seu nome. Sassetti pressentiu nas Índias a filologia comparada e, depois de ter feito da sabedoria bramânica uma proporcional apreciação, propunha-se a tornar as suas obras [da cultura bramânica] populares no ocidente, quando interrompeu as pesquisas e os trabalhos por uma doença súbita e letal<sup>22</sup>. (1875, p. 26)

Deste modo, ressalto a importância de se conhecer o legado epistolar de um homem das letras do *Cinquecento* italiano, período em que o mundo via nascerem ideias, nações, povos aos olhos do mundo: era o Novo Mundo apresentando-se ao Velho Mundo, como afirma D’Onofrio:

Novas terras, novos povos, novas religiões e costumes alargam o horizonte da cultura ocidental. Além da conquista do espaço, é importante assinalar a conquista do tempo: eruditos descobrem e divulgam as obras literárias e artísticas da antiga civilização greco-romana que, devido à sua visão pagã da existência, tivera seus valores postergados durante a Era Medieval. (2002, p. 219)

---

<sup>22</sup> “Ma le lettere che il Sassetti dal 1583 al 1588 scri veva dalle Indie in Italia sono per noi così prezioso documento che, per la bontà e specialità di certe informazioni, valgono esse sole tutti insieme i viaggi alle Indie Orientali da me finquì descritti in questa rapida scorsa storico-bibliografica. Chè, se la morte non lo coglieva sulla terra d’Oriente in età così immatura, chi sa quanto tesoro di scienza indiana non avrebbe egli, al suo ritorno, portato in Europa, ingegnoso e vivo osservatore come egli era; al che, accoppiando poi le qualità del gentiluomo distinto e dello scrittore proprio ed elegante, avrebbe in patria trovato que’ festeggiamenti che solo la tarda posterità prepara ora al suo nome. Il Sassetti ha presentito nell’Indie la filologia comparata, e, dopo aver fatto della sapienza brahmanica un proporzionato apprezzamento, si disponeva a renderne popolari in occidente le opere, quando interrompe le ricerche e i lavori di lui improvviso e letal morbo.”

Toda essa transformação no modo de ver o mundo, o chamado Renascimento, “só foi possível graças ao enorme progresso das ciências exatas, físicas e biológicas” (D’ONOFRIO, 2002, p. 219). O próprio Sassetti revela essa transformação e progresso das ciências por meio de suas cartas, quando, por diversas vezes, descreve plantas, animais e ou pedras que poderiam ter fim medicinal e ou científico, como veremos no Capítulo 3. É o caso, por exemplo, da carta XLVII, destinada a Baccio Valori e escrita em Lisboa, que, com data não especificada, mas seguindo a lógica dos fatos anterior a 1581, cita a pedra bezoar, a qual se acreditava ser um potente antídoto contra venenos. Segundo ele,

Fiquei muitas semanas sem responder à carta de Vossa Senhoria, esperando ter-lhe enviado a pedra de bezoar, [...] Aqui este é um remédio infinitamente utilizado; e ainda que eu tenha buscado saber com médicos e outros alguma história particular dos seus efeitos, já que muitos me contam alguns importantíssimos, encontrei este; [...]”<sup>23</sup> (SASSETTI, 1855, p. 141)

Filippo Sassetti segue a carta narrando fatos específicos, apresentando ao Velho Mundo as novidades que o não tão conhecido Oriente lhe mostrava. As novas terras “descobertas” e colonizadas culminavam na Revolução Comercial, ou seja, uma intensa troca de mercadorias entre os continentes europeu, americano e as terras orientais, como afirma D’Onofrio: “A América do Norte produzia tabaco, milho e batata; as Antilhas, o rum e o melão; os Andes, o cacau; o Brasil, o açúcar; as Índias, especiarias inúmeras” (2002, p. 219), mercadorias apresentadas em muitas das correspondências do mercador florentino.

A consequente ampliação do mapa do mundo a partir do Ciclo das Navegações, encabeçado por italianos, espanhóis e portugueses e seguido por franceses, ingleses e holandeses, tinha o intuito maior de descobrir um caminho marítimo para a Índia, já que a tomada de Constantinopla pelos turcos acabara por dificultar as vias terrestres. Como resultado das descobertas e invenções a partir das dificuldades encontradas pelos que saíam nas navegações e também pelo contexto mundial que se formava, vários produtos e tecnologias surgiram nesse período. A citar: “a bússola e outros instrumentos de navegação; novos processos de composição e amoldamento de metais, que revolucionaram a indústria bélica; [...] o

---

<sup>23</sup> “Sono stato molte settimane senza rispondere alla lettera di V. S., aspettando di averle mandato la pietra Bazar, [...] Qua è questo rimedio infinitamente celebrato; e sebbene io ho da’ medici e da altri cercato di sapere qualche storia particolare degli effetti suoi, come che molti se ne raccontino di importantissimi, ho riscontrato questo; [...]”

aperfeiçoamento científico do sistema hidráulico, inventado por Leonardo da Vinci” (D’ONOFRIO, 2002, p. 219). Diversos foram os acontecimentos do período, conforme será aprofundado no item 1.1.

Um fato que teve importância muito grande foi o surgimento da tipografia, que nascia na Inglaterra em pleno século XVI. Como afirma Garfield, “por mais irônico que pareça, a arte de escrever cartas havia encontrado o seu aliado mais potente nos caracteres móveis. Longe de sufocar essa arte, a máquina de impressão ampliou a sua importância histórica e cultural”<sup>24</sup> (2016, p. 100). Contudo, também pode-se pensar que exatamente o esquecimento dos manuscritos a partir desse período foi um dos fatores que pode ter contribuído para a indiferença com o autor aqui traduzido, além de ele ter se transferido para outro continente, distante geograficamente das inovações que surgiam na Europa. São fatores que se podem considerar diante dos fatos históricos.

Feitas essas considerações iniciais, e antes de aprofundar os temas aqui expostos, dedico-me a detalhar a estrutura do trabalho. A tese encontra-se dividida em seis partes, estruturadas deste modo: nesta introdução, apresentei dados gerais acerca do autor Filippo Sassetti, breve contexto histórico, principais conceitos a serem destacados ao longo da pesquisa, bem como o *corpus* a ser traduzido e quais os critérios avaliados para a escolha, assim como as bases dos Estudos da Tradução para o projeto tradutório. No Capítulo 1, intitulado “Da Toscana para as Índias: o sujeito Filippo Sassetti”, trago um aparato sobre o autor e a contextualização histórica do período em que ele viveu, com ênfase nos acontecimentos históricos e publicações em torno do autor. O Capítulo 2, sob o nome “Partir para escrever: reflexões sobre o escritor-viajante”, apresenta uma reflexão sobre o gênero epistolar dentro da literatura e seu valor como documento histórico, bem como as especificidades de se traduzir cartas. Também são trazidos estudos sobre literatura de viagem, um dos conceitos no qual se enquadra o tipo de texto escrito por Sassetti. No Capítulo 3, intitulado “Tradução do italiano para o português de cartas de Filippo Sassetti”, apresento uma proposta de tradução das cartas sassettianas para o português do Brasil, enquanto no Capítulo 4 – “Comentários da Tradução” desenvolvo os comentários do projeto tradutório empreendido, com as consequentes negociações do ato de traduzir,

---

<sup>24</sup> “per quanto possa sembrare ironico, l’arte di scrivere lettere aveva trovato il suo alleato più potente nei caratteri mobili. Ben lungi dal soffocare questa arte, la macchina da stampa ne amplificò l’importanza storica e culturale”.

dividindo os diferentes desafios do projeto de tradução em quatro grupos com subdivisões, quais sejam:

- Marcadores temporais: formas de tratamento, abertura e encerramento das cartas e uso de abreviações, letras maiúsculas iniciais e ortografia empregada;

- Questões de léxico: análise dos nomes próprios, uso de neologismos e estrangeirismos, além de palavras e expressões próprias da navegação e com referências externas (como mitologia, por exemplo);

- Questões estilístico-sintáticas: no que diz respeito à estrutura das sentenças e estilo de escrita do autor;

- Paratextos: uso de notas de rodapé e demais elementos complementares ao texto traduzido.

## 1 DA TOSCANA PARA AS ÍNDIAS: O SUJEITO FILIPPO SASSETTI

Este capítulo tem por objetivo apresentar algumas informações biográficas acerca de Filippo Sassetti, bem como sobre a época em que viveu. Como foi mostrado na introdução desta tese, Sassetti é um autor que, embora tenha deixado um notável número de escritos sobre as regiões por onde circulou, nos quais retrata aspectos da vida social e econômica, foi sendo esquecido pela historiografia, de modo que ainda hoje é pouco conhecido, motivo pelo qual faz-se aqui necessário destacar alguns dados acerca da sua história de vida.

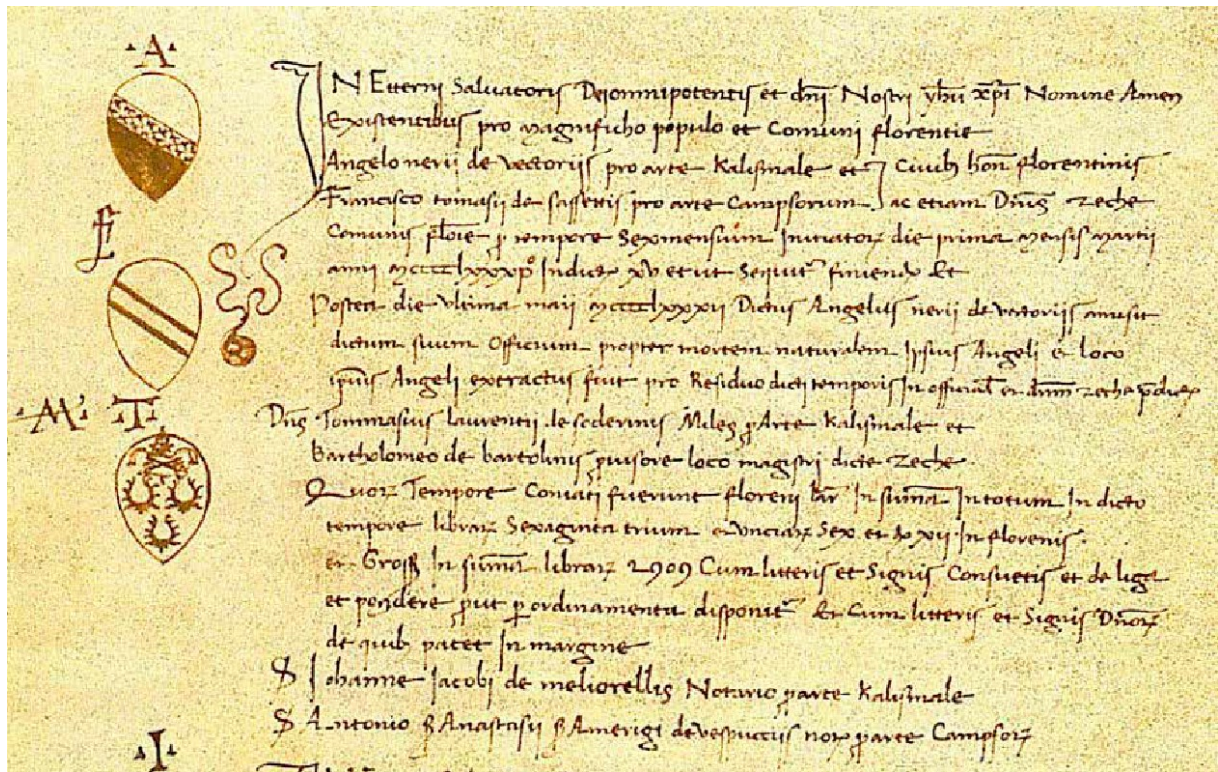
Com pouco mais de 38 anos de idade e com uma vida cultural bastante ativa, mas com o desejo de “ir lá para ver e tocar e escrever”<sup>25</sup> (SASSETTI, 1970, p. 240), Filippo Sassetti era filho de Giambattista Sassetti e Margherita de’ Gondi, tendo nascido em 26 de setembro de 1540, na efervescente Florença, na região da Toscana, quando não havia uma Itália unificada politicamente. De família abastada, ao menos outrora, o filho de Giambattista e neto de Teodoro Sassetti fora incumbido da tarefa mercantil, servindo à famosa família dos Médici, banqueiros florentinos que fizeram história naquela região e em toda a península itálica. Sassetti teria, além de um irmão, quatro irmãs, uma delas falecida por razões desconhecidas, e as outras três, chamadas Nera, Maria (casada com Nicolò Bartoli) e Sibilla (freira em San Vincenzo di Prato, localidade onde morava a família Sassetti) (SURDICH, 2017).

Filippo vinha de família de banqueiros, sendo bisneto de Francesco di Tommaso Sassetti, homem de confiança de Piero e Lorenzo de’ Medici, administrador das filiais de Avignon, Genebra e Lyon, além de apaixonado por numismática. A figura 2 traz o documento que confere ao bisavô de Filippo o encargo de Senhor “della Zecca”, ou seja, da Casa da Moeda de Florença, com o direito de emitir moedas de prata e misturadas a partir do ano de 1482, como é possível atestar pela carta de nomeação da Figura 2.

---

<sup>25</sup> “andare là a vedere e toccare e scrivere”.

Figura 2 – Carta de nomeação de Francesco Sasseti como Senhor da Casa da Moeda, em 1482



Fonte: BERNOCCHI; MONTAGANO, 2011, p. 75

Na Figura 3, vê-se a imagem de uma moeda que apresenta o brasão da família Sasseti com um estilingue junto de uma pequena pedra acompanhado da letra “F” do nome Francesco di Tommaso Sasseti.

**Figura 3 - Moeda com símbolo da família Sassetti**



Fonte: BERNOCCHI; MONTAGANO, 2011, p. 45.

Um dos fatos citados na escassa biografia encontrada sobre Sassetti é a sua residência na comuna de Vaiano, região da Toscana, hoje chamada de Villa del Mulinaccio. Atualmente, o local pertence ao poder público e é espaço de visitação, sendo utilizado para atividades turísticas e culturais, como parte do circuito turístico intitulado Casas da Memória.

O local, localizado em Val di Bisenzio, havia sido adquirido por Francesco Sassetti em 1476. Mudanças na estrutura da construção foram realizadas por Cosimo Sassetti, tio-avô de Filippo. Na ausência de herdeiros da parte de Cosimo, os bens foram passados a Giambattista, pai do mercador. Bernocchi e Montagano afirmam que Filippo teria sido o personagem mais interessante da história do Mulinaccio, colocando-o como “personagem de ampla cultura e de vastos conhecimentos científicos” (2011, p. 110).



**Figura 4 - Atual complexo da Villa del Mulinaccio**



Fonte: Comune di Vaiano, s/d. Disponível em: < <http://www.comune.vaiano.po.it/il-territorio/villa-del-mulinaccio/galleria-fotografica/>>

Sobre a família Sassetti na propriedade de Mulinaccio, os biógrafos apontam que não foram conservados brasões aráldicos. Contudo, foram encontrados dados da família na igreja de Migliana, da qual os Sassetti foram patronos:

Após a construção da nova igreja paroquial com projeto de Adelio Colzi, cujas obras foram concluídas em 1946, e o consequente abandono da antiga igreja paroquial para fins de culto (documentado de 1189 quando o seu direito de patrocínio foi cedido por Stefano do falecido Aldibrandino no mosteiro de Vaiano), o tabernáculo com o brasão dos Sassetti está hoje emparedado na cabeceira do transepto direito. Os estudiosos datam esta obra como provavelmente do início do século XVI, mas mais investigações documentais poderiam nos dar a certeza disso, na época de Francesco Sassetti (1420-1491) e seus filhos Cosimo (1463-1527) e Teodoro (1479-1546), detentores da posse do Mulinaccio, entre o final do século XV e o início do século XVI, deve ser colocada cronologicamente a origem dos direitos de patrocínio da família Sassetti na igreja de Santa Maria Assunta em Migliana (BERNOCCHI; MONTAGANO, 2011, p. 112).<sup>26</sup>

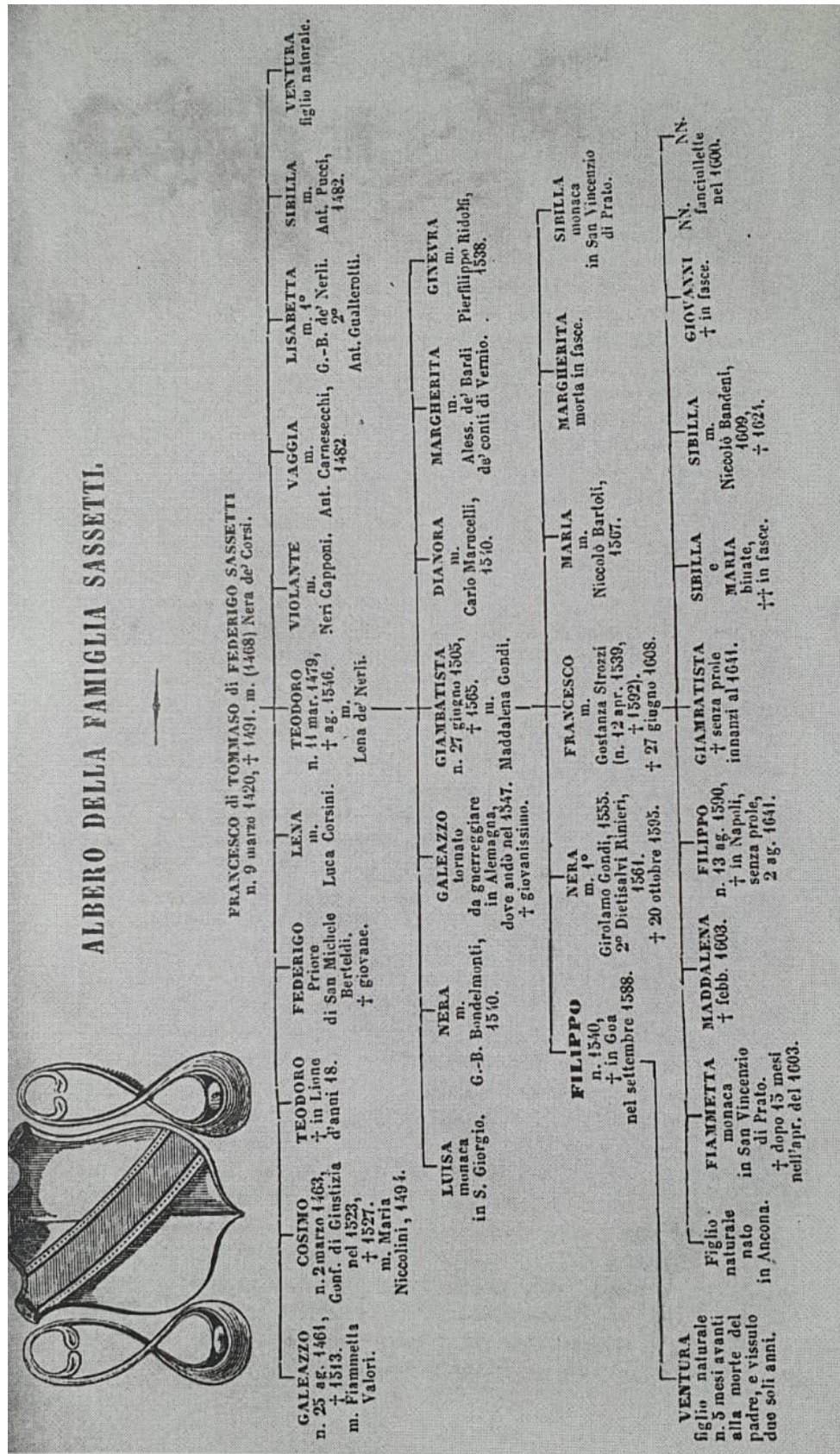
<sup>26</sup> “Dopo la costruzione della nuova chiesa del paese su progetto di Adelio Colzi, i cui lavori furono conclusi nel 1946, e il conseguente abbandono ai fini di culto dell’antica chiesa parrocchiale (documentata fin dal 1189 quando il suo diritto di giuspatronato fu ceduto da Stefano del fu Aldibrandino al monastero di Vaiano), il tabernacolo con lo stemma Sassetti si trova oggi murato nella testata del transetto destro. Gli studiosi datano questa opera agli inizi del Cinquecento e probabilmente, ma ulteriori indagini documentarie potrebbero darcene la certezza, all’epoca di Francesco Sassetti (1420-1491) e dei figli Cosimo (1463-1527) e Teodoro (1479-1546) detentori della possessione del Mulinaccio, fra la fine del XV e l’inizio del XVI secolo, deve essere collocata cronologicamente l’origine dei diritti di patronato della famiglia Sassetti sulla chiesa di Santa Maria Assunta a Migliana.”



Filippo descendia de uma família bastante numerosa e de tradição com negócios de banco, em especial, servindo à família Médici. No documento escrito pelo irmão Francesco, em 1600, sobre a história da família Sassetti, há uma biografia mais minuciosa sobre os familiares, inclusive afirmando que a sua origem teria sido saxônica, em território alemão, com registros datados do século XIII. Há comprovação histórica de um Ugo Sassetti, falecido em 1283, que fazia negócios como “cambiatore”, ou seja, uma espécie de “cambista”, alguém que fazia negócios relativos a trocas comerciais.

Em relação à família do autor, Marcucci (1855) traz, no prefácio, uma árvore da família Sassetti a partir de informações retiradas de notas recolhidas de Francesco di Giambatista Sassetti, como se pode ver na Figura 5, a qual apresenta a árvore da família Sassetti:

Figura 5 - Árvore da família Sasseti



Fonte: MARCUCCI, 1855, p. XV

Ainda sobre aspectos da vida de Sasseti, Doré afirma:

Filippo Sasseti era um mercador e um humanista, criado com o que Florença tinha de melhor na segunda metade do século XVI, filho de uma família tradicional, mas de poucas posses. Conhecia as obras compiladas por Ramusio e seu interesse pela Índia ia além do desejo de aventura ou de lucro; esperava estudar em profundidade as ciências e religiões do Oriente a fim de encontrar nesse espaço relíquias dos costumes antigos. Sua formação, sua curiosidade e o tempo de permanência permitiram que o conhecimento das Índias se tornasse mais denso, mesmo que, inicialmente, apenas para os meios letrados florentinos. (2002, p. 323)

Apesar da família ser abastada, Sasseti passou por graves dificuldades financeiras, o que lhe fez seguir a atividade de mercador até os 24 anos de idade, em especial por vontade do pai. Em 1568 partiu para novos rumos em sua vida: entrou para a Universidade de Pisa, tendo o escritor e filólogo Piero Vettori (1499-1585), considerado o maior representante do Humanismo do *Cinquecento*, como seu tutor (NEGRI, 1970); cultivou também grande interesse pela botânica, área de estudo que posteriormente iria se fazer presente em suas cartas. Após os anos de estudo em Pisa, retornou a Florença em 1574, onde entrou para a *Accademia* florentina e, por conseguinte, na *Accademia degli Alterati*, tendo o codinome “Assetato”, termo que significa “Sedento”, ou seja, aquele que tem sede, codinome que descrevia, segundo os relatos sobre o autor, a sede pelo novo, pelo conhecimento. *Accademia* é uma instituição voltada a incrementar o estudo das letras, das artes e ou das ciências, segundo definição do dicionário Garzanti (2015). A época de Sasseti marcou o florescimento das “*accademie*”, instituições que representavam os grupos de destaque artístico-intelectual, portanto, pertencer a uma instituição como uma *Accademia* significava dizer que a pessoa detinha certo nível intelectual que em dadas situações poderia significar superioridade em relação a indivíduos não pertencentes a essa entidade. Os escritores, filósofos, cientistas e religiosos que faziam parte do seleto número de componentes debruçavam-se sobre os problemas italianos de seu tempo, discutiam literatura, política, artes, economia, enfim, diversas facetas que compunham a sociedade de então (VAN DIXHOORN; SUTCH, 2008). Os acadêmicos *Alterati*, do verbo *alterare* (mudar), referência a lutar por um estado de perfeição por meio de uma elevação espiritual, pretendiam ir além da literatura vernacular,

Eles participavam de modo efervescente das polêmicas literárias que preocupavam Florença na segunda metade do século XVI, como a defesa de Dante e a batalha sobre a questão de quem era o maior poeta épico, Ludovico Ariosto ou Torquato Tasso. [...] Eles não somente estavam imersos nas artes,

como a música e a pintura, mas também na história, biografia, teoria política, economia política e teorias de negócio, pedagogia e outros. Claramente, o seu ideal trouxe consigo que a ignorância deveria ser dissipada de qualquer parte do Conhecimento<sup>27</sup> (VAN DIXHOORN; SUTCH, 2008, p. 288).

Essa relação dentro da *Accademia degli Alterati* fez com Sassetti pudesse estreitar amizade com vários nomes de tradição erudita e futuros correspondentes de suas cartas, tais como Giovambattista Strozzi, Baccio e Francesco Valori, Bernardo Davanzati, Piero Vettori, Francesco Bonamici, Lorenzo Canigiani e o cardeal Ferdinando de' Medici, todos membros da *Accademia*, que teria suas ações interrompidas em 1634 diante da morte de Giovambattista Strozzi. Os *Alterati* teriam dado origem à “oficial” *Accademia Fiorentina* (VAN DIXHOORN; SUTCH, 2008).

Como trabalhava com o irmão Francesco Sassetti, Filippo acabou emprestando o que tinha de finanças ao irmão, ficando em grave situação financeira, o que lhe impulsionou a buscar novas possibilidades de trabalho. Foi na Espanha junto aos Capponi, família florentina que exportava tecidos, que Sassetti encontrou sua nova função. Partiu para Madri em 1578, passando por Sevilha até chegar a Lisboa, em Portugal. Ficou na função dos afazeres comerciais da pimenta vinda do Oriente Médio até meados de 1581, quando fechou acordo para ir às Índias na função de agente do banqueiro milanês, Giovan Battista Rovellasco, um dos nomes do consórcio que conseguira junto à Coroa Portuguesa permissão para importar especiarias das terras indianas. Esse ir e vir entre Itália, Portugal, Espanha e, por fim, as Índias, foi o que possibilitou a escrita das cartas com as quais temos contato hoje.

Um dos estudos que encontrei no Brasil acerca das viagens de Sassetti foi de Andréa Doré (2002, p. 324), segundo a qual, a viagem de Cochim a Goa:

A viagem de Cochim a Goa, uma distância de 800 quilômetros, que feita por mar demorava trinta dias, Sassetti fez numa fusta, atracando em todas as fortalezas que os portugueses tinham em terra firme, e escreveu que estas eram da forma:

(...) como o tempo antigo talvez permitia que se fizesse, e talvez não sejam necessárias senão para serem guardadas por um tão grande capitão como é o nosso senhor. Porque, quanto às guarnições, elas são de tal forma que se pode inclusive dizer que os mouros e gentios não as querem do que os

---

<sup>27</sup> “They fervently participated in the literary polemics that preoccupied Florence in the late sixteenth century, such as the defence [sic] of Dante and the battle over the issue of who was a greater epic poet, Ludovico Ariosto or Torquato Tasso. [...] They not only immersed themselves in other arts, such as music and painting, but also in history, biography, political theory, political economy and theories of trade, pedagogics, and so on. Clearly, their ideal brought with it that ignorance had to be dispelled from each and every field of Knowledge.”

portugueses as defendem, já que um só sino tocado por um negro é o que as vigia e guarda<sup>28</sup>.

Como foi dito, nas cartas de Filippo Sassetti, como se observa pelo excerto acima, há relatos a respeito de diversos assuntos, desde escritos sobre os ventos e o oceano até caracterizações sobre frutos ou especiarias. Ainda sobre as navegações e sua viagem de ida às Índias, especificamente Goa e Cochim, conforme apontado por Doré (2002), o mercador, após viajar 215 dias numa nau da Carreira da Índia até chegar a Cochim, descreveu a situação dos portugueses que lá chegavam, e na carta endereçada a Francesco dei Medici, em 22 de janeiro de 1584, afirma:

[...] essa gente que assim chega aqui viva, uma vez ali desembarcada, não tem ninguém que lhe pergunte ou diga nada. Cada um toma o caminho que julga de maior benefício para si: este se torna mercador, aquele se põe como servidor e aquele outro vai mendigando sem que ninguém se importe, como se não lhe tivesse cabido dinheiro em Portugal<sup>29</sup> (SASSETTI, 1995, p. 47).

Nessa mesma carta também consta a informação de que Sassetti teria passado pela costa do Brasil antes de chegar às Índias: “Toda a dificuldade da nossa viagem derivou do medo que nosso piloto tinha de não voltar àquelas águas rasas na costa do Brasil, de onde ele demorou tanto na Guiné, que não conseguiu, depois, sair dela<sup>30</sup>” (SASSETTI, 1995, p. 45).

Encontram-se relatos sobre o incidente da costa do Brasil em mais de uma carta sassettiana, nas quais o autor sempre ratifica a respeito do perigo de navegar por tais mares. Pelo teor das correspondências, supõe-se que esse incidente tenha acontecido em virtude do perigo das águas mais baixas presente na região, como diversas vezes citado, daí surgindo o medo de se navegar naquela época por tais mares.

O autor também apresenta ao destinatário de suas cartas, sejam elas familiares, amigos e pessoas de relacionamento profissional, variedades exóticas de frutas e especiarias, tais como o ananás e o cinamomo (canela), como no trecho da

<sup>28</sup> Carta escrita a Francesco dei Medici, grão-duque da Toscana, em 11 de fevereiro de 1585, em Cochim.

<sup>29</sup> “[...] questa gente che cosí ci si conduce viva, sbarcata che la si è, non ha nessuno che li domandi o dica niente. Ciascuno piglia quel camino che piú giudica di suo benefizio: questo si fa mercante, quel si pone per servitore e quell’altro va accattando senza che nessuno ne tenga conto, come se non avessero tocco danari in Portogallo”.

<sup>30</sup> “Tutta la difficoltà del nostro viaggio derivò dalla paura che aveva il nostro piloto di non tornare sopra que’ bassi nella costa del Verzino, donde e’ si tenne tanto in Guinea, che non potette di poi uscirne a posta sua”.

carta enviada ao capitão Frei Piero Spina, cavaleiro de Malta, no dia 10 de fevereiro de 1584:

Frutas de diversos modos, e nenhum tipo, pelo que vejo, que se pareça com as nossas, e não as melhores; até aqui não encontrei nenhuma que lembre o gosto se não o abacaxi, de forma e tamanho de uma grande pinha, feito na medida e produzido na própria planta como a alcachofra. O odor do abacaxi é tanto que se sente da estrada quando se está com um no quarto; [...]<sup>31</sup> (SASSETTI, 1855, p. 272)

Assim, percebe-se como o autor relata não somente fatos comerciais, mas descreve com detalhes os elementos locais que mais lhe chamavam a atenção; elementos estes que poderiam ser aparentemente simples, como a forma, a posição no pé e o perfume de um fruto característico, motivo pelo qual se poderia pensar em Sassetti como tradutor cultural, sempre a partir de um ponto de vista pessoal ou político, como veremos mais adiante. De qualquer modo, ao se pensar em tradução cultural como evidência histórica, como é este o caso, deve-se pensar realmente na intenção do autor/tradutor, muitas vezes carregando um motivo anônimo ou obscuro. (BALDWIN apud BURKE; PO-CHIA HSIA, 2009), ainda que nem sempre seja possível identificá-la com precisão.

A respeito da característica do mercador em colocar nas suas correspondências fatos e ou situações consideradas de certa forma exóticas, Brege enfatiza o autor como agente dos Médici na qualidade de informante do Novo Mundo estratégico para os negócios em Florença, bem como para o cultivo de um jardim mantido pela família de banqueiros florentinos com diversas espécies provenientes de onde eles tinham agentes trabalhando para si. Destaca Brege:

Seja como fornecedor de amostras botânicas ou de análise estratégica, Sassetti contava com informantes e colaboradores para encaminhar aos seus correspondentes diferentes interesses. Ele fez isso na expectativa de que suas ações participassem de um conjunto mais amplo de interações sociais, presentes e futuras, a mais importante das quais ocorreria pessoalmente. Embora a recompensa social final de Sassetti possa razoavelmente ser considerada um lugar de honra no Tribunal dos Médici em Florença, o contato pessoal com os projetos dos Médici começou na Índia. Para ver isso, voltemos à casa e ao jardim de Sassetti em Goa. Lá, Sassetti recebeu dois agentes, operando em nome do papado e dos Médici, envolvidos no trabalho da Imprensa Mediceia Oriental (Tipografia Mediceia Oriental). Liderada pelo notável estudioso Giovanni Battista Raimondi e patrocinada em conjunto pelo

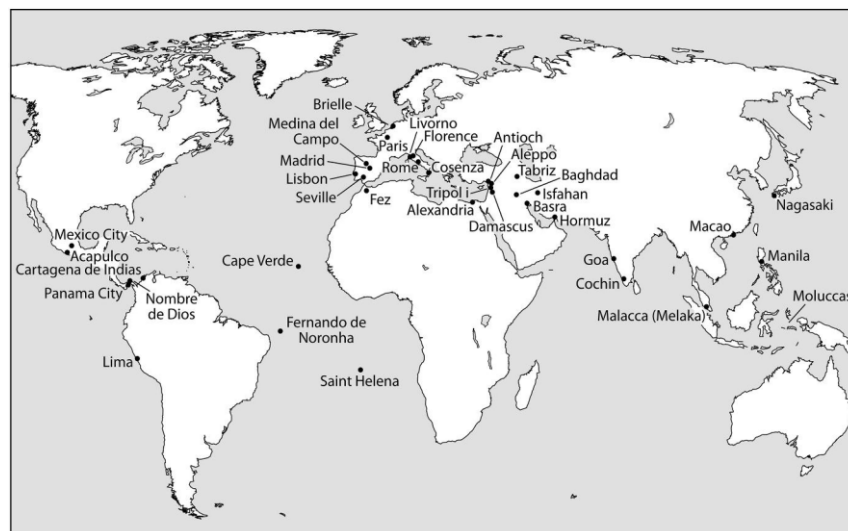
---

<sup>31</sup> “Frutte di diverse maniere, e nessuna sorte, al parer mio, che agguagli le nostre, e non le migliori; nè fino a qui ne ho trovata alcuna che émpia il gusto, se non l’ananas, di figura e grandezza d’una gran pina, fatto appunto e prodotto nella sua pianta come il carciofo. L’odore dell’ananas è tale, che si sente dalla via quando se ne tiene in camera; [...]”

Papado e pelos Médici, a Imprensa se dedicou a imprimir obras de valor científico e religioso nas línguas do grande Oriente Médio.<sup>32</sup> (2020, p. 216)

As letras sempre tiveram papel relevante ao longo dos séculos, conforme reforçado nas palavras do excerto acima, devendo-se sempre lembrar de que o desenvolvimento da imprensa no final do século XV já havia ocorrido como forma de se obter alguma forma de vantagem, como aponta Baldwin (apud URKE; PO-CHIA HSIA, 2009). Muitos foram os lugares por onde circulou Sassetti, assim como outros mercadores, que imprimiram nos seus textos paisagens e costumes diversos daqueles vistos nos seus países de origem. Na Figura 6, estão identificados os lugares visitados por mercadores europeus, dentre eles Filippo Sassetti:

**Figura 6 – Lugares por onde alguns mercadores passaram, como Filippo Sassetti e Francesco Carletti**



Fonte: BREGE (2020, p. 219)

Outra característica das cartas de Sassetti, desta vez em relação à família, está no fato de estar presente nos diálogos a preocupação relativa às finanças. De

<sup>32</sup> "Whether as a supplier of botanical samples or strategic analysis, Sassetti relied on informants and collaborators to address his correspondents' diverse interests. He did this in the expectation that his actions partook of a wider set of social interactions, both present and future, the most important of which would take place in person. While Sassetti's ultimate social reward might reasonably be assumed to be an honored place at the Medici court in Florence, in-person contact with Medici projects started in India. To see this, let us return to Sassetti's house and garden in Goa. There, Sassetti hosted a pair of agents, operating on behalf of the Papacy and of the Medici, engaged in work for the Medici Oriental Press (Tipografia Medicea Orientale). Led by the remarkable scholar Giovanni Battista Raimondi and jointly patronized by the Papacy and the Medici, the Press was dedicated to printing works of scientific and religious value in the languages of the greater Middle East."

acordo com Boutier, de mercador, Sassetti se transforma em colonizador, por meio de uma “aculturação do imaginário”, como no caso em que ele

presente o descontentamento de sua irmã diante de sua instalação em Goa, onde ele acabara de comprar uma propriedade de 400 ducados com seus bois e seu asno, seus [escravizados] domésticos, seu jardim onde ele semeou cebolas, couves, alface “e outras coisas boas”. Seu pertencimento europeu se apaga: ele vai, anuncia a sua irmã, vestido com um “casaco de cetim e todo o resto de seda (...), uma corrente em torno do pescoço e (...) uma medalha no chapéu de palha, que tem ao redor um véu vermelho ou verde”<sup>33</sup>. (1994, p. 13)

A voz do colonizador Sassetti se faz sentir quando ele mostra que está, de certa forma, apossando-se de algo naquelas terras, que agora passariam a ser sua morada. Tanto que, pouco tempo antes de sua morte, nasce seu filho Ventura, fruto de um relacionamento com uma indiana, filho este que morreria aos dois anos de idade (BOUTIER, 1994; MARCUCCI, 1855).

Além das cartas, Sassetti escreveu também outras obras, entre as quais biografias, análises de obras literárias, traduções, ensaios, com destaque para a tradução de *Poetica d’Aristotele*, obra traduzida e comentada em toscano, publicada em 1863; *Lezione seconda intorno alle imprese* (publicada em *Raccolta di prose fiorentine*, parte II, vol. II, Florença, Tartini e Franchi, 1716-1745); *Risposte alle proposizioni del Castravilla, che aveva scritto contro Dante*, publicado em 1897; *Discorso sulla Commedia di Dante*; *Orazione in Morte di Tommaso Del Nero*, texto recitado na Accademia degli Alterati; *Discorso degli Accademici Alterati sopra le Annotazioni della Poetica di Messer Alessandro Piccolomini*; *Censura dell’Orlando Furioso, di Ludovico Ariosto*; *Vita di Francesco Ferrucci*, publicada pela primeira vez em *Archivio storico italiano*, IV, 11, 1853, por C. Monzani; *Elogio di Lelio Torelli*; *Ragionamento all’Accademia degli Alterati, in lode di Federigo Strozzi, detto l’Agghiadato*; *Ragionamento sopra il commercio tra i Toscani e i Levantini* (1577); além de discursos e fragmentos de textos publicados após sua morte.

Apesar de ter deixado uma vasta obra escrita, várias são as razões que poderiam ser elencadas a respeito do pouco destaque dado até então a Sassetti. Uma

---

<sup>33</sup> "present le déplaisir de sa soeur face à son installation à Goa, où il vient d'acheter une propriété de 400 ducats, avec ses boeufs et son âne, ses domestiques, son jardin où il a semé oignons, choux, laitues "et autres bonnes choses". Son appartenance européenne s'estompe : il va, annonce-t-il à sa soeur, habillé d'un "manteau di ras et tout le reste de soie (...), une chaîne autour du cou et (...) une médaille dans le chapeau de paille, entouré d'un voile rouge ou vert". (SASSETTI, 1855, p. 293). Carta escrita a Maria Sassetti ne' Bartoli em 27 de janeiro de 1585, em Cochim.



delas, entra as tantas já aqui citadas, estaria relacionada ao gênero epistolar ser considerado literatura menor, como aponta Diaz:

Por falta de talento, de desejo ou de oportunidades, mas também por causa de interditos culturais, muitos epistológrafos e, mais ainda, epistológrafas permaneceram para sempre às margens do espaço literário. Ao inverso, a ideia de demarcação entre espaços estranhos, que a noção de limiar deixa supor, encontra-se às vezes revogada por efeitos de recepção que, ao transgredir os limites do gênero, jogam brutalmente no domínio do literário o que antes estava à margem na categoria epistolar (2016, p. 228).

Junto a isso, podemos fazer perguntas relacionadas à epistolografia como categoria literária, e não à sua margem, tais como: quais são os critérios para se colocarem as cartas como categoria literária? Talento de quem escreve? Escolha do editor ou envolvimento político? Não é objetivo aqui aprofundar esses questionamentos, mas tais indagações podem ser relevantes quando se pensar a respeito do “esquecimento” de escritoras e escritores ao longo da História.

Além disso, como já mencionado, apesar da obra de Sassetti contemplar dezenas de escritos, o autor parece não ter despertado o interesse da crítica, se considerarmos que poucas são as publicações encontradas a seu respeito. A mais recente encontrada é datada de 1995, organizada por Adele Dei, pesquisadora italiana que reuniu e editou as cartas sassettianas sob o título *Lettere dall'India*, publicada pela editora Salerno Editrice. Ao buscar mais detalhes sobre Sassetti e seus escritos, encontrei alguns livros publicados no século XIX, como o de Marcucci (1855), que reservou a edição de 1855 intitulada *Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti*, pela editora Felice le Monnier, somente ao mercador florentino. Ainda no século XIX, há outras publicações onde se encontra o nome de Sassetti e algumas referências à sua obra, principalmente quando se trata dos navegadores italianos, visto que seu reconhecimento se deu em especial por conta das navegações empreendidas e as informações deixadas por ele nesta função.

Outro fator que se pode destacar em relação a Sassetti é o fato de ter sido um dos primeiros a fazer referência entre a relação das línguas, como o sânscrito e as línguas de raízes latinas, dissertando acerca de uma possível protolíngua, de modo que Sassetti “manteve suas credenciais como um intelectual até o final, enviando relatórios botânicos de alta qualidade da Índia, correspondendo-se com mercador

sobre geografia e descobrindo uma conexão entre o sânscrito, o grego e o latim”<sup>34</sup> (BREGE, 2014, p. 141).

Como já mencionei nesta pesquisa, Blikstein (1992) cita o mercador florentino em um artigo de linguística, conferindo-lhe a “descoberta” da relação entre as línguas, como uma espécie de padrinho da linguística comparada, mas ressaltando faltar àquele período maior embasamento para as suposições linguísticas do florentino, o qual escrevera em suas cartas semelhanças encontradas entre o sânscrito e as línguas europeias que ele conhecia, especialmente com o italiano. A seguir apresento o trecho de uma carta endereçada a Baccio Valori, escrita em Lisboa em 8 de junho de 1580, em que o autor faz um comentário característico de, ao menos, um curioso pesquisador filológico:

Encontrei uma confusão de Aristóteles<sup>35</sup> que diz, se mal não me recordo, que os caracteres são diferentes onde a língua é diferente. As províncias da China entre eles têm a língua tão diferente como a húngara da italiana e muito mais diferente aquela de Java e do Japão, que estão a milhares e milhares de distância; e todos se entendem por escrito, cuja língua é a mesma para todos, não tendo caracteres, mas tantos sinais quanto são as coisas: cujos sinais não se veem assemelhar-se a coisa alguma<sup>36</sup>. (SASSETTI, 1855, p. 447)

Tal confusão citada por Sassetti em relação às línguas e ao modo de comunicação entre os povos é comumente trazida ao longo de seus escritos, também fazendo referência à cultura e modo de vida dos povos referenciados. Como foi dito, apesar de ter sido uma pessoa que dissertou acerca de variadas culturas e pessoas, raros são os estudos a seu respeito, mesmo na Itália, seu país natal, e, ao buscar retratos do autor, tem-se uma pequena variação, com duas ou três figuras circulando em meio digital na Internet. No que diz respeito a publicações impressas, há edições de alguns textos seus comercializados por uma famosa loja *on-line* que trazem um suposto retrato de Sassetti na capa, imagem esta que se mostra na figura a seguir:

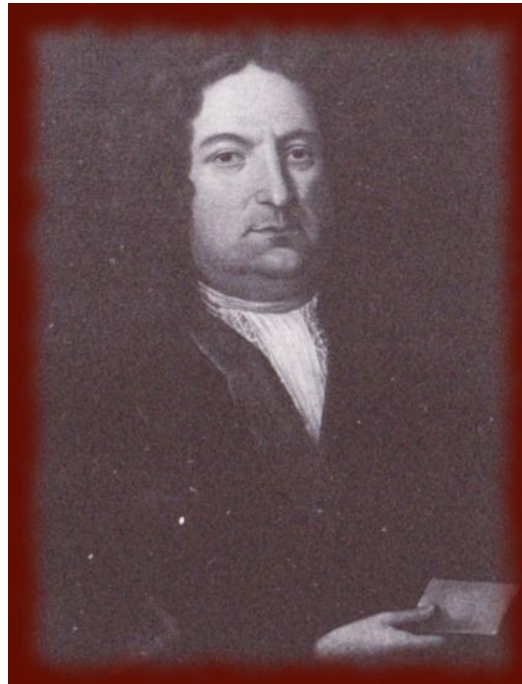
---

<sup>34</sup> “maintained his credentials as an intellectual to the end, sending high-quality botanical reports back from India, corresponding with Mercator on geography, and uncovering a connection between Sanskrit and Greek and Latin.”

<sup>35</sup> Trata-se de uma comparação com a defesa do filósofo grego em relação à forma de governo por ele defendida. Na carta de Sassetti podemos inferir que ‘uma confusão de Aristóteles’ seria ‘uma grande confusão’.

<sup>36</sup> “Ho trovato una confusione d’Aristotile, che dice, se mal non mi ricorda, che i caratteri sono diversi dove sia la lingua diversa. Le province della China fra di loro hanno la lingua si diversa come l’unghera dalla italiana, e molto più diversa quella della Java e del Giapam, che sono discosto migliaia di miglia; e tutti s’intendono per iscrittura, la quale a tutti è la medesima, non avendo caratteri, ma tanti segni, quante sono le cose: i quali segni non si veggono rassomigliarsi a cosa nessuna.”

**Figura 7 - Retrato de Filippo Sassetti**



Fonte: GIRAP, 2018. Disponível em: <[www.alchetron.com/Filippo-Sassetti](http://www.alchetron.com/Filippo-Sassetti)>

No que diz respeito às edições das cartas de Sassetti, elenco abaixo os registros de publicações encontradas, constantes da edição de Dei (1995), bem como no banco de dados OPAC SBN do *Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane e per le informazioni bibliografiche*<sup>37</sup>:

- *Raccolta di prose fiorentine*, publicada em Florença por Tartini e Franchi, 1743, contendo 35 cartas de Sassetti;

- *Relazioni di viaggiatori*, publicação em Veneza, tipografia de Gondolieri, 1841, constante do volume 1 da “Biblioteca classica italiana di scienze, lettere ed arti”;

- *Lettere di Filippo Sassetti sopra i suoi viaggi nelle Indie Orientali dal 1578 al 1588*, editado por P. Viani, em Reggio, publicação de Torreggiani em 1844 (contendo 35 cartas);

- *Lettere edite e inedite*, editado por E. Marcucci, impresso em Florença em 1855, editora Le Monnier (contendo 76 cartas inéditas, além das 35 cartas já publicadas anteriormente);

- *Lettere. Vita di Francesco Ferrucci*, editado por E. Camerini, impresso em Milão, editora Sonzogno em 1874 (contém as cartas da edição de Marcucci e a carta

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.iccu.sbn.it/it/>>.

de Cochim publicada por A. De Gubernatis em *Memoria intorno ai viaggiatori italiani nelle Indie orientali*, impressa em Florença por Fodratti em 1876;

- *Lettere scelte*, editado por F. Milano, impresso em Lanciano por Carabba no ano de 1927 (contendo trechos de 14 cartas de Sassetti);

- *Lettere scelte*, editado por G. Raya, impresso em Milão por Vallardi em 1932 (contém trechos de 32 cartas de Sassetti);

- *Lettere indiane*, editado por A. Benedetti, impresso em Turim pela editora Einaudi em 1942 (contém 33 cartas);

- *Lettere del Cinquecento*, editado por G. C. Ferrero, impresso em Turim por UTET em 1948 (houve a publicação de uma segunda edição ampliada em 1967 e outra edição em 1977). Essa publicação continha 8 cartas de Sassetti;

- *Lettere inedite di Filippo Sassetti*, editado por V. Bramanti na publicação “Giornale Storico della Letteratura Italiana”, em 1966, fascículo 443 (edição contém nove cartas endereçadas a Pier Vettori);

- *Lettere da vari paesi*, editado por V. Bramanti, com impressão em Milão pela editora Longanesi em 1970 (contém o *corpus* completo de 126 cartas);

- *Scopritori e viaggiatori del Cinquecento e del Seicento*, editado por I. Luzzana Caraci, com textos e glossários de M. Pozzi, impressão com local em Milão-Nápoles, editora Ricciardi em 1991 (contém sete cartas);

- *Lettere dall'India (1583-1588)*, editado por Adele Dei, impressão em Roma e publicado por Salerno Editrice em 1995, contendo 32 cartas, sendo, pois, somente as escritas no período indiano do autor;

- “Da Filippo a Francesco Sassetti. Due lettere inedite dall'India (1583-1584”, capítulo constante da publicação do periódico *Studi Italiani*, datado de julho-dezembro de 1996, editado por Riccardo Bruscaagli, Giuseppe Nicoletti e Gino Tellini. A publicação constitui a parte de *Archivi* e tem como autora Adele Dei. As cartas contemplam as páginas 111 e 120 da edição.

A mais atual publicação que traz o nome de Filippo Sassetti é *The Renaissance of Letters*, organizado por Paula Findley e Suzanne Sutherland, com um artigo intitulado “A Florentine humanist in India - Filippo Sassetti, Medici agent by annual letter”, escrito pelo professor estadunidense Brian Brege e com data de publicação de 2020, pela Editora Routledge. Ao realizar contato com Brege, ele enviou seu trabalho de doutorado intitulado “The Empire that wasn't: the Grand Duchy of Tuscany and Empire, 1574-1609)” realizado no Departamento de História na

Universidade de Stanford e datado de 2014, no qual reservou um capítulo (78 páginas mais especificamente) à ação de Sasseti como agente dos Médici. Essa “descoberta” acadêmica veio a instigar ainda mais o trabalho de tradução das cartas sassettianas, visto não haver nenhuma informação, segundo confirmado pelo pesquisador Brege, de outras traduções das correspondências do mercador.

Deste modo, a última publicação que diz respeito a cartas escritas por Sasseti indica que a edição de Bramanti em 1970, até então tida por completa, conteria o maior número de correspondências até aquele momento. Além disso, acredita-se que possam existir outras cartas do florentino que, porventura, poderão ser encontradas. Dei, em sua publicação com as duas novas cartas, afirma que:

Uma nova contribuição ao *corpus* epistolar sassettiano está no código de miscelâneas Galileiano 292 da Biblioteca Nacional de Florença, uma rica antologia de escritos de viagem, prevalentemente do século XVII, que recolhe, entre outros, textos de Vespúcio, Giovanni da Verrazzano e Andrea Corsali, além de três cartas de Sasseti<sup>38</sup> (1995, p. 111).

Adele Dei ainda enfatiza que entre a segunda carta e a última sobrecarta foi inserida uma relação anônima que descreve rapidamente dois itinerários para se chegar à Índia por meio de Veneza, conforme aponta a figura a seguir, em que se lê, no início dos textos, os seguintes dizeres: “Existem dois modos para poder chegar/ir de Veneza à Índia [...] e o que segue é um deles:”

---

<sup>38</sup> “Un nuovo contributo al *corpus* epistolare sassettiano è contenuto nel codice miscellaneo Galileiano 292 della Biblioteca Nazionale di Firenze, una ricca antologia di scritti di viaggio, prevalentemente seicenteschi, che raccoglie fra l’altro testi di Vespucci, Colombo, Giovanni da Verrazzano e Andrea Corsali, nonché appunto tre lettere del Sasseti.”

Figura 8 - Página da carta citada por Dei a respeito do caminho à Índia a partir de Veneza

Corno diu modi p poter andar da Ven<sup>a</sup> a india d' Oriente  
 et il seguente è uno  
 Da Ven<sup>a</sup> a Aless<sup>andria</sup> e di li al Cario poi a suozzo, leghe  
 quante, q<sup>ue</sup> è in luogo doue stano le Galee d' Iurco e qui  
 si trouano sempre Imbarcationi p andar d' Mar Rosso  
 al Mar Oceano et si trouano in q<sup>ue</sup> nauigatione d' sp<sup>eci</sup>  
 por<sup>ti</sup> con da una banda come d' l' altra Sabtah du  
 Mon<sup>te</sup> q<sup>ue</sup> notabil sono Guda Ghibbe, e Adem  
 e q<sup>ue</sup> q<sup>ue</sup> nel oceano, e questi por<sup>ti</sup> son tutti della  
 banda d' Arabia, poi dirimpetto dalla banda d' Pietro  
 Giovanni si troua Guaden ma<sup>z</sup>ua e altri por<sup>ti</sup>  
 un p<sup>ar</sup>te e quali con da una parte come dall' altra  
 si trouano continuando l' imbarcatione de banno  
 a p<sup>ar</sup>te cioè a salicut a Baticati Honor e altri  
 por<sup>ti</sup> d' Malabar da equali poi si va a Goa  
 p<sup>er</sup> a co<sup>st</sup>ta d'stante circa 300 miglia  
 Si trouano similite in alcun por<sup>ti</sup> d' Mar Rosso Vassolo  
 de banno al Regno de Cambara cioè a Dia Dava

Fonte: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, 2019

Disponível em:

<[https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search\\_baseSearch&query\\_fieldname\\_1=keywords&query\\_querystring\\_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca](https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search_baseSearch&query_fieldname_1=keywords&query_querystring_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca)>

No que diz respeito a estudos críticos sobre o mercador florentino, além dos já citados aqui do *Archivio Storico Italiano*, organizado por C. Monzani em 1853 e

a edição de Marcucci (1855), a qual é objeto do trabalho aqui levado a cabo, Dei (1995) elenca em sua obra as seguintes publicações:

- *“Una Lettera di Filippo Sassetti scritta da Coccino nell’Indostan al Cardinale Ferdinando de’ Medici”*, constante na obra *Miscellanea fiorentina di erudizione e storia*, de 1895;

- *Filippo Sassetti geografo*, por G. Costantini, de 1897;

- *Un letterato e mercante del secolo XVI*, por M. Rossi e publicado em 1899;

- *Un mercante del secolo XVI. Storico difensore della ‘Commedia’ di Dante e Poeta. Filippo Sassetti*, por S. Ferrara, de 1906;

- *Medicina indiana e indologia nelle lettere del Sassetti*, por M. Vallauri, de 1950-1951;

- *“Filippo Sassetti e i viaggiatori fiorentini del Rinascimento”*, dentro da obra *Secoli vari*, organizado por G.B. Angioletti, em 1958;

- *Introduzione al Sassetti epistolografo. Indagini sulla cultura geografica del tardo Cinquecento*, por G. Caraci, de 1960;

- *“Filippo Sassetti epistológrafo. Illustrazione di lettere edite e inedite”*, como parte de *Lettere poco note*, da casa editorial De Santis, publicada em 1961;

- *“Filippo Sassetti”*, na publicação *Dal Quattrocento al Novecento*, por A. Piromalli, de 1965;

- *“Filippo Sassetti”*, em *La nuova Italia*, de 1973, por M. Milanesi;

- *“Una giornata di studio su Filippo Sassetti nel quarto centenario della morte”*, como parte de *Atti e memorie dell’Accademia toscana di Scienze e Lettere La Colombaria*, de 1989. Aqui, constam os ensaios *“Filippo Sassetti sulle rotte della cultura e degli oceani”* (G. NENCIONI); *“Riflessioni linguistiche negli epistolari sassettiani”* (M. GNERRE); *“Filippo Sassetti e la geografia del Cinquecento”* (M. MILANESI); *“Filippo Sassetti e il viaggio della scrittura”* (V. BRAMANTI); *Filippo Sassetti: note sul secolo delle scoperte linguistiche* (G. SORAVIA); *“Il lessico ‘indiano’ del Sassetti”* (Appendice).

- *“Ritocchi per Sassetti”*, na obra *Filologia e Critica*, de 1989, por C. Sensi.

No que concerne ao modo de escrever do mercador-escritor, há algumas publicações que discorrem sobre o assunto, tal como abaixo elencadas:

- *Contributo allo studio degli iberismi in Italia e della Wechselbeziehung fra le lingue romanze ossia voci e frasi spagnole e portoghesi nel Sassetti aggiuntevi*



*quelle del Carletti e del Magalotti*, datado de 1905, e *L'elemento iberico nella lingua italiana*, de 1927, ambas as publicações de E. Zaccaria;

- "Altri iberismi del Sassetti", em *Lingua nostra*, de 1961 e organizado por G. Pettenati;

- "Di due vocaboli malesi nelle 'Lettere' di Filippo Sassetti", em *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, de 1962, por A. Bausani;

- *Spagnolo e spagnoli in Italia. Riflessi ispanici sulla lingua italiana del Cinque e del Seicento*, de 1968, por G.L. Beccaria;

- "Note sassettiane", em *Lingua Nostra*, de 1971, por G.R. Cardona;

- "L'elemento di origine o di trafilatura portoghese nella lingua dei viaggiatori del '500", publicado em *Bollettino dell'Atlante linguistico mediterraneo*, de 1971-1973, também de G.R. Cardona;

- "Tra Italia Spagna e Nuovo Mondo nell'età delle scoperte: viaggi di parole", em *Lettere Italiane*, de G.L. Beccaria, com data de 1985.

O mercador florentino, mais do que escrever cartas, fazia um exercício de observação antropológica, carregado das suas experiências de vida, passando para o papel aquilo que via, ouvia e sentia. Como declarou Doré:

Suas cartas trazem algo de novo a respeito dos habitantes do Malabar, de sua relação com o clima e a diversidade da fauna e flora. As descrições dos portugueses, feitas por um estrangeiro que não se envolveu com a administração portuguesa além do necessário para a realização de seus negócios, são especialmente agudas e confirmam de forma original alguns aspectos que vimos observando desde o início do século. Sempre insatisfeito com o conhecimento que era capaz de obter - já que dizia ser preciso ter chegado à Índia com dezoito anos para voltar com algum conhecimento -, sua curiosidade também se alterou com o tempo e a Índia tornou-se mais complexa. Depois de três anos, "o costume, que afasta a maravilha, me toma agora a matéria", escreveu Sassetti, e ao humanista, talvez angustiado com as árvores que não deixam ver o bosque, não interessava mais tratar dos hábitos estranhos, da cor das pessoas ou das palmeiras. **A dificuldade em conhecer os costumes das gentes ele atribuía ao "domínio absoluto" que possuíam os portugueses sobre a ilha de Goa**, afugentando muitos gentios (forma como Sassetti, assim como as fontes portuguesas, designava os hindus, ou todos os que não eram muçulmanos ou judeus) e os mais dotados para lhe oferecer informações; a saída desses homens, a seu ver, empobrecera a cidade. [negritos meus] (2002, p. 323-4)

A partir desse trecho, questiona-se: estaria a população de Goa sendo quem realmente era, diante da presença portuguesa em suas terras? Ou estariam sendo não eles próprios diante da presença de um Outro em sua cultura local? Esse tipo de pensamento é trazido por Tinguely (2014) e também abordado por Hall, que



afirma que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. E acrescenta: “[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2006, p. 13). Daí, a dificuldade em afirmar que Sasseti fazia uma leitura livre de impressões que pudessem caracterizar as pessoas daquele local sem nenhuma interferência, pois até mesmo elas poderiam estar com seu comportamento já modificado pela presença dos Outros.

Dando sequência, Filippo Sasseti era um “residente sedentário” (DORÉ, 2002), tendo permanecido somente em Cochim e Goa, apenas visitando Calicute e, como afirma Dei, “Sasseti, tomado pelas responsabilidades e compromissos de seu trabalho, assim como pela própria atividade mercantil, não é o viajante habitual, que se desloca de um lugar para outro, mas um morador, que se enraíza e constrói um novo estilo de vida sedentário” (1995, p. 13). Em janeiro de 1588 barcos portugueses partiriam da Índia com as últimas cartas escritas por Sasseti, que acabou falecendo em Goa, em 3 de setembro de 1588, sem conseguir levar a cabo seu projeto de retornar à terra natal. Por mais de um século suas cartas ficaram no anonimato, como afirma Dei, “talvez mesmo porque sobressalentes e diferenciadas, ou talvez porque na progressiva restrição de horizontes da Florença, a ponte com o longínquo oriente construído pelo Sasseti não era mais sentida como vital e almejada para além das curiosidades acadêmicas ou particulares”<sup>39</sup>. (1995, p. 20)

Sobre informações de sua morte e local de sepultamento de seu corpo, Boutier declara que ele foi enterrado na igreja da Companhia da Misericórdia. E que, além de sua herança, a qual ficou registrada em um testamento redigido em português,

Ele deixa essa surpreendente correspondência que, tomada entre o desejo de falar e a impossibilidade de dizer aquilo que não pode ser, deixa filtrar o desejo de se deixar tomar por uma terra onde ele não parou de sonhar. Desta forma se juntou, com muitas incertezas, a trajetória de um desses “passantes do Oriente” que, carregados pela afirmação de uma dominação do mundo,

---

<sup>39</sup> “forse proprio perché spare e differenziate, o forse perché nel progressivo restringimento di orizzonti della Firenze seicentesca, il ponte com il lontano oriente costruito dal Sasseti non era più sentito come vitale e perseguibile al di là di accademiche o private curiosità.”

sucumbiram aos países aonde vieram observar e que os retiveram para sempre<sup>40</sup>. (1994, p 14)

O mercador florentino havia rumado para a Índia inspirado nos escritos de Ramusio, cartógrafo italiano que escreveu no século XVI a respeito das descobertas marítimas, com a obra *Delle navigatione et viaggi*, edição de três volumes publicada entre os anos de 1550 e 1559 (MARCUCCI, 1855; DEI, 1995) e de lá não voltou mais. Dos poucos registros deixados por ele, como foi dito, tem-se o nascimento de um filho legítimo cujo nome seria Ventura, mas falecido ainda com dois anos de idade, e o seu enterro em Goa, em setembro de 1588. Como herança, deixou ao irmão Francesco a quantia de 12 mil florins, porém, segundo relato desse mesmo irmão deixado nas *Notizie della famiglia Sassetti* (MARCUCCI, 1855), em virtude de acidentes e desgraças não lhe chegou em mãos nem a metade do valor.

Sassetti ficou na memória de alguns, tendo sido redescoberto somente mais de 100 anos após sua morte, em uma publicação de 1700. O hiato entre uma edição e outra em que constam cartas do florentino foi grande, com a próxima edição em 1743, nas *Prose Fiorentine*, e, depois, uma publicação sobre relações de viajantes em 1841 (DEI, 1995).

---

<sup>40</sup> « il laisse cette étonnante correspondance qui, prise entre le désir de parler, et l'impossibilité de dire ce qui ne peut l'être, laisse filtrer l'envie de se laisser prendre par une terre dont il n'a cessé de rêver. Ainsi s'est assemblée, avec bien des incertitudes, la trajectoire d'un de ces "passeurs d'Orient" qui, portés par l'affirmation d'une domination sur le monde, succombèrent au pays qu'ils étaient venus observer et qui les retint à jamais. »

### Figura 9 - Dizeres na lápide de Filippo Sasseti em Goa

PHILIPPO SASSETTIO PATRITIO FLORENTINO  
 AROMATUM EXPORTANDORUM MUNERI PRAEFECTO  
 QUI NATURALIBUS MATHEMATICISQUE DISCIPLINIS INSIGNIS  
 GRAECA LATINA ET ETRUSCA ELOQUENTIA CLARUS  
 NOVARUM RERUM CAUSAS INDAGANDI STUDIO  
 POTIUS QUAM LUCRI  
 VASTO EMENSO OCEANO AFRICA TRANSFRETATA  
 ULTRA INDUM GOAE COMMORATUS  
 EUROPAM PENE TOTAM  
 LOCUPLETISSIMIS SUARUM OBSERVATIONUM THESAURIS  
 INDORUM OPIBUS LONGE PRAESTANTIORIBUS DITAVIT  
 HORATIUS NERETTIUS FLORENTINUS  
 PERPETUUS GRATISQUE COMES  
 MULTIS CUM LACRYMIS POSUIT  
 VIXIT SUIS CHARUS ATQUE EXTERIS ANNOS XXXXVI  
 OBIIT GOAE ANNO MDLXXXVIII

Fonte: De Gubernatis, 1875, p. 27

Abaixo, são trazidas duas versões da mensagem acima: em inglês, traduzida por Brege (2014, p. 162-3), e em português, como fruto desta tese, baseada na tradução inglesa:

<i>Filippo Sasseti Florentine citizen</i>	Filippo Sasseti, cidadão Florentino
<i>Overseer of office for spice exports</i>	Supervisor de negócios para exportação de especiarias
<i>Distinguished study of nature and mathematics</i>	Distinto estudo sobre a natureza e a matemática
<i>Renowned eloquence in Greek Latin and Etruscan [Tuscan]</i>	Renomada eloquência em Grego, Latim e Etrusco (Toscano)
<i>To study new things Rather than for gain</i>	A estudar novas coisas Mais do que a ganhar
<i>Traversed the empty African Ocean Stayed in Goa in India Nearly all of Europe</i>	Atravessou o vazio Oceano Africano Permaneceu em Goa, na Índia. Quase toda a Europa
<i>Was enriched by his most excellent observations</i>	Fora enriquecida pela maioria de suas excelentes observações
<i>Of the treasures of India</i>	De tesouros da Índia
<i>Orazio Neretti Florentine Perpetual dear companion</i>	Horácio Neretti, florentino, Caro companheiro perpétuo
<i>With many tears set</i>	Com muitas lágrimas derramadas
<i>His dear life and abroad at 46 years died in Goa in the year 1588.</i>	Sua cara vida e ao longo dos 46 anos morreu em Goa no ano de 1588.

Como é possível notar, sua existência foi celebrada no final com uma lápide que destaca seus conhecimentos e virtudes. O que se sabe, hoje, é que nem ao menos sua lápide encontra-se intacta em Goa: os terremotos contribuíram para a não conservação da memória do florentino que queria ir e ver e escrever e assim o fez.

A seguir, é apresentado um breve contexto histórico do período epistolográfico de Sassetti.

## 1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Entre os anos 1561 e 1564 seria publicada a primeira edição de *Storia d'Italia*, em Florença, considerada uma das mais importantes obras a respeito da história do lugar, escrita pelo historiador, advogado e diplomata Francesco Guicciardini (BURKE, 2009). Também foi por esses anos que ocorreu o Concílio de Trento (1545-1563), convocado pelo Papa Paulo III num movimento da Igreja Católica de Contrarreforma (SILVA, 2015). Quando do nascimento de Sassetti (1540), estava sendo fundada a Companhia de Jesus, pelos padres jesuítas, e o Brasil, que havia sido “descoberto” há menos de 50 anos, ainda era motivo de escritos curiosos a seu respeito. Esse período da história colonial do Brasil foi fortemente marcado pela terra ocupada, “o pau-brasil a ser explorado, a cana-de-açúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carregada para o mercado externo” (BOSI, 2006, p. 11). Veja-se um dos trechos em que Sassetti apresenta o *Verzino*, isto é, o Brasil ao leitor de sua carta como fonte de açúcar branco:

Novamente não tenho novidades para você. Vai-se preparando o exército para ir ao negócio daquela ilha Terceira, a qual no fim acabou fazendo mais mal do que se pensava, considerando a vontade dos próprios portugueses que, **vindo do Brasil** aqui vão roubando para socorrer o Dom Antônio deles; **e deste modo devem ter recolhido 15 ou 16 navios carregados de açúcar**; [...] <sup>41</sup>. (1855, p. 154, negritos meus)

O açúcar branco é destacado por Sassetti como uma das riquezas exploradas pelos portugueses no Brasil Colonial, assim como a escravização dos negros africanos e a extração do pau-brasil, árvore muito requisitada no período por

---

<sup>41</sup> “Di nuovo non ho che farvi sapere. Vassi facendo presta l’armata per andare all’impresa di quell’isola Terzera, la quale ha fatto alla fine più male di quello che e’ non si pensava, concorsaci la volontà de’ medesimi Portoghesi, che venendo del Verzino si vanno qui a fare rubare per dare soccorso a Don Antonio loro; e in questa maniera debbono avere raccolto quindici o sedici navii carichi di zucchero; [...]”

suas características apreciadas principalmente na Europa. Na segunda metade do século XVI, período de vida de Sasseti, os fatos relacionados à economia assumiam papel mais relevante do que os acontecimentos políticos no Brasil, com a agricultura ganhando espaço, como apontam Olivieri e Villa:

A cana-de-açúcar tornou-se o principal produto comercial da Colônia. A economia açucareira desenvolveu-se no Nordeste brasileiro, especialmente em Pernambuco e na Bahia, que possuíam solo e clima favoráveis. O litoral nordestino também se localizava mais perto dos portos portugueses, o que barateava os custos de transporte. (2012, p. 14)

A cana-de-açúcar era realmente o destaque quando se falava em Brasil à época, tanto que quando o país era citado por Sasseti essa produção açucareira era destaque, juntamente com o caso do problema de navegação pela costa brasileira.

O próprio nome *Verzino* utilizado por Sasseti em suas cartas refere-se ao nome da madeira utilizada em tinturaria na Itália que, por conseguinte, teria relação direta com “brasa” ou “da cor de brasa”, “avermelhado”, conforma aponta o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2020). *Verzino* também é encontrado na Enciclopedia Treccani como um elemento pictórico, expressão ligada à cor (TOSATTI, 1998). Corroborando com essa denominação, Bueno destaca:

As primeiras referências à chegada desse produto à Europa datam de 1085, quando o desembarque de uma “kerka de bersil” (ou “uma carga de bersil”) foi registrado nas alfândegas de Saint-Omer, na França. Pouco mais tarde, o termo francês evoluiu para “brezil”. Junto com a França, a Itália logo se tornaria uma grande consumidora de pau-brasil e registros desse comércio puderam ser encontrados nos arquivos das alfândegas de Ferrara (em 1193), Módena (1221) e Gênova (1243). Na Itália, a árvore passou a se chamar “bracire”, ou “brazili” e, mais tarde, “verzino” – que foi o termo empregado por Vespúcio na Lettera a Soderini. Com o nome de brasil, o “pau-de-tinta” já chegara à Espanha e a Portugal por volta de 1220. (2016, p. 59)

Vale lembrar que as cartas a serem traduzidas e comentadas para comporem esta tese foram selecionadas exatamente por citarem o *Verzino*. As correspondências eram importantes para comunicar ao Outro o que acontecia pelo mundo. Assim como a *Carta* de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel é considerada a “certidão de nascimento” do Brasil (BOSI, 2006), muitos outros mercadores foram cruciais para levar as novidades à Europa: o que sucedia no Oriente e nas Américas deveria chegar até as vozes de comando, daí tais correspondências serem consideradas de grande valor histórico, uma vez que carregam consigo muitas

informações a respeito da vida, do comércio, dos problemas, e tantas outras questões da vida no tempo em que as cartas eram essenciais às relações humanas.

É importante destacar que a era das grandes navegações, iniciada no século XV, foi de extrema relevância dentro de múltiplos âmbitos culturais. Franceses, portugueses, ingleses, espanhóis, dentre outros grupos nacionais, viriam a entrar em um choque cultural em virtude do constante desejo de expansão comercial. As grandes potências da Europa partiam em busca de novas rotas marítimas, em sua maioria alegando chegar até a Índia, onde obteriam inúmeras especiarias. A costa africana, bem como todo e qualquer local desconhecido, tornou-se alvo do imperialismo, tratados surgiam para delimitar a terra aqui e ali e a escravidão e busca constante do expansionismo crescia cada dia mais.

As viagens eram uma forma de carregar riquezas materiais e imateriais, neste último caso, impressões acerca do Outro:

Diferentemente de outros viajantes do mesmo período, sobretudo os que se dirigiram ao Novo Mundo, os italianos que foram para a Índia no século XVI não tinham a preocupação de “descobrir” novas terras ou de relatar visões inéditas sobre terras incógnitas. A Índia, sobretudo para os mercadores das cidades italianas como Veneza e Gênova, era a *India recognita* da narrativa de Niccolò di Conti, que começou a circular em 1447. Tratava-se, antes de tudo, de verificar, de confirmar as informações, e havia assim um roteiro a seguir. A chegada dos portugueses ao Índico inseriu um elemento novo nesse roteiro. [...] Essas categorias [de textos] são comumente utilizadas quando a intenção é descrever e compreender o outro, seja ele asiático ou habitante do Novo Mundo (DORÉ, 2002, p. 311).

A curiosidade parecia ser um dos combustíveis que regiam a vida de Sasseti, alimentado pelos escritos de Giovambattista Ramusio, como já citado anteriormente. Enquanto isso, no Brasil, no século XVI, fundavam-se as principais cidades do Brasil Colônia, como Salvador, por Tomé de Sousa – primeiro governador-geral – tendo sido nomeada capital nacional; em 1551 fundava-se Vitória, por Vasco Fernandes Coutinho; em 1554 São Paulo era fundada pelos padres jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega; em 1565 era o ano de fundação da cidade do Rio de Janeiro, por Estácio de Sá, cidade que viria a ser capital nacional; e assim o Brasil ia sendo (re)configurado.

No outro lado do globo, instaurava-se a Inquisição em Goa em 1560, e em Macau – que era citada consideravelmente nas cartas de Sasseti e hoje possui duas línguas oficiais, o chinês e o português – havia sido cedida aos portugueses pelo imperador chinês Chi-Tsung no ano de 1557, mesmo ano em que a Espanha declarou

sua primeira falência (as outras vezes aconteceram em 1560, 1575 e 1596). Nesse meio tempo, ocorreu a União Ibérica (Portugal e Espanha), que se iniciou em 1580 e seguiu até 1640. Tudo isso fazia parte do projeto para o qual Sassetti estava trabalhando: servir aos grupos que detinham o controle econômico e político em Florença, os quais, conseqüentemente, viam como uma forma de poder manter-se ao lado e apoiar as coroas portuguesa e espanhola. Brege, acerca da Península Ibérica, aponta que:

Durante a estada de Sassetti na Península Ibérica, ele se incorporou nas redes comerciais sobrepostas que ligavam os toscanos a outros italianos, portugueses e espanhóis nas redes comerciais globais. Os florentinos em Lisboa continuaram uma tradição comercial que remonta a mais de um século. No entanto, sua presença em 1580 foi especialmente significativa. Enquanto Sassetti trabalhava para a empresa Capponi em Lisboa, as nuvens de guerra estavam diminuindo. Especificamente, após a crise da sucessão dinástica provocada pela morte do rei sem filhos Dom Sebastião I, na derrota desastrosa do exército português na Batalha de Alcácer Quibir, em Marrocos, em 1578, o rei Filipe II da Espanha decidiu reivindicar a Coroa Portuguesa pela força das armas. Em 1580, o exército espanhol invadiu, trazendo Portugal para uma União Ibérica; essa monarquia composta durou até 1640.<sup>42</sup> (2020, p. 209)

Portanto, todos esses fatos históricos tiveram forte influência no trabalho de Sassetti enquanto mercador. Ainda, o século XVI também viu ser publicada a primeira edição de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, tendo passado por Goa e Macau. Oito anos depois o poeta lisboeta viria a morrer. Em 1582 aconteceria na Europa a introdução do calendário gregoriano pelo Papa Gregório XIII, calendário este que seria adotado pelos países católicos em substituição ao calendário juliano. O século XVI foi também o século de Michelangelo Buonarroti, o artista do David, dos afrescos da Capela Sistina e da Pietà (LUCAS-DUBRETON, 2017). Também foi o século dos últimos anos de vida de Leonardo Da Vinci e Rafael Sanzio, artistas nascidos em meados do século XV e que viveram a virada de século, dando grande contribuição ao desenvolvimento das artes e das ciências.

---

<sup>42</sup> "During Sassetti's stay on the Iberian Peninsula, he embedded himself in the overlapping commercial networks that tied Tuscans to other Italians, Portuguese, and Spaniards in global trade networks. The Florentines in Lisbon continued a commercial tradition dating back more than a century. Yet, their presence in 1580 was especially significant. While Sassetti worked for the Capponi firm in Lisbon, war clouds were lowering. Specifically, after the dynastic succession crisis sparked by the death of the childless king Dom Sebastian I in the disastrous defeat of the Portuguese army at the Battle of Alcácer Quibir in Morocco in 1578, King Philip II of Spain decided to vindicate his claim to the Portuguese Crown by force of arms. In 1580, the Spanish army invaded, bringing Portugal into an Iberian Union; this composite monarchy lasted until 1640."

Em se tratando de Igreja Católica, que passava por uma crise em virtude do Humanismo, que colocava o homem como centro das ideias, Sassetti viu passarem oito papas ao longo de sua vida, o que pode retratar um pouco a turbulência por que passava a instituição católica. Foram papas: Paulo III (1534-1549), Júlio III (1550-1555), Marcelo II (1555), Paulo IV (1555-1559), Pio IV (1559-1565), Pio V (1566-1572), Gregório XIII (1572-1585) e, por fim, Sisto V (1585-1590) (LUCAS-DUBRETON, 2017).

Ainda, as cartas de Sassetti trazem fatos relativos à História da Índia, como Doré traz em seu estudo sobre “Os portugueses e o comércio no Índico”:

Sassetti foi capaz de inserir a presença portuguesa no contexto do subcontinente indiano. Em plena década de 1580, enquanto muitos iam buscar na dominação filipina e na transferência dos inimigos de Espanha para o Índico uma suposta decadência do império asiático português, o florentino apresentou três razões - seguramente entre tantas outras componentes - para o declínio de Goa, “cabeça” desse Império. Em primeiro lugar estaria a pretensão de conversão dos gentios. Podemos ler aqui uma referência à ação empreendida pelos jesuítas, e em seguida pelo Tribunal do Santo Ofício de Goa, criado em 1560, proibindo as práticas ligadas ao bramanismo e forçando a conversão ao cristianismo, o que afugentou muitos hindus, principalmente os mercadores mais ricos e os brâmanes. A segunda razão seria a destruição da cidade de Vijayanagar, último reino hindu da Índia, aliado dos portugueses, derrotado pelos sultanatos muçulmanos do Decão em 1565. A conquista dessa cidade estimularia a ação de outros reinos muçulmanos contra os portugueses, sendo os cercos de Goa e Chaul nos anos 1570 alguns dos resultados. E a terceira razão seria, segundo Sassetti, a destruição do rei de Cambaia, com a incorporação, em 1572, do sultanato do Guzerate ao império mongol de Akbar (2002, p. 329).

O trecho ressalta a importância do olhar observador de Sassetti como destaca Tesi (2012), ao designá-lo como um representante da língua das relações diplomáticas e comerciais, pois seu olhar ia além de uma simples descrição situacional, mas fazia uma reflexão sobre o(s) motivo(s) de determinado fato estar acontecendo. Em suma, o mundo vivia um século de muitas mudanças e grandes descobertas nas mais diversas áreas, científicas, marítimas, culturais, políticas, etc. E, em meio a tudo isso, a voz de um florentino fazia-se ouvir partindo do centro europeu, rumo ao Oriente, em meio ao novo, ao estranho a ser revelado por meio de suas cartas, o que será aprofundado daqui em diante, como forma de corroborar com o entendimento das correspondências para o trabalho de tradução comentada.



## 2 PARTIR PARA ESCREVER: REFLEXÕES SOBRE O ESCRITOR-VIAJANTE

O presente capítulo tem como objetivo destacar as vivências e experiências de Sasseti por meio de suas cartas escritas da Espanha, de Portugal e da Índia, material escrito no século XVI e com endereçamento diverso, sempre a partir das concepções de um homem de seu tempo e humanista da época. Além disso, neste capítulo, buscarei trazer elementos relevantes para compreender a temática apresentada pelo mercador autor das cartas aqui traduzidas, como reflexões acerca do que representa o gênero epistolar, destacando o material como fonte de registro histórico bem como as características peculiares do texto sassetiano. Aqui, busquei trazer, também, reflexões acerca do que representa o maravilhoso e o olhar que se tem para com a literatura de viagem e a literatura de informação.

É importante destacar que a busca por informações a respeito do Novo Mundo fez com que muitos viajantes cruzassem o oceano para ir ver e relatar, conhecer o Outro e o que este fazia e vivia, de que se alimentava, como se vestia, onde dormia, como falava, e assim por diante. Costuma-se chamar esse tipo de registro histórico como literatura de informação, pois segundo Bosi, a escrita de cartas poderia estar mais ligada à crônica histórica.

Olivieri e Villa também trabalham com literatura de informação como aquela realizada por diversos viajantes (europeus) que passaram por terras brasileiras, no século XVI, e deixaram registros por escrito acerca de suas observações sobre a terra conhecida. Destacaram os autores que o fizeram ou por obrigação profissional ou por motivos pessoais, constituindo-se seus textos basicamente de “depoimentos e relatos de viagem, com a finalidade de apresentar aos compatriotas um panorama do Novo Mundo. Sob a forma de cartas, diários, tratados ou crônicas, esses textos informativos foram escritos principalmente por portugueses” (OLIVIERI; VILLA, 2012, p. 16).

Tanto Bosi quanto Olivieri e Villa se referem à literatura de informação produzida no Brasil quando ainda colônia de Portugal. No entanto, mesmo fazendo referência à produção literária brasileira, podemos relacionar esses pensamentos ao que Sasseti realizou nos seus escritos acerca de suas viagens e estada em Portugal, Espanha e no Oriente, pois seu conteúdo era, ao menos nas muitas cartas por ele deixadas, relativo a povos estrangeiros, assim como os viajantes que passavam por território brasileiro naquele período.

Sendo assim, podemos relacionar seus manuscritos aos registros concernentes à literatura de informação, pois a escritura dessa forma produzida apresentando o Outro ‘constitui a fonte original que nos permitiu o conhecimento dos fatos históricos’ (OLIVIERI; VILLA, 2012, p. 17).

Ainda consoante Olivieri e Villa (2012), apesar dos relatos sobre o período advirem da literatura de informação, há que se destacar os valores estéticos encontrados em muitos dos escritos, os quais se aproximam de textos literários, fazendo parte de um conjunto a respeito de uma escrita do longínquo. (TINGUELY, 2014).

Não é objetivo aqui aprofundar no tema do que é ou não literário ou até onde um texto deve ser caracterizado como somente pertencente à literatura de informação, até mesmo porque se poderia falar em literatura geográfica em virtude da descrição topográfica encontrada nos escritos. O foco nesta tese é apresentar um mercador-escritor do século XVI, europeu, que saiu de sua terra natal e percorreu milhas de distância até o Oriente, passando pela costa brasileira e, ao passar por povos e culturas que a ele se apresentavam, seu olhar de mercador-observador fazia uso da pena para registrar o que via, vivia e sentia.

No entanto, esse ver, viver e sentir não era algo que pudesse acontecer a todo e qualquer momento. Primeiro, porque o envio das cartas não acompanhava a escrita delas. Como destaca Dei (1995), Sasseti sentia-se muito ocupado com o trabalho e toda a sua imensa curiosidade, sentindo-se, por vezes, abandonado de qualquer tipo de organização civil, o que lhe dificultava a comunicação com o mundo europeu. Reforça a estudiosa que:

O clima, as chuvas e os ventos abrem e fecham, com recurso regular mas distante, toda comunicação com a Europa, forçam os viajantes, as mercadorias e a correspondência a se deslocarem em um período restrito, acrescida a sensação de distância e de separação<sup>43</sup> (1995, p. 10-11).

Destaca-se a partida e a chegada das correspondências uma vez ao ano, fazendo as notícias se acumularem, respostas a perguntas feitas há muito tempo sendo respondidas com grande hiato de tempo, fazendo, talvez, com que os interlocutores se esquecessem do que haviam escrito, ao que reforça Dei (1995, p.

---

<sup>43</sup> “Il clima, le piogge e i venti aprono e chiudono, con ricorso regolare ma distanziato, ogni comunicazione con l’Europa, costringono i viaggiatori, le merci e la corrispondenza a muoversi in un periodo ristretto, accrescendo la sensazione di distanza e di separatezza.”

11): “Esse tempo anômalo marca todas as cartas indianas de Sasseti, bem ciente, mesmo na literatura, da particular labilidade e ao mesmo tempo da inalienável urgência desses contatos.”<sup>44</sup>

Desse modo, é difícil precisar exatamente como e onde Sasseti fazia uso da pena para escrever suas correspondências, pois não há uma marca exata dessa informação nas cartas encontradas. O que se pode afirmar é que, independentemente do local onde ele escrevia - se em alto-mar, se em terra-firme -, ele esperava reunir informações e acontecimentos para, então, comunicar os fatos aos seus correspondentes.

No que diz respeito ao caráter estilístico das cartas sassetianas, podemos analisá-las, assim como muitos textos enquadrados como de literatura de informação, como escritos que também se destacavam pela presença de certo cuidado estético na estrutura dos textos:

As qualidades estilísticas se unem à criatividade e às manifestações de emoção dos autores, modificando o caráter informativo/utilitário dos textos do século XVI e neles revelando valores artísticos e literários. Esses valores são reforçados na medida em que os textos apresentam particularmente o deslumbramento e o entusiasmo do europeu diante da natureza exuberante dos trópicos (OLIVIERI; VILLA, 2012, p. 18).

Não somente o deslumbramento e o entusiasmo com a natureza do Novo Mundo, mas o cuidado com a estrutura do texto apresentado é característica marcante, o que se percebe, a citar, pelas referências externas, como o uso de frases pertencentes a outras obras literárias, como o trecho a seguir extraído da carta LII:

Fiquei aqui três anos por estes lugares estéreis em produção; e se a prática feita tivesse servido para continuarem os negócios, não seriam jogados fora: caso contrário, poderíamos dizer como a pega a Augusto.<sup>45</sup> (SASSETTI, 1855, p. 161)

A partir da nota de rodapé na edição utilizada como texto de partida da tradução, tem-se a explicação de que se trata de uma referência a uma obra de um filólogo romano chamado Ambrósio Teodósio Macróbio (vide notas do item 3.3.4 desta tese). Se a única preocupação de Sasseti fosse coletar informação para repassá-la

---

<sup>44</sup> “Questo tempo anomalo impronta tutto l’epistolario indiano del Sasseti, ben consapevole, anche letterariamente, della particolare labilità e insieme della irrinunciabile urgenza di questi contatti.”

<sup>45</sup> “Sono stato qua tre anni per questi paesi aridissimi di ben fare; e se la pratica fatta avesse auto a servire a continuarci negozi, non erano gettati via: altrimenti potremmo dire come la gazza ad Augusto.”

aos seus destinatários, certamente não haveria cuidado algum – ou muito pouco – em relação à apresentação das cartas, e é justamente o oposto que ocorre ao longo do conjunto de missivas conhecido até agora, como se verifica na carta XLVI, quando Sasseti fala sobre dedicação à escrita. Escreve ele:

E quando eu tratei de fazer o poemão, aquele outro respondeu que teria adorado, mas que não se esperasse. Agora eu creio, em suma, que a sua obra se engrandeceria porque existem argumentos que não concluem e partes que, como disse Parmenião, poderiam se calar. Mas que isso fique dito entre nós, pelas plagas santíssimas, porque eu tenho o mesmo olhar que você teria em mandar-me aquele tratado, como para enterrá-lo.<sup>46</sup> (, 1855, p. 136)

Pelo trecho acima destacado, nota-se a preocupação com o conteúdo e a forma de escrever, preferindo, a depender da qualidade do texto, calar-se, não tornando público determinado tema ou escrito.

Retomando a ideia da natureza exuberante trazida por Olivieiri e Villa (2012), podemos fazer menção ao “realismo maravilhoso” de que Chiampi trata, em particular relacionado ao Novo Mundo: “a estranheza e a complexidade do Novo Mundo o levaram [o conquistador] a invocar o atributo maravilhoso para resolver o dilema da nomeação do que resistia ao código racionalista da cultura europeia [sic]”. (2015, p. 50)

Esse dilema pode ser entendido como uma lacuna semântica existente no discurso do europeu frente ao Novo que surgia e será exemplificado no item 4.4 dos comentários da tradução. Sasseti, enquanto cronista do Novo Mundo, traz em seus escritos o conceito de “maravilha”, termo usado por Chiampi (2015) para se referir ao Novo Mundo enquanto América, mas que pode também ser aplicado para o Oriente, visto ser o século XVI o período marcado pelas explorações marítimas, descobertas de rotas, etc, e onde Portugal, por exemplo, estendia seus domínios, a exemplo de outras nações europeias.

Os cronistas do Novo Mundo teceram um tipo de escrita conhecida por narrativa de viagem, que pode ser vista como um escrito no qual o sujeito faz interrogações a si mesmo sobre os diferentes modos que lhe possibilitaram fazer

---

<sup>46</sup> “E quando io trattai di fare il poemone, quell’ altro rispose che l’arebbe auto caro, ma che non se lo aspettava. Ora io credo in somma, che l’opera vostra si aggrandirebbe, perchè vi sono degli argomenti che non conchiuggono, e delle parti che, come disse Parmenone, si potevano tacere. Ma questo sia detto tra noi per le piaghe santissime, perchè io ho la medesima mira che vi aveste voi in mandarmi quel trattato, come per seppellirlo.”

considerações acerca dos lugares aonde seus passos lhe conduziram, *encontrando-se* em determinada circunstância. Esse encontro pode ser consigo mesmo ou com outros sujeitos pertencentes aos diversos lugares onde os escritores-viajantes tomam como função atualizar uma parte de si próprios ainda ignorada ou não percebida (COGEZ, 2014). Cogez ainda afirma que não existe, entre autor e viajante, uma predominância de um sobre o outro, mas que é a escritura que faz a viagem, daí os componentes dessa relação se tornarem simbióticos: um vive do outro.

Ao falar da experiência em viajar e relatar, Plon destaca que “não se viaja para se enfeitar com exotismo e anedotas como uma árvore de Natal, mas para que o caminho lhe depene, lhe enxágue, lhe torça<sup>47</sup>” (1992 apud COGEZ, 2014, p. 34). Esse pensamento é relacionado aos imprevistos da viagem e ao sujeito observador que, com o passar dos dias, vê-se misturado ao ambiente do Outro, impregnado daquilo que vive e vê ao longo de seu trajeto.

Na sua obra *Le voyageur aux mille tours: les ruses de l'écriture du monde à la Renaissance*, o professor de literatura odepórica Frédéric Tinguely reserva espaço para tratar a respeito do viajante-escritor “tornar-se Outro”. Diz ele: “nesta fase da investigação, poder-se-ia supor que o viajante, como um camaleão migratório improvável, adapta seu comportamento externo ao ambiente sem deixar se impregnar da diversidade dos costumes que observa<sup>48</sup>” (2014, p. 188), pois, em seu interior, segundo o estudioso, o viajante permaneceria inalterado, sendo esse misturar-se ao Outro um simples fenômeno de superfície.

Mesmo que seja um fenômeno de superfície, como afirma Tinguely (2014), o escritor-viajante deixa-se envolver pelo Outro, mesmo que em detalhes, como é o caso do uso de idiomas diferentes, algo que Sasseti faz muito em suas missivas (como será visto no item 4.2.1). Nas cartas traduzidas nesta tese o mercador faz uso, em especial, dos idiomas espanhol, português e latim, como nas expressões *en lo demás* e *inter æquales*, encontradas na carta XLVI, além de na mesma missiva termos o seguinte trecho: “*boto á Deos que el mas flaquo portuguez presta para doze castellanos; si, boto á Deos. Agora ficam eles nessas fanfarronices: y los SS<sup>res</sup> Castellanos apañerão á Portugal; así dizen, y será muito çedo muito çedo*”, que traz

---

<sup>47</sup> “On ne voyage pas pour se garnir d'exotisme et d'anecdotes comme un sapin de Noël, mais pour que la route vous plume, vous rince, vous essore.”

<sup>48</sup> “À ce stade de l'enquête, on pourrait supposer que le voyageur, tel un improbable caméléon migrateur, adapte son comportement extérieur au milieu ambiant sans pour autant se laisser imprégner par la diversité des mœurs qu'il observe.”

uma mistura de castelhano com português, pois mesmo com grafia incorreta, o mercador se utiliza dos conhecimentos linguísticos de que possui para arriscar-se a escrever nos idiomas que não o toscano, sua língua materna, funcionando, essa característica na escrita, como uma espécie de integração simbólica do sujeito ao Outro, pois, como afirma Tinguely, “trata-se, em suma, de se abrir à alteridade sem, portanto, dissolver-se nela por um processo de alienação incontrolada<sup>49</sup>” (2014, p. 193).

Feitas essas considerações primeiras sobre o escritor-viajante, irei me dedicar, na próxima seção, ao estudo da carta, fazendo um estudo sobre esse gênero ao longo dos tempos, o que me servirá para buscar elementos que possam contribuir para o projeto tradutório aqui proposto do ponto de vista da estrutura do texto.

## 2.1 SOBRE O GÊNERO CARTA

*“O que mais poderia levar à vida um mundo e o papel de um indivíduo em seu interior de modo tão direto, claro e irresistível? Somente as cartas.”*  
(GARFIELD, 2016, p. 15)

“Ler – e ainda mais ler livros de viagem – significa continuar a partir”<sup>50</sup> (DEI, 2008). Com esse pensamento expresso no artigo “Viaggi e letteratura tra resoconto e invenzione” começo a refletir um pouco mais sobre a representatividade das cartas ao longo da história e o papel que elas possuem e possuíram para que se conhecessem um pouco mais as sociedades em geral. O registro de carta mais antigo de que se tem notícia é uma missiva dentro da *Iliada* de Homero, em seu sexto livro, que, mesmo estando inserida em uma escrita fictícia, poderia ser considerada pertencente ao gênero *carta* pela estrutura que apresenta (GARFIELD, 2016).

Ao se tratar de cartas, há que se considerar que existem as cartas escritas a um destinatário específico, bem como há aquelas cujo destino pode ser incerto, compostas como uma espécie de desabafo, uma reflexão íntima. Sendo assim, “o envio não poderia incluir-se entre os critérios normativos que diferenciam a carta de

---

<sup>49</sup> “Il s’agit en somme de s’ouvrir à l’altérité sans pour autant se dissoudre en elle par un processus d’aliénation incontrôlé.”

<sup>50</sup> “Leggere – e ancor più leggere libri di viaggio – significa continuare a partire”.

outro tipo de texto” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 11). Deste modo, como distinguir uma carta? Ou melhor, o que caracteriza um texto como sendo carta?

Conforme Constable (1976 apud HAROCHE-BOUZINAC, 2016), a indicação de um destinatário e a existência de uma assinatura são itens suficientes para se classificar um texto como carta visto que somente ter a intenção de enviar é o bastante para tal classificação, independentemente se a carta é enviada ou não.

O gênero epistolar é alvo ainda de muitos olhares duvidosos dentro da crítica literária. Contudo, aqui considero o valor histórico enquanto narrativa de um olhar num determinado período do tempo, caso das cartas de Filippo Sassetti as quais trazem um caráter antropológico, linguístico, observador em seu tempo de um homem que procurou analisar para escrever aos seus em Florença. Diaz, na obra *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*, afirma que “as cartas são textos híbridos e rebeldes a quaisquer identificações genéricas” (2016, p. 11), fazendo parte de um “gênero literário indefinível, flutuam entre categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhos. De tal forma que não se sabe muito bem que lugar lhes é atribuído na geografia ordenada da literatura” (2016, p. 11).

Já Haroche-Bouzinac declara que “o leitor de correspondências não se beneficia com o alibi do estetismo, já que a carta, por princípio, não visa a produzir nenhuma forma de catarse”. (2016, p. 13) Deste modo, pode-se questionar acerca do motivo de se ler cartas. Diaz afirma que ter interesse pelas correspondências é, de certa forma, correr riscos e coloca que elas “podem ainda ser deliciosas para o leitor de hoje, mas com um gosto diferente, menos apimentado de indiscrição”. (2016, p. 12) A teórica cita a palavra “indiscrição” pois as cartas já foram meio de guardar intimidades de muitos epistológrafos ao longo dos tempos, carregando consigo segredos que deveriam ser revelados somente ao destinatário da missiva enviada.

Pensando na leitura epistolar, mais uma vez a contribuição de Haroche-Bouzinac (2016) é importante, pois a pesquisadora elenca três modos de leitura, sendo eles:

- **leitura de inclusão:** estilo de carta escrita a um destinatário no curto prazo, mas com possibilidade de publicação, apresentada a mais leitores, no longo prazo;

- **leitura realizada num espaço exterior:** quando a carta é recebida após o tempo em que fora escrita;

- **leitura de natureza meditativa ou “moralista”**: também quando uma carta é lida tomando aquela escrita como testemunho de um tempo ou de determinado fato a fim de acumular um saber antropológico, fazendo o leitor refletir sobre as atitudes de vida.

As cartas escritas por Sasseti podem se enquadrar na leitura realizada num espaço exterior – já que foram escritas séculos atrás –, além de uma leitura de natureza meditativa, visto que serve como testemunho de um período da sociedade.

No que diz respeito à estrutura da carta, ela sofreu mudanças ao longo dos séculos. Isso se deu, principalmente, pela dúvida sobre como se dirigir a determinadas autoridades e ou sobre determinados temas: padronizar era preciso a fim de evitar problemas. Tem-se o registro de um manual datado de 1215, escrito por Boncompagno da Signa, professor de retórica da Universidade de Bolonha. Tal manual ficou conhecido como *Boncompagnus* (ou *Boncompagnonus*), com seis volumes, manual este que continha diversos gêneros de escrita, desde sobre como escrever uma carta solicitando um financiamento, convencer alguém para uma peregrinação, até como compilar um documento para resolver uma contenda matrimonial, entre outros assuntos (GARFIELD, 2016).

A partir do manual de Boncompagno, Garfield afirma que se testemunhou

o emergir de uma nova burguesia e o influxo das universidades: os ateneus davam voz a novos grupos nas cidades e nos vilarejos os quais antes não eram contemplados no mundo feudal e eclesiástico, em particular as profissões jurídicas. Logo, também os mercadores teriam sentido a exigência de um guia específico para a redação das cartas<sup>51</sup> (2016, p. 93).

Portanto, vê-se que, apesar de certa flexibilidade, o gênero epistolar veio seguindo certo formato ao longo dos anos, adaptando-se às necessidades e fins aos quais se escrevia. Garfield (2016) apresenta Demétrio como antecessor de Boncompagno na redação de um manual sobre como redigir cartas. Segundo o pesquisador inglês, Demétrio, de quem se tem pouca informação, teria escrito em latim um certo guia redacional entre o século IV a.C. e o século IV d.C., havendo dúvida sobre a identidade exata de Demétrio: se Demétrio Falereo ou Demétrio de Tarso.

---

<sup>51</sup> “l’emergere di una nuova borghesia e l’influsso delle università: gli atenei davano voce a nuovi gruppi sociali nelle città e nei villaggi che in precedenza non erano contemplati nel mondo feudale ed ecclesiastico, in particolare le professioni legali. Presto anche i mercanti avrebbero sentito l’esigenza di una guida specifica per la redazione delle lettere.”



Ao longo do século XIII, Itália e França se destacavam no gênero epistolar, especialmente no que diz respeito aos manuais do bem redigir. Datado de 1075, tem-se, em Bolonha, o registro de um pequeno manual baseado num guia de um monge beneditino chamado Alberto di Monte Cassino, sendo um dos primeiros a fornecer “regras” sobre a redação de cartas. Tal manual dizia que em uma carta deveria constar a *salutatio* (a abertura, a saudação), seguida da *captatio benevolentiae*, ou seja, uma maneira de adular o destinatário, como, por exemplo, nas cartas de Sasseti “Molto magnifico et eccellente Signor mio”, presente na carta, por exemplo, endereçada a Baccio Valori em 26 de janeiro de 1578. Após essa parte, a *narrativo* (narrativa dos fatos que se queria falar, últimos acontecimentos), a *petitio* (o motivo de escrever a carta) e a *conclusio*, ou encerramento (GARFIELD, 2016).

Haroche-Bouzinac também apresenta as mesmas características para a estrutura da carta, acrescentando que no Classicismo “houve uma tendência a simplificar as cinco partes em três etapas”, as quais seriam: “tomar contato com o destinatário, apresentar e desenvolver o objeto da mensagem, despedir-se” (2016, p. 33). Tais partes também são denominadas exórdio, narração e conclusão, respectivamente.

Assunto que fará parte dos comentários da tradução (item 4.1.2) é a abertura e encerramento das cartas, pois como bem destaca Haroche-Bouzinac:

Iniciar o assunto e despedir-se permitem aos correspondentes o virtuosismo. É aí que se reconhece um epistológrafo hábil: ele sabe como fazer para nunca repetir uma mesma expressão no exórdio e variar ao infinito as fórmulas de adeus. Essas partes das cartas são as mais sujeitas às variações das modas. (2016, p. 34)

Nem tanto na abertura das cartas, mas no seu encerramento, Sasseti tentava variar o modo como se despedia de seu destinatário, às vezes fazendo alguma citação, trazendo alguma referência literária, ou encerrando de modo prático agradecendo ao interlocutor e sempre colocando a figura de Deus ao final, como se nota no trecho da carta LXIII:

Nosso Senhor lhe guarde. De Lisboa, a 6 de março de 1582.

De Vossa Senhoria  
Cordialíssimo Servidor.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Nostro Signore vi guardi. Di Lisbona, a' 6 di marzo 1582. / Di V. S. aff.<sup>mo</sup> serv.<sup>re</sup>

(1855, p. 140)

Desse modo, observar a forma como se tratava a abertura e o encerramento das correspondências faz-se importante para o trabalho de tradução empreendido, como se verá, repito, no capítulo referente aos seus comentários.

Assim, no fim do *Quattrocento* e início do *Cinquecento* a arte da carta ia se desenvolvendo, com a publicação e popularização de regras de bem escrever, surgindo, em meados do século XVI, os “secretários”, isto é, regras de escrita baseadas na obra de Francesco Sansovino, homem de letras e humanista italiano do período que escreveu *Del Secretario* ou *Sobre o Secretário*, de M. Francesco Sansovino – *Livro VII*, ensinando o modo de escrever cartas adequadamente, como mostra uma das primeiras páginas do livro publicado, com data de 1608, certamente uma das reimpressões:

Figura 10 - Livro de Sansovino que inspirou o termo 'secretário' no auge da epistolografia



Fonte: SANSOVINO, 1608

A epistolografia, na época, era uma atividade tão em alta que acabou por se desenvolver a profissão de “secretário”, termo que designava “essas pequenas obras com finalidade primeiramente prática e depois, talvez tardiamente, mais

recreativa, concebidas como auxílio para a redação de cartas para quem não dispusesse dos serviços de uma pessoa formada para essa função” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 77). Percebe-se, então, por tal prática, o volume de cartas produzido no período, já que a idade de ouro de tais “Secretários” se estendeu até meados do século XVII.

No manual de Sansovino, aparece uma lista de ações que deveriam ser seguidas para compor uma carta bem redigida. Não se sabe ao certo se Sassetti teve contato com tal material, mas o que se pode afirmar é que a estrutura das cartas do mercador seguia de certa forma o padrão que Sansovino e seus seguidores ditavam.<sup>53</sup> (BLOCKER, 2010)

Ainda seguindo com a análise que Blocker faz a respeito das missivas sassettianas, a pesquisadora afirma que:

claramente preocupado em respeitar a estrutura convencional das partes de uma carta, Sassetti não parece menos atento em variar o estilo de suas epístolas segundo o correspondente, o assunto e a ocasião (ou ação visada), como a maioria dos tratados sobre a arte epistolar o recomendam a seus leitores. A correspondência italiana de Sassetti dá, assim, exemplos de uma variedade de subgêneros epistolares que, sem corresponder exatamente à combinatória complexa de um Sansovino, parecem, contudo, obedecer a uma lógica muito similar<sup>54</sup> (2010, p. 53).

Portanto, eis aqui mais uma das razões pelas quais defendo que estudar e traduzir a escrita de Filippo Sassetti se faz importante, seja para tomar conhecimento a respeito da temática e dos sujeitos que aparecem nos conteúdos, seja para se conhecer um pouco melhor a estrutura epistolar que se apresentava à época e qual(is) a(s) influência(s) determinado escrito teve para a sociedade. Mostrarei mais detalhes a respeito das partes da carta no capítulo dos comentários sobre a tradução, fazendo a análise da estrutura utilizada por Sassetti em suas correspondências.

---

<sup>53</sup> Aliás, quando se fala em “ditar regras” podemos também fazer referência à *Ars Dictaminis*, ou seja, a ação de ditar a um secretário, atendendo à necessidade das administrações no período medieval. Além do mais, podemos trazer também as *Formulae*, que eram cartas-modelos voltadas à redação de correspondências diplomáticas e burocráticas, as quais existiam desde os períodos merovíngio e carolíngio. Também podemos relacionar o termo *dictamen* ao ato de ditador, daí a palavra “ditador”, aquele que dita as regras. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016)

<sup>54</sup> "Clairement soucieux de respecter l'agencement conventionnel des parties d'une lettre, Sassetti ne semble pas moins attentif à varier le style de ses épîtres selon le correspondant, la matière, et l'occasion (ou l'action envisagée), comme la plupart des traités sur l'art épistolaire le recommandaient à leurs lecteurs. La correspondance italienne de Sassetti donne ainsi des exemples d'une variété de sous-genres épistolaires qui, sans correspondre exactement à la combinatoire complexe d'un Sansovino, paraissent cependant obéir à une logique très similaire."

## 2.2 EPISTOLOGRAFIA DE SASSETTI COMO LITERATURA DE VIAGEM

*“As suas cartas se tornam guias de viagem, itinerários e mapas mentais, nada mais que uma primeira forma de antropologia”<sup>55</sup>*  
(GARFIELD, 2016, p. 83)

Analisar as cartas de Filippo Sassetti não é tarefa fácil. O ponto principal de discussão pairaria sobre a questão de se tratarem as cartas de relatos de viagem ou de literatura de viagem. Daí, uma questão um tanto quanto difícil de ser resolvida e ou respondida com um simples olhar para os escritos do florentino. Ribeiro declara que:

O relato de viagem na historiografia literária brasileira aponta para duas questões: a primeira é que ele pode ser considerado a origem, o ponto de partida da formação de uma literatura brasileira; a segunda, e paradoxalmente, é que ele é analisado somente como uma fase inicial necessária mais como *informação*, desaparecendo no decorrer do estudo de tais historiografias, revelando, por parte dos pesquisadores, a inclusão de tal literatura na lista dos “gêneros menores”. (2007 apud SCHEMES, 2013, p. 67)

Exatamente nesse ponto a respeito da literatura de informação é que pode existir confusão. Dentro da historiografia da literatura no Brasil, o século XVI foi marcado por relatos de viagem de viajantes e religiosos que por aqui passavam e relatavam o que viam, segundo as impressões pessoais tidas. Isso era tratado como literatura de informação, visto que o objetivo central era o de informar um possível leitor sobre determinado local, nesses casos, o Brasil (BOSI, 2006).

A fortuna crítica que se tem disponível hoje sobre as cartas de Sassetti parece não deixar dúvidas de que seus escritos se assemelhavam a textos bem estruturados, pensados, bem redigidos, parecendo relatos acerca dos lugares por onde passava. Portanto, não se pretende afirmar que as missivas sassettianas devem ser consideradas uma forma genuína de literatura. O que aqui quero apresentar é o valor histórico de tais escritos, com possível consequência de valorização dentro de uma literatura de viagem em virtude da linguagem, por vezes trabalhada do autor, empregada nos seus textos, conferindo a tais produções epistolares características literárias. Corroborar com essa reflexão Schemes, afirmando que:

---

<sup>55</sup> “Le sue lettere diventano guide di viaggio, itinerari e mappe mentali, nonché una prima forma di antropologia”.

(...) é um problema definir o relato de viagem como objeto porque este é um “gênero composto por outros gêneros literários”. Borm sustenta que trata-se [sic] de uma espécie de gênero híbrido, já que se nutre de outros tipos de discursos. O crítico cita, entre os gêneros comumente encontrados nos relatos de viagem, a ficção (romances, novelas, contos, poemas etc.), a autobiografia (ou escrita de si), os discursos científicos, textos memorialísticos etc. (2013, p. 69)

Pelo caráter híbrido, acaba sendo difícil enquadrar a composição epistolar em um único gênero: numa escala diacrônica da historiografia literária, uma carta pode conter trechos diversos de outros textos, assim como partes de um poema, reflexões filosóficas, trechos de um romance, etc. O próprio Sasseti se apropria de pensadores outros, principalmente por sua formação humanista, e inclui em seus escritos, tal como na carta endereçada a Baccio Valori, em 10 de outubro de 1578, partindo o documento de Lisboa:

Cercar m’hai fato diversi paesi  
[...]  
Dure genti e costumi,  
[...]  
(SASSETTI, 1855, p. 120)

Os versos citados acima referem-se ao soneto XXIV de Francesco Petrarca e comumente encontrado na prosa de Sasseti. Na mesma carta, o mercador faz referência ao *Paraíso*, de Dante Alighieri, também este poeta e prosador humanista do *Trecento*, ao escrever “[...] e quelle genti fecero loro cantarei il Vespro Ciciliano<sup>56</sup>” (SASSETTI, 1855, p. 124), que traduzo como “[...] e aquelas pessoas os fizeram cantar as Vésperas Sicilianas”.

Para Brege, as cartas de Sasseti tinham caráter literário e científico, performático e prático, público e privado, sendo dirigidas a diversos tipos de público, como descreve:

Isso é adequado às circunstâncias de sua [das cartas] transmissão e recepção. Para fazer a viagem, cartas e itens que as acompanhavam foram encaminhados várias vezes antes de chegar à Toscana. A transmissão das cartas a Francesco I, por exemplo, contou com a rede diplomática oficial. Isso tornou possível acompanhar as ondas de recebimento e retransmissão à medida que a correspondência de Sasseti se movia. Uma carta de 1584 do embaixador na Espanha Bongianni Gianfigliuzzi deu notícias da chegada de Filippo Sasseti à Índia. Gianfigliuzzi relatou que recebeu um pacote de cartas

<sup>56</sup> Frase que, segundo Marcucci (apud SASSETTI, 1855, p. 124), seria uma referência a matar alguém, “fazer estrago”. *Vespro Ciciliano* poderia ser traduzido como “Vésperas Sicilianas”, expressão que se refere às rebeliões ocorridas em 1282 às vésperas da Segunda-Feira após a Páscoa, iniciando uma série de batalhas pelo controle da Sicília (AMARI, 1843). Com a nota que o editor Marcucci traz, é possível inferir a ameaça de morte contida no trecho.

de Sassetti para Francesco I. Da mesma forma, em 28 de julho de 1584, Giulio Battaglini, em Madri, escreveu a Pietro di Francesco Usimbardi, em Roma, mencionando, entre outros assuntos, a chegada das cartas de Sassetti em Lisboa. Quando o pacote de Sassetti chegava, Francesco I respondia a Gianfigliuzzi, reconhecendo que ele havia recebido coisas de Sassetti. Primeiros praticantes da burocracia centralizada, o governo grão-ducal arquivava cuidadosamente a correspondência de seus agentes.<sup>57</sup> (2020, p. 210)

As próprias correspondências faziam grande percurso até alcançarem o destinatário final. Morais Cunha, quanto ao relato de viagem em si, afirma que

Para abordar teoricamente a literatura de viagens, convém ter em conta que se trata de um gênero de fronteira que se foi consolidando em torno de textos provenientes de matrizes e de contextos históricos diversos. Afirma-se, na Europa, entre os séculos XV e XVI, em consequência das viagens marítimas ao novo mundo, e assume a forma de cartas, diários, registros de bordo, relatos de naufrágio, textos de natureza plural que a viagem foram buscar formas, motivos e temas. (2012, p. 155)

Sendo assim, acredita-se que os escritos de Sassetti enquadram-se como literatura de viagem exatamente por trazerem as características levantadas no trecho citado, preenchendo os requisitos para se enquadrar nesse gênero. Contudo, “a determinação dos critérios para definir o gênero tem de ponderar quais os textos que, para além de uma dimensão pragmática, possuem valor estético e poderão constituir-se como candidatos a obras literárias” (MORAIS CUNHA, 2012, p. 158).

Considerar um texto como literatura de viagem pelo simples fato de apresentar o relato do deslocamento de um lugar a outro seria demasiado empobrecedor para a literatura, diminuindo o texto. Existem diversas obras que podem ser enquadradas como literatura de viagem sem ao menos o escritor ter saído de casa, daí o valor estético da obra. O movimento que supõe a literatura de viagem não é somente aquele de sair de um lugar a ir a outro, mas o de fazer o leitor percorrer outros locais (MORAIS CUNHA, 2012). Como declara Besson, “todo diário de viagem,

---

<sup>57</sup> “This befits the circumstances of their transmission and reception. To make the journey, letters and accompanying items were forwarded repeatedly before reaching Tuscany. The transmission of the letters to Francesco I, for instance, relied on the official diplomatic network. This has made it possible to follow the ripples of receipt and retransmission as Sassetti’s correspondence moved. A 1584 letter from Ambassador to Spain Bongianni Gianfigliuzzi gave news of Filippo Sassetti’s arrival in India. Gianfigliuzzi reported that he had received a packet of letters for Francesco I from Sassetti. Likewise, on 28 July 1584 Giulio Battaglini in Madrid wrote to Pietro di Francesco Usimbardi in Rome mentioning, among other matters, the arrival of Sassetti’s letters in Lisbon. Once Sassetti’s packet arrived, Francesco I responded to Gianfigliuzzi, acknowledging that he had received things from Sassetti. Early practitioners of centralized bureaucracy, the Grand Ducal government carefully filed away their agents’ correspondence.”

mostrando-nos um mundo diferente, desperta nossa consciência do outro e de mundo e nos guia em nossa 'casa do mundo'"<sup>58</sup>. (2017, p. 1)

Deste modo, mais uma vez reitero que, a partir do diálogo realizado com os autores aqui expostos, existe grande dificuldade para enquadrar a literatura de viagem dentro de um padrão literário. A diversidade de tipologias textuais encontradas desse gênero dificulta tal ação, como aponta Richard:

A dificuldade de estudo desse tipo de obra se deve à sua extrema variedade. É um gênero multiforme, pois engloba desde guias de destinos aos viajantes e, acima de tudo, aos peregrinos, aos caminhantes também, passando pelas cartas e relações dos embaixadores e missionários, os relatos de expedições distantes, aqueles dos aventureiros até as obras de caráter nitidamente geográfico. O seu objeto não é idêntico, os leitores não são os mesmos. As características da redação variam em função de seus imperativos. [...] É, então, a variedade dos textos suscetíveis de retornar nessa literatura que causa a dificuldade de uma tipologia<sup>59</sup>. (1981 apud MORAIS CUNHA, 2012, 159-60):

Como já citado, o próprio Filippo Sassetti fazia uso de diversos outros textos dentro de suas cartas, além de escrever ensaios que iam anexados às correspondências enviadas à Florença. Assim, a ideia de enquadrar o autor dentro de uma classificação literária é tarefa talvez desnecessária. Aqui, as missivas sassettianas são pensadas como literatura de viagem, com textos híbridos dentro do gênero epistolar.

Característica comum entre os cronistas de viagem eram os detalhes descritivos em relação a animais ou espécies vegetais que colocavam em seus registros. Em diversos momentos de suas cartas, Sassetti se dedicava a descrever em minúcias alguma espécie animal ou vegetal, tal como nos mostra parte da carta LXIII ao falar do tubarão.

[...] tubarões grandíssimos e ferozes. Esses são de uma mesma espécie do cação, ou muito semelhantes. Os machos têm o membro genital externo na barriga com os grãos, e as fêmeas são vivíparas. Eles têm sete e oito fileiras de dentes no palato e na mandíbula inferior, feitos como lancetas muito afiadas e cortantes capazes de cortar ferro. São cobertos com couro, e não

<sup>58</sup> "Tout récit de voyage, en nous montrant un monde autre, éveille notre conscience de l'autre et du monde et nous guide dans notre 'maison du monde'."

<sup>59</sup> "La difficulté de l'étude de ce type d'ouvrages tient a son extrême variété. C'est un genre multiforme, puisqu'il va des guides destines aux voyageurs et surtout aux pélerins, aux marchands aussi, en passant par les lettres et relations des ambassadeurs et des missionnaires, les récits d'expéditions lointaines, ceux des aventuriers, jusqu'à des œuvres de caractère nettement géographique. L'objet n'en est pas identique, les lecteurs ne sont pas les mêmes. Les caractéristiques de la rédaction varient en fonction de ces impératifs. [...] C'est donc la variété des textes susceptibles de rentrer dans cette littérature qui fait la difficulté d'une typologie."



com escamas; e quando eles fazem força e ficam irritados, é a pele deles que fica tão dura que nada pode cortá-la. São carnívoros e muito vorazes; e os navegantes desses mares contam terem abocanhado e engolido um homem, que havia caído no mar, em duas bocadas. A gula deles facilmente os leva a encontrar coisas ruins, porque assim que um anzol está no mar com um pedaço de carne ou peixe, essas feras correm para ele e nele são apanhadas; e se, por acaso, eles escapam, num piscar de olhos são apanhados de novo, e arrastados para bordo do navio, com a sua morte e angústia dão satisfação à multidão ociosa. Aparecem a bordo do navio logo que fica sem vento na Guiné, e sempre são encontrados quando o vento acalma. Mas, estando o navio com a vela em vento fresco, não são vistos.<sup>60</sup> (1855, p. 205-6)

Percebe-se a quantidade de detalhes que se dá à descrição da espécie animal. Isso ocorre porque o viajante-escritor tem a função de descrever a quem ali não está aquela situação ou ser de modo com que o destinatário do relato venha a criar em seu imaginário, com base naquilo que conhece. Como explana Tinguely:

No fundo, o esquema inicial é sempre o mesmo: uma fera está ali, na sua estranheza, diante de um viajante que tenta observá-la e descrevê-la para futuros leitores. Quando o animal difere suficientemente das espécies conhecidas para não ser globalmente assimilado a uma delas, o olhar e o discurso zoológico são obrigados a apreendê-lo pela astúcia, a multiplicar os ângulos de aproximação se ouvem conseguir integrá-lo no círculo de conhecimento. É bem conhecido o gesto que consiste então em dividir a nova realidade em subunidades susceptíveis de serem mais facilmente neutralizadas por meio de comparativos familiares<sup>61</sup>. (2014, p. 97)

Com base no mundo conhecido pelo interlocutor, o cronista toma a pena para relatar aquilo que consegue ver por onde quer que passe. Daí, a descrição bastante detalhada a fim de que o destinatário possa aproximar seu pensamento o

---

<sup>60</sup> "tuberoni grandissimi e feroci. Questi sono una medesima spezie con i pesci cani, o molto simili. Li maschi hanno fuori il membro genitale nella pancia con i granelli, e le femine sono vivipare. Hanno sette e otto ordini di denti nel palato e nella mascella di sotto, fatti come ferri di lancette acutissimi e taglienti da mozzare con essi il ferro. Sono coperti di cuoio, e non di scaglie; e quando e' fanno forza, e che si irritano, è quella loro pelle dura in modo, che nulla può tagliarla. Sono carnivori e voracissimi; e ne raccontano i naviganti di questi mari di avere abboconato e inghiottito uno uomo in due bocconi, che era caduto al mare. L'ingordía loro gli fa con grandissima facilità capitare male, perchè non si tosto è un amo in mare con un pezzo di carne o di pesce, che queste bestiacce vi corrono e vi rimangono prese; e se per sorte egli scappano, in un girare d'occhio vi si ripigliano, e tirati in nave, con la morte e strazio loro danno soddisfazione all'oziosa turba. Appariscono al bordo della nave tosto che in Guinea si rimane senza vento, e sempre se ne trovano quando il vento calma. Ma, stando la nave alla vela con vento fresco, non si riveggono."

<sup>61</sup> "Pour l'essentiel, le schéma initial est en effet toujours le même : une bête est là, dans son étrangeté, face à un voyageur qui s'efforce de l'observer et de la décrire à l'intention de futurs lecteurs. Lorsque l'animal diffère suffisamment des espèces connues pour ne pas être globalement assimilé à l'une d'entre elles, le regard et le discours zoologiques sont contraints de l'appréhender en rusant, de multiplier les angles d'approche s'ils entendent parvenir à l'intégrer au sein du cercle de la connaissance. Le geste est bien connu, qui consiste alors à diviser la réalité nouvelle en sous-unités susceptibles d'être plus facilement neutralisées au moyen de comparants familiers."

máximo possível da realidade do Novo Mundo, realidade, até então, conhecida e vista pelos olhos de quem partiu.

Outro ponto interessante a ser destacado no que concerne à epistolografia do período das navegações é a narrativa heroica, com características épicas. Do grego *épos* (palavra, narrativa, poema) e do latim *epicus* (heroico), a poesia épica representa uma das mais remotas manifestações estéticas (MOISÉS, 2004).

Atravessar o oceano é visto, em alguns momentos, como ato de bravura, de coragem, devido aos iminentes perigos: tempestades, ventos, animais e outros, como destaca o excerto a seguir:

O navio que atravessa o oceano é antes de tudo palco da miséria humana. Presa de todos os perigos, o homem que se aventura nas ondas toma consciência da sua verdadeira condição, compreende melhor do que nunca até que ponto o seu destino depende da vontade divina. A lição de humildade não é nenhuma novidade: através das famosas cenas de tempestade, ela está presente tanto nas Escrituras quanto na epopeia antiga ou mesmo, no Renascimento, em uma rede de textos imbuídos de evangelismo, incluindo o *Naufragium* de Erasmo, o *Quarto Livro* de Rabelais e a *Cosmografia do Levante* de Thevet.<sup>62</sup> (TINGUELY, 2014, p. 144)

Nas cartas de Sasseti, esse ato de bravura e cena epopeica vivenciada pela tripulação se passa na oportunidade em que o piloto da embarcação erra, segundo o mercador, e vão dar na costa do Brasil, como ele destaca nas cartas LXIII, LXVI, LXIX, LXXXI, LXXXIV e LXXXV. Vejamos alguns trechos descritos por ele:

O nosso piloto, que no ano passado foi parar no Brasil por aquelas terras baixas, assustado dessa vez, antes de começar a cruzar a linha, aproximou-se tanto da costa da Guiné que, quando os ventos acalmaram, contornamos a pobreza de 46 dias; e perdendo aqui esse tempo e essa ocasião, encontramos todas as estações e os ventos mudados de tal forma que, além de corrermos como perdidos perdidíssimos, quando fomos passar pelo Cabo da Boa Esperança, encontramos, então, ventos contrários, os quais, em dito lugar, e pela ilha de São Lourenço, permanecemos mais outros 45 dias; e tendo já decorrido tantas outras com o tempo, tivemos forças para sair da dita ilha sem tomar terra alguma: coisa muito trabalhosa.<sup>63</sup> (1855, p. 246)

<sup>62</sup> "Le navire qui traverse l'océan est d'abord le théâtre de la misère humaine. En proie à tous les dangers, l'homme qui s'aventure sur les flots prend conscience de sa véritable condition, il comprend mieux que jamais à quel point son sort est tributaire de la volonté divine. La leçon d'humilité n'a bien sûr rien de nouveau : à travers les fameuses scènes de tempête, elle est présente aussi bien dans les Écritures que dans l'épopée antique ou encore, à la Renaissance, dans un réseau de textes imprégnés d'évangélisme, parmi lesquels le *Naufragium* d'Érasme, le *Quart Livre* de Rabelais et la *Cosmographie de Levant* de Thevet."

<sup>63</sup> "Il nostro piloto, che l'anno passato fu a dare nel Verzino sopra que' bassi, impaurito a questa volta, innanzi che si mettesse a traversare la linea, si messe tanto sotto la costa di Guinea, che, calmandosi i

na costa do Brasil (em que mal hora!).<sup>64</sup> (1855, p. 310)

[...] se se vai dar, como como nós fomos, em certas secas que estão na costa do Brasil em 17 graus e meio pelo lado Sul; de onde, querendo partir e seguir pelo caminho da Índia, seria preciso virar a proa para o vento siroco, onde realmente sopra o vento: e porque ele continua a soprar aqui uns 4 e 6 meses, o melhor conselho é voltar, como fizemos nós, do que esperar a outra temporada, porque senão seriam consumidas as provisões, e morreria naquela intempérie de ar toda aquela gente.<sup>65</sup> (SASSETTI, 1855, p. 198)

Na maioria das cartas Sasseti mostra-se triste pela situação passada bem como pelo tempo perdido, segundo ele, em virtude um erro de navegação e pela costa, à altura do Brasil, ser muito perigosa para se navegar. Assim, ao passar por situação tão perigosa e, após, conseguirem se salvar, demonstra coragem e bravura, como se a situação de perigo fosse, como assim traz Tinguely (2014), “palco da miséria humana”.

Outro momento descrito em detalhes sobre outra situação de perigo na navegação é o relatado na Carta LXIII:

E daqui para o Sul, para navegar é preciso esperar certas tempestades, que os Portugueses chamam de *Trovoadas*, as quais entram afundando com fúria de ventos, que parece que o mundo quer destruir. Duram duas, quatro e seis horas; e, depois, chove, e acalma o vento, como se nunca tivesse existido, e então o sol faz o seu trabalho. Vai com essas tempestades, ou trovoadas, às vezes mais, às vezes, de acordo com o tempo em que os outros se encontram naquele clima. Porque quem é apanhado lá por junho, fica às vezes 40, 50 e 60 dias, com muito mais que infinita labuta de navegantes, que, na sua maioria, comendo mal e bebendo pior, adoecem e morrem miseravelmente.<sup>66</sup> (SASSETTI, 1855, p. 197)

---

venti, vi ci raggirammo la povertà di 46 giorni; e perdendo qui questo tempo e questa occasione, trovammo tutte le stagioni e' venti mutati in modo, che oltre al correre per perduti perdutissimi, quando noi fummo a passare il capo di Buonasperanza, trovammo poi venti contrari, che tra in detto luogo, e sotto l' isola di San Lorenzo, ci trattenemmo più d' altri 45 giorni; et avendo già scorso tant' oltre col tempo, ci fu forza di andare fuori della detta isola senza pigliare terra nessuna: cosa mollo travagliosa.”

<sup>64</sup> “costà vie più; nella costa del Verzino (in malora sia!)”

<sup>65</sup> “e vassi a dare, come demmo noi, in certe secche le quali sono nella costa del Verzino in 17 gradi e mezzo dalla banda di Mezzogiorno; donde volendo uscire e andare al cammino dell'India, bisognerebbe volgere la prua per il vento scilocco, donde appunto tira il vento: e perchè e' dura a tirare di qui i 4 e 6 mesi, miglior consiglio è tornarsene a dietro, come facemmo noi, che aspettare l'altra stagione, perchè intanto si consumerebbono le vettovaglie, e morrebbe in quella temperie d'aria tutta la povera gente.”

<sup>66</sup> “E da qui verso Mezzogiorno, per navigare bisogna aspettare certe burrasche, che i Portoghesi addomandano *Troccoadas*, le quali entrano nabissando con furia di venti, che pare che il mondo voglia subissare. Durano due, quattro e sei ore; e poi piove, e calma il vento, come se e' non fusse mai stato, e fa allora il sole l'uffizio suo. Vassi con queste burrasche, o *Troccoade*, quando più e quando meno, conforme al tempo nel quale altri si trova in quel clima. Perchè chi v'è colto' là in giugno, vi si trattiene alle volte 40, 50 e 60 giorni, con molto anzi infinito travaglio de' naviganti, che per lo più, mangiando male e bevendo peggio, vi si ammalano e muoiono miseramente.”

A tempestade pela qual passam todos os que estavam a bordo e conseguiram sobreviver é visto como algo sobrenatural, fantástico, digno de uma narrativa épica, como frisa Tinguely:

Quando o viajante escapa por pouco de um naufrágio, vislumbra sucessivamente o poder destrutivo e a infinita misericórdia de Deus; ao admirar ou examinar as singularidades marinhas, dá-se conta da inesgotável inventividade do grande artífice da Criação. O medo, o reconhecimento e a admiração experimentados no convés têm em comum uma certa desmedida, uma intensidade extrema que favorece uma relação privilegiada entre o homem e o seu Criador<sup>67</sup>. (2014, p. 153)

Em circunstâncias desse tipo é possível perceber a retórica do poder presente nas cartas, retórica essa que busca o efeito de agradar, comover, convencer com a capacidade de transformar o real adquirindo propriedades performativas (HAROCHE-BOUZINAC, 2016), as quais estão presentes nos escritos com o intuito de realmente fazer acreditar a quem as ler. Ainda sobre a questão do elemento divino nas viagens dos cronistas, temos que:

Independentemente de qualquer estrutura especular, a impressionante sequência de perigos marinhos é também a marca de um desígnio divino. Se os piores infortúnios se sucedem em cascata e crescendo, se o navio balança, se enche de água ou esbarra numa baleia monstruosa, é obviamente porque Deus se comprometeu a pôr à prova a fé e a coragem dos seus fiéis. Das primeiras vagas à terrível fome do regresso, os elementos iniciáticos que pontuam a história das navegações não devem ser entendidos em outro sentido<sup>68</sup> (TINGUELY, 2014, p. 147).

São doenças que assolam e matam parte da tripulação, é a fome por que passam os indivíduos que estão a navegar, é a viagem longa e incerta devido à falta de vento, o qual, de repente, começa a soprar como se por uma intervenção divina e assim, sucessivamente, em diversos momentos:

Esta inflação de riscos de naufrágio confere ao oceano uma dimensão caótica que já não é pontual: neste espaço onde geralmente reina “nenhuma ordem”,

---

<sup>67</sup> "Lorsque le voyageur échappe de justesse au naufrage, il entrevoit successivement la puissance destructrice et l'infinie miséricorde de Dieu ; lorsqu'il admire ou examine les singularités marines, il prend conscience de l'inépuisable inventivité dont fait preuve le grand artisan de la Création. La crainte, la reconnaissance et l'admiration éprouvées sur le tillac ont en commun une certaine absence de mesure, une extrême intensité favorisant une relation privilégiée entre l'homme et son Créateur. "

<sup>68</sup> "Indépendamment de toute structure spéculaire, l'impressionnante séquence des périls marins constitue elle aussi la marque d'un dessein divin. Si les pires infortunes se succèdent en cascade et en crescendo, si le navire vacille, prend l'eau ou frôle une monstrueuse baleine, c'est évidemment parce que Dieu a entrepris d'éprouver la foi et le courage de ses fidèles. Des premières déferlantes à la terrible famine du retour, les éléments initiatiques qui jalonnent le récit des navigations ne doivent pas être compris dans un autre sens."

os raros momentos de calma e harmonia só parecem provir de uma intervenção divina de carácter providencial. É, portanto, Deus quem acalma a superfície das ondas, faz soprar os bons ventos ou permite que a âncora se segure. Ainda que episódicos, estes gestos são decisivos e bastam para provar que as forças do Caos não podem prevalecer, que permanecem finalmente contidas, como as gigantescas massas de água que pendem sobre a terra sem a invadir<sup>69</sup> (TINGUELY, 2014, p. 145).

Na carta LXXXV lemos exatamente situação similar:

Passamos, então, por aquela travessia da costa do Brasil em tempo razoável, e com todas as diligências não fomos muito longe daquelas terras baixas, e passando por aquele ponto com medo do passado, atingimos o alto da ilha de Tristão da Cunha e do Cabo da Boa Esperança com um tempo bom; e, nessa travessia, onde devido à fúria do vento é costume correr com dois ou três mastros de proa, pela Misericórdia de Deus, encontramos uma calmaria que nos manteve parados por mais de 15 dias.<sup>70</sup> (SASSETTI, 1855, p. 267-8)

Segundo Sasseti, foi graças à misericórdia divina que a calmaria dos mares foi encontrada após momentos de muita tensão e medo, reafirmando o carácter épico – por meio da narrativa da jornada do herói – e maravilhoso, devido à ação inexplicável – pela razão humana – de Deus.

### 2.3 A CARTA COMO REGISTRO HISTÓRICO

*“Há uma certa pobreza em uma época em que não há nem autores de cartas nem biógrafos”*

(Virginia Woolf)<sup>71</sup>

A carta, como aqui já citado, pode ser vista sob diversas formas, exatamente por sua flexibilidade textual. Assim, ser analisada como documento

<sup>69</sup> "Cette inflation des risques de naufrage confère à l'océan une dimension chaotique qui n'a plus rien de ponctuel : dans cet espace où ne règne généralement « nul ordre », les rares moments de calme et d'harmonie ne semblent procéder que d'une intervention divine à caractère providentiel. C'est par conséquent Dieu qui apaise la surface des flots, fait souffler les bons vents ou permet à l'ancre de tenir ferme. Bien qu'épisodiques, ces gestes sont déterminants et suffisent à prouver que les forces du Chaos ne sauraient avoir le dessus, qu'elles demeurent en définitive contenues, à l'image des gigantesques masses d'eau qui surplombent les terres sans les envahir."

<sup>70</sup> "Passammo poi quella traversa della costa del Verzino con ragione vol tempo, e con tutte le diligenze non fummo gran fatto discosto da que' bassi, e passando quella punta con una paura delle vecchie, conducemmo nell'altura dell' isole di Tristan d'Acunha e del Capo di Buonasperanza con un tempo buono; e in questa traversa, dove per la furia del vento si suol correre con dua o tre braccia di trinchetto, la Dio misericordia, trovammo calme che ci tennero fermi più di 15 giorni."

<sup>71</sup> In GARFIELD, 2016, p. 48.

histórico é algo que também pode ser levado em consideração. A confirmar essa premissa, tomo o exemplo que Garfield coloca em sua obra *L'arte perduta di scrivere le lettere*, de que “Francesco Petrarca foi o homem que redescobriu o valor das cartas”<sup>72</sup> (2016, p. 80), e que “escreveu quase que diariamente em termos pessoais, e as suas duas nutridas coleções (uma, as *Epistolae familiares*, que é uma coletânea geral sobre suas viagens; a outra, *Epistolae seniles*, que trata mais especificamente sobre o tema da velhice)”<sup>73</sup> (2016, p. 80). Além do mais, com o intuito de destacar a importância das missivas para a história, o próprio Petrarca escreveu uma autobiografia incompleta em forma de carta destinada “aos pósteros”.

Ainda conforme Garfield, Petrarca reivindica para si o *status* de primeiro turista do mundo a partir das cartas que escrevia, as quais tratavam sobre política, biografia, poesia clássica, escrevendo a amigos como uma pessoa que observava enquanto girava pela Europa como um *flâneur*. Esse *flâneur* também pode ser reportado a Sasseti, o qual circulava por Lisboa, Madri, Goa e Cochim e transcrevia o que via a amigos e pessoas de seu círculo de amizade ou profissional, trazendo suas impressões pessoais de mundo. Como diz Benjamin, “nesse mundo o flâneur está em casa; e graças a ele ‘essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo’”. (1989, p. 35) E assim Sasseti ia escrevendo suas impressões, diferenciando-se de um verdadeiro *flâneur* no quesito casa: o autor das cartas aqui traduzidas, em alguns momentos, citava um projeto de retornar a casa, algo que nunca aconteceu em virtude de sua morte prematura. Cita Sasseti o projeto de retorno a casa na carta ao cardeal Ferdinando de’ Medici, escrita em 10 de fevereiro, sem referendar o ano:

[...] mas, não tendo interesse no referido contrato, desenho, se Deus me der vida, sair daqui em dois anos e meio para voltar para casa. Mas, no retorno, gostaria de conceder ao sentido a experiência do que nos resta: mas que saindo daqui sem ver Malaca, ilhas Molucas e China, me pareceria que fosse um jantar muito esplêndido não o provar, exceto o pão que é comumente consumido todos os dias<sup>74</sup>. (1855, p. 380)

<sup>72</sup> “Francesco Petrarca fu l'uomo che riscoprì il valore delle lettere”.

<sup>73</sup> “scrisse quase ogni giorno in termini personali, e le sue due nutrite collezioni (una, le *Epistolae familiares*, è una raccolta generale riguardante i suoi viaggi; l'altra, le *Epistolae seniles*, tratta più specificamente il tema della vecchiaia”.

<sup>74</sup> “[...] ma non pigliando interesse nel detto contratto, disegno, se Iddio mi darà vita, partirmi di qua dentro di due anni e mezzo per ritornarmene a casa. Ma nel ritorno vorrei concedere al senso la sperienza di quello che ci è di rimanente: però che partirsi di qui senza vedere Malacca, Molucco e la Cina, mi parrebbe che fusse d'una cena molto splendida non gustarne se non el pane che si mangia comunemente ogni giorno.”

O desejo de conhecer pessoalmente, ver e escrever o que via sempre é muito claro nos seus escritos. No período das navegações e conquistas de povos e territórios, os relatos de viagem por meio das correspondências são uma grande fonte de informações, como aponta Doré a respeito dos escritos de Sasseti no que concerne à presença portuguesa em terras indianas:

Do viajante florentino Filippo Sasseti nos chegaram observações preciosas sobre a presença portuguesa nas Índias no período referente ao início da união ibérica. Sasseti partiu de Lisboa para a Índia em 8 de abril de 1583, onde permaneceu por cinco anos como encarregado do envio de pimenta do Malabar para Lisboa, representando o também florentino Giovanni Battista Rovellasco, uma atividade que tinha sua origem nos primeiros contratos assinados entre a Coroa e particulares, feitos durante o reinado de D. Sebastião. Morreria em Goa em 3 de setembro de 1588, deixando parte de sua herança a Ventura, filho que tivera com uma escrava, e seus instrumentos e livros aos jesuítas de Goa. Trinta e uma de suas cartas foram escritas em Cochim, cidade que, ao tempo de Sasseti, contava cinco mil fogos e sofria os efeitos do abandono por parte dos portugueses em benefício de Goa, este “desventurado Cochim”, como ele escreve, que tendo sido a primeira terra onde os portugueses tiveram apoio, deixara de ser uma escala muito importante, “procurando os vice-reis que estão em Goa atraírem para lá todos os negócios e todas as grandezas deste país”. (2002, p. 323)

São muitos os personagens envolvidos ao longo da história e dos fatos narrados pelo mercador florentino, que nos auxiliam a compreender e visualizar como elementos do passado se relacionam com questões econômicas, sociais e culturais da atualidade. As histórias contidas nas cartas representam uma visão que deve ser levada em consideração quando se tenta compreender uma parte da História do período em que viveu Sasseti, sempre atentando-se ao fato de que o olhar do viajante representa um ponto de partida, uma perspectiva marcada pela subjetividade de quem escreve, e que representa, portanto, uma versão possível do passado, mas não a única (LE GOFF, 1990; SCHAFF, 1995; RICOEUR, 2000).

Diante disso, é necessário lembrar que a escrita epistolar foi difusa de modo massivo por meio da atividade mercantil, com os chamados “mercadores-escritores”, classificação em que se enquadra Sasseti, uma vez que a troca epistolar ocorria com fins mercantis e informativos, especialmente de cunho familiar. “Nas cartas dos mercadores junta-se a nota da vida privada, quase uma pequena abertura da qual emergem as preocupações da vida cotidiana<sup>75</sup>” (TESI, 2012, p. 158).

---

<sup>75</sup> “Nelle lettere dei mercanti si affianca la nota di vita privata, quasi un piccolo spiraglio dal quale emergono le preoccupazioni del vissuto quotidiano.”

Em relação à tipologia textual dessas cartas, como já destaquei e considero relevante retomar, se trata:

do relato dos acontecimentos pela perspectiva privilegiada de participantes ou testemunhas oculares. Toda historiografia sobre o período é tributária dessa literatura de informação. Mas não se esgota aí a riqueza desses textos, em que também se podem encontrar valores estéticos, que os aproximam de textos literários. (OLIVIERI; VILLA, 2012, p. 17)

Os autores utilizam esse discurso para falar dos documentos relativos aos registros históricos sobre o Brasil. No entanto, sendo do mesmo período, só que do outro lado do globo terrestre, em território asiático, a mesma ocupação por europeus ocorria, daí utilizo a citação para ilustrar os acontecimentos na Ásia, pois, do mesmo modo, as cartas servem como registro histórico daquele período.

Em relação à linguagem utilizada nas cartas, em especial nos escritos do século XVI, veem-se preocupações estilísticas semelhantes às dos prosadores portugueses da época, como a própria Carta de Caminha, sempre atento aos padrões estilísticos do período. Deste modo,

As qualidades estilísticas se unem à criatividade e às manifestações de emoção dos autores, modificando o caráter informativo/utilitário dos textos do século XVI e neles revelando valores artísticos e literários. Esses valores são reforçados na medida em que os textos apresentam particularmente o deslumbramento e o entusiasmo do europeu diante da natureza exuberante dos trópicos (OLIVIERI; VILLA, 2012, p. 18).

É certo que a citação acima se refere ao Brasil e à produção literária referente ao território brasileiro. Contudo, mais uma vez, diante da semelhança dos fatos e por Goa, na Índia, ser também território de colonização portuguesa, tal qual o Brasil, a referência se apresenta como uma chave de interpretação da experiência escrita de Sasseti. Por fim, as preocupações da vida cotidiana por onde passava estão presentes em todos os registros epistolares de Sasseti, como se poderá ler no capítulo referente à tradução.

## 2.4 SASSETTI EPISTOLÓGRAFO: A ESTÉTICA DIPLOMÁTICA

*“A carta é o ‘discurso dos ausentes’”*  
(CÍCERO in HAROCHE-BOUZINAC, 2016)



“Muitas vezes, é pela correspondência que se nasce para a escrita”, afirma Diaz (2016, p. 74) ao abordar os primórdios da troca epistolar. Aqui, o Sassetti epistológrafo é algo que deve ser observado, levando em consideração a quantidade de cartas encontradas durante seus anos de mercador. Ele era, pois, um acadêmico que tomou rumo das viagens para sobreviver. Blocker contesta essa afirmação, destacando que as razões pelas quais Sassetti partiu para a Península Ibérica em 1578, antes de embarcar para a Índia entre 1582 e 1583, ainda são incertas, visto que em nenhuma de suas missivas há o registro de tal feito. Diz ela:

Giambattista Sassetti, nas *Notizie généalogiques*, subentende que essa partida teria origem nas necessidades financeiras da família do irmão de Filippo, Francesco, que Filippo teria esperado poder sustentar fazendo fortuna no Levante. Mas, como sugeriram recentemente Vanni Bramanti e Gaspare de Caro, Filippo tinha, sem dúvidas, outras razões de querer partir. Como inúmeros outros acadêmicos florentinos de seu tempo, ele pertencia a uma família que havia prosperado sob a República, antes que a edificação do grão-duque da Toscana marginalizasse economicamente a antiga nobreza florentina, privando seus membros de qualquer função política que não fosse simbólica<sup>76</sup>. (2010, p. 37)

A partida de Sassetti era, pois, segundo essa visão, um modo de nutrir uma nostalgia desencantada da República entre os aristocratas. Suas cartas eram escritas por ele mesmo, já que ele não podia dar-se ao luxo de ter um copista. As cartas indianas, por exemplo, por serem ricas em detalhes, pareciam querer chamar a atenção de um público específico, o que poderia provocar incerteza quanto à intenção na escritura dos textos: se para serem disseminados ou somente para o destinatário expresso.

O contato com tais documentos é possível atualmente graças à conservação que os destinatários tomaram o cuidado de ter e a coleta e conservação nos arquivos florentinos (BLOCKER, 2010). Essa intenção de fazer circular as correspondências é reforçada por Brege:

Sassetti parece ter contado com a circulação de seus manuscritos; como resultado, ele geralmente evitava repetir informações e análises. Suas cartas são lidas como correspondência privada, embora com uma certa formalidade

---

<sup>76</sup> "Giambattista Sassetti, dans ses *Notizie généalogiques*, sous-entend que ce départ trouverait son origine dans les besoins financiers pressants de la famille du frère de Filippo, Francesco, que Filippo aurait espéré pouvoir soutenir en faisant fortune au Levant. Mis, comme l'ont récemment suggéré Vanni Bramanti et Gaspare de Caro, Filippo avait sans doute d'autres raisons de vouloir prendre le large. Comme nombre d'autres académiciens florentins de son temps, il appartenait à une famille qui avait prospéré sous la République, avant que l'édification du grand-duché de Toscane ne marginalise économiquement l'ancienne noblesse florentine, en privant ses membres de tout rôle politique autre que symbolique."

que reconhecia o status do destinatário. Nessas cartas, Sasseti comentou assuntos antropológicos, botânicos, geográficos e linguísticos; ele notou uma conexão linguística entre sânscrito e grego e latim.<sup>77</sup> (2020, p. 210)

Mesmo atualmente podendo ser difícil identificar a real intenção das cartas sassettianas, se para realmente ficarem como registro histórico – e se ele realmente tinha consciência dessa possibilidade –, se somente com vistas a chegar ao destinatário, o que se pode declarar é que o conteúdo das missivas carrega consigo grande valor histórico-cultural. Isso porque há descrição de diversos elementos culturais, um olhar eurocentrista viril de século XVI, que observava tudo aquilo que lhe fosse possível observar.

Ele era um escritor, até mesmo por sua formação e relação acadêmica, mas era, ao mesmo tempo, um negociante, um mercador, que tinha como uma das funções fazer negócios com os povos com os quais se relacionava, servindo a alguém, como bem se observa em muitas das cartas que escreve, pela forma como trata os destinatários de seus registros, o que será destacado no Capítulo 4, referente aos comentários da tradução.

Sasseti mostrava-se um epistológrafo diferenciado dos viajantes tradicionais, como já mencionado, em virtude de suas funções comerciais e, possivelmente, influenciado pela formação acadêmica que possuía. Para Dei,

Sasseti, tomado pelas responsabilidades e compromissos de seu trabalho, assim como pela própria atividade mercantil, não é o viajante habitual, que se desloca de um lugar para outro, mas um morador, que se enraíza e constrói um novo estilo de vida sedentário. Os seus movimentos limitados também seguem as necessidades comerciais e climáticas, e repetem-se todos os anos: de Cochim a Goa e de volta, com algumas paragens não muito longe (a lendária Calicute, que lhe parece pobre e maltrapilha) ou paragens pelo caminho. O horizonte de investigação restringe-se conscientemente a uma margem desse fabuloso e rico Oriente que gostaria de investigar; o espaço é quase sempre parado, o ponto de observação fixo, e as cartas não são tanto correspondências de viagem, mas mensagens horizontais, entre um mundo e outro. E Sasseti se adapta à sua situação; chega a comprar uma propriedade em Goa, de que precisa para preencher a imobilidade sazonal e "para não morrer de loucura no inverno"<sup>78</sup> (1995, pp.13-14).

<sup>77</sup> "Sasseti seems to have counted on this manuscript circulation; as a result, he generally avoided repeating information and analyses. His letters read like private correspondence, albeit with a measure of formality that recognized the recipient's status. In these letters, Sasseti commented on anthropological, botanical, geographic, and linguistic subjects; he noted a linguistic connection between Sanskrit and Greek and Latin."

<sup>78</sup> "Il Sasseti, preso dalle responsabilità e dagli impegni del suo lavoro, nonché dall'attività mercantile in proprio, non è il viaggiatore consueto, che si muove di luogo in luogo, ma un residente, che mette radici e si costruisce una nuova sedentarietà. I suoi limitati spostamenti seguono anch'essi le esigenze commerciali e climatiche, e si ripetono ogni anno: da Cochim a Goa e ritorno, con poche puntate non lontane (la leggendaria Calicut, che gli pare povera e stracciona) o fermate durante il percorso. L'orizzonte d'indagine è consapevolmente ristretto a un margine di quel favoloso e ricco oriente che

Ele passa a se envolver com o Outro e isso pode ser sentido em seus registros, pois ele busca compreender a tradição, os costumes locais, quais as novidades que aquela terra e aquela gente tinham para mostrar ao Velho Mundo, ou seja, o centro europeu, como é o caso da carta LXXXI, sobre o costume das mulheres viúvas se lançarem à fogueira quando da morte do marido. Escreve Sasseti:

Dizem que as viúvas já começaram esse costume desde um bom tempo; mas tenho certeza de que depende da intimidade do vínculo que existe entre a esposa e o marido dessa pessoa. Os outros Gentios naturais não entendem desse modo, nem em comer, nem em se submeter ao cérebro de uma esposa, porque comem de tudo e tomam mais de uma esposa até quantas quiserem [...].<sup>79</sup> (1855, p. 250)

Essa carta foi escrita de Cochim, em dezembro de 1583, sendo uma das primeiras escritas da Índia. Ao longo das cartas, o mercador buscava levantar informações:

sobre caracteres chineses, sobre problemas de tradução, sobre a riqueza e especificidade articulatória das línguas indianas, sobre a diferença entre o sânscrito e a língua falada [...]. À sua capacidade verdadeiramente invulgar de perceber e procurar a diversidade junta-se uma acuidade igualmente notável no reconhecimento e hipótese de laços, nexos, derivações<sup>80</sup> (DEI, 1995, pp. 15-16).

Todas essas características o colocam como um viajante insólito e praticamente único, um dos primeiros intelectuais a visitar e permanecer em terras indianas, conseguindo deixar um sinal de autonomia inteligente em quaisquer dos temas por ele abordados (DEI, 1995).

Deste modo, mesmo com a função de servidor, Sasseti buscava por meio dos relatos epistolares ensaiar, no sentido de escrever ensaios, textos mais longos e com um tema específico. Neste projeto tradutório escolhi 12 cartas, mas o conjunto

---

vorrebbe indagare; lo spazio è prevalentemente fermo, il punto d'osservazione fisso, e le lettere non sono tanto corrispondenze di viaggio, ma messaggi orizzontali, fra un mondo e un altro. E il Sasseti si adatta alla sua situazione; compra perfino un possedimento a Goa, che gli serve per riempire l'immobilità stagionale e "per non morire di mattana l'inverno".

<sup>79</sup> "Dicono avere auto principio questo costume dai darsi già un bel tempo le vedove; ma io tengo per certo che ciò dependa dalla strettezza del vincolo che è tra la moglie e'l marito di questa gente. Gli altri Gentili naturali non l'intendono di questa maniera, nè in mangiare nè in sottoporsi al cervello d'una moglie, perchè e' mangiano d'ogni cosa, e pigliano più d'una moglie sino a quante ne vogliono."

<sup>80</sup> "sui caratteri cinesi, sui problemi delle traduzioni, sulla ricchezza e la specificità articolatoria proprie delle lingue indiane, sulla differenza fra il sanscrito e la lingua parlata [...]. La sua capacità, davvero insolita, di percepire e ricercare le diversità si combina con un'altrettanto notevole acutezza nel riconoscere e ipotizzare legami, nessi, derivazioni."

epistolar sassettiano apresenta textos que são verdadeiros ensaios, pois dissertam acerca de um tema, até mesmo com escritos dentro das cartas, como o “Discurso sobre a canela”, ao qual reserva 15 páginas dentro da carta CV, endereçada a Baccio Valori e escrita em 6 de janeiro de 1587.

Como afirma Brege (2020), há registros do uso da rede oficial diplomática para algumas correspondências de Sassetti, a depender do destinatário. Não à toa caracterizado por Tesi (2012) como representante da linguagem diplomática, o mercador florentino de tudo tomava nota e fazia uso da pena para relatar aos diversos correspondentes em Florença, indo desde estratégias militares e políticas, como construção de fortes e descrição de poderio bélico dos povos que observava, até costumes rotineiros daquela gente, como se nota no trecho seguinte da carta CIII, endereçada ao Grão-Duque da Toscana, Francesco I:

[...] agora há no ponto uma frota de sete galés e setenta galeões, com dois mil e quinhentos soldados, para ir e construir a cidade e fortaleza que o Samorim consentiu que fizessem em seu porto, chamado Panane, dezesseis léguas de Cochim, onde há um rio, um posto tão seguro para os navios, que é onde os mouros despachavam grande parte das suas naus que mandavam para Meca<sup>81</sup>. (1855, p. 366)

É importante ressaltar que, quando estava em Lisboa, Sassetti trabalhou para os negócios da família Capponi, o que lhe conferiu bons conhecimentos no comércio de pimenta. Conforme aponta Brege (2014), quando a família Capponi quis enviar o florentino para atuar nos negócios em Lyon, ele se recusou e começou a trabalhar para a abastada família Médici, o que o levaria diretamente ao centro comercial da Ásia portuguesa, onde o seu trabalho era atuar como um agente como função.

Daí, tal atividade seria exatamente a de informar o que acontecia em diversos setores daquela sociedade a fim de atualizar o centro europeu da época, abrangendo uma ampla gama de tópicos. Seus relatos foram endereçadas a vários destinatários, como salienta Brege:

A prática de Sassetti de enviar cartas anuais, que tratavam de uma variedade de assuntos, da Índia aos Médici significava que o volume total de

---

<sup>81</sup> “[...] adesso sta in punta una armata di sette galere e settanta galeotte, con duemillacinquecento soldati, per andare a fabbricare la città e fortezza ch’il Zamorino consente che si faccia ’n un porto suo, detto Panane, vicino sedici leghe di Coccino, dove è un rio, assai sicura stanza per i vasselli, e donde i mori dispacciavano buona parte de’ navili che mandavano alla Mecca.”

informações estratégicas em suas cartas era necessariamente constrangido. Ao invés de tentar uma análise abrangente, Sassetti usou o limitado espaço disponível para fornecer informações estratégicas que - embora haja pouca razão para duvidar da precisão das informações de Sassetti - foram, no entanto, fortemente estruturadas para caber numa única interpretação: incompetência portuguesa, corrupção e incapacidade de manter seu império e uma visão um pouco mais positiva de Filipe II e dos castelhanos. Esta interpretação teria servido aos irmãos Médici meio espanhóis – Francisco, o Grão-Duque, e Fernando, o Cardeal<sup>82</sup>. (2014, p. 101)

Mais uma vez, vale ressaltar que Sassetti possuía várias características que o distinguiam dos demais toscanos que também eram viajantes ou mercadores, “talvez o mais importante, ele era excepcionalmente bem-educado e intelectualmente realizado e reconhecido como tal. Sua condição de intelectual florentino consagrado dava credibilidade e interesse a seus comentários”<sup>83</sup> (BREGE, 2014, p. 97-8), tendo isso, provavelmente, contribuído para que ele ocupasse um alto cargo nas relações comerciais do Estado da Índia. Além disso, os laços diretos com a família Médici seguramente lhe deram um forte senso a respeito dos assuntos que lhes seriam de interesse, tal como informações estratégicas sobre o comércio de pimenta e a origem das especiarias. Sassetti também repassava informações científicas e participava ativamente de projetos de coleta dos Médici, cobrindo, dessa forma, a maioria dos interesses ultramarinos dessa família de Florença.

Não se pode descartar o caráter político das cartas sassettianas, em especial, as fortes críticas aos portugueses. Sobre isso, contribui Brege:

A descrição da doença e da morte foi limitada em ambos os lados pela incompetência e corrupção de todos os portugueses acima do escalão mais baixo. Esse tema da corrupção é uma velha estratégia retórica que Sassetti aproveitou a serviço de seus objetivos políticos específicos. Permitiu-lhe exonerar o topo da hierarquia espanhola, em consonância com a aliança toscana com Filipe II e a família Médici, ao mesmo tempo que lhe deu uma explicação para os sucessos e fracassos portugueses. Se tivesse de relatar o sucesso, poderia atribuí-lo à habilidade do português comum. Se ele tivesse que contar sobre o fracasso, como parece ter preferido, então a corrupção explicaria tudo. O fato de todas as administrações contemporâneas, certamente não exceto a da Toscana, serem sistematicamente corruptas não

---

<sup>82</sup> “Sassetti’s practice of sending annual letters to the Medici from India that treated a variety of subjects meant that the total volume of strategic information in his letters was of necessity constrained. Rather than attempt a comprehensive analysis, Sassetti’s used the limited space available to provide strategic information that – though there is little reason to doubt the accuracy of Sassetti’s information – was nonetheless tightly structured to fit a single interpretation: Portuguese incompetence, corruption, and unfitness to retain their empire and a rather more positive take on Philip II and the Castilians.<sup>302</sup> This interpretation would have suited the half-Spanish Medici brothers – Francesco the Grand Duke and Ferdinando the Cardinal – well.”

<sup>83</sup> “Perhaps most importantly, he was exceptionally well-educated and intellectually accomplished and recognized as such. His status as an established Florentine intellectual lent credibility and interest to his comments.”

minou a eficácia do tropo ou mitigou a campanha de Sasseti para martelar os portugueses<sup>84</sup> (2014, p. 105).

O “tropo” citado no excerto acima refere-se ao emprego de palavra ou expressão em sentido figurado, conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2020) e teria sido um recurso linguístico empregado pelo mercador ao tecer comentários, em seus escritos, com intenções políticas por trás das palavras, como se pode verificar nos comentários em relação ao povo português:

- Carta XLIV - “[...] porque este ano, como os Portugueses estão em guerra com os do local, em duas embarcações vieram duzentos mil ducados em barras de ouro”<sup>85</sup> (1855, p. 123): aqui, a questão com os portugueses é um desentendimento com algum povo na Ásia;

- Carta XLIV - “onde os duzentos não chegam mais, porque um capitão, sem propósito, pilhou um rei deles, e cortou sua cabeça, e aquelas pessoas os fizeram cantar as Vésperas Sicilianas”<sup>86</sup> (1855, p. 124): mais uma vez, os portugueses em desentendimento com alguém ou algum povo;

- Carta L – “considerando a vontade dos próprios portugueses que, vindo do Brasil, aqui vão roubando para socorrer o Dom Antônio”<sup>87</sup> (1855, p. 154): chama os portugueses de ladrões;

- Carta LXXXIV – “Os mouros fizeram-se senhores absolutos em muitos lugares, e particularmente onde os Portugueses não conseguiram usar a força”<sup>88</sup> (1855, p. 263): mais uma vez, o povo português é criticado e colocado em posição de inferioridade em relação a outro povo.

---

<sup>84</sup> “The description of illness and death was bracketed on both sides by the incompetence and corruption of every Portuguese above the lowest rank. This theme of corruption is an old rhetorical strategy that Sasseti harnessed in service of his specific political objectives. It let him exonerate the Spanish top of the hierarchy, in line with the Tuscan alliance with Philip II and Medici parentage, while giving him an explanation for Portuguese successes and failures. If he had to report success, he could attribute it to the skill of the common Portuguese. If he had to tell of failure, as he seems to have preferred, then corruption explained all. That all contemporary administrations, certainly not excepting Tuscany’s, were systemically corrupt did not undermine the effectiveness of the trope or mitigate Sasseti’s campaign to hammer the Portuguese.”

<sup>85</sup> “chè quest’ anno, che i Portoghesi sono in guerra con quelli del paese, in due legni sono venuti da dugentomila ducati in barrette d’oro.”

<sup>86</sup> “dove i Portoghesi non arrivano più, perchè un capitano fece senza proposito pigliare un re loro, e tagliargli la testa, e quelle genti fecero loro cantare il Vespro Ciciliano.”

<sup>87</sup> “concorsaci la volontà de’ medesimi Portoghesi, che venendo del Verzino si vanno qui a fare rubare per dare soccorso a Don Antonio loro.”

<sup>88</sup> “I Mori in molti luoghi si son fatti signori assoluti, e particolarmente dove i Portoghesi non hanno potuto usare la forza.”

Muito além da leitura superficial e descritiva podem ser interpretadas as cartas sassettianas, ou seja, como textos dos quais sobressaem jogos políticos engendrados e pensados, objetivos em mente, como apontam as análises do estudioso estadunidense a esse respeito. Brege acrescenta sobre o discurso do mercador em relação à coroa portuguesa:

Injuriar a administração portuguesa enquanto protegia Filipe II foi uma estratégia retórica eficaz e atraente, uma vez que os portugueses acabavam de ser conquistados por Filipe II. O vício português poderia ser usado para justificar a conquista espanhola e o papel de novos elementos reformadores. A análise de Sasseti sobre o problema do escorbuto se encaixa bem com sua antipatia retórica mais ampla pelos portugueses. Ele não acreditava que esse problema fosse estrutural, mas o atribuiu às condições específicas de corrupção e negligência em sua viagem<sup>89</sup> (BREGE, 2014, p. 106).

O discurso do escorbuto está presente na carta LXXXV:

A doença incha a gengiva monstruosamente, e logo depois todo o rosto e a cabeça com tanta deformidade que é uma coisa monstruosa. Continua a inchar os joelhos e todas as pernas, e, a princípio, saem, como se fossem petéquias, algumas picadas pretas, as quais logo vão se alargando, tanto que a perna inteira fica como tinta, e dá dor excessiva nas juntas, que só de olhar, em vez de tocar um enfermo, faz morrer de espasmo. Os remédios são escassos, e a recuperação desses enfermos é uma tigela de lentilhas, ou uma papa de farinha, quando o entregador, o escrivão e o capitão (que todos se reúnem) não as tiverem comido. Considerei muitas vezes com que facilidade um capitão, quero dizer eu, conduziria uma companhia nesta viagem com as provisões de que fariam dinheiro que, a esse efeito gasta o rei, trocando provisões e mantimentos, e distribuindo a cada um o que lhe chega no tempo e no lugar certo, sem roubar metade ou mais: mas isso é coisa velha já para esta viagem, não há outro remédio senão deixar sempre morrer uma parte dessas pessoas.<sup>90</sup> (SASSETTI, 1855, p. 270)

As cartas de Sasseti tinham o tom anti-português e pró-castelhanos possivelmente porque havia alguma forma de interesse por trás desse discurso e ele,

<sup>89</sup> “Reviling the Portuguese administration while shielding Philip II was an effective and attractive rhetorical strategy, as the Portuguese had just been conquered by Philip II. Portuguese vice could be used to justify the Spanish conquest and the role of new reforming elements. Sasseti’s analysis of the scurvy problem fit well with his broader rhetorical antipathy to the Portuguese. He did not believe that this problem was structural, but instead attributed it to the specific conditions of corruption and neglect on his voyage.”

<sup>90</sup> La malattia è enfiare le gengie monstruosamente, e poco appresso tutto il viso e il capo con tanta deformità, che è cosa monstruosa. Segue enfiare le ginocchia e le gambe tutte, e da principio escon fuori, a guisa di petecchie, certe punture nere, le quali vanno allargandosi in breve, tanto che tutta la gamba si fa come inchiostro, e dà nelle giunture un dolore eccessivo, che a guardar solo, non che a toccare un infermo, si fa morire di spasimo. Li rimedi sono scarsi, e ’l ristoro di quest’infermi è una scodella di lente, o una pappa di farina, quando il dispensiere, lo scrivano e ’l capitano (che tutti si raccozzano) non se le sono pappate. Ho considerato molte volte con quanta facilità un capitano ch’ io voglio dir io, condurrebbe una compagnia in questo viaggio con le provvisioni che si farebbono de’ danari che a quest’ effetto spende il re, scambiando le provvisioni e i mantenimenti, e distribuendo a ciascuno quello che gli viene a tempo e luogo, senza rubargliene la metà o più: ma questa cosa già invecchiata per questo viaggio non ha altro rimedio che lasciar morir sempre una parte di questa gente.

ciente de que possuía uma arma em mãos (as palavras), apropriava-se dessa facilidade retórica para tecer críticas aos portugueses, contra os quais falava:

Ouvir de um observador de primeira mão confiável que os portugueses eram incompetentes, corruptos, covardes e geralmente incapazes de dirigir o império que haviam construído poderia ter sido útil, oferecendo um pretexto para aqueles que buscavam mudanças. Neste contexto, porém, as críticas aos castelhanos, núcleo da monarquia de Filipe II, não serviram de nada ao Grão-Duque. Sassetti tinha um interesse convincente ao lidar com as atividades dos castelhanos na Ásia em manter a discussão positiva quando possível<sup>91</sup> (BREGE, 2014, p. 113).

Interesses pessoais e religiosos faziam-se presentes no discurso de Sassetti, como se pode perceber no trecho seguinte retirado da carta XCII:

Estão nessas partes desenhada três empreitadas de muita importância: uma é a descoberta de uma mina de prata, que dizem que o mineral tem \*\*\* de Plata em um rio chamado Cuamo perto de Sofala e Moçambique, onde, outra vez, permanece um bando de portugueses que foram descobri-la. A outra é a conquista da ilha de Ceilão, possuída por um príncipe Gentio, chamado Ragiù, um grande inimigo dos portugueses [...] <sup>92</sup> (1855, p. 300).

Sendo assim, reforço que, muito além da estrutura da palavra, a intenção por trás dos escritos faz com que a epistolografia de Sassetti torne-se material de importante registro histórico, como já destacado anteriormente, e aqui enfatizado. Ainda que não possamos chegar à compreensão total da intenção do autor, podemos levantar hipóteses tendo como base a materialidade do texto, o que é fundamental para levar a cabo o projeto de traduzir as suas cartas.

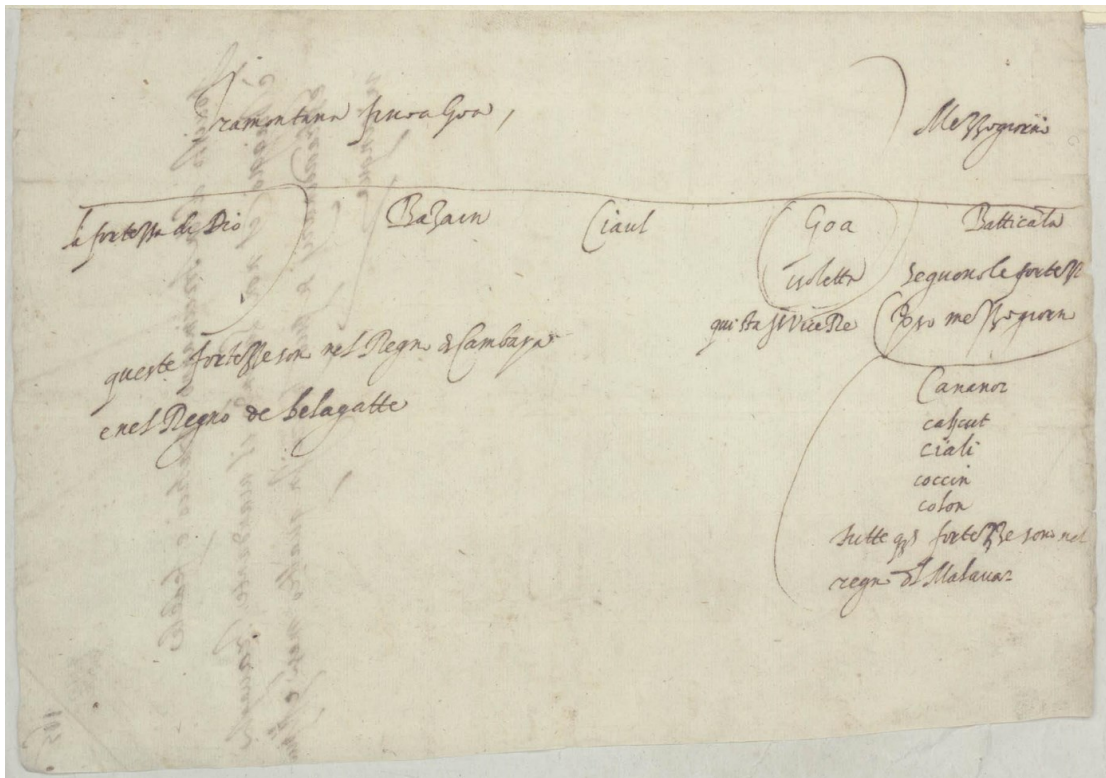
Seguindo, agora, com a análise da epistolografia sassettiana, nota-se, mesmo com o jogo político possivelmente existente, esforço da parte do mercador-escritor em levar algo novo aos destinatários, como mostra a figura 11, uma espécie de “esquema de pensamento” de Sassetti:

### **Figura 11 - Manuscrito de Sassetti: a carta como manuscrito do pensamento**

<sup>91</sup> “To hear from a reliable first-hand observer that the Portuguese were incompetent, corrupt, cowardly, and generally unfit to run the empire they had built might have been useful, offering a pretext to those who sought change. In this context, however, criticism of the Castilians, the core of Philip II’s monarchy, did not do the Grand Duke any good. [...] Sassetti had a compelling interest when handling the activities of the Castilians in Asia in keeping the discussion positive when possible.”

<sup>92</sup> “Stanno in queste parti disegnatte tre imprese di molta importanza: l’una è il discoprimiento d’una mina d’argento, che dicono che il minerale tien la \*\*\* di Plata in un rio detto Cuama presso a Sofala e Monzambiche, dove altra volta rimasono una banda di Portoghesi che vi furono a discopri-la. L’altra è la conquista dell’isola del Zeilon, posseduta da un principe Gentile, detto Ragiù, grandissimo nimico de’ Portoghesi.”





Fonte: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, 2019<sup>93</sup>

No que diz respeito ao modo de escrever as missivas, pode-se afirmar que:

A análise perspicaz de Sassetti das forças militares locais foi uma espécie de cruzamento entre o tom observacional crítico que ele usou em sua pesquisa botânica e o modo histórico-antropológico usado com frequência em suas cartas aos Médici. Com sua educação humanista, Sassetti poderia ter se baseado em qualquer número de autores clássicos como modelo; talvez a moda de estudar Tácito varrendo a *Accademia degli Alterati*, da qual Sassetti era membro, tenha alcançado Sassetti através dos oceanos<sup>94</sup> (BREGÉ, 2014, p. 124).

Tanto é verdade que relativo número de autores são citados e ou referenciados em suas correspondências, como será destacado nos comentários da tradução, no item 4.2.3. O número de referências externas pode não ser maior porque, pelas informações, ele teria saído de Lisboa com poucos livros, carregando apenas

<sup>93</sup> Disponível em:

<[https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search\\_basesearch&query\\_fieldname\\_1=keywords&query\\_querystring\\_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca](https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search_basesearch&query_fieldname_1=keywords&query_querystring_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca)>. Acesso em: dez. 2019.

<sup>94</sup> "Sassetti's perceptive analysis of local military forces was something of a cross between the critical observational tone he used in his botanical research and the anthropological-historical mode used frequently in his letters to the Medici. With his humanist education, Sassetti could have drawn on any number of Classical authors for a model; perhaps the vogue for studying Tacitus sweeping the *Accademia degli Alterati*, of which Sassetti was a member, had reached across oceans to Sassetti."

instrumentos de astronomia, segundo o que consta em textos testamentais a esse respeito. Sobre a “biblioteca” de Sasseti, faço o seguinte recorte:

As referências e citações literárias, não raras nas cartas indianas, parecem reduzidas e concentradas em alguns autores, muitas vezes escolhidos e fraudulentos, de Frei Cipolla e da cidade de Bengodi do *Decameron*, a descida virgiliana para Averno, o *Inferno* de Dante. São referências breves, decoradas, muitas vezes repetidas e ecoadas como siglas alusivas, como piscadelas e expedientes conversacionais e teatrais<sup>95</sup> (DEI, 1995, pp.17-18).

A importância de se trazer aqui imagens dos manuscritos originais se dá devido à dimensão material e social que as cartas carregam ao longo da história. Havia epistológrafos que faziam questão de escolher até mesmo o tipo de papel sobre o qual escrever, assim como a decoração do envelope com desenhos ou algum tipo de arte. Até mesmo o modo de preencher o espaço obedecia a regras na epistolografia:

O hábito de usar apenas a frente da folha de papel é a remanescência de uma prática antiga. Recomendava-se usar o papel dobrado “simplesmente pela metade”, qualquer que fosse a extensão da mensagem, sem escrever no verso.

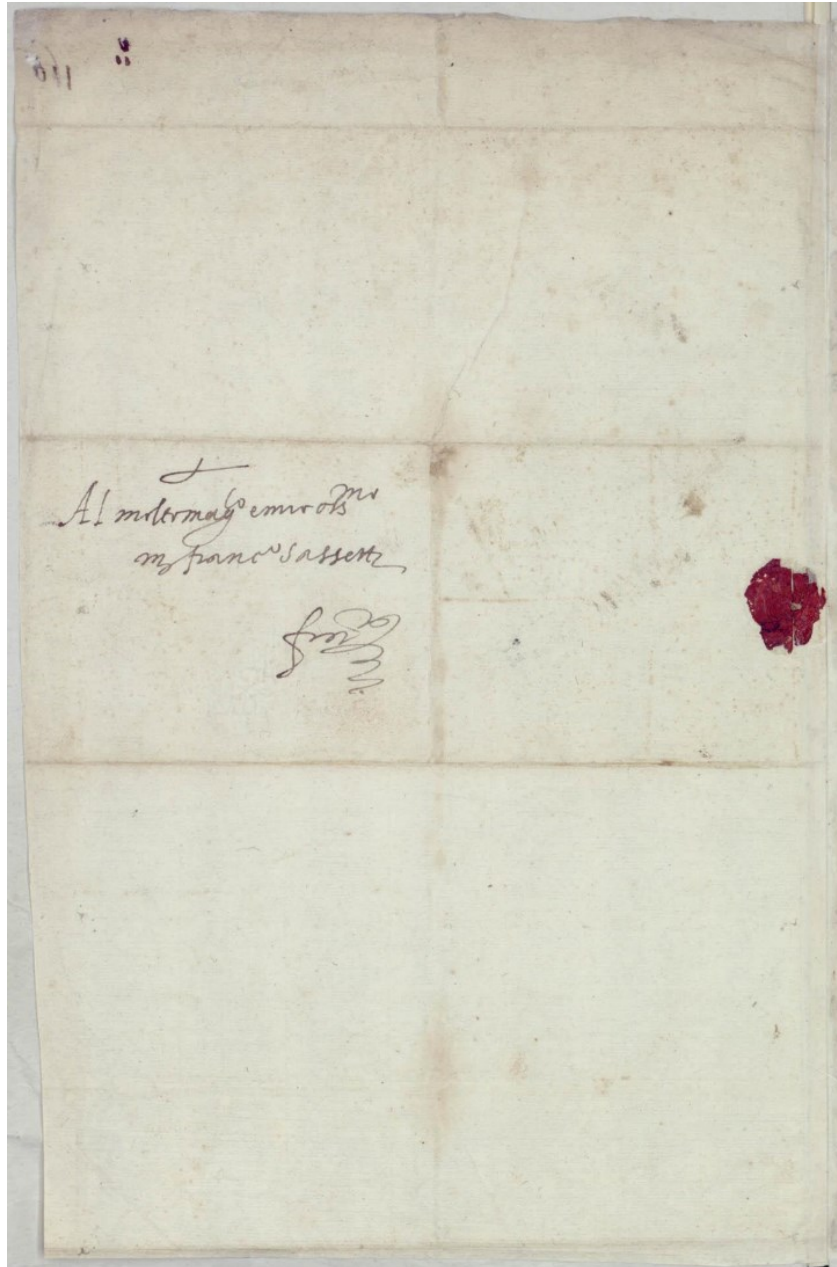
Antes do uso do envelope, é sobre essa correta maneira de dobrar que será colocado o sinete, ornamentado ou não com uma fita (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 63)

Curioso é, também, o zelo pela estrutura na composição das cartas e como estas eram seladas, o que mostro na figura a seguir. A conservação dos originais em bibliotecas e museus só nos faz ressaltar a importância desse trabalho de conservação de memória, pois, com o tempo, o distanciamento da caligrafia e do vocabulário da época tendem a dificultar o trabalho de identificação do que o autor quis dizer e ou escreveu, como se percebe pelos documentos aqui apresentados.

### **Figura 12 - Carta de Filippo Sasseti: destinatário e forma de selar a carta**

---

<sup>95</sup> “I richiami e le citazioni letterarie, non infrequenti nelle lettere indiane, paiono ridursi e concentrarsi a pochi autori, spesso scelti e truffaldino di Frate Cipolla e il paese di Bengodi del *Decameron*, la virgiliana discesa all'Averno, l'*Inferno* dantesco. Sono riferimenti brevi, a memoria, spesso ripetuti e riecheggianti come sigle allusive, come ammiccamenti ed expedienti conversevoli e teatrali.”



Fonte: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, 2019<sup>96</sup>

Em relação aos destinatários das missivas, podem-se elencar quatro grupos:

- as cartas ao primo Lorenzo Giacomini, as quais estão conservadas em Ricc. 2438 bis I-III, numa coletânea de correspondências;

<sup>96</sup> Disponível em:

<[https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search\\_base&search\\_base&query\\_fieldname\\_1=keywords&query\\_querystring\\_1=filippo+sassetz&Submit=Cerca](https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search_base&search_base&query_fieldname_1=keywords&query_querystring_1=filippo+sassetz&Submit=Cerca)>. Acesso em: nov. 2019.

- cartas enviadas a Giovambattista Strozzi, o qual tinha um papel fundamental na *Accademia degli Alterati*, da qual Sassetti fazia parte. Essas cartas encontram-se arquivadas na Biblioteca Nacional Central de Florença – popularmente conhecida como Magliabechiana – (Magl. VIII, 1399), juntamente a outros correspondentes de Strozzi membro dos *Alterati*. Nesse arquivo certamente não estão todas as cartas escritas de Sassetti a Strozzi, muitas das quais foram perdidas (BLOCKER, 2010);

- cartas enviadas a seu mentor Pier Vettori. A maioria dessas cartas encontram-se na Biblioteca Britânica de Londres (Add. Ms. 10272 e 10278), juntamente de outros correspondentes;

- cartas enviadas aos irmãos Baccio e Francesco Valori. Baccio conservou as cartas, que acabaram em posse de Carlo Rinuccini, para, finalmente, serem depositadas e conservadas na Magliabechiana. São registros enviados de Portugal, Espanha e Índia.

No que diz respeito à conservação das cartas de Sassetti ao longo de todos esses séculos, pode-se afirmar que as primeiras correspondências enviadas são encontradas somente no seu formato original, enquanto as posteriores foram copiadas<sup>97</sup> e, atualmente, encontram-se seja nos arquivos públicos de Florença, seja na *Biblioteca Nazionale Marciana*, de Veneza.

---

<sup>97</sup> A ser confirmado se as cartas copiadas são *fac-simile*. Aguardando retorno das bibliotecas italianas.

Figura 13 - Cópia de carta de Filippo Sassetti a Piero Vettori, constante do arquivo da Universidade de Stanford, nas Coleções Especiais

Copia d'una lra di Filippo Sassetti mandata da India  
di Portog. A Firenze A M. Piero Vettori

Molto Ill. et ecc. S. mio Oss.<sup>mo</sup>

La pena che io aspetto dalla S. V. di non sauerle  
scritto l'Anno passato, reputo tanto leue,  
che io ne sarò piu contento, che dell'assolutioe  
che ella men' desse, mediante' alcuni fedde  
scuse, che io ne potrei addurre. Del mio giu-  
gnere a saluam. in q. terra, et di quello che  
passamo in dugento diciasette giorni senza  
mai vedere alio, che Aequa come diceua m.  
Hiccia, ne dieci ragguaglio al S. Baccio Vatori,  
e inuero se si andassi molto molto consideran-  
do q. uiaggio auanti, che l'huomo s'imbarchi  
et come si stanno sette mesi a biscotto, et  
acqua gialla rimestato in poco luogo tra  
otto cento, o noueceto persone' cascati di fame  
di sete, di disagio, et mal trattam. mi imagino,  
che nissuno o ben pochi si metterebbono a uoler  
pur uedere l'India a spesa di tanto disagio;  
ma così è di si fa come Orlando, che uisto  
quel Batello, si uenne desio d'andare in barca.  
Dette mi gran marauiglia quello che mi ha racid-  
tato un huomo da bene, che sta in q. parti  
ilquale ha uendo moglie, et figli in Lisbona  
et uiuendosi acconciamente, si trouaua una  
mattina insu la riuu del mare' a uedere  
partire le scavi, che uengono qua, allo scione

Voltando ao tema das cartas aqui traduzidas, é válido ressaltar que Tesi (2012) intitulou Sassetti representante da linguagem diplomática e comercial. Blocker corrobora com tal afirmação ao dizer que o conteúdo das primeiras missivas do mercador chamava a atenção pela qualidade linguística e estilística da prosa epistolar apresentada. Como já citado, o nome de Sassetti aparece em 1600 com *Notizie dell'origine e nobiltà della famiglia Sassetti*, de autoria de Giambattista Sassetti, tendo permanecido como manuscrito até a edição organizada por Marcucci (1855), que também reuniu as 111 cartas até então conhecidas e, depois, na edição de 1743, em uma coletânea de prosa florentina, contendo 34 cartas escritas do mercador, imaginada ainda no *Seicento*, ação iniciada por Carlo Dati, membro da *Accademia della Crusca*, epistolário publicado somente no século seguinte (BLOCKER, 2010).

E por que editar e publicar as cartas de Sassetti? A *Accademia della Crusca* havia sido criada em 1582, amparada pelo poder dos Médici, com seus trabalhos focando, principalmente, na língua toscana. Sassetti, por ser florentino, automaticamente entrava para o rol dos escritores toscanos que colaborariam para o fortalecimento da língua, o que se fez perceber pela edição de *Prose fiorentine raccolte*, com prefácios que afirmavam os textos constantes de tal edição como bom exemplo do bem escrever. Os editores de tal publicação explicaram o porquê incluir as cartas de Sassetti, as quais tratavam de assuntos diversos, nas *Prose fiorentine*:

Nossa intenção não foi publicar essas cartas porque delas podemos aprender a reflexão filosófica, mas porque [ao lê-las] é possível compreender como nossos autores expressavam-se no estilo familiar e elegante, que é o das cartas, até nos pensamentos e reflexões filosóficos em si, e [o leitor] deve estar advertido disso não somente por esta carta, mas por todas as outras que abordam questões filosóficas<sup>98</sup> (BLOCKER, 2010, p. 46).

Seguindo a linha de pensamento relacionada à língua das relações diplomáticas e dos viajantes, Tesi (2012) afirma que em meio às descobertas geográficas e o impulso das navegações, com consequência lógica na cartografia mundial, dando abertura para uma nova configuração do mapa do mundo, o número de contos de viagem aumenta consideravelmente, ficando um gênero entre a narrativa e a literatura científica. Diz Tesi que “um exemplo imponente é o *corpus* reunido nos

---

<sup>98</sup> "Notre intention n'a pas été de publier ces lettres parce que, en elles, on peut apprendre la réflexion philosophique, mais parce que [en les lisant], il est possible de comprendre comment nos auteurs exprimaient dans le style familier et élégant, qui est celui des lettres, jusqu'aux pensées et réflexions philosophiques elles-mêmes, et [le lecteur] doit être averti de cela non seulement pour cette lettre, mais pour toutes les autres lettres qui abordent des matières philosophiques."

três volumes de *Navigazioni e viaggi* do diplomata vêneto Giovanni Battista Ramusio, publicado em Veneza entre os anos de 1550 e 1559 (e outras vezes reimpressos), que coleta e traduz em italiano relações antigas e fontes contemporâneas<sup>99</sup> (2012, p. 252-3).

Além do mais, Tesi (2012) reforça que Sassetti é um campeão desse novo modo de representação do exótico por meio dos escritos, com uma observação analítica, característica da escrita do *Cinquecento*. Tal característica é encontrada em Sassetti em virtude de o mercador descrever com riqueza de detalhes o que via por onde passava, tais como as plantas e animais. Apresento a seguir um trecho de uma de suas cartas, escrita em 22 de janeiro de 1584, direto da Costa do Malabar, em Cochim:

Esta costa é quase toda plana e com cada madeira grande se navega toda à vista de terra; é dividida do sul ao norte, como na Itália com os Apeninos, por toda uma coluna de montes que chamam a terra do Gato; ao longo da marina é toda revestida de palmeiras de diversos tipos e outras plantas diferentes totalmente das nossas, entre as quais vêm, em primeiro lugar, as palmeiras que produzem cocos ou nozes da Índia, por ser o fruto deles de mais vivo rendimento desses povos para trazer-lhes todos aqueles cômodos que deles se falam [...] <sup>100</sup> (SASSETTI, 1970 apud TESI, 2012, p. 253).

Sobre o estilo de narrativa do mercador, Dei afirma que independentemente da classificação dos escritos sassettianos, não se pode limitar esse tipo de escritura, servindo esse epistolário como rico panorama das cartas familiares do *Cinquecento*, “verdadeiro gênero literário já amplamente canonizado”<sup>101</sup> (DEI, 1995, p. 18).

O mercador florentino faz extenso uso de termos estrangeiros, em português, espanhol, “indígena”<sup>102</sup> e formas dialetais. Como bom conhecedor das línguas ibéricas, por estar há anos em contato com essas nações, cultiva a tradição florentina no léxico e no modo de produzir as sentenças, fazendo uso de arcaísmos,

---

<sup>99</sup> “un esempio imponente è il *corpus* allestito nei tre volumi di *Navigazioni e viaggi* del diplomatico veneto Giovanni Battista Ramusio, pubblicati a Venezia tra il 1550 e il 1559 (e più volte ristampati), che raccoglie e traduce in italiano relazioni antiche e fonti coeve.”

<sup>100</sup> “Questa costa è quasi tutta piana e con ogni grosso legno si naviga tutta a vista di terra; è divisa da mezzogiorno a tramontana, come l'Italia da l'Apennino, da tutta una schiera di monti che domandano [‘chiamano’] la terra del Gatto; lungo la marina è tutta vestita di palma di diverse sorti e altre piante differenti [sic] in tutto dalle nostre, tra le quali tengono il primo luogo le palme che fanno i cocchi o noci d'India, per essere il loro frutto il più vivo rendimento di questi popoli per trarne tutti que' comodi che d'essi si raccontano.”

<sup>101</sup> “vero genere letterario già ampiamente canonizzato.”

<sup>102</sup> Referente aos povos naturais.



“ou vernaculares, senão familiares, unidos à satisfação com o neologismo e a inusitada justaposição [das palavras]”<sup>103</sup> (DEI, 1995, p. 18).

São muitos os termos de fauna e flora encontrados ao longo das cartas sassettianas, principalmente nomes não europeus. O vocabulário é enriquecido de “palavras exóticas” para o período de quando foram escritas, como “ananás”, “bambu”, “cinamomo”, e outras mais encontradas ao longo das missivas do mercador florentino e em outras cartas de outros viajantes do período. As missivas de Sassetti são “complexas e estratificadas, por vezes legíveis a diferentes níveis, cheias de entrelaçamentos, transições, correções irônicas, de múltiplas alusões, como que para reafirmar sempre a sua origem e pertencimento, a própria identidade cidadã e cultural”<sup>104</sup> (DEI, 1995, p. 19). Isso se confirma em algumas de suas cartas, em especial no encerramento, como se pode ler no trecho extraído da carta LXXXI, mostrando o medo de cair no esquecimento pelos amigos e conhecidos deixados na pátria Florença:

**Eu lhe lembro de me manter em sua graça e dos amigos:** e cumprimente nosso senhor Giovanni de minha parte, e me ofereço a ele onde eu valha e possa. Recomende-me a seu irmão e mande lembranças a sua senhora. Adeus. Em Cochim, em dezembro de 1583.

Cordialmente

Aquela bendita ec<sup>105</sup>.  
(1855, p. 191) [negritos meus]

Fica explícita a intenção do mercador de lembrar ao destinatário para que faça circular seu nome no círculo de amigos a fim de que não seja esquecido em virtude da distância geográfica que se fez entre eles.

Ainda a esse respeito, Tesi (2012) aponta dois aspectos tipológicos do léxico “exótico” encontrados nas cartas escritas entre o *Cinquecento* e o *Seicento* (séculos XVI e XVII). O primeiro são as impressões acústicas das línguas faladas de

<sup>103</sup> “o vernacoli se non addirittura familiari, unito al compiacimento per il neologismo e per l'accostamento inusitato.”

<sup>104</sup> “complesse e stratificate, leggibili talvolta su diversi piani, fitte di intrecci, di transizioni, di correzioni ironiche, di plurime allusività, quasi per ribadire sempre la propria origine e appartenenza, la propria identità cittadina e culturale.”

<sup>105</sup> “Ricordovi tenermi in vostra grazia e degli amici: e salutate il signor Giovanni nostro per mia parte, e offeritemeli dove io vaglia e possa. Raccomandatemi a vostro fratello, e fate vezzi alla vostra signora. Addio. In Cochino, a' di dicembre 1583. / Affezionatissimo / Quella benedetta ec.”



formação não-europeia, com um papel fundamental na intermediação de um ouvinte europeu, modulando os sons da língua de partida dentro dos paradigmas lexicais e morfológicos da língua de chegada. O segundo aspecto é a presença de uma glosa interpretativa que acompanha a palavra exótica, reconduzindo o empréstimo lexical no horizonte de espera do viajante ou leitor ocidental.

Exemplo disso é a palavra “ananás”, derivada de “naná” (originada na língua guarani) que, passando pelas “regras” da morfologia e do léxico da língua portuguesa, tomou forma de “ananás”. Outro exemplo a ser citado é a palavra “canoa”, originada do caraíbico “canaua” e, passando pelo filtro léxico-morfológico do espanhol acabou se transformando em “canoa”, em italiano com registros de palavra pluralizada “canoe”, seguindo as regras da língua italiana. (TESI, 2012) No capítulo 4, que trará os comentários sobre este projeto tradutório, discutirei com mais profundidade as palavras exóticas presentes nas cartas de Sassetti .

Analisar o estilo e os elementos do epistolário sassettiano retomando conceitos relacionados ao assunto “carta” bem como à “literatura de viagem” é um modo de buscar mais subsídios para fundamentar a tradução que aqui apresento, e foi o que busquei ao elaborar este capítulo. Certamente, as ideias pesquisadas e analisadas buscam propor uma tradução ao leitor de língua portuguesa a fim de que este possa compreender as características do mercador florentino, e refletir sobre as concepções de mundo, àquela época, trazidas pelo autor em seus escritos.

#### **2.4.1 Sobre o *corpus* da tradução**

O *corpus* selecionado para fazer parte deste projeto de tradução foi baseado na presença da citação da palavra *verzino*, que significa “da cor da brasa”, ao longo das cartas. Isso foi identificado, como já destacamos, em 12 correspondências, datas de 1578 a 1585, a maioria escrita quando o mercador estava na cidade de Lisboa, em Portugal, quando o Brasil ainda era colônia portuguesa.

Para empreender a tradução, foi necessário buscar leituras que pudessem contribuir para a compreensão dos textos, em muitos casos, buscando tomar conhecimento da geografia mundial de então. Por se tratar de conteúdos diversos, antes de apresentar a tradução das cartas, destaco a essência dos escritos, com os temas abordados por Sassetti, seguindo a ordem cronológica. Eis o que trazem as missivas:

- Carta XLIV, enviada de Lisboa e datada de 10 de outubro de 1578, endereçada a Baccio Valori: descreve a cidade de Lisboa bem como os costumes dos portugueses, também recebe atenção o comércio nas Índias. O Brasil é citado em cinco momentos nesta carta, escrevendo sobre o comércio de inúmeros objetos, tais como chocalhos, tecidos e outras mercadorias, além de citar a costa brasileira como parte do Novo Mundo. Também fala do comércio de escravizados;

- Carta XLVI, enviada de Lisboa, sem data, a Francesco Bonciani: escreve a respeito de algumas amizades e sobre a morte de Giambattista Adriani; trata dos portugueses e da aversão que carregam contra os castelhanos e da grande paixão que possui pela viagem à Índia. Fala sobre a peste em Lisboa. O Brasil aqui é citado apenas uma vez, quando Sassetti declara que não tem nada a fazer a não ser ficar lendo sobre as novidades da Índia, do Brasil e da China;

- Carta L, enviada de Lisboa e datada de 15 de janeiro de 1581, endereçada a Francesco Valori: fala da viagem à Índia e dos negócios relacionados à Ilha Terceira. O Brasil é citado somente em um momento quando o mercador florentino afirma que os portugueses vão ao Brasil para roubar e levar para socorrer D. Antônio, carregando, desta forma, navios com açúcar;

- Carta LII, enviada de Madri e datada de 26 de junho de 1581, endereçada a Francesco Valori: usa de ironia para falar de um certo queijo, fala de possíveis negócios que poderiam ser feitos em Lisboa e dos preços de algumas mercadorias. Cita novamente a peste que tomou conta de Lisboa e Sevilha e da vontade de voltar à pátria. O Brasil é citado somente uma vez em relação ao comércio de açúcar;

- Carta LIV, enviada de Madri e datada de 7 de agosto de 1581, endereçada a Francesco Valori: carta enviada a Francesco Valori voltada a falar sobre questões mercantis e políticas. Aqui, também escreve sobre o Brasil em relação ao comércio de açúcar;

- Carta LXIII, enviada de Lisboa e datada de 6 de março de 1582, endereçada a Francesco Bonamici: trata da revolução e do giro dos ventos observado na navegação rumo à Índia, fala das chuvas, dos tufões, de constelações, animais marinhos e da variação do ímã. Apesar de ser uma das mais extensas cartas, que traz, inclusive, um desenho feito por Sassetti, o Brasil é citado somente uma vez sobre a navegação infeliz que teve a embarcação quando foi parar pela costa brasileira;

- Carta LXVI, enviada de Lisboa e datada de 24 de setembro de 1582, endereçada a Baccio Valori: narra os problemas enfrentados durante uma navegação

que durou cinco meses e que obrigou a tripulação a retornar a Lisboa por causa dos ventos. Descreve a tempestade que os pegou de surpresa ao entrarem em Lisboa, narrando como ela ocorreu, além de trazer fatos relacionados às constelações e os efeitos e variedades do ímã. Aqui, Sasseti fala novamente do perigo de se navegar pela costa do Brasil, citando o nome do país somente uma única vez;

- Carta LXIX, enviada de Lisboa e datada de 15 de novembro de 1582, endereçada a Francesco Valori: afirma ter já escrito sobre o retorno a Lisboa e agradece o outro queijo que Valori lhe havia mandado. O Brasil, mais uma vez, aparece como portador de uma costa perigosa para a navegação;

- Carta LXXXI, enviada de Cochim e datada de dezembro de 1583, endereçada a Francesco Valori: queixa-se dos negócios mercantis e da infeliz navegação feita pelo navio no qual estava embarcado. Descreve a doença do escorbuto, além de falar de Cochim e seus habitantes, não falando muito sobre os costumes e a religião deles. O Brasil é citado por sua costa litorânea ser perigosa para navegação;

- Carta LXXXIV, enviada de Cochim e datada de janeiro de 1584, endereçada ao Cardeal Ferdinando de' Medici: fala sobre a viagem à Índia, trazendo a descrição da costa de Malabar assim como dos costumes e religião dos habitantes. Do mesmo modo como na carta anterior, o Brasil é citado por sua costa perigosa para navegação, o que fez a tripulação retornar a Lisboa e atrasar a viagem rumo à Índia;

- Carta LXXXV, enviada de Cochim e data de janeiro de 1584, endereçada a Piero Spina: narra a difícil viagem realizada de Lisboa para a Índia no navio São Felipe. Após, descreve o território no interior de Cochim, seus animais, plantas e frutas ali produzidas, em especial do abacaxi. Também escreve um pouco sobre o modo de guerrear daquele povo, além do sacerdote deles. Devido ao trauma por que passou durante a viagem, Sasseti reforça, em dois momentos, o perigo de passar, navegando, pela costa brasileira;

- Carta XCV, enviada de Cochim e datada de 1585, endereçada a Michele Saladini: além de retomar algum assunto da carta LXIII relacionado aos ventos e à viagem de Colombo e Vespucci, fala da variação do ímã, da navegação cuidadosa que se deve ter para chegar à Índia, do comércio de pimenta e dos fortes e armadas dos portugueses na Índia. Sobre o Brasil, citado aqui em quatro momentos, Sasseti alerta sobre o perigo de se navegar por sua costa, aconselhando a retornar, caso venha o navio a se aproximar de suas terras.

Nota-se uma certa sequência nos temas das cartas, pois, em virtude da organização cronológica, o pensamento do mercador-escritor parece ter seguido um raciocínio cronológico também, mesmo havendo cartas intercaladas a essas aqui traduzidas, as quais não fazem parte deste projeto tradutório por não citarem o Brasil.

No próximo capítulo, trarei a tradução das cartas, nas quais será possível visualizar melhor o mundo descrito por Sasseti.

### 3 TRADUÇÃO DO ITALIANO PARA O PORTUGUÊS DE CARTAS DE FILIPPO SASSETTI

Neste capítulo, elenco as 12 cartas selecionadas e traduzidas do mercador florentino Filippo Sassetti, textos esses escritos, como foi dito, em Lisboa, Madri, Cochim e Goa com destino a Florença. Na impossibilidade de traduzir todas as cartas neste momento, dada a complexidade da língua de partida, como informado na Introdução deste tese, selecionei apenas as cartas que citam o nome *Verzino*, que significa “Brasil” em toscano.

#### 3.1 DA TRADUÇÃO DAS CARTAS

##### 3.1.1 Carta XLIV

XLIV.

A Baccio Valori, in Firenze.

Molto magnifico et eccellentissimo signor mio.

Io dubito di non aver fatto troppo a sicurtà meco medesimo per non avere ancora scritto a V. S., poichè io mi partii da lei. Io giunsi a Seviglia, e per iscriverle aspettava che ne venissero dal nuovo Mondo le navi, acciocchè, scrivendole e raccontandole qualcosa delle novità che sogliono vedersi, io venissi a meno tediara. Stettivi pochi giorni, e fummi necessario venire qui, dove io non so quanto io mi starò. Delle cose passate nel viaggio, e de' costumi delle genti non tratterò a V. S., perchè in passando non si può giudicare. Solo le dirò che, se io fussi andato attorno per amore, ben potrei, accusandolo, dire:

*Cercar m' hai fatto diversi paesi,*

sino a quel mezzo verso

*Dure genti e costumi,*

XLIV.

A Baccio Valori, em Florença.

Meu Muito Magnífico e Excelentíssimo Senhor

Creio não ter feito o bastante para a minha própria segurança por não ter escrito ainda a Vossa Senhoria depois que eu parti. Cheguei em Sevilha e, para lhe escrever, esperei que chegassem os navios do Novo Mundo, para que, escrevendo-lhe e contando-lhe algo das novidades que se costumam ver, eu lhe entediasse menos. Fiquei ali poucos dias, e me foi necessário vir aqui, onde não sei quanto tempo ficarei. Das coisas que aconteceram na viagem e dos costumes das pessoas, não tratarei com Vossa Senhoria, porque não se pode julgar quando se está de passagem. Apenas lhe direi que, se eu tivesse ido por amor, bem poderia, acusando-o, dizer:

*Você me fez buscar diversos lugares<sup>106</sup>,*

até aquele meio verso

<sup>106</sup> Referência “Canção XXIV”, estrofe 4, de Francesco Petrarca. [N.E.]

che mi pare a me il proprio di tutte queste ingenerazioni; talchè chiunque ci verrà de' nostri, e non sarà armato d'una estrema pazienza, ma sarà veloce ne' suoi movimenti, fugga di questo luogo, ch' e' ci morrà di subito. Questa è città grandissima, e la parte principale e maggiore è fuori delle mura; il forte di essa sono tre colli e due vallate, se bene i borghi, che si distendono come razzi, ne abbracciano fino a cinque. Ha la riviera del Tago da Mezzogiorno, ancora che qui ella si possa chiamare per più vero nome un braccio di mare, che è porto grandissimo, dove stanno le migliara de' legni; e 'l palazzo reale è lungo la riviera, ma gli altri abitatori, che stanno in basso, sono tutti mercatanti. Non ha nessuno bello edificio, nè alcuna antica memoria ci restò dalla furia de' Mori. Il paese non è ameno, chè i caldi grandi abbruciano ogni cosa. Sonci assai ulivi, ma tanto maltrattati, che chi si trova affezionato a questa pianta, non gli potrà vedere e star cheto; perchè il tutto si raccomanda alla natura, e la coltivazione è più bandita di qui di qualunque altra cosa nimica. Gli abitatori di Lisbona saranno come ducentocinquanta mila: questi sono Cristiani vecchi, Cristiani nuovi, e schiavi. I Cristiani vecchi son divisi ne' *fidalghi* e altro popolo minuto, e i Cristiani nuovi sono gli ultimi Giudei, che elessero di rimanere qui, e battezzarsi: sono gente poco meglio che infame, cattivi, perfidi, senza fe, senza onore o cosa che buona sia, se non uno intendimento sottilissimo, che, congiunto alle sopra dette qualità, fa una composizione, che chi ha a trattare con esso loro e non vi lascia del suo, è uomo che si può mandare per tutto, e dargli, come si dice, la briglia sul collo. E' Cristiani vecchi per lo contrario sono gente che sa poco, e molto superba, e tanto di loro testa, che il rimovergli della opinione loro e l'impossibile sono une medesime cose. Tutto sanno loro, e tutto fanno loro, e da loro dipende ogni cosa, e la loro terra è la meglio del mondo, e si

### *Duras pessoas e costumes,*

o que me parece próprio de todas essas gentilhas; de modo que quem quer que venha dos nossos, e não estiver armado com extrema paciência, mas sendo rápido em seus movimentos, que fuja deste lugar, senão aqui morrerá imediatamente. Esta é uma cidade grandíssima, e a parte principal e maior está fora dos muros; a fortaleza dela são três colinas e dois vales, embora as aldeias, que se espalham como foguetes, abracem até cinco. Há a costa do Tejo ao Sul, embora aqui se possa chamar por nome mais verdadeiro um braço de mar, que é um porto grandíssimo, onde ficam as milhares de embarcações; e o palácio real fica ao longo da costa, mas os outros habitantes, que vivem abaixo, são todos mercadores. Não há nenhuma bela construção, nem qualquer memória antiga restou da fúria dos Mouros. O lugar não é agradável, de modo que o grande calor queima tudo. Há muitas oliveiras, mas tão maltratadas, que quem gosta desta planta não consegue vê-las e ficar calado; porque tudo é encomendado à natureza, e aqui o cultivo é mais banido do que qualquer outra coisa inimiga. Os habitantes de Lisboa são algo em torno de duzentos e cinquenta mil: esses são Cristãos Velhos, Cristãos novos e escravos. Os Cristãos velhos são divididos em fidalgos e outro povo diminuto, e os Cristãos novos são os últimos Judeus, que escolheram ficar aqui e serem batizados: são pessoas pouco melhores do que infames, ruins, pérfidas, sem fé, sem honra ou coisa boa que seja, senão um entendimento muito sutil, que unido às qualidades acima mencionadas faz uma composição, que quem tem que lidar com eles e não lhes deixa do seu, é um homem que pode ser enviado a qualquer lugar e colocar-lhe, como se diz, a rédea no pescoço. Os Cristãos velhos, ao

pongono a provarlo con l'induzione. Sono loquaci, e gente vana; e se egli assannano uno, bisogna far conto di fare la parte degli ascoltanti; e tre quarti delle parole consistono in V.M., e in giuramenti, che non credo che si trovi dove più si giuri. Giurano per *los Sanctos Evangelios*, e, quando vogliono aggrandire e procacciarsi più fede, arrògeno *y mas por estas barbas, o por esto rostro*; e toccansi la barba o il viso, non senza muovere chi gli vede a riso. Gli schiavi nella diversità loro agguagliano tutte quelle genti, che, sentendo favellare gli apostoli ciascuno in suo linguaggio, si stupivano; e al credere mio saranno la quinta parte delle genti che ci sono; e tutti vivono di vittovaglia portataci per mare, o la maggior parte: chè il paese è sterile, e non colto; e per questo vengono qui navili infiniti, trecento per volta di quella di Danismarca, di Ostarlant, d'Olanda e tutta la Fiandra, d'Inghilterra e tutta la costa di Brettagna e di Francia; e ci portano d'ogni cosa fino all'uova e alle galline, e de' danari sopra questo, e pòrtanne spezierie: e de' paesi nostri ancora ci vengono delle vettovaglie, grani talvolta di costà, vini e oli di Provenza e di tutta la costa di Spagna; e tutto ci ha presta e buona spedizione, secondo la qualità delle cose, o la disposizione della terra. Di carne ci è sottosopra mancamento, chè d'ogni tempo ci si ammazzano vacche molto dure, e pochi castrati; a che ha sovvenuto l'innumerabile quantità de' pesci, che ci si pigliano e ci si consumano, chè in ogni via o in ogni casa è bottega che cuoce e vende pesce ogni giorno e ogni ora; talmente che per l'odore cattivo del frittume è una noia grandissima l'andare attorno.

Il traffico de' Portughesi è al Capoverde e quelle isole quivi vicine; più basso alla Mina di Sangiorgio, e tutta questa costa d'Africa, che guarda il

contrário, são pessoas que sabem pouco, e são muito orgulhosos, e tão donos de si mesmos, que mudar a opinião deles e o impossível são a mesma coisa. Eles sabem tudo, e tudo fazem, e tudo depende deles, e a terra deles é a melhor do mundo, e eles se propõem a provar isso com indução. São loquazes e gente vã; e se eles agarram um, é preciso fazer de conta que se é a parte ouvinte; e três quartos das palavras consistem em Vossa Mercê e juramentos, que eu não creio que se encontre lugar onde mais se jure. Juram por *los Sanctos Evangelios*, e, quando querem crescer e adquirir mais fé, acrescentam *y mas por estas barbas, o por esto rostro*; e se tocam a barba ou o rosto, não sem mexer quem os vê a rir. Os escravos, em sua diversidade, igualam-se a todas aquelas pessoas, as quais, ouvindo os apóstolos falarem cada um em sua própria língua, ficavam maravilhados; e, a meu ver, serão a quinta parte das pessoas que existem; e todos vivem de comida trazida por mar, ou a maior parte: pois o lugar é estéril, e inculto; e por isso vêm aqui navios infinitos, trezentos de cada vez da Dinamarca, Osterland<sup>107</sup>, Holanda e toda a Flandres, Inglaterra e toda a costa da Bretanha e da França; e nos trazem de tudo até os ovos e as galinhas, e dinheiro em cima disso, e trazem especiarias. Dos nossos países ainda nos chegam provisões, grãos às vezes daqui, vinhos e azeites da Provença e de toda a costa da Espanha; e tudo com boa e rápida expedição, conforme a qualidade das coisas, ou a disposição da terra. A falta de carne causa confusão, pois vez ou outra matam-se vacas muito duras, e pouco castradas; e por isso tem ocorrido uma quantidade inumerável de peixes, que se acumulam e se consomem, que em cada rua ou em cada casa há um negócio que cozinha e vende peixe todos os dias e a toda hora; tanto que,

<sup>107</sup> Atualmente, região pertencente à Alemanha. Já fez parte do Reino da Saxônia, de 1806 a 1918. [N.T.]

Ponente; all'isola di Santommè, e a quella costa del Mondo nuovo, ch' e' chiamano il Verzino. Di là dal Capo Buonasperanza fanno scala a Monzambiquo, e poi se ne vanno in India; e di quivi, cioè dalla prima costa d' India, dove è Calicut e Goa, vanno a Malaca, che dicono essere l'antica Aurea Chersoneso, alla China e al Giapan, e prima a Malucco: e nella costa d'Africa di Ponente, che sono Capoverde e la Mina, portano principalmente di quelle tele che vengono d' India in quantità grande, e di quelle che vengono di Roano; ottoni lavorati di ogni sorte, e massime collane, e certe maniglie e anelli, che que' Neri si pongono al naso e agli orecchi, e molti paternostri di vetro, che ne fanno vezzi e collane, e una certa sorte di paternostri rossi, che vengono dell'India a carrate. A Santommè non portano se non le cose necessarie per vitto; chè, trattone i Portoghesi, non vi sono altri che schiavi; e nel Verzino conducono d'ogni sorte cosa; grasce, panni, drappi, mercerie, come specchi, sonagli e altre sì fatte; e in India portano di tutto tambene, vino, olio, drappi e panni ma pochi; fogli, vetri, coralli e reali. E cose che riportano in qua, sono queste: del Capoverde cuoia, cotonei, zuccheri; della Mina oro perfetto e zibetto, chè quest' anno, che i Portoghesi sono in guerra con quelli del paese, in due legni sono venuti da dugentomila ducati in barrette d'oro: di Santommè vengono quelli zuccheri che si raffinano, chiamati da noi zuccheri rossi, in numero di sette milioni secento mila delle nostre libbre, e ogni trentasette vagliono circa a un ducato e tre quarti. Del Verzino vengono altrettanti zuccheri, la maggior parte bianchi, che vagliono qui le libbre quarantatrè circa di ducati quattro. In questo paese si ritrova Filippo Cavalcanti, fratello di Guido e di Stiatta, il quale ha grandissime faccende alle mani, ed è uomo di grande autorità, e

devido ao cheiro ruim de fritura, é muito ruim ficar andando por aí.

O tráfico dos Portugueses é em Cabo Verde e nas ilhas próximas; mais abaixo em São Jorge da Mina<sup>108</sup>, e toda esta costa da África, voltada para o Oeste; para a ilha de São Tomé, e para aquela costa do Novo Mundo, que eles chamam de Brasil. Depois do Cabo da Boa Esperança fazem escala em Moçambique, e depois vão para a Índia; e da sua primeira costa, onde ficam Calicute e Goa, vão para Malaca, que dizem ser a antiga Península Dourada, e para a China e o Japão, e primeiro nas Ilhas Molucas: e na costa ocidental da África, que são Cabo Verde e a Mina, trazem principalmente aqueles tecidos que vêm da Índia em grande quantidade, e aqueles que vêm de Roano; latões trabalhados de todo tipo, e grandes colares, e algumas pulseiras e anéis, que aqueles Negros colocam em seus narizes e orelhas, e muitos jequiritis de vidro, dos quais fazem correntes e colares, e um certo tipo de jequiriti vermelho, que vem da Índia às carradas. A São Tomé não levam a não ser as coisas necessárias para se alimentar; pois, além dos Portugueses, não há senão escravos; e ao Brasil carregam todo tipo de coisa; banha, panos, tecidos de seda, mercadorias, como espelhos, chocalhos e coisas do gênero; e na Índia levam também vinho, óleo, tecidos e panos, mas poucos; folhas, vidros, corais e reais. E as coisas que nos trazem de volta são estas: de Cabo Verde, couros, algodões, açúcares; de Mina, ouro perfeito e almíscar, porque este ano, como os Portugueses estão em guerra com os do local, em duas embarcações vieram duzentos mil ducados em barras de ouro: de São Tomé vêm esses açúcares refinados, chamados por nós açúcares vermelhos, em um número de sete milhões e

<sup>108</sup> Corresponde aproximadamente à faixa litorânea dos atuais estados de Gana, Togo, Benim e Nigéria. São Jorge da Mina, Arguim, Cabo Verde e São Tomé constituíam os quatro núcleos fundamentais da presença portuguesa na costa ocidental africana (FREUDHENTHAL, s/d). [N.T.]



quasi soprastante a tutto, infino al proprio governatore. Dicono che e' tiene gran corte con molti paggi e cavalli, e spende l'anno in sua casa meglio di scudi cinquemila: e' suoi negozi sono ingegni di zuccheri. Quivi sono, per quanto io intendo, mostri stupendi d'animali bruti; e un piloto d' una nave, venutone quest'anno, ha portato la pelle d' un serpente, sul quale, pensando di porre il piede sopra un sasso, scavalcava, che è largo sul dosso quattro piedi, e lungo trentaquattro o trentacinque; il quale dice che mangiava una pantera, e mangiava anche lui, se e' non lo soccorrevano. Ha ancora portato il cuoio d' uno animale della grandezza della lontra, ma coperto di squame durissime; ha la testa di testuggine, gambe di coccodrillo, e la scaglia della schiena si raccoglie come fa la parte di sopra delle manopole di ferro e i cosciali d' un'armadura; e la coda è della medesima materia, e viene giù distinta a nodo a nodo fino a che ella viene sottilissima. Dice questo medesimo, che in Fernambuch, terra del Verzino, è un mostro scorticato, e pieno di paglia, preso non sono molti anni, che è quasi la Scilla. Ha testa e collo di cane, spalle, braccia e mani di figura umana, petto e ventre di pesce, e piedi d' oca. E altre cose infinite vi sono, delle quali non si pigliano cura costoro di dare notizia al mondo. Del Monzambiquo portano in India schiavi e molto avorio; e d'India recano tutte le cose preziose che noi conosciamo; le spezierie, parte delle quali fanno in quella costa, come il pepe, la cannella e 'l zénzero; l' altre vi sono portate, come le noci moscade e il macis, che vengono pure di terra ferma, e i grofani che vengono dal Malucco (dove i Portoghesi non arrivano più, perchè un capitano fece senza proposito pigliare un re loro, e tagliargli la testa, e quelle genti fecero loro cantare il Vespro Ciciliano); tutte le sorte di pietre preziose che noi conosciamo, salvo che non ho veduto turchine. Vèngonne infinite sorti di tela di bambagia, e alcune d'erba, tanto fini e

seiscentos mil de nossas libras, e cada trinta e sete valem cerca de um ducado e três quartos. Do Brasil vêm muitos açúcares, a maior parte branco, que são avaliados aqui em cerca de quarenta e três libras de quatro ducados. Nesse país está Felipe Cavalcanti, irmão de Guido e Stiatta, que tem negócios muito grandes em suas mãos, e é um homem de grande autoridade, e quase acima de tudo, até de seu próprio governador. Dizem que ele possui uma grande corte com muitos pajens e cavalos, e passa o ano em sua casa de mais de cinco mil escudos, e seus negócios são engenhos de açúcar. Aqui existem, até onde sei, amostras estupendas de animais ferozes; e um piloto de um navio, de lá vindo este ano, trouxe a pele de uma serpente, sobre a qual havia pensado ter colocado o pé em cima de uma pedra, media quatro pés de dorso e 34 ou 35 de comprimento; sobre a qual diz que comeria uma pantera e que teria comido ele também se não o tivessem socorrido. Levou ainda o couro de um animal do tamanho da lontra, mas coberto de escamas duríssimas; tem a cabeça de tartaruga, pernas de crocodilo e as lascas das costas se encolhem umas nas outras como as manoplas de ferro e os coxotes de uma armadura; e o rabo é do mesmo material e vem separado de nó em nó até ficar finíssimo. Esse mesmo diz que em Pernambuco, terra do Brasil, existe um monstro esfolado e empalhado, caçado não faz muitos anos, que é quase uma Cila. Tem a cabeça e o pescoço de um cachorro, ombros, braços e mãos de figura humana, peito e ventre de peixe e pés de pato. E outras coisas infinitas existem, das quais eles não se preocupam em informar ao mundo. De Moçambique trazem à Índia escravos e muito marfim; e da Índia trazem todas as coisas preciosas que conhecemos; as especiarias, parte das quais feitas naquela costa, como a pimenta, a canela e o gengibre; as outras foram trazidas,

sottili, che senza vederle non si potrebbe credere; e queste son quelle che passano dipoi in Barbería e per tutta l'África. Vengono veli assai di seta, e molti di quelli drappi che noi chiamiamo zendadi, de' ciambellotti con seta sottilissima e bianca, e cose lavorate, come coltre imbottite, nelle quali si troverà da spendere fino cento venti e cento cinquanta scudi nell' una. Vidi in casa un piloto d'India un manto per a collo per una donna, di tela bianca, imbottito di seta gialla, dove io credo che fossero cento mila milioni di punti: cosa vaghissima da vedere, della quale domandava fino a 240 ducati. Vengono di là legnami da letti, che e' domandano *catri*, dipinti di diversi colori, e tali miniatte d'oro di gentilissimi compassi; e'un luogo di saccone tengono cigne, con le quali l'attraversano ed empiono tutto, e in quei paesi pongono una stuoia sopravi, e dormonvisi; qua vi mettono le materasse. Le madreperle e altre fantasie di mare, ch' e' conducono di là, non hanno numero, e son tutte cose che ingombrano molti denari. Aveva lasciato il musco e l'ambra, la quale vogliono in fatto che esca del fondo del mare, e sia una specie di terra non altrimenti che si sia il bitume o'l cinabro, o altra cosa. Vienci l'anile, o vero indaco, la lacca per tignere, che sono cacature di formiche, e in certi cannelli quella dura da suggellare. Le porcellane non sono da lasciarsi, delle quali credo che ci siano venute quest'anno dugento tinelli, e tutte hanno preso luogo, che adesso non si troverebbe da comperarne che fussero buone: vagliono ragguagliatamente un quarto di ducato il pezzo de' piccoli; e' grandi poi uno, due, tre e quattro ducati l'uno.

como noz-moscada e mácida, que vêm da terra-firme, e os cravos-da-índia, que vêm das Molucas (onde os Portugueses não chegam mais, porque um capitão, sem propósito, pilhou um rei deles, e cortou sua cabeça, e aquelas pessoas os fizeram cantar as Vésperas Sicilianas<sup>109</sup>); todos os tipos de pedras preciosas que nós conhecemos, salvo turquesa, que eu não vi. Existem infinitas espécies de tecidos de algodão e alguns de erva, tão finos e leves que, sem vê-los, não se poderia acreditar; e estes são os que depois passam pelo Berbere<sup>110</sup> e por toda a África. Vêm muitos véus de seda, e muitos daqueles tecidos que chamamos de organza, uns *ciambellotti*<sup>111</sup> com seda bem fininha e branca, e coisas trabalhadas, como mantas acolchoadas, as quais se encontra para gastar até 120 e 150 coroas por uma. Eu vi na casa de um piloto da Índia um manto para o pescoço de uma mulher, de tecido branco, acolchoado com seda amarela, o qual creio ter cem mil milhões de pontos: coisa raríssima de se ver, pela qual ele pedia até 240 ducados. De lá vêm madeiras para camas, que eles chamam de *catri*, pinturas de diversas cores, e tais miniaturas de ouro de feitios muito delicados; e no lugar de palha nos sacos de dormir, têm penas de cisnes, com os quais o atravessam e enchem tudo, e naqueles países colocam uma esteira em cima e ali dormem; aqui eles colocam os colchões. As madrepérolas e outras fantasias de mar, que eles carregam de lá, são incontáveis, e são todas coisas que requerem muito dinheiro. Havia deixado o almíscar e o âmbar, que querem, de fato, que saia do fundo do mar e seja um tipo de terra, não de outra forma que seja o betume ou cinábrio, ou

<sup>109</sup> Expressão que significa rebeliões ocorridas em 1282 às vésperas da Segunda-Feira após a Páscoa, iniciando uma série de batalhas pelo controle da Sicília (AMARI, 1843 apud MARCUCCI, 1855, p. 124). [N.E.]

<sup>110</sup> Refere-se à atual região de Marrocos e países em torno da África. [N.T.]

<sup>111</sup> Tecido feito com pele de cabra ou, mais antigamente, de carneiro (TOMMASEO ON-LINE, 2015). [N.T.]

Restami a dire degli schiavi, che da tutte queste parti ci sono condotti, salvo che del Verzino, i quali saranno più di tre mila. Del Verzino non ce ne conducono, perchè e' sono gente cattiva e ostinata, e come e' si veggono schiavi, si deliberano di morirsi, e viene loro fatto. Di altri luoghi ci vengono li Giapini, gente olivastra e che esercitano qui ogni arte con buon intendimento; piccol viso, e nel resto di statura ragionevole. I Chini sono uomini di grande intelletto, e parimente esercitano tutte le arti, e sopra tutto imparano maravigliosamente la cucina: hanno il viso rincagnato, gli occhi piccoli, come se fossero forati con un fuso, e a tutti (che mi pare la loro propria differenza) il copertoio dell'occhio ricuopre quella particella dove sono appiccate le palpebre, talchè mancano d'essa alla vista, che gli fa difforni e conoscibili tra tutti gli altri. Il colore loro è tra giallo e tanè. D'India vengono due sorti d'ingenerazioni: i Mori Maomettani e' Neri, che sono Gentili. I Mori sono propriamente ghezzi, che è tra 'l zingano e 'l nero, gente di tanto intelletto, che nessuna più; e nella vivezza degli occhi si conosce il loro ingegno, ma hanno per lo più mala inclinazione, chè sono ladri finissimi, e chi n'ha uno che sia buono, ha un gran servizio di lui. E' Neri Gentili sono talmente neri, che e' non è tanto tinto l'inchiostro; sono di bassa statura, e forti, e per travagliare in cose di fatica. Questi sono condotti in India, parte del Monzambiquo, e parte de' luoghi vicini

outra coisa. Vem o anil, ou verdadeiro índigo, a laca para tingir, que são excrementos de formigas, e em certos canos, aquela difficil de selar. As porcelanas não são de ficar para trás, das quais acredito terem vindo neste ano duzentos tonéis, e todas foram tomadas, que agora não se encontraria para comprar nenhuma que fosse boa: valem igualmente um quarto de ducado o pedaço dos pequenos; os grandes, depois, um, dois, três e quatro ducados cada.

Resta-me falar dos escravos, os quais são trazidos de todas essas partes, exceto do Brasil, que devem ser mais de três mil. Do Brasil não nos trazem nenhum, porque são pessoas más e obstinadas, e quando se veem como escravos, preferem morrer, e isso acontece. De outros lugares vêm os Japoneses, gente castanho-esverdeada e que aqui pratica todas as artes com bom entendimento; rosto pequeno e de estatura razoável. Os Chineses são homens de grande intelecto e também praticam todas as artes e, acima de tudo, aprendem a cozinhar maravilhosamente: têm rostos arregalados, os olhos pequenos, como se fossem perfurados por um fuso, e para todos (o que me parece real diferença deles) a capela do olho cobre aquela partícula onde as pálpebras ficam presas, de modo que lhes falta na visão, o que os torna deformados e reconhecíveis entre todos os outros. A cor deles está entre o amarelo e o castanho. Da Índia vêm dois tipos de gentilhas: os Mouros maometanos e os Negros, que são Gentios. Os Mouros são propriamente escuros, ficando entre o cigano e o negro, gente de tanto intelecto como nenhuma outra; e na vivacidade de seus olhos se conhece a sua inteligência, mas eles têm em sua maioria uma má inclinação, pois são ladrões muito bons, e quem tem um que seja bom, tem um grande serviço dele. Os Negros Gentios são de tal modo negros, que comparada

all'India, più propinqui all' Equinoziale. Di Santommè vengono una gran turma di Neri portativi di tutta la costa d'Africa, dal Capoverde sino a quel parallelo. Sono questi medesimamente gente più da fatica che d' intelletto; e quelli che ci vengono dal Capoverde, di tutti i Neri sono i più gentili, e con facilità imparano tutto quello eh' e' veggono fare, fino a sonar di liuto; e sopra tutto tengono bene l' arme in mano, e di loro si ha buono servizio, trattone ch' e' sono un poco superbi, che è vizio di tutti i Neri, e ce n'è il proverbio: *egli ha più fantasia che un Nero*. È miseria il vedere com'e' sono qua condotti, chè sopra una nave ne saranno venticinque, trenta e quaranta, e tutti stanno qui sopra coverta ignudi, addosso l'uno all'altro; e sopra tutto si accostumano molto astinenti, che sino a qua danno loro da mangiare del medesimo di che vivono nella terra loro, che sono certe barbe come quelle del ghiaggiuolo, che crude e cotte, chi non lo sapesse, le giudicherebbe castagne. Smontati in terra, stanno a una *solicandola* a turme, e chi ne vuol comperare va quivi, e guarda loro la bocca, fa distendere e raccorre le braccia, chinarsi, correre e saltare, e tutti gli altri movimenti e gesti, che può fare un sano, che, considerando in loro la natura comune, non può essere che non se ne pigli spavento; e il prezzo loro è da 30 fino a 60 ducati l'uno. Non mi pare da lasciare di contare a V. S. quello che mi fece restare attonito, considerando la miseria loro e la inumanità del padrone. Sopra una piazza erano in terra forse cinquanta di questi animali, che facevano di loro un cerchio: e' piedi erano la circonferenza, e 'l capo il centro: erano l' uno sopra l'altro, e tutti facevano forza d' andare a terra. Io m' accostai per vedere che giuoco fosse questo, e veggio in terra un grande catino di legno, dove era stata dell'acqua, e que' miseri stavano, e si sforzavano di succhiare i centellini e leccare l'orlo; e da loro, si nell' azione come nel colore, a un branco di porci che

a eles a tinta não é tão escura; são de baixa estatura e fortes, e para trabalhar em atividades pesadas. Esses são levados à Índia, parte de Moçambique, e parte dos lugares próximos à Índia, mais perto do Equinocial. De São Tomé vem uma grande turma de Negros levados de toda a costa da África, de Cabo Verde até aquele paralelo. São também pessoas mais aptas para o trabalho duro do que para o intelecto; e os que vêm de Cabo Verde, de todos os Negros, são os mais gentis, e com facilidade aprendem tudo o que veem fazer, até tocar alaúde; e, sobretudo, conduzem bem as armas em mãos, e deles se têm bons serviços, considerando que são um pouco orgulhosos, que é o vício de todos os Negros, e há o provérbio: *ele tem mais imaginação que um Negro*. É uma miséria ver como eles são trazidos para cá, pois são cerca de vinte e cinco, trinta e quarenta deles em um navio, e todos estão aqui desnudos, encostados uns nos outros; e, sobretudo, acostumam-se muito abstinente, que até aqui lhes dão de comer daquilo que vivem em sua terra, que são certas barbas como as da flor de íris, que cruas e cozidas, quem não as conhecesse, as julgaria castanhas. Descidos à terra, eles ficam juntos em grupo, e quem os quiser comprar vai lá, e olha a boca deles, faz com que estendam e cruzem os braços, curvem-se, corram e saltem, e todos os outros movimentos e gestos que uma pessoa saudável pode fazer, que, considerando a natureza comum deles, não há como não se assustar; e o preço deles varia de 30 a 60 ducados cada. Creio que eu não deva deixar de dizer a Vossa Senhoria o que me deixou atônito, considerando a miséria deles e a desumanidade do patrão. Numa praça estavam no chão talvez cinquenta desses animais, que faziam um círculo: os pés eram a circunferência e a cabeça, o centro: estavam um sobre o outro, e todos se esforçavam para ir ao chão. Aproximei-me para ver que jogo

si azzuffino per ficcar la testa nel brodo, non era nessuna differenza. Sonmi condotto all' ultimo della lettera con questa storiotta di poco gusto, forse contro alle regole, le quali non si possono sempre osservare; e là dove non si tratta di creanza, ma di considerare la natura delle cose, non si disconviene; e, se mal non mi si ricorda, Platone dice che non si ha da lasciare indietro nè la natura del loto eziandio, ancora che io so che a V. S. non occorrerà questa scusa. Di tutte le cose che vengono d' India, molte mi si rappresentavano degne d' essere vedute da V. S.; ma l' essersi dileguate da me certe comodità che a ciò si ricercano, ha fatto che io manchi all' obbligo e desiderio mio. Vengonci molte conservo con zucchero, pepe, noci moscade, macis, mirabolani, e altre cose assai; e tra tutte queste la più gentile a me è paruta l' acqua di cannella, della quale scrive un dottore quello che V. S. vedrà. Honne preso una barza di terra coperta con fune, la quale terrà da quattro o cinque fiaschi, e ben turata l' ho messa sur una nave, che per partirsi non aspetta altro che il tempo. Holla indirizzata a Pisa a messer Michele Saladini, dal quale, se ella verrà salva, sarà mandata a V. S.; e, quando e' segua, desidero che ella ne faccia quattro parti, che l' una sia per lei, l' altra pel signor Piero Vettori, l' altra pel reverendissimo Don Vincenzio, e l' altra pel mio messer Bernardo Davanzati; co' quali tutti vorrei che V. S. mi scusasse del silenzio, e col signor Priore principalmente, col quale, partendomi, feci troppo a sicurtà. Francesco Valori, quando io mi partii di costì, secondo me, mi messe a uscita, chè di lui non ho mai sentito nulla, nè di Pagolantonio ancora. Quando vengono da V. S., piaccio raccomandarmi loro, e sopra tutto tenermi in sua memoria, che è quanto mi occorre per questa; e Nostro Signore la contenti e guardi. Di Lisbona, alli 10 d' ottobre 1578.

era esse e vi no chão uma grande bacia de madeira, onde havia um pouco de água, e aqueles desgraçados estavam lá e tentavam sugar uns golezinhos e lamber a borda; e deles, tanto na ação quanto nas cores, para uma vara de porcos lutando para enfiar a cabeça no caldo, não havia nenhuma diferença. Sou trazido ao final da carta com esta pequena história de mau gosto, talvez contrária às regras, as quais nem sempre podem ser observadas; e onde não se trata de criatividade, mas de considerar a natureza das coisas, não há desacordo; e, se me lembro bem, Platão diz que não se deixa para trás a natureza do lótus, embora eu saiba que Vossa Senhoria não precisará dessa desculpa. De todas as coisas que vêm da Índia, muitas me eram apresentadas dignas de serem vistas por Vossa Senhoria; mas certas comodidades serem abandonadas por mim, as quais para isso são buscadas, fez com que eu faltasse à minha obrigação e desejo. Existem muitas conservas com açúcar, pimenta, noz-moscada, mácida, ameixa mirabelle e muitas outras coisas; e entre todas essas, a que me pareceu mais gentil foi a água de canela, sobre a qual escreve um médico aquilo que Vossa Senhoria verá. Peguei um pedaço de terra coberta com junco, onde devem caber quatro ou cinco frascos, e, bem fechada, coloquei-a em um navio que, para partir, só espera o tempo. Eu a enviei a Pisa a Meu Senhor Michele Saladini, de quem, se ela for salva, será enviada a Vossa Senhoria; e quando recebê-la, desejo que faça quatro partes, uma para o senhor, a outra para o Senhor Piero Vettori, a outra para o reverendíssimo Don Vincenzio e a outra para meu senhor Bernardo Davanzati; com os quais gostaria que Vossa Senhoria perdoasse o meu silêncio, e com o Senhor Prior, principalmente, com quem, ao partir, estava demasiado seguro. Francesco Valori, quando saí dali, na minha opinião, me esqueceu,

porque nunca ouvi mais nada dele, muito menos de Pagolantonio.

Quando chegarem a Vossa Senhoria, por favor, mande lembranças a eles e, acima de tudo, guardem-me em sua memória, que é o que me ocorre agora; e Nosso Senhor lhe proteja e guarde. De Lisboa, em 10 de outubro de 1578.

### 3.1.2 Carta XLVI

XLVI.

A Francesco Bonciani, in Firenze.

Molto magnifico signor mio  
osservandissimo.

Non so veramente su quello che Saladino se la fondi, se egli è però concetto suo, a dire che io non degno quelli che non fanno il mercatante, quasiché, messomi a quest'arte, io sia cresciuto di grado e riputazione; e perciò, come lasciátimivi indreto di gran lunga, non voglia intrattenermi se non *inter æquales*, o come disse Ghirigoro la sera medesima che 'l suo zio morì, essendo perciò divenuto molto ricco, che prima era povero quanto io — messer Giov., ora ricchi con ricchi. — Saladino dice, che la cosa esce da voi, ma non mi pare ch'ella ne sappia. Ora in somma noi siamo qui, e se pure pure io non degno voi, non lasciate di stare su le vostre, perchè voi tenete così bene conto delle lettere per alfabeto o per bilancio, come io mi avessi a fare delle partite sul libro del P. e delle sfragellatrici. Non mi maraviglio, perchè l'uno debbe adesso essere in busca di concetti a novelli madrigali, l'altro è il modello della infingardaggine; e quando egli può coprirsi dalla fatica con qual si sia minimo colore, come sarebbe quello del raccozzare e' veri detti del Villani, lasciate pur fare a lui, che non penserà a cosa che li dia un minimo che, ancora che a dismisura piccolino, di fatica. Degli altri non mi maraviglio, che chi è malato come l'Ardito, e chi una cosa e chi un'altra. Basta; torniamo ora a' casi nostri.

Egli è tanto che io non vi scrissi, che io non mi ricordo se io vi dissi mai di avere ricevuto quel P., il quale io vidi volentieri, e mi parve che fusse fatto con bisogno, e mi confermai nel parer mio,

XLVI.

A Francesco Bonciani, em Firenze.

Meu Muito Magnífico  
Estimadíssimo Senhor

Não sei exatamente sobre em que se baseia Saladino, se é um conceito seu dizer que eu não considero aqueles que não são mercadores, como se, tendo me colocado a esta arte, eu tenha crescido em grau e reputação; e por isso, como o senhor me poupou por grande tempo, não quer me entreter se não *inter æquales*, ou como disse Ghirigoro na mesma noite em que o seu tio morreu, tendo, por isso, se tornado muito rico, que antes era tão pobre como eu — meu senhor Giov., agora ricos com ricos. — Saladino diz que a coisa parte do senhor, mas não me parece que o senhor saiba disso. Agora, em suma, estamos nós aqui, e mesmo que eu não seja digno do senhor, não deixe de estar atento porque o senhor leva tanto em consideração as letras do alfabeto ou do balanço, como se eu confiasse nas divisões do livro do P. e das esfaceladoras<sup>114</sup>. Não me admiro porque um deve estar agora em busca de conceitos para novos madrigais, o outro é modelo da preguiça; e quando ele pode cobrir-se de cansaço com a mínima cor, como seria aquele do reunir os verdadeiros ditos do Villani, deixe ele fazer que não pensará em que lhe dê um mínimo, ainda que extremamente pequenino, cansaço. Dos outros não me admiro, porque quem está doente como Ardito<sup>115</sup>, e quem uma coisa e quem outra. Basta; voltemos agora ao que nos interessa.

É tanta coisa que eu não lhe escrevi, que eu não me recordo se eu lhe disse alguma vez de ter recebido P., o qual eu vi com prazer, e me pareceu que fosse por necessidade, e confirmei a meu ver

<sup>114</sup> Referência a algum tipo de inteligência secreta, segundo consta na edição do texto traduzido. [N.T.]

<sup>115</sup> Nome de um acadêmico da Accademia degli Alterati, da qual participava Sassetti. [N.T.]

che in questo mondo bisogni aiutarsi da se in tutti e' modi e 'n tutte le maniere, e fortificare bene, chi lo può fare, la sua fama da per se medesimo; perchè senza questo che adombra l'intelletto, e fa che altri non s'arrischi a dare contro alla comune per non essere tenuto maligno, ogni piccola colperelluzza ti è fatto un peccato in Ispirito Santo. Fummi detto da principio da uno amico nostro che mi scrisse di Pisa — manderottela, e se ella non ti piace, si potrà dire che tu abbia perduto il gusto delle cose buone; — e questi fu il prelibato Saladino, talchè io stava aspettando che di bella che ella mi comparse, la fusse l'idea dell' orazioni. E quando io trattai di fare il poemone, quell' altro rispose che l'arebbe auto caro, ma che non se lo aspettava. Ora io credo in somma, che l'opera vostra si aggrandirebbe, perchè vi sono degli argomenti che non conchiuggono, e delle parti che, come disse Parmenone, si potevano tacere. Ma questo sia detto tra noi per le piaghe santissime, perchè io ho la medesima mira che vi aveste voi in mandarmi quel trattato, come per seppellirlo. Quanto alla vostra fatta sopra messer Giovambatista Adriani, come voi sapete, quello era un uomo di quelli che meritano il titolo di buono; e se voi non l'aveste praticato, e messer Baccio Valori e monsignor Priore e molti altri ve ne faranno piena fede; e però non se ne poteva dire tanto bene, quanto egli meritava e merita ancora. Con tutto ciò, io sono stato di parere, che sia difficile materia a lodare un uomo privato e molto civile, com'egli era; e la cagione è questa, che noi abbiamo stordito gli orecchi alle cose di quegli imperadori e pontefici e granduchi, le quali, con tutto l'essere loro grande, sono sempre aggrandite e recate molte volte allo smoderamento. Accompagnansi queste con lo stilo grande e sonoro, talchè ogni cosa strepe e rimbomba; e quando poi si

que neste mundo é preciso ajudar-se de todos os modos e maneiras, e fortificar bem, quem o puder fazer, a sua fama por si mesmo; porque sem isso que assombra o intelecto e faz com que outros não se arrisquem a contrariar a opinião comum para não serem tidos como maligno, cada pequena culpazinha lhe provoca um pecado no Espírito Santo. Foi-me dito desde o princípio por um amigo nosso que me escreveu de Pisa – a mandarei a você, e se não gostar, poder-se-á dizer que você perdeu o gosto pelas coisas boas; – e este foi o prelibado Saladino, de modo que eu estava esperando quão bela fosse essa ideia das orações que me apareceu. E quando eu tratei de fazer o poemão, aquele outro respondeu que teria adorado, mas que não esperava. Agora eu creio, em suma, que a sua obra se engrandeceria porque existem assuntos que não concluem e partes que, como disse Parmenião, poderiam se calar. Mas que isso fique dito entre nós, pelas plagas santíssimas, porque eu tenho o mesmo olhar que o senhor teria em mandar-me aquele tratado, como para enterrá-lo. Quanto à oração<sup>116</sup> feita a respeito do meu senhor Giovambatista Adriani, como o senhor sabe, aquele era um homem daqueles que merecem o título de bom; e se o senhor não andasse com ele, o meu senhor Baccio Valori e o monsenhor Priore<sup>117</sup> e muitos outros teriam plena fé nisso, e porém não se podia falar tão bem o quanto ele merecia e merece ainda. Com tudo isso, eu fui da opinião que seja difícil louvar um homem privado e muito civil, como ele era; e a ocasião é esta, que nós atordoamos os ouvidos às coisas daqueles imperadores e pontífices e grão-duques, os quais, com todo o seu grande ser, são sempre enaltecidos e são sempre levados, muitas vezes, aos excessos.

<sup>116</sup> Mesmo não estando explícita a palavra 'oração' na sentença, a referência é a ela, sendo, pois, uma oração fúnebre encontrada em *Prose Fiorentine, Parte I, vol. III*. [N.E.]

<sup>117</sup> Cujo nome era Vincenzo Borghini. [N.T.]



viene a trattare delle cose piane, e che non hanno il contorno tragico, ognuno non ne rimane soddisfatto. E a questo inconveniente, se riparo ci ha, credo io che sia non si diffondere nella narrazione dell'azione, ma andarne così tastando alcune delle più frizzanti e più vive, quando bene fusse mestieri perciò lasciarne alcuna delle più gravi, le quali sono reputate comuni; e nel resto tessere la sua orazione con molto discorso, e provare con istorie, e venire al fatto, e toccatolo solamente, rinnalzarsi: ma farlo di maniera, che sia conosciuto fare a proposito, perchè in questa maniera si ha campo largo, altrimenti si dà nell'umido. Ora vedete un poco dove io mi sono condotto con esso voi a favellare di retorica! e pure sono ancora stordito da quelle *tonnine* che voi copiaste l'anno passato, nè credo però, che voi siate per credere che io abbia dettovi questo, perchè l'orazione vostra non mi sia piaciuta, perchè ella è gentile e tirata, come noi diremmo, con disegno. E che vogliamo noi altro? Chi fece le regole, e trattò di questa materia? Basta che ella fu in lode di messer Giovambatista Adriani, ricerca da messer Baccio Valori, e fatta da messer Francesco Bonciani.

Quanto all'altre cose, quanto starete voi a scrivermi?—se tu ti abbattessi ad un vezzo di perle di 350 in 400 ducati, piglialo, e servimi bene. — La brigata non vuole che voi siate per penare molto, se non quanto Saladino, nemico d'ogni certa sorte di cose, ve ne sconsiglierà, perchè egli è a quel modo di natura fredda, e, che è più da considerare in lui et in altri, misura ognuno con esso il suo capriccio, quasi che e' sia quel regolo di M.º Chiarissimo. Oh! egli è terribile, e non ci è ordine nessuno a tenerlo in cervello. Poichè io me li discostai, che ad ora ad ora lo

Acompanham-se estes com estilo grande e sonoro, de modo que tudo faz barulho e ecoa; e quando, depois, se vem tratar das coisas planas e que não têm o contorno trágico, ninguém fica satisfeito com isso. E a esse inconveniente, se conserto há, creio eu que seja não se difundir na narração da ação, mas ir experimentando algumas das mais frisantes e mais vivas, quando fosse tarefa deixar alguma das mais graves, as quais são reputadas comuns; e no resto tecer a sua oração com muito discurso e provar com histórias e ir direto ao fato e logo que tocá-lo, reerguer-se: mas fazê-lo de maneira que seja conhecido fazer de propósito porque deste modo se tem razão, caso contrário, se chove no molhado. Agora veja um pouco para onde me direcionei, a falar de retórica com o senhor! E ainda estou boquiaberto com aquelas *tonnine*<sup>118</sup> que o senhor havia copiado no ano passado, nem creio, porém, que o senhor esteja por acreditar que eu tenha lhe dito isso porque a sua oração não me agradou porque ela é gentil e forçada, como nós diríamos, com desenho. E que queremos nós? Quem fez as regras e tratou desse assunto? Basta que ela tenha sido em louvor ao meu senhor Giovambatista Adriani, buscada por meu senhor Baccio Valori, e feita pelo meu senhor Francesco Bonciani.

Quanto às outras coisas, quando o senhor irá me escrever? — se você esbarrar com um colar de pérolas de 350 a 400 ducados, roube-o, e faça-me bom uso. — A brigada não quer que o senhor pene muito, se não quanto Saladino, inimigo de tudo quanto é tipo de coisa, lhe desaconselhará disso, porque ele vem de uma natureza fria, que é mais de se considerar nele e em outros, o seu capricho mede todo o mundo com isso, quase que ele é a régua do Sr. Chiarissimo. Oh! Ele é terrível e não há

<sup>118</sup> Palavra desconhecida. Afirmou Marcucci (apud SASSETTI, 1855, p. 137): “Não tenho a mínima luz sobre o que signifique *tonnine*, do que Sassetti estava tão atordoado”. [N.E.]

gastigava, egli è come un fistolo divenuto.

Delle cose di qua io vi detti lume della Bada, e pur che io vi volessi ragionare d'altro di questo paese, come degli uomini e loro costumi, bisognerebbe che io vi discorressi della Bada, del regno, del re, e delle successioni della Bada, delle nostre faccende. Pure torneremo a dire di questo uccellino della Bada, perchè tutto ha più dell'animale che non ha la tanto smisurata e contraffatta Bada. Questa ingenerazione, vissutasi qui su questo orlo molto tempo con felici successi alle cose loro, s'era posta in capo che non fusse altra cosa nel mondo che Portogallo; e'l concorso, che veniva qui da ogni parte d'ogni sorta d'uomini, la conficcava loro nella testa. Que' Mori di Barberia hanno poi loro dimostrato, che bisogna altro che pappare buona marmellata ..... a farsi ridottare. Prima, quando si parlava de' Castigliani in Portogallo, si trattava di loro come di giuocolari: *boto á Deos que el mas flaquo portuguez presta para doze castellanos; si, boto á Deos*. Ora si rimangono loro queste loro famfarronerie addosso: *y los SS<sup>res</sup> Castellanos apañerão á Portugal; así dizen, y será muito çedo muito çedo*; perchè le corte sono bandite per questo in Almen' dove sta il re, per li 8 del prossimo, al qual tempo si darà questa sentenza in barba a chi non se l'aspettasse. È il vero, che questo re non può rilevare gli abitatori suoi per altro verso, perchè in ogn' altro che la cosa cadesse, la guerra nascerebbe di presente, e l'esterminio per conseguenza di questo paese. Con tutto ciò non ci è chi la conosca, perchè più tosto vorrebbero servire al demonio che a' Castigliani, che è gran cosa, quanto tutto il mondo, che pure li conosce bene, porti loro sì poco amore.

Sarebbe un garbato loghetto da fare una storia di questo regno, dal primo re fino a questo moderno, con il suo albero alla trasformata; e di questo

ordem alguma para guardá-lo na mente. Pois que eu me afastei dele, que de hora em hora o castigava, ele é como se tivesse se tornado uma fístula.

Das coisas daqui eu lhe dei luz da Bada e bem que eu lhe quisesse fazer pensar sobre outras coisas deste país, como dos homens e seus costumes, precisaria que eu lhe discorresse sobre Bada, o reino, o rei e as sucessões de Bada, dos nossos negócios. Voltaremos a falar deste passarinho de Bada porque tem muito mais do animal do que da tão desmensurada e falsificada Bada. Essa gentalha, vivendo aqui sobre esta orla muito tempo com felizes sucessos em suas coisas, metera na cabeça que não existia outra coisa no mundo a não ser Portugal; aquela multidão, que vinha de toda parte do mundo e que era de todo tipo de homem, colocava isso em sua cabeça. Aqueles Mouros de Barberia, depois, demonstraram que é necessário mais do que papar boa marmelada ..... para fazer-se temer. Antes, quando se falava dos Castelhanos em Portugal, tratava-se deles como malabaristas: *boto á Deos que el mas flaquo portuguez presta para doze castellanos; si, boto á Deos*. Agora ficam eles nessas fanfarrônicas: *y los SS<sup>res</sup> Castellanos apañerão á Portugal; así dizen, y será muito çedo muito çedo*; porque as cortes são bandidas para isso em Almen' onde está o rei, pelo dia 8 do próximo, ao qual se dará tempo a esta sentença apesar de quem não a espera. É verdade que esse rei não pode remover os seus habitantes para outro lugar porque onde quer que isso caia, a guerra nasceria de imediato assim como o exterminio, por consequência, deste país. Com tudo isso não há quem a conheça porque por mais que queiram servir ao demônio que aos Castelhanos, o que é grande coisa, quanto a todo o mundo, que bem os conhece, leve a eles tão pouco amor.

Seria um polido elogiozinho fazer uma história deste reino, desde o

vecchio, in questo poco tempo che e' ci è stato, non sarebbe mancato che dire molto, a quello che vienemi detto. Et io mi ci sarei messo molto volentieri, ma quelle vostre *tonnine* mi hanno da un pezzo in qua sbalordito di maniera, che nell' ore rubate non mi sono potuto mettere a fare nulla; et io non me ne sono poi anche disfatto, come quelli che mi ho a liberare a questi pensieri. Se voi mi diceste — o pure che fai tu? non leggi tu niente? — Nulla: fiato qualche libretto delle novità d' India, del Verzino e della China; e mentre che io le leggo, fo mille castellucci d'andare là a vedere e toccare e scrivere; e dopo questo, tornano e' pensieri di casa, e si parte ella e 'l sonno<sup>112</sup>. Dicastimi che'l Trasformato stava a picco per tirare a certo vescovado: diteli, per la passione d'Iddio, che non ci lasci al maggiore uopo, perchè la povera Accademia languirebbe; ma raccomandatemeli.

Io non so se voi vi arete<sup>113</sup> giucato a caruselli, stato di bufolata, o trovato alcuna invenzione gentile, servito in palazzo a ricevere dame, o fatto altro personaggio, dicentesi alla presenza vostra. Aspetto di sentirne da voi quello che sarà stato.

A messer Marco e messer Piero del Nero vorrei che voi mi riduceste in memoria, perchè come io sono discosto, e la cosa non importa più che tanto, non sarebbe gran fatto che e' mi smarrissero; e tanto più, che io sono stato sì buono, che a messer Piero, il quale con tanta amorevolezza mi scrisse il parentado della sirocchia, ho risposto come agli altri: ma Iddio sa se io me ne rallegrai. Vorrei medesimamente essere raccomandato a madonna Nannina e a vostro padre infinitamente.

Quanto all'altre cose, che in buono castigliano si direbbe *en lo demas*, noi ci

primeiro rei até este moderno, com a sua árvore transformada; e deste velho, neste pouco tempo em que ele esteve, não muito mais a dizer ao que me vem dito. E eu faria isso com gosto, mas aquelas suas *tonnine* me deixaram, de uns tempos para cá, atônito de tal maneira que nas horas livres não consegui fazer nada; e eu, depois, nem mesmo fiquei exausto, como naquelas que tenho para liberar os pensamentos. Se o senhor me dissesse – o que você está fazendo? Não está lendo nada? – Nada: folheio algum livresco sobre as novidades da Índia, do Brasil e da China; e enquanto eu os leio, faço mil fantasias de ir lá para ver e tocar e escrever; e depois disso, voltam os pensamentos de casa e lá se vai a ideia e o sono. Você me disse que faltava pouco para o Trasformato conseguir um episcopado: diga a ele, pelo amor de Deus, que não nos deixe na maior necessidade porque a pobre Academia definharia; não esqueça.

Eu não sei se o senhor tem brincado de carrossel<sup>119</sup>, estado em corridas de búfalos, ou encontrado alguma invenção gentil, servido no palácio recebendo damas, ou feito outro personagem, dizendo-se na sua presença. Espero ouvir do senhor aquilo que acontecer.

Ao meu senhor Marco e ao meu senhor Piero del Nero gostaria que o senhor levasse a minha lembrança, porque como estou longe e isso não importa tanto, não seria estranho que eles me perdessem; e mais ainda, por eu ter sido tão bom que ao meu senhor Piero, o qual com tanta candura me escreveu o parentado da irmãzinha, respondi como aos outros: mas Deus sabe se eu fiquei feliz com isso. Gostaria do mesmo modo de ser lembrado à

<sup>112</sup> Referência à Canção XXII de Petrarca: “E dopo questo, si parte ella e'l sonno”. [N.E.]

<sup>113</sup> Elipse de “sarete” e “arete”, portanto, um arcaísmo, neste caso. [N.T.]

<sup>119</sup> Referência a um jogo em que cavaleiros lançavam bolas de argila, atividade levada pelos Espanhóis a Nápoles. Após, tornou-se uma festa de cunho militar com o intuito de mostrar habilidades, sempre com cavaleiros. (TRECCANI, 20019). [N.T.]

stiamo con un poco di pesterella stentata sì, che pare proprio che ogni pelo gli chiegga un pane. Con tutto ciò ella vuole il suo tributo ogni giorno, o grande o piccolino: contentasi di dua, di 4, di 6, 8, 10; e talvolta più ingordisce, ma non gran fatto. Ècci questo di buono, che non ci se ne tiene conto nessuno; e chi se ne trova, come di cosa buona, non lascia di farne parte. Voi di costà l'avete in vicinanza, e secondo me, ne state con più gelosia che non facciamo noi. E in effetto, a bazzicarla, io non la trovo quella indiavolata cosa che io aveva sentito dirne, e d' ogni male. E' mi pare che si possa dire di lei quello che il piovano disse dello imbasciatore di Ferrara: Quanti se ne condannano a torto! Il nostro Etiope (che non ha meno discorso che Gianni si avesse) dice come pulcino: *vamos á la comida*; però s'interrompe il filo al mio debole ragionamento. Raccomandomi a voi teneramente. A Dio. Di Lisbona.  
Il vostro obbligatissimo servitore.

senhora Nannina e a seu pai infinitamente.

Quanto às outras questões, que em bom castelhano dir-se-ia *en lo demás*, nós estamos com um pouco de uma pestezinha penosa, que parece mesmo que cada pelo lhe custa um pão. Com tudo isso ela quer o seu tributo todos os dias, ou grande ou pequenino: contentasse de duas, de 4, de 6, 8, 10; e às vezes mais engorda, mas não grande coisa. Isso é bom para nós, que ninguém se dá conta; e quem se encontra ali, como uma coisa boa, não deixa de fazer parte disso. O senhor tem-na por perto e, na minha opinião, o senhor está com mais ciúmes do que nós. E, realmente, a assombrá-la, eu não acho que seja aquela endiabrada coisa da qual eu ouvira falar de todo o mal. E me parece que se possa dizer dela aquilo que o pároco disse do embaixador de Ferrara: Quantos não são condenados erroneamente! O nosso Etíope (que não possui menos discurso que Gianni) diz como pintinho: *vamos á la comida*; porém se interrompe o fio ao meu fraco raciocínio. Deixo ao senhor grande afeto.

A Deus. De Lisboa.

O seu obedientíssimo servidor.

### 3.1.3 Carta L

L.  
A Francesco Valori, in Firenze.

Molto magnifico sig. mio  
osservandissimo.

Aspettavo vostre lettere de' 30 di novembre in risposta della mia de' 30 d'ottobre, scrittavi di Madrid a proposito della gita mia sino costi in India, e non ho ricevutone, ché forse sarete andato fuori in qualche villa, o forse la lettera sarà andata a Sevilla, o forse mal capitata, o forse non mi avete risposto. Io ho che soggiugnervi molto poco, e tanto più quanto io non penso che la risposta di questa sia per ritrovarmi all'asciutto, potendo dal primo di marzo in là, se le navi saranno in ordine, partire ogni giorno. Io ho lettere da' mia di costà, e da qualche amico, a chi la cosa non satisfà, e tutto consiste nel pericolo e nella lontananza; ché quello è meno assai che non è in molti viaggi per i mari di qua; e questa non però è tanta come se e' si andasse in India. Arrivato ch'io fui qui, scrissi a messer Baccio e a messer Piero Vettori, i quali, a credere mio (se non per questi medesimi rispetti), non la giudicheranno cosa sconvenevole: che se così sarà, andrò molto più contento che quando fusse contro all'openione loro. Desideravo di vedere lettere vostre per intendere quello che a voi ne paressi e agli amici comuni altresì, e se voi vi risolvevi a trafficare cosa nessuna per questo viaggio, conforme a quello che io vi scrissi; la qual cosa mi sarebbe parsa a proposito: imperò d'ogni vostra risoluzione in questa parte arò caro il comodo vostro. Non so se io mi vi ho scritto che il V. nostro si risolvette di venire anch'egli, e dovrà farlo anche Orazio Neretti, sicché andremo buona compagnia in una nave, ché si potrà dire come Barbone - ch'è la vostra casa? - È

L.  
A Francesco Valori, em Florença.

Meu Muito Magnífico  
Estimadíssimo Senhor.

Esperava suas cartas de 30 de novembro em resposta à minha de 30 de outubro, escrita de Madri sobre o meu passeio até as costas na Índia, e não a recebi, pois talvez você tenha ido para alguma vila ou talvez a carta tenha parado em Sevilha, ou talvez mal chegado, ou talvez não tenha me respondido. Eu tenho muito pouco a lhe acrescentar, e muito mais eu não penso que a resposta da carta seja para encontrar-me pronto, podendo, de primeiro de março em diante, se os navios estiverem em ordem, partir qualquer dia. Eu tenho cartas minhas daqui e de alguns amigos a quem isso aqui não satisfaz e tudo consiste no perigo e na distância; que é muito menos que em muitas viagens pelos mares daqui; e esta não é, porém, tão grande como se tivesse ido à Índia. Apenas chegando, eu escrevi ao senhor Baccio e ao senhor Piero Vettori, os quais, quero acreditar, (se não por estes mesmos tens respeito), não julgarão algo impróprio: que se assim for, irei muito mais contente do que quando fui contra a opinião deles. Desejava eu ver cartas suas para entender aquilo que o senhor e amigos comuns acham delas também, e se o senhor decidir não trocar essa viagem por nada, conforme lhe escrevi, o que me seria parecido a propósito: imperará qualquer que for sua decisão, de minha parte levarei em consideração o que lhe for cômodo. Não sei se lhe escrevi que o nosso velinho<sup>120</sup> resolveu vir também, e acho que o Orazio Neretti também, já que iremos em boa companhia em um navio, o que se poderá dizer como

<sup>120</sup> Referência a Giovanni Bondelmonti, apelidado entre amigos de "Vecchino". [N.E.]

ben vero che ella sa forse un poco troppo il cammino; tuttavia ella è tanto avventurata, che ella non si può lasciare per altra. Piaccia a Dio condurci a suo tempo salvi.

Di nuovo non ho che farvi sapere. Vassi facendo presta l'armata per andare all'impresa di quell'isola Terzera, la quale ha fatto alla fine più male di quello che e' non si pensava, concorsaci la volontà de' medesimi Portoghesi, che venendo del Verzino si vanno qui a fare rubare per dare soccorso a Don Antonio loro; e in questa maniera debbono avere raccolto quindici o sedici navili carichi di zucchero; et a quest'altre castagne secche non mancherà fastidio, perchè vi sono drento de' Franzesi, e l'isola è forte di sito per esser quasi tutta costa brava, ed esser fortificata dove sono le calle; e di ragione non si dovranno lasciare pigliare come feciono questi di qua, perchè e' sanno quello che ne va loro. Dicesi che e' si vorrebbero patteggiare i migliori della isola, ma la gente bassa che ha il governo, e li strangieri, non ne vuol sentire niente. Iddio lasci seguire il meglio. Io non saprei, che altro dirvi. State sano e lieto, e attendete a fare de' figliuoli. Tenetemi in grazia vostra, e raccomandatemi agli amici tutti, che Iddio guardi. Di Lisbona, a' 15 di gennaio 1581.

*Barbone*<sup>121</sup>? – que é a sua casa? – É bem verdade que ela saiba um pouco demais o caminho; contudo, ela é tão avventurada que não se pode trocar por outra. Valha a Deus conduzir-nos salvos a seu tempo.

Novamente não tenho novidades. Vai-se preparando o exército para a iniciativa naquela ilha Terceira, a qual no fim acabou fazendo mais mal do que se pensava, considerando a vontade dos próprios portugueses que, vindo do Brasil, aqui vão roubando para socorrer Dom Antônio; e deste modo devem ter recolhido 15 ou 16 navios carregados de açúcar; e para essas outras castanhas secas não faltará aborrecimento porque é direito dos Franceses e a ilha é um bom lugar para manter quase toda costa preparada e ser fortificada onde há ruelas; e com razão não se deixarão serem capturados como fazem esses daqui porque eles sabem o que é deles. Fala-se que eles queriam ser os negociadores da ilha, mas a gente baixa que o governo tem e os estrangeiros não querem ouvir nada. Que Deus deixe acontecer o melhor. Eu não saberia dizer outra coisa. Mantenha-se saudável e feliz, e espere para ter filhos. Guarde-me na Sua Graça e mande lembranças a todos os amigos, que Deus lhe guarde. De Lisboa, 15 de janeiro de 1581.

<sup>121</sup> Referência a Pietro Calefato, Conde Paladino, professor de direito civil, que usava barba comprida. [N.E.]

### 3.1.4 Carta LII

LII

A Francesco Valori, in Firenze.

Molto magn. signor mio oss.mo

A questo modo sì, che noi parremo mercatanti da dovero, continuando con lettere ordinariamente, e tanto più accompagnandole con certe gentilezze di quando in quando, come feci io di que' guanti, e voi adesso con quella piastrella di cacio; la quale allo arrivo suo bisognerà eh' io vegga se ci sarà nessuno che la voglia girare meco, perchè, quanto al mangiarmela, io non pure non sono fatto come voi, ma mi è convenuto dare bando a questo cibo per la paura di non fare materia in corpo da murare una casa. Et èmmi intravvenuto in ciò come a quel judeo fatto cristiano, che ammalato di flusso, e non avendo niente di che sostentarsi, non ebbe sussidio caritativo, sì furono vote le sue vene di sangue, quando e' non gli potette giovare a niente. Tale è stato a me il formaio. Voi mi direte, — tu non me ne sai, come dire, grado; — io non so dirvi altro. Finalmente voi avviasti messer lo Borbottino nostro, che per isciagura potette imbarcarsi. Dio lo mandi salvo, e ci dia poi grazia di fare qualcosa da dare soddisfazione a chi ha volontà di fargli bene. E quanto sia per Lisbona, vi saranno zuccheri e grofani, ne' quali facilmente sarà da fare alcuno bene, che non passeranno di pregio di 16 fiorini e mezzo in 17 il cantaro di 167 libbre: dico li zuccheri bianchi del Verzino in polvere, i grofani sendone avanzati dell'anno passato meglio di 4000 cantari. Se per ventura ne venissero questo anno più del solito come l'anno passato, oppure 2000 cantara all'ordinario, non sarebbe gran fatto che si potessero avere a poco più di 100 fiorini il cantaro delle medesime libbre, al quale pregio si vi potrebbe impiegare dentro qualche migliaio di ducati per serbarli; perchè, come voi

LII

A Francesco Valori, em Florença.

Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor

Desta forma, sim, pareceremos mercadores obedientes, continuando com cartas normalmente, e ainda mais acompanhando-as com certas gentilezas de vez em quando, como eu fiz com as luvas, e você agora com o pedaço de queijo; o qual, ao chegar, terei que ver se há alguém que queira dar um trato comigo, porque, quanto a eu o comer, não sou muito de fazer como você, mas me é conveniente dar um jeito nessa comida por medo de não dar matéria ao corpo para construir uma casa. E me aconteceu como àquele judeu feito cristão, que doente com gripe, e não tendo nada para se sustentar, não tinha ajuda de caridade, então, foram esvaziadas suas veias de sangue, quando ele não podia fazer nada. Tal foi para mim o queijo. O senhor me dirá, — você não sabe, como se diz, como; — Eu não sei lhe dizer outra coisa. Finalmente o senhor encaminhou meu senhor, nosso Borbottino, que por infortúnio conseguiu embarcar. Deus o mande em segurança, e nos dê, então, a graça de fazer algo para satisfazer a quem tem vontade de lhe fazer bem. E quanto a Lisboa, haverá açúcares e cravos, com o que facilmente se fará algum bem, cujo preço não passará de 16 florins e meio em 17 por cântaro de 167 libras: refiro-me aos açúcares brancos em pó do Brasil, os cravos estando avançados do ano passado melhor que 4000 cântaros. Se por acaso viessem, neste ano, mais do que o normal como no ano passado, ou 2.000 cântaros de modo ordinário, não seria uma grande coisa se pudesse ter um pouco mais de 100 florins o cântaro das mesmas libras, cujo preço poder-se-ia empregar dentro de alguns milhares de

sapete, i topi non li rodono, e l' acqua benedetta ha grandissima virtù in rifare il calo della polvere che fanno col tempo, e i mercanti portoghesi si vagliono di questo rimedio con successo mirabile e con molta felicità, perchè essendo della marina, ella conserva loro anche il colore e l' altre qualità che gli fanno desiderare. Altre cose sopra quella piazza non sono da ingrossarvisi per costà, perchè il pepe lo vendono qui i contrattatori tanto quanto e'lo vendono costà. La cannella; noci e macis vi vagliono più. A Sevilla aspettano dalle 10 alle 11 migliaia cantara di cucciniglia, che è partita grande a dismisura, e con lutto ciò questi che discorrono sono di parere che ella non sia per abbassare di 44 in 45 fiorini il cantaro, che sono 33 libbre delle nostre, al quale pregio potrete fare voi conto se sarà da entrarvi in digrosso o no, calcolandole di spesa 12 0/0 fino che sia posta in nave, o più, e anche 14: evvi poi nolo, sicurtà et altre spese, fino posta in dogana di Fiorenza. E a me che altre volte l'ho veduta in fiorini 10 e 10 1/2, tempo a piagnere, non parrebbe gran fatto che ella vi si lasciasse rivedere quest'anno; perchè come in Persia di costà non può passarne, e l'uso e consumo di Italia non è poi alla fine gran cosa, voi la vedrete a vil pregio. E con tutto ciò è cosa facile che qua ella si mantenga a questi pregi, perchè la cosa consiste tutta nel primo che compera, il quale ben spesso è uno sciaguratello d' un Provenzale o un luterano d' un Franzese o Inghilese che ne vorrà 4 cantara e non più; e come egli sta a disagio con la sua barca, poco gl'importa, per ispedirsi, pagarla più dua o meno dua; e per il prezzo che fa lui, bisogna passare, voglia o non voglia. Anzi perchè questa gente ha tutta una certa natura furiosa, si gettano che paiono porci feriti, e la fanno essi stessi crescere senza proposito; e non bisogna mai aspettare che l'abbassi del primo

ducados para mantê-los; porque, como o senhor sabe, os ratos não os roem, e a água bendita tem uma virtude muito grande em compensar a diminuição do pó que fazem com o tempo, e os mercadores portugueses fazem uso desse remédio com admirável sucesso e com muita felicidade, porque sendo da marina, conserva também a sua cor e outras qualidades que desejarem. Outras coisas sobre aquela praça não devo lhe ampliar, porque os contratantes vendem a pimenta aqui tanto quanto a vendem por aí. A canela; nozes e mácida valem mais para o senhor. Em Sevilha, esperam de 10 a 11 mil cântaros de cochonilha, que partiu muito desproporcionalmente, e, apesar disso que falam, na minha opinião não deve baixar de 44 a 45 florins o cântaro, que são 33 libras nossas, e o senhor poderá fazer as contas se o preço poderá entrar em quantidade ou não, calculando uma despesa de 12%<sup>122</sup> até que seja colocado no navio, ou mais, e também 14: há, depois, frete, seguro e outras despesas, até que seja colocado na alfândega em Florença. E, para mim, que já a vi outras vezes por 10 e 10 ½ florins, tempo de choro, não pareceria muito que ela se deixasse ver novamente este ano; porque, como na Pérsia, disso não pode passar, e o uso e consumo da Itália, ao final, não é grande coisa, o senhor a verá em preço inferior. E com tudo isso é fácil que aqui ela se mantenha a esses preços porque a coisa toda consiste no primeiro que compra, que, muitas vezes, é um malditozinho de um Provençal ou um luterano de um Francês ou Inglês que vai querer 4 cântaros e nada mais; e como está incomodado com seu barco, pouco lhe importa, para que lhe seja enviado, pagar duas ou menos duas; e pelo preço que ele faz, precisa passar, queira ou não queira. Aliás, porque toda essa gente tem uma certa natureza furiosa,

<sup>122</sup> Na edição de Marcucci, de 1855, a grafia estava "12 0/0". Pelo conteúdo, inferiu-se, na tradução, que "0/0" seria o mesmo que o símbolo de percentual (%). [N.T.]



pregio che si rompe, perché se pure ella vi si rimette, subito salta chi compera per rivendere. Vedremo poi a suo tempo quello che seguirà. Venga Borbottino a salvamento una volta, che è quello che importa; e quanto allo scrivere suo e dare avviso, voi ne state come una perla, perchè e'n'è tanto ghiotto quanto il cane della mazza; e l'altra volta scrisse, se io scrissi altrimenti, *cosas largas*, sì che da lui non vi aspettate molte carte.

Quanto alla peste, la paura vostra è tanto grande che io non vidi mai cotal contraddivieto. Che credete voi che ella sia però? A Sevilla si è trattato il più di 5 in 600 il giorno, che in una terraccia sbardellata come quella, piena di tanta canaglia quanto nessuna dell'altre (*Olyssiponem semper excipio*), non è gran meraviglia, anzi altrettanti o più ve ne arebbono a morir di duolo di testa; et Orazio Neretti, che è fante pratico a questa piacevolezza, mi scrisse a questi giorni che quella di Lisbona era migliore sì in quantità che in qualità, che questa di Sevilla non è. Ho auto martello di non potere un poco andare a vedere riporne quattro; ma non ci è stato rimedio. Di là scrivono che e' non vi morivano più genti; e per la fede mia, che se vanno facendo di questi tempi ne' quali il pan fresco si vende carissimo, e il caldo voi vel sapete, ella arà che pensare anch'ella a' casi suoi, e dovrassi, come e' gentiluomini fanno, ritirare al fresco: altrimenti gli sterminati ardori di quella Andalusia se *la comeran*: in tutti i modi, di mezzo luglio ve la do spedita; sicché vengano bene i negozi per altro, chè questo non ha a guastare. I vostri cento ducati si scialacqueranno a suo tempo con molta facilità: così si potesse egli guadagnarli con facilità, come così si getteranno. Oh s' io fussi a Lisbona, come vi servirei io bene! che brinchi, che bagattelle e gale da contentar *su muger!*

Quanto poi a' casi miei (*majus opus moneo*) io vorrei che voi tornaste in fantasia di quella impresa sì bellissima che io vi guastai quella mattina entrando

elas se jogam como porcos feridos e fazem-na eles mesmos aumentar sem propósito; e não precisa nunca esperar a baixa do primeiro preço se romper, porque mesmo que isso aconteça, logo aparece quem compra para revender. Veremos, pois, no devido tempo, o que acontecerá. Que venha Borbottino salvo, isso é o que importa; e quanto ao seu escrever e comunicar, o senhor fica que nem uma pérola, porque ele é tão guloso quanto um cachorro faminto; e, da outra vez, escreveu, se eu escrevesse de outra forma, *cosas largas*, aí que dele não espere muitos escritos.

Quanto à peste, seu medo é tão grande que nunca vi tamanha contradição. O que o senhor acha que ela seja? Em Sevilha foram tratados mais de 500 a 600 por dia, o que numa terrinha estripada como aquela, cheio de tanta ralé como nenhuma outra (*Olyssiponem semper excipio*), não é de se admirar, aliás haveria outros tantos ou até mais morrendo de dor de cabeça; e Orazio Neretti, que é um servidor prático nesta habilidade, escreveu-me recentemente que a de Lisboa era melhor tanto em quantidade como em qualidade, do que ade Sevilha. Tive o desprazer de não poder por pouco ir ver a recuperação de quatro; mas não houve remédio. De lá, eles escrevem que não morreram mais pessoas por lá; e pela minha fé, se continuarem esses tempos em que o pão fresco é vendido caríssimo, e o quente, você bem sabe, essa gente também terá que pensar em seus problemas, e terá que, como os gentis-homens fazem, retirarem-se ao ar fresco: caso contrário, o ardor sem limites dessa Andalusia se *la comerán*: em todo caso, enviarei-a a você em meados de julho; para que os negócios venham bem, pois isso não há como comprometer. Os seus cem ducados serão desperdiçados no devido tempo com muita facilidade: assim, se pudesse ele ganhá-los com facilidade, como assim se jogarão. Oh! Se eu fosse a Lisboa, como eu bem lhe serviria!

in Pisa in camera vostra, e voi stando nel letto a pensarvi sopra; che domandatovi, per rimordimento che io n'avevo, quello che voi sprimevi per essa, mi dicesti—affé che io non lo so.— Al nostro proposito, io sono in termine che io posso veramente dire di non sapere quello che si abbia da essere de' casi miei; e pure anche potrei dire d'essere in termine di conclusione; e se uno mi domandasse quale è ella; o—che farai tu,—vi giuro affé di quello che io sono, che io non lo so. Parti'mi di costà con le dipendenze che voi sapete, e ho fatto sempre conto di riconoscere i medesimi per miei superiori, e 'l signor Francesco Capponi particolarmente, sì che ogni mia risoluzione arebbe a venire da lui, o seguire di suo consenso, avendo sempre tenuto cura particolare de' casi miei.

Sono stato qua tre anni per questi paesi aridissimi di ben fare; «se la pratica fatta avesse auto a servire a continuarci negozi, non erano gettati via: altrimenti potremmo dire come la gazza ad Augusto. Sapevo fino di settembre che la nostra compagnia era disdetta, o si aveva a disdire; e andando innanzi come si fa, ebbi ordine di Fiorenza di andare a Medina, perchè questi signori Malienda volevano mettere casa a Lisbona in nome loro al governo del sovrano mio. Giunto là, trovai la cosa variata di molto; e come la compagnia di stranieri è difficile a me, andai travagliando i propositi di maniera, che non si conchiuse niente; o venne molto ben risoluto, perchè non avemmo sì tosto disconchiuso o dato tempo al tempo, che il signor Francesco mi scrisse che arebbe avuto caro che quel negozio non fusse andato avanti, desiderando di servirsi di me di costà, dove non so. L'andare in un altro paese vuol dire avere a fare un'altra pratica, e spendervi questo medesimo tempo o più: la qual cosa ad uno che vadia per e' trentaquindici, non è il proposito; perchè

Quantas gentilezas, quantas brincadeiras e festas para contentar *su mujer!*

Quanto aos meus casos (*majus opus moneo*), gostaria que o senhor voltasse à imaginação àquela atividade tão belíssima que eu estraguei naquela manhã entrando em seu quarto em Pisa, e você na cama a pensar estava; e quando lhe perguntei, por remorso, o que o senhor tinha por isso, o senhor me disse: — por fé que não sei, — Ao nosso propósito, concluo que posso realmente dizer que não sei o que deveriam ser os casos meus; e também poderia dizer estar em vias de conclusão; e se alguém me perguntasse qual é; ou — que fará você, — eu lhe juro fielmente, daquilo que sou, que eu não sei. Parti de lá com as dependências que o senhor conhece, e sempre tive a preocupação de reconhecê-los como meus superiores, e o Senhor Francesco Capponi em particular, de modo que cada uma das minhas resoluções deveria partir dele, ou seguir com seu consentimento, tendo sempre cuidado particular dos meus casos. Fiquei aqui três anos por estes lugares estéreis em produção; e a prática feita tivesse servido para continuar os negócios, não seriam jogados fora: caso contrário, poderíamos dizer como a pega a Augusto<sup>123</sup>. Eu sabia até setembro que nossa missão havia sido cancelada, ou estava para ser cancelada; e procedendo como de costume, recebi ordens de Florença para ir a Medina, porque esses senhores de Maluenda queriam fixar residência em Lisboa em nome deles para o governo do meu soberano. Ao chegar lá, encontrei a situação muito variada; e como a companhia de estrangeiros é difícil para mim, fui trabalhando os propósitos de modo que ou nada foi concluído; ou foi muito bem resolvido, porque não havíamos fechado tão rapidamente ou

<sup>123</sup> Referência à obra *Saturnalia*, do escritor, filósofo e filólogo romano, Ambrósio Teodósio Macróbio, autor também de *Comentário ao Sonho de Cipião*. E “pega” é uma ave da família dos corvos. [N.E.]

se e' s'impara, non è poco; non che si abbia anche a guadagnare, anzi, come voi sapete, e' fanciulli imparando toccano delle busse; e molto molto che io andassi oltre imparando, io potrei poi servire in cambio di quel vecchio che va nel carruccio col motto: *Ancora imparo*. La qual cosa, come in altro non si disdice, nel fare roba ella è pure la più ridicola cosa del mondo, potendosi assomigliare a certi maestri d'abbaco stracciati e cascanti di fame, i quali di tutta la vita loro non fanno altro che conti, e non maneggiano nè veggono mai un maradevis. Negoziare con queste accomandite non è il proposito, perchè e' non si ha credito, ad una necessità, un maradevis. Puossi dire, ciascuno faccia col suo, e attendasi alle commissioni, de' suoi principali, sulle quali pare che siano fondate queste accomandite. Nessuna casa simile è uscita fuori con tante o migliori aderenze delle nostre; eppure veggiamo quello che hanno saputo fare le nostre provisioni, perchè cercando ciascuno negozi, si danno le commissioni grosse a chi li può rendere il contraccambio, e più debbe tornare il conto per questo verso, che fare guadagnare quelle provisioni alla casuccia dove si tira per poca cosa. Fare col suo, quando e' non si ha un corpo di cinquanta o sessantamila scudi, non viene fatto; perchè come si è fatto un anno un impiego (che alla fine della ragione termina), bisogna poi starsi; ed interviene a simili quello che disse quella buona fanciulla ad uno degli ufiziali ricordanteli l'osservanza di certa legge: — oh! noi non ci guadagneremo le candele. — Costi non ho avviamento nessuno da potervi tornare; eppure mi sento venir meno della voglia di vivere con gli amici miei, perchè da certo tempo in là non si è più atto a farne degli altri: senza che questa virtù in questi paesi ci si fuga come la mala biscia per la

dado tempo ao tempo, que o senhor Francesco me escreveu dizendo que lamentaria se aquele negócio não tivesse ido adiante, querendo me utilizar por aquelas bandas, onde não sei. Ir para outro país significa ter que fazer outra prática, e passar lá este mesmo tempo ou mais: o que para quem vai em trinta-quinze<sup>124</sup> não é a intenção; porque se você entender, não é pouco; não que se tenha sempre que ganhar, pelo contrário, como o senhor sabe, as crianças, ao aprenderem, apanham; e muito do que eu fosse aprendendo, eu poderia, pois, ser útil no lugar daquele velho que vai no carrinho com o lema: *Ainda aprendendo*. Aquilo que, como não se cancela, ao se fazer algo isso é mesmo a coisa mais ridícula do mundo, podendo assemelhar-se a certos mestres do ábaco esfarrapados e morrendo de fome, os quais, durante toda a vida, não fazem nada além de contas, e nunca manuseiam ou veem um maravedi<sup>125</sup>. Negociar com essas comanditas não é o objetivo, porque não se tem crédito, numa necessidade, um maravedi. O senhor pode dizer, cada um faz o que quiser, e que se esperem as comissões de seus principais, nas quais essas sociedades parecem ser fundadas. Nenhuma casa semelhante saiu com tantas ou melhores adesões do que a nossa; e, mesmo assim, vejamos o que nossas provisões souberam fazer, porque a cada um buscando negócios são dadas grandes comissões a quem lhes possa render em contrapartida, e mais deve voltar a conta para este lado, que fazer render aquelas provisões na casinha onde se retira pouca coisa. Fazer com o seu, quando não se tem um corpo de cinquanta ou sessenta mil escudos, não se faz; porque como se trabalhou por um ano num emprego (que ao final do contrato termina), deve-se, então, ficar; e acontece o mesmo com o

<sup>124</sup> Jogo de palavras em referência aos numerais cardinais em francês. [N.T.]

<sup>125</sup> Do espanhol *maravedí* (com origem no árabe *murābiṭī*). Antiga moeda espanhola e portuguesa, cunhada na Península Ibérica pelos Almorávidas. [N.T.]

pessima natura che fruga questa ingenerazione; sicché, quanto sia per me, ho pure molta voglia di tornare. Ma quell'altro pensiero, di che io son pieno, aduggia quanti me ne vengono degli altri; e parte io vo imbiancando e spendendo il tempo senza profitto, e'l lume desiderato mi ritiene con un morso che mi volge da tutte le bande. E se vi paresse cosa strana che su quest' ora io fussi innamorato, e che non mi si convenisse, mi pare che voi non areste ragione a fare un tal conto, pigliando per adesso l'amore in un certo largo significato ed in una ampiezza d' appetito nel quale si comprenda anche Nanni cieco. Non so pertanto quello che si abbia ad essere de' fatti miei; e stando pure sopra quello umore, nel quale io ho pochissima attitudine, dico del fare imprese, ho pensato che allo stato, nel quale io mi trovo di presente, questa non si disdica: una di quelle scafacce che vanno per mare in acqua dolce con la prua fitta nella mota e la poppa all'asciutto, con le vele in giunchi per partire col primo vento che spiri, forse con questo motto *vis maxima*. Aggiugnetevi poi voi quello che vi pare; e se per sorte ella si muove, cavo la mia spugna del vino, e la insalo col motto, non sazia. Ora voi vedete quanto io abbia badaluccato per dirvi e per non vi dire i miei disegni, de' quali mi avete domandato per giovarmi. Se il concetto che voi avevi a questo proposito è cosa mossa da voi, io vi ho risposto, e quando io possa dirvi più oltre, lo farò: se il concetto è d'altri, vi prego per tutto il bene e affezione che io vi porto, a fare conto di non aver avuto questa. Intanto pregate Iddio per me, che m' incammini nel suo santo servizio con onore e bene mio; e di questo abbastanza.

que disse aquela boa moça a um dos oficiais, recordando a observância de certa lei: — oh! não vamos ganhar as velas. — Custos não tenho nenhum modo de poder devolver; no entanto, sinto-me perdendo o desejo de viver com meus amigos, porque há algum tempo por lá não se tem mais ocasião de fazer outros: sem que essa virtude, nesses países, devemos escapar como a cobra má pela má natureza que remexe esta gentalha; pelo que, seja o que for para mim, tenho mesmo muita vontade de voltar. Mas aquele outro pensamento, do qual estou cheio, obscurece tantos outros que vêm a mim; e parte vou embranquecendo e gastando tempo sem lucro, e a luz desejada me retém com uma mordida que me vira por todos os lados. E se lhe pareceu estranho que a essa hora eu esteja apaixonado, e que isso não me conviesse, parece-me que o senhor não estaria certo em chegar a essa conclusão, colocando o amor em um certo sentido amplo e em uma amplitude de apetite na qual também se inclui o Nanni cego<sup>126</sup>. Não sei, portanto, o que acontecerá com os meus negócios; e também estando nesse estado de espírito, tendo muita pouca atitude, e me refiro ao fazer negócios, pensei que no estado em que me encontro no momento presente, esta não seja cancelada: uma daquelas embarcações que vão para o mar em água doce com a proa grossa na lama e a popa na parte seca, com as velas arregaçadas para partir ao primeiro vento que soprar, talvez com o lema *vis maxima*. Acrescente o senhor, pois, o que julgar melhor; e se por acaso ela se mover, tiro minha esponja do vinho<sup>127</sup>, e a tempero com o lema, não sazia. Agora o senhor vê o quanto me atrapalhei para

<sup>126</sup> Referência a um ditado popular referente a um personagem chamado Nanni, que era cego, mas que sempre falava “ver” tudo. Esse mesmo personagem aparece em *Il Malmantile racquistato* (1673), de Lorenzo Lippi. [N.E.]

<sup>127</sup> “Aquele que tinha sede”, ou “Assetato”, era o nome acadêmico de Sasseti. Daí, a citação sobre “esponja do vinho”, como uma forma de tentar saciar a suposta sede do mercador, que era uma de suas características. [N.T.]

Le apoctegmiche nuove che voi mi avete dato degli amici, mi sono state carissime, e 'l felice ritorno poetico ho inteso; ma poi che egli è stato sì tostano, non saranno passati per la scossa e' contrastanti. Stimomi che Ottavio nostro, anzi mio familiarissimo, poi che diceva che io avevo viso di piattello, se ne sia andato in una qualche mandria d' armenti a medicare, e che abbiate levato mano a fare tavole e servire di cancelliere, come quello che arete a scrivere forse altro; e che di quinci proceda eh' io non possa vedere carta del signor Giovanni, che per altro arebbe il torto. Non li veniste mostrando que' concetti di cucciniglia, zuccheri e grofani, perchè non vi sarebbe materia da madrigali, come nella *piora* quel *Corvus animal nix*, *Cygnus animal pix*; ma ritornategli un poco a mente e' tempi passati, ne' quali noi pure eravamo amici. Anche quel di Lorenzo l'ha fatta a *la sua podere*; ma e' non importa. Se io ritorno, noi rimetteremo a mano le postille et ogni altra cosa, e tutto si riandrà. Il Berti deve forse, con quelle sue leggende che voi dite che egli scrive in villa, volere dare materia alle prediche di fra Baldese, che molte ne allega: se e' vi si trattiene molto, la Crusca patirà. Io vo pensando che sia bene farne una fine per voi e per me: però raccomandatemi agli amici tutti, e tenetemi in grazia vostra; e se io fussi buono a ciò, piacciavi dire al signor Giovanni da Sommaia, che io desidero di servirlo, e che mi sarà favor

lhe contar e não lhe falar dos meus feitos, dos quais o senhor me perguntou para me auxiliar. Se o conceito que o senhor tinha a esse respeito é algo movido pelo senhor mesmo, eu lhe respondi, e quando puder lhe dizer mais, o farei: se o conceito for de outros, eu lhe imploro por todo o bem e afeição que eu carrego pelo senhor, para fazer de conta que isso não aconteceu. No entanto, ore a Deus por mim, para que ele me encaminhe em seu santo serviço com honra e bem; e basta com isso.

As máximas novas que o senhor me deu dos amigos foram muito caras a mim, e o feliz retorno poético eu entendi; mas depois que ele foi tão rápido, não terão passado por choques e conflitos. Creio que o nosso Otávio, aliás meu muito familiar, já que disse que eu tinha cara de prato achatado, foi embora com algum rebanho para medicar, e que o senhor assumiu a tarefa de fazer mesas e servir como secretário, como aquele que terá de escrever talvez outra coisa; e que daí proceda e eu não possa ver papel do senhor Giovanni, que de outra forma estaria errado. O senhor não veio mostrando aqueles conceitos de cochonilha, açúcares e cravos, porque não haveria assunto para madrigais, como na *piora* aquele *Corvus animal nix*, *Cygnus animal pix*; mas lembre-se um pouco dos tempos passados, nos quais éramos mesmo amigos. Até Lorenzo conseguiu a *la sua podere*; mas não importa. Se eu voltar, retomaremos as apostilas e tudo o mais, e tudo tomará rumo novamente. O Berti deve, talvez, com aquelas lendas que o senhor diz que ele escreve em casa, querer dar substância aos sermões de Frei Baldese, que muitos dele junta: se ele ficar lá muito tempo, a Crusca padecerá. Eu sigo pensando que seria bom para o senhor e para mim acabar essa carta: no entanto, mande lembranças a todos os amigos e mantenha-me em sua graça; e se eu for bom nisso, que lhe seja agradável dizer ao senhor Giovanni da

grandissimo che e' mi comandi. Addio. Di  
Madrid, a' 26 di giugno 1581.

Vostro aff.<sup>mo</sup>.

Sommaia que desejo servir a ele, e que  
será um grande favor para mim que ele  
me comande. Adeus. De Madri, em 26  
de junho de 1581.

Seu Cordialíssimo.

### 3.1.5 Carta LIV

LIV.

A Francesco Valori, in Firenze.

Molto mag.<sup>co</sup> sig. Francesco mio oss.<sup>mo</sup>

Non posso essere molto lungo in risposta della cara vostra de' 12 del passato, perchè come a' dappochi mi manca il tempo. Messer Giovanni nostro non si fa sentire in questi mari, di che comincio a restare meravigliato e pigliarmene dispiacere, sapendo quanto siano brutti questi mari di qua. Dio per sua bontà li porga il suo santo aiuto. E quanto alle commissioni, che lieva, al tempo vedremo quello che si potrà fare; e di necessità è che io o Orazio Neretti ci troviamo al fornire i suoi ordini, perchè egli è buona testa nel discorrere così universalmente, facendoseli anche la strada avanti: nel resto, a buon'ora leverebbe i 4 per %. E quanto a cucc.<sup>a</sup>, io ve ne dissi per una mia, credo a' 27 di giugno, quello che mi occorreva: poi non ci è innovato altro, se non che quella che venne con una carovella d'avviso ultimamente, si è spedita tutta, e l'ultima a 54 ducati il cantaro, che sono 33 libbre di coteste, venendone le 10,000 cantara che si aspettano. Calerà, ma non sarà tanto quanto bisognerebbe per entrarvi in grosso per arbitrio, massime se la flotta, della quale non ci è nuova nessuna, andasse tardando a comparire; sì che si facesse ragunata d'una certa sorte di comperatori arrabbiati che si gettano come verri feriti, non avendo altra mira che spedirsi, facendo loro più danno la spesa continova che il comperare caro. E sebbene de' primi prezzi si vede rare volte che queste mercanzie di que' regni diano a dreto, tuttavia in somma si grossa non mi posso persuadere che ella sia per andare gran fatto salendo de' primi prezzi, parendomi in certo modo

LIV.

A Francesco Valori, em Florença.

Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor Francesco

Não posso me alongar muito na resposta à sua caríssima do dia 12 passado porque desagradavelmente me falta tempo. Não se ouve por estes mares falar do nosso senhor Giovanni, pelo que começo a ficar espantado e sentir muito, sabendo como são feios os mares daqui. Que Deus, por sua bondade, lhe ponha a Sua santa ajuda. E quanto às comissões, que é o que importa, com o tempo veremos aquilo que se poderá fazer; e por necessidade eu ou o Orazio Neretti nos encontramos a fornecer as suas ordens porque ele é bom de cabeça ao discorrer assim universalmente, abrindo caminho: de resto, em boa hora receberia os 4 por %. E quanto à cochonilha, eu lhe contei, creio que em 27 de junho, aquilo que me aconteceu: e, depois, não há nada de novo, exceto aquela que veio com uma caravela de comunicação recentemente, foi toda enviada, e a última por 54 ducados o cântaro<sup>128</sup>, que são 33 libras dessas, vindo os 10.000 cântaros esperados. Diminuirá, mas não será tanto quanto seria necessário para entrar em massa por vontade, especialmente se a frota, da qual nenhuma é nova para nós, demorasse a aparecer; que se fosse feita uma reunião de um certo tipo de compradores raivosos que se atiram como javalis feridos, não havendo outra direção a não ser darem no pé, causando-lhes mais dano a despesa do que o comprar caro. E, apesar dos primeiros preços, se vê raras vezes que as mercadorias desses reinos ficam para trás, contudo, em soma tão grande não posso me convencer de que ela esteja

<sup>128</sup> Antiga medida correspondente a 12 canadas ou 48 quartilhos, equivalente a 12,8 litros. [N.T.]

necessario che al venire della carovella prima, e anche della seconda, che vengono l'una in gennaio e l'altra in marzo o così, ce ne abbia ancora a restare di questa: tuttavia in queste mercanzie, che sono richieste per tutto il mondo, il migliore discorso alle volte è fare tutto il contrario di quello che la ragione detta; e come non si abbia grande opinione nel beneficio del cambio, non fuggirei il tentare uno impiego di sei o ottomila ducati in questa mercanzia, assicurato che non si potesse perdere. È ben vero che ci sono arcavalle di rivendita, due provvisioni, senserie e altre spese che mangiano ogni cosa. Godesi la sorte del potersi aprire il passo di Persia: la qual cosa, in capo a tanto tempo che si sono rotti la testa, si può ragionevolmente sperare. Iddio dimostri a voi, e a chi arà a pigliare risoluzione, il meglio; e fate pur conto che e' primi prezzi hanno ad essere cosa di 44 ducati; ed occorrendo niente, date le commissioni subito, senza aspettare gli avvisi della giunta, perché e' non si è poi a tempo a' primi nè a' secondi pregi, e non si gode beneficio nessuno: però sérvavi l'avviso.

Si pare molto bene che quel P. ha accomodato i casi suoi bene, poichè per non niente gli è entrata così bella paura del morirsi. Guardisi, chè quel di Lorenzo l'arebbe ben per male; ma poi io l'ho per prudente tanto, che si accomoderebbe al volere di sopra, e, per dire il caso come egli sta, io non mi maraviglio che non si risolvesse di immercantantirsi per le mani di messer lo Borbottino nostro, chè e' non è punto negozio da lui che bastare a ripescare i concetti per aria, e non a pensare se la cucciniglia è cara o vile. Non me gli date di questi avviamenti. A me non credo io che egli abbia auto o abbia concetto di scrivere altrimenti, come quelli che mi debbe avere messo a uscita; ma se io vi torno un tratto come io

subindo muito dos primeiros preços, parecendo-me, de certa forma, necessário que à chegada da primeira caravela, e também da segunda, que venha uma em janeiro e a outra em março ou algo assim, nos reste ainda desta: todavia, nessas mercadorias, que são pedidas para o mundo todo, o melhor discurso às vezes é fazer tudo o contrário daquilo que a razão dita; e como não exista grande opinião no benefício da mudança, não fugiria ao tentar um emprego de seis ou oito mil ducados nessa mercadoria, assegurado que não se pudesse perder. É bem verdade que existem alcabalas<sup>129</sup> de revenda, duas provisões, corretagens e outras despesas que comem qualquer coisa. Aproveitando a oportunidade de se poder abrir a passagem para a Pérsia: o que, ao fim de tanto tempo de terem quebrado a cabeça, pode-se razoavelmente esperar. Que Deus mostre o senhor, e a quem tiver que tomar resolução, o melhor; e tenha em mente que os primeiros preços devem ser de 44 ducados; e, não ocorrendo nada, dê as comissões imediatamente, sem esperar pelos avisos da junta, porque então não há tempo para o primeiro ou segundo méritos, e não se goza de benefício nenhum: porém, fica o aviso.

Parece muito bem que P. organizou bem seus casos, pois por nada lhe entrou tão belo medo de morrer. Cuidado, que Lorenzo faria isso claramente por mal; mas, enfim, eu o considero tão prudente que se acomodaria ao querer mais e, para contar o caso como é, eu não me espanto que não se resolvesse comercializar pelas mãos do meu senhor, o nosso Borbottino, que não é mesmo negócio dele a não ser bastar a pegar as coisas no ar, e não pensar se a cochonilha é boa ou vil. Não dê a ele nenhuma dessas missões. Eu não acredito que ele tenha tido ou tenha

<sup>129</sup> Ou *alcavalas*: a alcabala era uma cobrança obrigatória do imposto sobre vendas, por isso elevava o preço dos produtos que registrava. Comum nos domínios da Espanha. [N.T.]



vo' dire, io lo farò ben sudare d'altra maniera che dalle midolle; e basti.

Quanto a' fatti miei, ve ne discorsi per una mia letteraccia, credo de' 27 di giugno, pure troppo: poi che, come disse il lupo al breviario, elle sono tutte parole. Quella mia scafaccia si è anziché no sollevata tre quattrini, e 'n cambio di quel motto die io vi scrissi, poi che egli è venuto in considerazione a lei quest'altro,—che diavolo sarà;—mi pare bene di porvelo; e di qui a poco non è molto, e innanzi che noi siamo al 1600 qualcosa sarà. Intanto verrà a luce il principiato tribolo poetico, e forse degli altri e quando che sia, piacerà a Dio darci grazia che noi ci riveggiamo, che sia con sanità e contento.

A Lisbona non fanno segno d' arrivar que' caracconi dell'Indie, che sebbene non è fuori di stagione, come elle sono già tre anni venute molte anticipatamente, pare strano che elle tardino, et io me ne struggo, chè vi ho su 600 ducati di risico su tre; e quanto a mercanzie di là, se non sopra zuccheri, non vi è da fare fondamento, chè le spezierie tutte vi vagliono più che non vagliono costà. De' zuccheri del Verzino, che sono in polvere ed è la sorte più richiesta, ve ne sono comparse, tra bianchi della seconda e della terza sorte, fino a trecento mila, che è una bella partita, e con tutto ciò non si vendevano a meno di ducati 16 ... il cantaro, che costano, posti in nave, 17 ducati  $\frac{1}{2}$  il cantaro, che torna costà libbre 167; e 'n questi sarebbe forse da fare un impiego per condurre costà, ma bisognerebbe avere una commissione grossa da caricare una saettia, per lo meno, di 1500 o 2000 cantara. Grofani vi vagliono 145 ducati l'uno di questi cantari; et oramai, giacché le navi tardano tanto, non ve li aspettate se non a 150 ducati il cantaro; e vi sono poi tutte le spese.

conhecimento para escrever de outra forma, como os que me deve ter enviado; mas se eu lhe devolvo como quero dizer, eu o farei suar bastante de outra maneira que pelas medulas; e basta.

Quanto aos meus assuntos, já lhe contei numa das minhas correspondências, acredito que de 27 de junho, muito mesmo: e depois, como disse o lobo ao breviário, elas são todas palavras. Aquela minha embarcação levantou uns trocados, e no lugar daquele lema eu escrevi, pois ele veio em consideração ao senhor este outro, — que diabo será; — parece-me por bem colocá-lo; e daqui a pouco não é muito, e considerando que nós estamos em 1600 alguma coisa deve dar. Contudo, virá à luz a primeira tribulação poética, e talvez dos outros e quando for, agradecerá a Deus dar-nos a graça de nos revermos, que seja com sanidade e contentamento.

Em Lisboa não se dá sinal de chegarem aquelas carraconas das Índias, que se bem que não estão fora de temporada, como elas já não dão sinais de chegar, e embora não seja fora de época, como elas vieram muito antecipadamente já há três anos, e eu sofro por isso, pois tenho 600 ducados de risco para três; e quanto às mercadorias de lá, se não sobre açúcares, não há como considerar que as especiarias todas valem mais do que valem ali. Dos açúcares do Brasil, que são em pó e são o tipo mais solicitado, surgiram, entre os brancos de segundo e terceiro tipos, até trezentos mil, o que é um bom começo, e com tudo isso não se vendiam por menos de 16 ducados ... o cântaro, que custam, colocados no navio, 17 ducados e meio o cântaro, que se tornam ali 167 libras; e nisso seria, talvez, de se fazer um uso para ali conduzir, mas precisaria ter uma comissão grande para carregar uma embarcação, pelo menos, de 1500 ou 2000 cântaros. Cravos valem 145 ducados o cântaro; e, agora, já que os navios tardam tanto, não os esperem

Il nostro Rey se ne sta là con opinione di dovervi stare *muy àmenudo y muy despacio*, cioè un gran pezzissimo, si che si dice che l'imperatrice si fermerà al governo di questi regni. Il duca di Medina Sidonia è andato con 17 galere e 2000 fanti spagnoli a pigliare il possesso della Raccia, che è un porto fuori dello stretto poche decine di leghe, il quale è concesso dal re Moro di Fez e Maroque a S. M., dubitando che'l re d'Algeri, come luogo opportunissimo per ricoverarvisi i ladroni suoi, non vi si mettesse dentro: al quale effetto si è cavato fuori voce che era uscito Occhiali di Costantinopoli con 70 galere.

Fassi a Lisbona processo contro al priore Don Ernando di Tolledo, ch' è un pupillo figliuolo del duca d'Alva, per conto del sacco di Lisbona (dove io mi trovai e non guadagnai niente), e per essere imputato di mala soldateria in avere lasciato fuggirsi quel noto Don Antonio, quale finalmente sta in Inghilterra; e avendo perduto la roba e l'onore, dovrà anco riuscirsi della santa fe cattolica. Iddio gli porga del suo aiuto. Uno spiazzo di terreno che fa trecento leghe lontano di Lisbona, un'isola che si domanda la Terzera fra quelle *de las Astores*, sta rubella: e' più begli spiriti non si vider mai. Tutto il resto del paese sta ubbidiente a S. M.; e alla volta di quest' isola è andata un'armata per questo effetto con 1500 fanti, con ordine di farne mare. Queste sono le nuove.

Ho auto piacere di sentire che messer Baccio fusse in buono termine: piacciavi visitarlo e salutarlo in nome mio, et offirmeli, e tenermi per tutto vostrissimo.

senão por 150 ducados o cântaro; e há, pois, todas as despesas.

O nosso Rey<sup>130</sup> tem a opinião de que deve ficar lá *muy a menudo y muy despacio*, ou seja, bastante tempo, tanto que se diz que a imperatriz vai ficar no governo desses reinos. O duque de Medina Sidônia partiu com 17 galeras e 2.000 infantes espanhóis para tomar posse da Raccia, que é um porto fora do estreito a algumas dezenas de léguas de distância, o qual é concedido pelo rei mouro de Fez e Marrocos a Sua Majestade, duvidando que o rei da Argélia, como um lugar muito oportuno para abrigar seus ladrões, não se meteria: para o qual foi desenterrado o boato de que o Occhiali<sup>131</sup> de Constantinopla havia partido com 70 galeras.

Feito processo em Lisboa contra o Prior D. Fernando de Toledo<sup>132</sup>, que é um pupilo filho do Duque de Alba, por causa do saque de Lisboa (onde estive e não ganhei nada), e por ser acusado de mau soldado por ter deixado fugir o conhecido D. Antônio<sup>133</sup>, o qual finalmente está na Inglaterra; e tendo perdido seus bens e a honra, ele também terá que reconquistar a santa fé católica. Deus o ajude. Um descampado a trezentas léguas de Lisboa, uma ilha que se diz Terceira dos Açores, está em rebelião: nunca se verão os mais belos espíritos. Todo o resto do país está obediente à Sua Majestade; e aos arredores dessa ilha foi uma armada com 1.500 soldados de infantaria, com ordem para fazê-la mar. Essas são as novidades.

Tive o prazer de saber que o meu senhor Baccio esteve em boas condições: faça o prazer de visitá-lo e cumprimentá-lo

<sup>130</sup> Rei Filipe II, o conquistador de Portugal, chamado, à época, "o demônio do Sul". [N.T.]

<sup>131</sup> Famoso corsário e almirante turco chamado de "Lucciali" pelo historiador Girolamo de' Franchi Conestaggio, na obra *Storia dell'unione del Portogallo alla Corona di Castiglia* [N.E].

<sup>132</sup> Fernando Álvarez de Toledo y Pimentel (1507-1582): terceiro Duque de Alba, o herdeiro de uma das mais nobres linhagens espanholas. Sua casa pertencia ao número das vinte e cinco famílias cujos membros ostentavam o título de *Grandes de Espanha*, sendo por isso considerados os "primos" do rei (CARAYOL, 2022). [N.T.]

<sup>133</sup> Conhecido como "O Prior do Crato" (CARAYOL, 2022). [N.T.]

Addio. Di Madrid a' 7 d'agosto, *idest* di  
state 1581.

Ser.<sup>e</sup> vostro aff.<sup>mo</sup>

em meu nome, e oferecer-me a ele, e lhe  
dizer que pode contar comigo. Adeus.  
De Madri, no dia 7 de agosto, *idest* no  
verão de 1581.

Seu Servidor Cordialíssimo

### 3.1.6 Carta LXIII

LXVI.

A Francesco Bonamici, in Pisa.

Non avendo scritto a V. S. doppo la partita mia di costi, e facendolo al presente, sarebbe necessario che io multiplicassi in molte scuse o accuse convenienti al principio di questa lettera, in luogo delle quali ho pensato di lasciare lo spazio convenevole di sopra, per potere con più comodo tempo soddisfare a tale obbligo, trovandomi di presente molto mal disposto a compiere con lei. Verrò pertanto a dirle che io desidererei che, siccome ella arà sentito la risoluzione mia di andare vedendo il mondo, ella avesse occasione di lodarla, siccome a me parve d'aver auto cagione di farla e di porla per opera, come io feci l'anno passato. Sarebbe ancora in tempo il dare soddisfazione a V. S. di questo mio concetto, ma io non intendo di noiarla adesso con questo mio proposito; perocché dal tempo eh' io mi partii di costà all'anno passato quando io mi risolvetti di fare questo viaggio (tuttoché io non ne fussi mai senza voglia), sono accadute tante cose che mi ci hanno tirato (come si dice) per i capelli, che il raccontarle a chi ha obbligo di leggere altro che ciance di vagabondi, sarebbe cosa di uomo poco discreto, o, come diceva quel gran cortigiano, un far danno al publico comodo. Lasciando adunque da parte tutto questo, verrò proponendo a V. S. alcune cose, le quali facilmente saranno in concetto suo per cosa trita e risoluta; nel mio, danno che pensare, come quelli che ho smarrito in gran parte i buoni principii della filosofia, che io ebbi già comodo d'intendere da lei e dagli scritti suoi, e particolarmente sopra le cose delle meteore, sopra le quali io intendo che si occupi la presente lettera: materia che, al creder mio, non

LXVI.

A Francesco Bonamici, em Pisa.

Não tendo escrito a Vossa Senhoria após a minha partida destas bandas, e fazendo-o no presente, seria necessário que eu multiplicasse muitas desculpas ou explicações adequadas no início desta carta, no lugar das quais pensei em deixar o espaço apropriado acima, a fim de poder com mais tempo satisfazer tal obrigação, encontrando-me neste momento muito indisposto a fazer isso com o senhor. Venho, portanto, dizer-lhe que eu desejaria que, visto que terá ouvido a minha resolução de ir ver o mundo, o senhor tivesse a oportunidade de louvá-la, já que a mim pareceu ter tido uma razão de fazê-la e colocá-la em ação, como eu fiz no ano passado. Haveria, ainda, tempo de dar satisfação a Vossa Senhoria deste meu conhecimento, mas não pretendo aborrecê-lo agora com este propósito; porque pelo tempo que eu parti daí no ano passado quando eu resolvi fazer esta viagem (embora não tenha ido sem querer), aconteceram tantas coisas que me puxaram (como se diz) pelos cabelos, que para contá-las àqueles que são obrigados a ler apenas fofocas de vagabundos seria coisa de homem pouco discreto, ou, como dizia aquele grande cortesão, um dano à conveniência pública. Deixando tudo isso de lado, proporei a Vossa Senhoria algumas coisas, as quais facilmente estarão em conhecimento seu como algo sabido e resolvido; na minha opinião, dão o que pensar, como que perdi em grande parte os bons princípios da filosofia, que eu tive já comodidade em entender do senhor e de seus escritos, e particularmente sobre as questões dos meteoros, sobre os quais entendo que

sarà discara a V. S. per li molti studi fatti da lei sopra questa parte, così esponendo i propri libri d'essa, come considerando molti problemi e quistioni particolari di questa materia.

La prima cosa adunque che mi è parsa degna di considerazione, e che mi vo' ricordare averla osservata anco di costà, è la mutazione e successione de' venti, scambiandosi quasi sempre (dico quasi, perchè nelle cose naturali il più delle volte serve di universale) dalla banda di Levante in questa maniera: che al Tramontano succede il Greco, a questo il Levante, al Levante lo Scilocco, a questo il Mezzogiorno, e a Mezzogiorno il Garbino, e poi il Ponente e 'l Maestro sino che ritorni a Tramontana un'altra volta. Et è questa successione così osservata, che stando il vento al segno di Scilocco, e passando in un tratto a Tramontana, i naviganti non se ne fidano, aspettandone tostissima mutazione, e che e' debba rimettersi al segno di prima; quasiché quella variazione procedesse da qualche causa accidentale che ben tosto si possa rimuovere e lasciare di impedire quello che prima si faceva. Questi che conversano con la bussola da navigare, veggendo la mattina il sole a Levante, la sera a Ponente, e a Mezzodì il mezzogiorno, fanno ne' loro calcoli conto che a mezzanotte 'e sia a Tramontana, quasiché il sole circonda e non parta l'orizzonte; e perciò non ha luogo, al parere mio, la risposta loro, che questo moto de' venti séguiti il moto del sole, perchè, stando il vento nel segno di Ponente, e' dovrebbe subito mutarsi al segno di sotto terra dove il sole cammina, e non per il Maestro. Non è di minore considerazione appresso di me l'altra mutazione de' medesimi venti, che accade da stagione a stagione, sì in queste parti d'Europa fuori dello stretto di Gibilterra, come nelle parti dell'India occidentale, e per questa costa di Africa, d'Etiopia, d'Arabia, di Persia, d'India e di tutte l'altre navigazioni scoperte da cento

trate a presente carta: assunto que, a meu ver, não desagradará a Vossa Senhoria pelos muitos estudos feitos pelo senhor nesta parte, assim expondo os próprios livros, bem como considerando muitos problemas e questões particulares desta matéria.

A primeira coisa, portanto, que me pareceu digna de consideração, e que me lembro de ter observado também por ali, é a mutação e sucessão dos ventos, quase sempre se trocando (digo quase, porque nas coisas naturais, na maioria das vezes, serve como universal) da banda do Levante desta forma: que ao vento de Tramontana sucede o Grego, a esse, o Levante, ao Levante vem o Siroco, depois o Sul, e seguido do Sul vem o Ocidental, e, após, o Poente e o Mistral até que retorne ao Tramontana outra vez.

E essa sucessão é tão observada que, estando o vento no sinal de Siroco, e passando em um trecho para o Vento Norte, os marinheiros não confiam nele, esperando uma mudança muito repentina e que se volte ao sinal de antes; quase como se essa variação procedesse de alguma causa acidental que pudesse muito em breve ser removida e deixar de impedir o que foi feito antes. Esses que conversam com a bússola para navegar, vendo ao amanhecer o sol ao Levante, à tarde ao Poente, e ao meio-dia o vento Sul, calculam que à meia-noite ele esteja a Tramontana, quase como se o sol rodeasse e não saísse do horizonte; e, por isso não faz sentido, a meu ver, a resposta deles, de que esse movimento dos ventos segue o movimento do sol, porque, estando o vento no sinal do Poente, ele deveria mudar imediatamente para o sinal abaixo da terra onde o sol caminha, e não para o Mistral. Não é menos importante para mim a outra mutação dos mesmos ventos, que ocorre de estação em estação, tanto nas partes da Europa fora do Estreito de Gibraltar como nas partes

anni in qua: in ciascuna delle quali in una stagione tira un vento sempre, o con bene rare e piccole intermissioni; mutata la stagione, è mutato il vento per tutto il tempo che ella dura; come, per cagione di esempio, entrando qui la primavera, si tirano i venti a' segni boreali, e particolarmente al Greco e al Tramontano, dove si trattengono fino all'entrare dell' autunno, e qualcosa più, senza fare variazione considerabile; e se pure si mutano alcuna volta, data la loro giravolta, si tornano a rimettere nel segno di prima in brevissimo tempo. Cominciando poi l'autunno, si pongono i venti di fuori, che escono del mare, detti da costoro ventavoli, nel segno di Libeccio, e Mezzogiorno e Libeccio, dove e' si trattengono (come egli hanno fatto quest'anno particolarmente) quattro continovi mesi senza riposare nè se nè altrui; se non talvolta nella congiunzione e nella volta della luna faranno un poco di mutamento, ma si riducono al segno solito in meno di che; e così come con questi venti piove perpetuamente, così con gli altri non piove mai in perpetuo. Questi venti, in tal modo regolati, sono da costoro addomandati *Monzone*: vocabolo che dovette uscire d'India, dove e' sono osservati, intanto che in una stagione si naviga in un verso, e nell'altra nell'altro. E 'l tentare di fare altrimenti, come ne' nostri mari ad ogn'ora si vede fare, navigandosi col vento del costato per amendue le parti, è uno andare a perdersi manifestamente, e particolarmente in que' mari che sono da Malacca alle Molucche, e dalla China al Japan. Dice la storia che questi venti libeccici, che tirano continuamente l'invernata in questa costa, furono quelli che fecero stimare a Cristoforo Colombo che là fusse la terra, donde si levasse l'esalazione che li ingenera; ancorché un Casigliano, sotto spezie di difenderlo, scriva che e' furò l'invenzione di quel mondo ad un piloto portoghese che da un tempo resolutissimo, venendo di Inghilterra, fu portato a quel paese.

da Índia Ocidental, e pela costa da África, Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia e todas as outras navegações descobertas há cem anos: em cada uma das quais em uma estação sopra sempre um vento, ou com intervalos muito raros e pequenos; quando muda a estação, muda o vento ao longo de todo o tempo que ela durar; como, por exemplo, quando aqui entra a primavera, sopram os ventos para os sinais boreais, e particularmente para o Grego e o Norte, onde permanecem até a entrada do outono, e algo mais, sem fazer variação considerável; e mesmo que mudem em algum momento, dada a sua reviravolta, voltam ao mesmo sinal de antes em pouquíssimo tempo. Começando, então, o outono, põem-se os ventos externos, que saem do mar, chamados por essas pessoas de ventos do norte, no sinal do vento sudoeste, e Sul e Sudoeste, onde permanecem (como fizeram este ano particularmente) quatro contínuos meses sem descanso nem para si nem para os outros; se não às vezes na conjunção e na volta da lua farão uma pequena mudança, mas se reduzem ao sinal usual em menos disso; e assim como com esses ventos chove perpetuamente, assim nunca chove perpetuamente com os outros. Esses ventos, desse modo regulados, são chamados por essas pessoas de *Monção*: vocábulo que deve ter vindo da Índia, onde são observados, de modo que numa estação navega-se numa direção, e na outra, em outra. E tentar fazer o contrário, como se vê fazer a cada hora em nossos mares, navegando com o vento de ambos os lados, é perder-se manifestamente, e particularmente naqueles mares que vão de Malaca às Molucas, e da China ao Japão. Diz a história que os ventos de sudoeste, que sopram continuamente no inverno nesta costa, foram os que fizeram Cristóvão Colombo pensar que ali havia terra, de onde subia a exalação que os gera; embora um Castelhana, sob a função de defendê-lo, escreva que

Basta: questo non è il luogo adesso di tal quistione. Io mi dubito bene che e' non sia stato fatto filosoficare doppo la morte, o che l'argomento in quel caso non fusse ben fondato, per la esperienza che io dirò appresso, fatta per coloro che, partendosi di qui in fine di marzo, vanno navigando alla volta di Mezzogiorno: i quali parimente potranno dare molte difficoltà a chi tiene che i venti boreali non passino il tropico di Cancro verso Mezzogiorno, perché, partendosi di qui con venti Grechi o Tramontani, vanno navigando con essi insino in altura di 4 in 6 gradi di questa parte settentrionale: da' qua' venti in detto clima sono lasciati in un tratto; di maniera che non pure e' passano il tropico, che è in 23 gradi e mezzo, ma arrivano alla metà della zona torrida. Et un mio amico che stava di stanza nel castel della Mina, che è nella costa d'Etiopia in 6 gradi, o così, d'altura, mi diceva che questi venti in quelle parti non si sentono mai all' altezza d' un uomo, ma si vede bene piegarsene l'erba, quasiché e' vi giunghino consunti e ridotti al niente. E nondimeno io credo che questa particolare obiezione abbia fallenza; di che ce ne sono due segni considerabili: l' uno è che coloro che vanno di qui a quelle parti verso Mezzogiorno con altri venti che con li consueti Greco e Tramontano (come l'anno passato intervenne a noi che vi ci avviammo con Maestrali), subito che egli scuoprono l' isole della Madera e delle Canarie, trovano il vento Greco; il quale, per essere sempre gelato, è da costoro addimandalo *brisa*, che dee forse volere inferire la nostra brezza. L' altro segno è, che coloro che vengono navigando di verso Mezzogiorno a queste parti, ancora che e' sia il cuore del nostro verno, da sei gradi d'altura in qua trovano questi venti Grechi, con i quali voltano la prua per Maestro, e vengono salendo fino che sieno in altura di 28 e di 30 gradi, nella quale stanno l' isole dette di sopra,

ele roubou a invenção daquele mundo de um piloto português, que há algum tempo muito resoluto, vindo da Inglaterra, foi levado àquele país. Basta: este não é o lugar para esta questão agora. Duvido muito que não tenha filosofado depois de morto, ou que o argumento nesse caso não tenha sido bem fundamentado, pela experiência que descrevo a seguir, feita para aqueles que, saindo daqui no final de março, vão navegando em torno do Sul: o que também poderá causar muitas dificuldades a quem sustenta que os ventos boreais não passam o Trópico de Câncer rumo ao Sul, porque, saindo daqui com ventos Gregos ou Tramontanas, vão navegando com eles até uma altura de 4 a 6 graus desta parte setentrional: dali ventos no referido clima são deixados repentinamente; de tal forma que nem passam do trópico, que é de 23 graus e meio, mas chegam ao meio da zona tórrida. E um amigo meu que estava hospedado no castelo de Mina, que fica na costa da Etiópia a 6 graus do mar, ou algo próximo, de altura, disse-me que esses ventos nessas partes nunca parecem da altura de um homem, mas se pode ver bem vergar a grama, quase como se chegassem ali desgastados e reduzidos a nada. E, não por menos, acredito que essa objeção em particular seja falha; de que haja dois sinais consideráveis: o primeiro é que aqueles que vão daqui para aquelas partes em direção ao Sul com outros ventos que não os habituais ventos Gregos e Tramontana (como aconteceu conosco no ano passado que partimos para lá com ventos de Mistral) assim que eles descobrem a ilha da Madeira e as Canárias, encontram o vento Grego; o qual, por estar sempre gelado, é chamado por eles de *brisa*, que talvez deva significar nossa *brezza*<sup>134</sup>. O outro sinal é que, aqueles que vêm navegando do Sul para estas partes, ainda que seja

<sup>134</sup> Brezza: 'brisa', em italiano. [N.T.]

dove forniscono quei venti Grechi; e in quella stagione d' inverno trovano qui e' Libeccj, con i quali se ne vengono a questo segno a suo piacere. Dal qual processo si cava questo, che quelli che navigano di qui col vento Greco o Tramontano fino all' altura di 4 o di 6 gradi, ancora che paiano navigarvi con un vento, come e' vi navigano, quanto al punto dell'orizzonte dove nasce, nondimeno, quanto alle terre donde e' si crea, e' sono due, perchè l'uno esce dalla nostra di qui, l'altro da quell'isole; di maniera che in questa parte la sentenza sarà vera, che questi venti Tramontani non passino, e forse non arrivino fino al tropico di Cancro. E poichè i venti libeccj, che fanno qui l'inverno, sono trovati da' 28 a' 30 gradi verso noi, e quindi per indietro tirano que' Grecali che nascono da quell' isole, non fu vera la coniettura di Colombo, che questi venti uscissero di quelle terre nuove che egli discopri, i venti delle quali certo non arrivano a queste parti. Non è già vero quello che è detto, che il calore del sole e 'l moto concitato dell'aria dissipò i venti nella zona torrida; perchè vi si trovano molte volte grandissimi, intanto che molte volte bisogna cederli, e ammainare le vele fino a quell' altura ch' io dico di 4 gradi in 6, dove, com'io ho detto di sopra, e' si resta come resterebbe di correre uno a chi d' un colpo fussero tagliate le gambe. E da qui verso Mezzogiorno, per navigare bisogna aspettare certe burrasche, che i Portoghesi addomandano *Troccoadas*, le quali entrano nabissando con furia di venti, che pare che il mondo voglia subissare. Durano due, quattro e sei ore; e poi piove, e calma il vento, come se e' non fusse mai stato, e fa allora il sole l'uffizio suo. Vassi con queste burrasche, o *Troccoades*, quando più e quando meno, conforme al tempo nel quale altri si trova in quel clima. Perchè chi v'è colto' là in giugno, vi si trattiene alle volte 40, 50 e 60 giorni, con molto anzi infinito travaglio de' naviganti, che per lo più, mangiando male e bevendo peggio, vi si

o coração do nosso inverno, de seis graus de altura para cá encontram esses ventos Gregos, com os quais viram a proa ao Mistral, e vêm subindo até chegarem a uma altura de 28 e 30 graus, onde estão as ilhas mencionadas acima, as quais abastecem aqueles ventos Gregos; e nessa estação de inverno encontram aqui o Sudoeste, com o qual eles vêm a este sinal a seu bel-prazer. Desse processo se conclui que aqueles que navegam daqui com o vento Grego ou Tramontana até uma altura de 4 ou 6 graus, embora pareçam navegar com um vento, como eles navegam lá, quanto ao ponto do horizonte onde nasce, no entanto, quanto às terras onde é criado, eles são dois, porque um sai da nossa daqui, o outro daquelas ilhas; de modo que nesta parte a sentença será verdadeira, que esses ventos Tramontanas não passam, e talvez não cheguem até o trópico de Câncer. E depois os ventos de sudoeste, que fazem o inverno aqui, são encontrados em nossa direção de 28 a 30 graus e, portanto, puxam para trás os Gregos que nascem naquelas ilhas. Não era verdadeira a conjectura de Colombo, de que esses ventos vinham daquelas novas terras que ele descobriu, cujos ventos certamente não chegam a estas partes. Não é verdade o que foi dito, que o calor do sol e o movimento agitado do ar dissipam os ventos na zona tórrida; porque muitas vezes se encontram ali muito grandes, tanto que muitas vezes é necessário abandoná-los e abaixar as velas até aquela altura que digo ser de 4 graus a 6, onde, como disse acima, ficasse como alguém ficaria se corresse com as pernas repentinamente cortadas. E daqui para o Sul, para navegar é preciso esperar certas tempestades, que os Portugueses chamam de *Trovoadas*, as quais entram afundando com fúria de ventos, que parece que o mundo quer destruir. Duram duas, quatro e seis horas; e, depois, chove, e acalma o vento, como se nunca tivesse existido, e



ammalano e muoiono miseramente. Questo clima o luogo è domandato da costoro la costa di Guinea, per essere di fronte a quella parte di Etiopia che è chiamata di questa maniera.

Andandosi innanzi con queste burrasche, si dà in venti continui, i quali per questo, e per essere in tutti gli altri effetti differenti da quelle burrasche, sono da costoro domandati generali: i quali in quei tempi intorno a mezzo maggio tirano dalla banda di Scilocco, e sono pure di quelli che si addomandano Monsone: perchè, postisi una volta in quel segno, vi si fermano fino all'altra stagione, nella quale non trapassano al segno opposto a Scilocco, che è Maestro, ma salgono da Scilocco a Greco, e quivi intorno si trattengono fino al tornare dell'altra stagione. Ora chi si parte di quivi di buon'ora gli trova molto tosto, come in 4 o 5 gradi da questa parte, non essendo ancora calati a Scilocco; ma stando verso Levante, se ne servono alla navigazione buona, volgendo la prua per Mezzogiorno, e si vanno al cammino sicuro e buono. Ma chi parte tardi, come facemmo noi, gli trova là giù bassi, e non può attraversare la linea equinoziale, se non a sghembo, e vassi a dare, come demmo noi, in certe secche le quali sono nella costa del Verzino in 17 gradi e mezzo dalla banda di Mezzogiorno; donde volendo uscire e andare al cammino dell'India, bisognerebbe volgere la prua per il vento scilocco, donde appunto tira il vento: e perchè e' dura a tirare di qui i 4 e 6 mesi, miglior consiglio è tornarsene a dietro, come facemmo noi, che aspettare l'altra stagione, perchè intanto si consumerebbono le vettovaglie, e morrebbe in quella temperie d'aria tutta la povera gente. Ora quello che mi dà maraviglia in questo processo particolare, è che questi venti scilocchi, che soffiano dalla banda di là dell'equinoziale e dall'altro emisfero, per così dire, cominciano a tirare, e donde e' si comincino, continuano non pure sino

então o sol faz o seu trabalho. Vai com essas tempestades, ou trovoadas, às vezes mais, às vezes, de acordo com o tempo em que os outros se encontram naquele clima. Porque quem é apanhado lá por junho, fica às vezes 40, 50 e 60 dias, com muito mais que infinita labuta de navegantes, que, na sua maioria, comendo mal e bebendo pior, adoecem e morrem miseravelmente. Este clima ou lugar é chamado por essas pessoas de costa de Guiné, por estar em frente àquela parte da Etiópia que é chamada dessa maneira.

Prosseguindo com estas tempestades, há os ventos contínuos, os quais, por isso, e por serem em todos os outros efeitos diferentes daquelas tempestades, são chamados por essas pessoas de gerais: os quais nessas épocas por volta de maio puxam da banda de Siroco, e são mesmo daqueles que se chamam de Monção: porque, uma vez colocados naquele sinal, eles permanecem ali até a outra estação, na qual não ultrapassam o sinal oposto a Siroco, que é Mistral, mas sobem de Siroco para Grego, e aqui ao redor eles ficam até o retorno da outra temporada. Agora, quem sai cedo daqui os encontra muito rapidamente, como em 4 ou 5 graus deste lado, não tendo ainda descido a Siroco; mas estando em direção ao Levante, são usados para uma boa navegação, virando a proa para o Sul, e seguem uma rota segura e boa. Mas quem parte tarde, como fizemos nós, encontra-os lá embaixo, e não pode cruzar a linha equinozial, exceto em ângulo, se se vai dar, como como nós fomos, em certos baixios que estão na costa do Brasil em 17 graus e meio pelo lado Sul; de onde, querendo partir e seguir pelo caminho da Índia, seria preciso virar a proa para o vento siroco, onde realmente sopra o vento: e porque ele continua a soprar aqui uns 4 e 6 meses, o melhor conselho é voltar, como fizemos nós, do que esperar a outra temporada, porque senão seriam

alla linea, ma il più delle volte arrivano fino a 6 gradi da questa parte; sicché coloro che di là vengono, sono accompagnati da essi fino in detto clima, e coloro che di qua vanno, quivi gli ritrovano: et i nostri venti Grechi e Tramontani, com' io ho detto di sopra, vengono meno da questa medesima banda in 6 gradi, essendo pure eguale la concitazione dell'aria, e per li suoi tempi il calor del sole. E quanto alla causa materiale e copia d'essa, pare che dovesse essere maggiore e più continua dalla banda nostra, perchè la terra di quella Etiopia, oltre all'equinoziale, donde quelli Scilocchi hanno origine, si ritira gran tratto più verso Levante che non fa questa di sopra: di maniera che, quando il clima fusse egualmente temperato, come si può dire che e' sia quell'esalazione che fa il vento dall'altra parte, dovrebbe prima estinguersi che non fa quest'altra. Coloro che fanno miglior cammino che noi non facemmo, e che, lasciate quelle secche, dove noi c'impaniammo, a man dritta, passano avanti. Scorsi più in basso in 23 gradi da quella parte, scoprono una punta che domandano Capofreddo, col qual aggiunto si chiama un gran fiume che qui sbocca nel mare, detto così per la qualità del vento che esce della bocca d'esso, il quale è tanto grande, che molte volte le navi che non son preste a piegare le vele sono inghiottite dal mare. La qual cosa, dell'uscire gran venti delle bocche de' fiumi, è comune in ogni luogo; e 'l golfo del Leone, che si passa venendo in Spagna di costà, non è così tempestoso quant' egli è, se non per li molti venti che escono delle bocche de' gran fiumi che hanno foce in Provenza, Linguadoca, Acquamorta e Narbona: i quali, impacciandosi l'uno con l'altro, fanno quelle traversie tanto furiose. La cagione perché le bocche de' fiumi sputino gran venti, mi par, considerabile, perché come parti umide dovrebbero fare effetto contrario, estinguendo la materia loro. Non so se quel moto dell'acqua,

consumidas as provisões, e morreria naquela intempérie de ar toda aquela gente. Agora, o que me surpreende sobre esse processo particular é que esses ventos sirocos, que sopram da faixa de lá do equinócio e do hemisfério, por assim dizer, começam a soprar e, de onde começam, continuam não até a linha, mas, na maioria das vezes, chegam a 6 graus deste lado; de modo que aqueles que de lá vêm são acompanhados por esses até esse clima, e aqueles que vão daqui os encontram lá: e os nossos ventos Gregos e Tramontanas, como eu disse acima, vêm menos desta mesma banda em 6 graus, sendo realmente igual à agitação do ar e, por sua vez, o calor do sol. E quanto à causa material e sua cópia, parece que deveria ser maior e mais contínua do nosso lado, porque a terra da Etiópia, além do equinocial, de onde se originam aqueles Sirocos, se afasta muito mais em direção ao Levante do que essa acima: de modo que, quando o clima fosse igualmente temperado, como se pode dizer que é aquela exalação que faz o vento do outro lado, deveria antes extinguir-se no lugar dessa outra. Aqueles que fazem melhor caminho do que nós fizemos, e que deixem aqueles baixios, onde nós nos empanamos, pela mão direita, seguem em frente. Passados mais abaixo a 23 graus naquela direção, descobrem uma ponta que chamam de Cabo Frio, com o qual, somado, se chama um grande rio que desagua no mar, assim chamado pela qualidade do vento que vem de sua boca, que é tão grande, que muitas vezes os navios que não são rápidos em enrolar suas velas são engolidos pelo mar. O que, do sair grandes ventos das bocas dos rios, é comum em todos os lugares; e o Golfo de Lyon, que se passa a caminho da Espanha vindo dali, não é tão tempestuoso quanto é, exceto pelos muitos ventos que saem da boca dos grandes rios que têm sua foz na Provença, Languedoc, Aigues-Mortes e

movendo l'aria che le soprastà, si chiama l'esalazione circunvicina; siccome ad una parte del corpo che sia percossa, si muovono gli spiriti e gli altri umori ; e che il moto dell' acqua muova l'aria che le soprastà, non se ne può dubitare; e nella state, quando qui tirano que' venti Tramontani, che molte volte sono molto grandi e molto freddi, a mezzogiorno il sole gli fa quietare, e rimarrebbe un caldo insoffribile; ma cominciando a crescere et a entrare la marca, si muove seco un vento freschissimo, sano e giocondo, pure che sia preso con modo: il quale è domandato da costoro *Virazione*, quasi rivolgimento dell'aria, che con l'acqua all'uscire se n'era partito, e allora ritorna o si volge. Queste sono le poche osservazioni de' venti fatte da me nello stare qui e nel navigare 5 mesi per quest'oceano continuamente, senza mai toccare o vedere terra.

Sopra le piogge che fanno in quella Guinea o zona torrida, in quel clima da 6 gradi fino sotto la linea equinoziale, non mancherebbe che considerare, e particolarmente per essere molte e molto grandi, chè non pure vi piove spesso, ma acque grandissime, le quali talvolta vi durano due e tre giorni continui con ben poi a intermissione; e questo accade, stando già il sole dalla banda di Tramontana: il qual tempo in tutto quel clima, e nell'altro emisferio ancora fino a 23 o 24 gradi del polo australe, è dagli abitatori di quelle terre, che sono in que' climi, domandato inverno, non perchè freddo vi sia, ma per cagione di queste piogge, le quali, continuando in terra per grandissimo tratto dalla banda d' Etiopia, sono credute da molti, e non senza gran fondamento, al parer mio, cagione della cresenza del fiume Nilo. Parmi considerabile la causa di queste piogge in quel clima, perchè, non piovendo qui mai mai dall' aprile fino all' ottobre, che non può essere se non per consumare il sole la materia donde s'ingenera la pioggia in quel clima, piova così continuamente dove il sole è più potente

Narbona: as quais, estorvando umas às outras, fazem essas furiosas travessias. A razão pela qual as bocas dos rios lançam fortes ventos me parece considerável, porque como partes úmidas deveriam ter o efeito contrário, extinguindo sua matéria. Não sei se esse movimento da água, movendo o ar acima dela, é chamado de expiração circundante; dado que uma parte do corpo que seja percorrida, os espíritos e outros humores são movidos; e de que o movimento da água move o ar acima dela não há dúvida; e no verão, quando sopram aqui aqueles ventos Tramontanas, que muitas vezes são muito fortes e muito frios, ao meio-dia o sol os acalma, e ficaria um calor insuportável; mas à medida que a marcha começa a crescer e a entrar, um vento muito fresco, saudável e alegre se move com ela, mesmo que seja levado com modo: o qual é chamado por eles de *Viração*, quase que uma agitação do ar, que com a água ao sair tenha partido, e então retorna e se transforma. Estas são as poucas observações dos ventos feitas por mim durante a minha permanência aqui e a navegar durante 5 meses neste oceano continuamente, sem nunca tocar ou ver terra.

Quanto às chuvas que ocorrem naquela Guiné ou zona tórrida, naquele clima de 6 graus abaixo da linha equinocial, bastaria considerar, e particularmente porque são muitas e muito pesadas, que não só chove frequentemente, mas águas muito grandes, as quais, às vezes, duram dois ou três dias contínuos com intervalo bem depois; e isso acontece quando o sol já está do lado norte: cujo tempo em todo aquele clima, e no outro hemisfério ainda até 23 ou 24 graus do polo austral, é dos habitantes daquelas terras, que estão naqueles climas, chamado de inverno, não porque seja frio, mas por causa dessas chuvas, as quais, continuando na terra por um longo trecho pelo lado da Etiópia, são consideradas por muitos, e não sem

e 'l caldo maggiore. Nè vale, a parere mio, il dire, che qui è materia preparata, e che si prepara continuamente, perchè ella è qui ancora, e ci è il mare comune all' una parte e all'altra. Del piovere in Guinea l'acqua che è come tiepida, non mi pare da maravigliarsene, perchè l'ambiente caldissimo là potrà riscaldare. E' mi par bene considerabile piovere molte volte certa acqua che abbrucia i panni come l'acqua da partire, essendo i vapori donde ella s'ingenera, tirati di sul mare, e giorno per giorno, e non come le nostre piogge dell'autunno, chè per essere di materia mescolata con esalazione terrestre, e ricotta dal calore della state, pare che tirino a questa natura. Parevami ragionevole che dovesse cadere della grandine in quella parte, la qual cosa io non pure non vidi, ma tra tanta gente non aveva nessuno che l'avesse mai veduta. La materia, come io dico, vi è preparata ad ogn'ora. Il caldo vi è grandissimo, dal quale potrebbe nascere l'effetto dell' antiparistasi. Il signor Augusto Tiri, che in tornando a dietro trovai qui, mi risolveva la difficoltà dicendo, che, sebbene vi era la materia e il gran caldo donde come da causa lontana procede quello effetto, che e' vi mancava l'efficiente prossimo positivo, che era il vapore freddo, dal quale procede immediatamente la congelazione. La qual risposta non so se si risolve la quistione, perchè i vapori, nel tempo che da noi si genera la gragnuola, in atto caldi umidi, che non possono acquistare tanta freddezza quanta si ricerca a congelare l'acqua in ghiaccio, se non da caldo grande che li circonda per via dello antiparistasi e come qui sieno i vapori, e vi sia caldo grande a dismisura, domando per che causa e' non vi si raffreddino per potere congelare l'acqua, come e' dice ch' e' fanno da noi? Ma ripigliando un poco questa materia da capo, noi abbiamo che il vapore torna in

grande fundamento, na minha opinião, razão pelo aumento do rio Nilo. A causa dessas chuvas naquele clima me parece considerável, pois, como nunca chove aqui de abril a outubro, o que só pode ser para o sol consumir a matéria de onde é gerada a chuva naquele clima, chove assim continuamente onde o sol é mais intenso e o calor é maior. Também não é válido, a meu ver, dizer que aqui é matéria preparada, e que se prepara continuamente, porque ela ainda está aqui, e o mar é comum a ambos os lados. De chover na Guiné a água quase morna não me surpreende, porque o ambiente muito quente lá poderá aquecer. Parece-me bastante considerável chover muitas vezes certa água que queima a roupa como a *acqua da partire*<sup>135</sup>, sendo os vapores, de onde ela é gerada, puxados do mar, e dia após dia, e não como as nossas chuvas de outono, por serem de material misturado com exalação terrestre e recozidas pelo calor do verão, parece que tendem a essa natureza. Pareceu-me razoável que caísse granizo naquela parte, algo que eu nem vi, mas entre tanta gente não havia ninguém que nunca o tivesse visto. A matéria, como eu digo, é preparada a todo momento. O calor é muito grande, do qual poderia surgir o efeito antiperistáltico. O senhor Augusto Tiri, que ao retornar encontrei aqui, me resolveu a dificuldade dizendo que, embora houvesse a matéria e o grande calor de cuja longínqua causa esse efeito procede, não havia nenhum próximo positivo eficiente, que era o vapor frio, do qual o congelamento procede imediatamente. Essa resposta não sei se resolve a questão, porque os vapores, no tempo em que o granizo é gerado em nós, em condições quentes e úmidas, que não podem adquirir tanta frieza quanto se busca congelar a água no gelo, senão pelo

<sup>135</sup> *Acqua da partire*: expressão encontrada na obra *Trattato sopra l'orificeria e la scultura* [Tratado sobre a ourivesaria e a escultura], de Benvenuto Cellini, de 1857. Nesse Tratado, Cellini cita que tal "acqua da partire" seria feita com uma mistura de oito libras de alume. [N.T.]

basso in guazza, in brinata, in pioggia, in neve; la gragnuola si genera dall' acqua, e non dal vapore; la guazza e la pioggia ricercano minore freddo nella lor generazione che la brinata e la neve non fanno, e al farsi dell'acqua ghiaccio vi vuole, al parere mio, molto maggiore che in nessuna dell' altre, essendo egli freddo smoderato. Ora, se nella generazione della gragnuola si ricerca quel vapore freddissimo che si dice, dovendo quello essere per lo meno tanto freddo quanto la medesima grandine, come non cadde egli in neve, quando prima e' si senti raffreddato a bastanza dall' ambiente? e prima che divenire a tanto freddo, quanto si ricerca alla generazione della neve, come non cadde in acqua e in pioggia? Sicché senz' altra ragione io non intendo di moltiplicare questo ente nel mio cervello, non mi parendo necessario. Dall' altra banda, se a congelare l'acqua in gragnuola bastasse il caldo ambiente solamente, io non so perché l'acqua che in un catino sta al sole, non si congela, ma si riscalda, così come quella che sta al fuoco? Non so se il sito vi ha tanto che fare che basti, nella generazione di questa affezione, perché egli è scritto che in su' monti alti non cade la grandine, ma nelle valli dove l'agitazione del vapore può fare momento a questo effetto; ma se il sito così fatto ha da servire solamente alla moltiplicazione del caldo, e qui è egli moltiplicatissimo, non so anco perché vi si ricerchi. D'altre affezioni non vedemmo gran diversità: tuoni non molti; saette rare; stelle cadenti senza numero e grandi, intanto che dipoi d' esser arse rimane impresso il lume nell'aria. Un *tifone* vedemmo di maravigliosa bellezza, se, come molto presso, e' non mi avessi fatto molta paura, e tanto più che gli uomini di nave si ridevano di forarlo con un tiro d' artiglieria, come io diceva loro; ed egli ci si andava pure sempre accostando, ma alla fine rimase da una parte, e poco appresso svanì. L' aria era rorida come quando apparisce l'arcobaleno, e più,

calor grande que os circunda por causa dos antiperistálticos e como os vapores estão aqui, e haja grande calor desmedido, pergunto por que razão eles não se refrescam para poder congelar a água, como dizem que fazem conosco? Mas, retomando um pouco o assunto do começo, nós temos que o vapor retorna para baixo no orvalho, na geada, na chuva, na neve; o granizo é gerado pela água e não pelo vapor; o orvalho e a chuva procuram menos frio em sua geração do que a geada e a neve, e fazer-se da água gelo, é necessário, na minha opinião, muito mais do que em qualquer uma das outras, sendo frio imoderado. Agora, se na formação do granizo procura-se aquele vapor muito frio que se diz ser pelo menos tão frio quanto o próprio granizo, como não caiu na neve, quando pela primeira vez se sentiu suficientemente resfriado pelo ambiente? E antes de ficar tão frio, como se busca na formação da neve, como não caiu na água e na chuva? Como não há qualquer outro motivo, não pretendo moltiplicar este ser em meu cérebro, pois não me parece necessário. Por outro lado, se só o ambiente quente fosse suficiente para congelar a água do granizo, não sei por que a água que está ao sol numa bacia não congela, mas fica quente, assim como aquela que fica no fogo? Não sei se o lugar tem o suficiente para isso bastar, na formação desse fenômeno, pois está escrito que o granizo não cai nas altas montanhas, mas nos vales onde a agitação do vapor pode causar esse efeito; mas se o lugar assim criado é para servir apenas para a moltiplicação do calor, e aqui ele é moltiplicadíssimo, não sei também por que é procurado. De outras afeições não vimos grande diversidade: não muitos trovões; relâmpagos raros; inúmeras e grandes estrelas cadentes, tanto que depois de estarem queimadas fica marcada a luz no ar. Vimos um tufão de beleza maravilhosa, de modo que, de tão perto, ele não me provocou muito medo,

sicché senz'altra pioggia bagnava: il sole si scorgeva chiaramente.

Sopra il mare era una nugola tonda in giro, che terrebbe dugento braccia di diametro, alta dal suolo marino cosa di otto braccia, pure continuata fino sopra l'acqua. Moveasi in giro concitatissimamente, e nel muoversi cavava il mare a scarpa in questa maniera, ancoraché non molto a fondo, e giravalo seco velocemente.

Il colore della nugola era assai chiaro, e del mezzo usciva come una tromba od una manica di fumo di color negro come fumo di pece, dalla quale similitudine addomandano *Manga* quell' affezione; e'l fumo continuava fino alle nugole, e tutta l'affezione durò cosa d' un quarto d' ora. In quella costa di Guinea, dicono i marinari vedévisene molte; e uno scrivano raccontava d'una grandissima meraviglia che egli vide nel mare di Persia, come sarebbe sbarbare uno grandissimo scoglio. Altri se ne ridevano. E ne' mari che si navigano da India alla Cina, ne sono assai, eccome io dico, i Portoghesi le domandano *Mangas*. *Tifoni* chiamano un'altra affezione molto più pericolosa, al parere loro. Questa è un vento furiosissimo, il quale in molte poche ore gira tutto l'orizzonte; e guai a quelle navi che e' trova con le vele alzate, perchè le sommerge senza rimedio. Pare quasi che si possa ragionevolmente domandare *tifone*, venendo questa tale esalazione che è quel vento racchiuso in una nugola, che circonda tutto l'orizzonte, e non la lascia uscire, e per la capacità del luogo si gira dai lati, e non esce allo in su, stretta anco forse dalla parte dell'aria che le soprastà. *Iridi* si scorgono senza fine; e quello che a me fu cosa nuova in questa materia, fu il

e tanto é que os homens do navio riram ao atingi-lo com um tiro de artilharia, como eu disse a eles; e ele continuou se aproximando, mas, por fim, ficou de um lado e logo desapareceu. O ar estava orvalhado como quando aparece um arco-íris, e mais, de modo que sem outra chuva banhava: o sol brilhava claramente. Sobre o mar havia uma nuvem circular, que teria duzentas braças de diâmetro, algo como oito braças de altura acima do fundo do mar, também continuando acima da água. Movia-se muito agitadamente e, ao se mover, o mar fazia, desta maneira, buracos como marca de sapato, embora não muito profundamente, e o girava em si rapidamente.

A cor da nuvem era muito clara, e do meio saía uma tromba ou uma manga de fumaça na cor preta como fumaça de breu, de cuja semelhança chamam de *Manga* esse fenômeno; e a fumaça continuava até as nuvens, e todo o fenômeno durou cerca de um quarto de hora. Naquela costa da Guiné, os marinheiros dizem ter visto muitos; e um escriba contou sobre uma grandíssima maravilha que viu no mar da Pérsia, como seria raspar uma rocha muito grande. Outros riram disso. E nos mares em que se navega da Índia à China, há muitos deles, e como eu digo, os Portugueses a chamam de *Mangas*. Os tufões atraem outro fenômeno muito mais perigoso, na opinião deles. Este é um vento muito furioso, o qual, em poucas horas, roda todo o horizonte; e ai daqueles navios que ele encontra com as velas levantadas, porque ele as submerge sem remédio. Quase parece que se pode razoavelmente chamar de tufão, já que vem essa exalação, que é aquele vento encerrado em uma nuvem, que envolve todo o horizonte, e não o deixa sair, e pela capacidade do lugar ele roda para os lados, e não vai para cima, perto também do lado do ar que está acima deles. As írises podem ser vistas infinitamente; e o que era novo para mim

vedere una notte due ore avanti giorno, andando già la luna quasi piena a tramontare, dalla parte opposta di Levante *l'iride* come si vede per retrazione de' raggi solari. Era l'arco distinto in tre colori: quel d' entro era quasi un chiarore che terminava di fuori in uno bigio assai scuro, et al convesso di questo era un altro arco di colore al negro mollo poco differente. Se e' fu caso del trovarsi le nugole in disposizione tale, che ogni lume avesse fatto quell' apparenza, o che pure ella fusse affezione della luna, non so. Vedonsi aree intorno a essa, e cerchi intorno alle stelle principali senza novero, e le macchie della luna così in questo come nell' altro emisfero, servanti sempre alla vista un medesimo sito, tenendo volto tra il Maestro e 'l Tramontano quella parte che ci pare la testa, quasi che 'l vento che soffiasse di là, dandole in capo, le scendesse per la faccia. Il cielo dall'altra parte di Mezzogiorno è più povero di stelle assai che non è dalla nostra; e chi lo spogliasse del Centauro e della Nave d'Argo, lo lascerebbe quasi ignudo: ma in queste due imagini ve ne sono molte e molto belle, e molte ne mancano d' asse ne' globi celesti. Ne' piedi di dietro del Centauro sono le quattro stelle, che domandano il Crusero, dell'una delle quali si servono a pigliare l'altezza del polo australe; non però in altra maniera che si facesse per qualunque altra stella della quale fusse nota la declinazione, come di quella la quale è sotto l'equinoziale per la banda del polo australe 30 gradi, sebbene gli stenografi la pongono 28 solamente. Ne' piedi davanti di questo animale ne sono due segnalate; ma l' una d'esse con quella che è in un remo della nave detta Canopo, contendono in grandezza e splendore col Cane maggiore: tanto sono grandi e luminose. Coloro che navigando arrivano fino a 37 gradi d'altura dall'altra parte australe, affermano sentirvisi il medesimo freddo che si sente di qua ne' paesi freddissimi di Germania e d'

nesse assunto, foi ver uma noite duas horas antes do dia, quando a lua quase cheia já estava se pondo, no lado oposto do Levante, a íris vista pela retração dos raios solares. O arco era distinto em três cores: o interior era quase uma luz que terminava no exterior num cinzento muito escuro, e no convexo deste havia outro arco de cor preta suave ligeiramente diferente. Se foi o caso de encontrar as nuvens em tal disposição que todo lume tivesse tido essa aparência, ou que também tivesse um fenômeno da lua, eu não sei. Vendo áreas em torno a ela, e círculos ao redor das estrelas principais sem número, e as manchas da lua tanto neste quanto no outro hemisfério, que sirvam sempre à vista um mesmo local, mantendo-se virado entre o Mistral e o Tramontana aquele lado que nos parece a cabeça, quase como se o vento soprasse dali, batendo-lhe na cabeça, descesse pelo seu rosto. O céu do outro lado do Sul é muito mais pobre em estrelas do que o nosso; e quem o despojasse do Centauro e da Nau de Argos o deixaria quase nu: mas nestas duas imagens há muitas e muito belas, e muitas carecem de eixo nos globos celestes. Nas patas traseiras do Centauro estão as quatro estrelas, que chamam de Cruzeiro, uma das quais eles usam para medir a altura do polo austral; no entanto, não de outra forma senão para qualquer outra estrela cuja declinação é conhecida, como aquela que está 30 graus abaixo da equinocial para a faixa do polo austral, embora os estenógrafos a coloquem apenas 28. Nas patas dianteiras deste animal há duas indicadas; mas uma delas com aquela que está num remo do navio chamada Canopus, competindo em tamanho e esplendor com a Cão maior: de tão grandes e luminosas que são. Os que navegam até 37 graus de altitude do outro lado austral, afirmam sentir o mesmo frio que se sente aqui nos países muito frios da Alemanha e da Inglaterra; e, como o sol está mais

Inghilterra; e, comechè il sole sia appresso' a loro più che non fa a noi in questo parallelo, dove pure l'inverno si sente l'aria temperatissima, io vo leggendo se il mancamento delle stelle avesse che fare in questo caso. Circa al quale mancamento delle stelle, mi sovvenne quello che Plauto scherzò in una sua comedia, dov'egli introduce per prologo la stella di Arturo, che discorrendo dell'ufizio delle stelle dice, che la notte scendono in terra per considerare le azioni umane, e rapportare tutto a Giove. Ora perchè in quel tratto meridionale pochissima gente vi ha, poche stelle vi si richieggono le quali considerino le azioni loro. Partendosi di qui per la volta di Mezzogiorno, non si vede nè si trova pesce per il mare (tuttoché alla riva di qua e' ne sia ricchissimo), se non se qualche balena. Entrando nella zona calda in 12 e 15 gradi, si cominciano a trovare certi testugginoni sbardellati; et entrando più dentro in Guinea, assai quantità, ma poco differenti fra di loro. Sonvi una sorte che domandano *Bonitti*, detti *Pelamis vera seu Thunnus Australis* dal Rondelezio. Piglianne buona quantità, e gli mangiano in nave, sebbene io non volsi assaggiarne, per creare, così vivi come e' sono, nella sustanza loro e nella loro carne certi vermini bianchi, i quali mi paiono segno d' una grandissima putredine Pigliavisi un'altra sorte di pesce che domandano *Albucore*, delta *Pelamis sarda*: questa è migliore, con tuttoché alida. Vanno cacciando queste due sorte di pesci una specie di pesci volatici, che sono in effetto muggini con l'ali, e così son domandati *mugiles alati*: i quali volano a schiero sì grandi, che molte volte tengono un' occhiata. Il volo loro è come quello del grillo a maniera di salto, e volano quanto sarà due volte la lunghezza del ponte di Pisa, o più, e tanto quanto l'alie durano molli, chè in

próximo deles do que de nós neste paralelo, onde mesmo no inverno o ar é muito temperado, vou observando se a ausência das estrelas tem algo a ver com esse caso. A respeito de tal falta das estrelas, me vem aquilo que Plauto brincou em uma de suas comédias, onde ele apresenta a estrela de Artur, discorrendo sobre o ofício das estrelas, diz que à noite descem à terra para considerar as ações humanas e reportar tudo a Júpiter. Agora, porque naquele trecho meridional há muito poucas pessoas, poucas estrelas são necessárias para considerá-las ações deles. Partindo daqui para a volta ao sul, não se vê nem se encontra peixe pelo mar (embora a costa daqui seja riquíssima deles), a não ser algumas baleias. Entrando na zona quente a 12 e 15 graus, começa-se a encontrar certas tartarugas marinhas gigantes; e entrando mais na Guiné, grandes quantidades, mas pouco diferentes entre si. São de um tipo que chamam de *Bonito*, conhecidas como *Pelamis vera seu Thunnus Australis*, de Rondelet<sup>136</sup>. Pegam uma boa quantidade delas e as comem a bordo do navio, embora eu não quisesse prová-las, para criar, assim vivos como estão, na sua substância e na sua carne certos vermes brancos, que me parecem um sinal de grande podridão. Pegou-se outro tipo de peixe que chamam Albacora, conhecido como *Pelamis sarda*: este é melhor, totalmente seco. Pegam esses dois tipos de peixes, uma espécie de peixe voador, que são na verdade arenques com asas, e assim são chamados de *mugiles alati*: os quais voam em tão grandes fileiras que muitas vezes pegam peixe oblada. O voo deles é como o do grilo na maneira de pular, e voam tanto quanto o comprimento da ponte de Pisa em duas vezes ou mais, e tanto quanto as asas durarem, e, ao se secarem, voltam para a água. Sobem para aquele voo perseguidos por baixo

<sup>136</sup> Guillaume Rondelet (1507-1566): médico naturalista francês, autor das obras *De piscibus marinis*, 1554; *Universae aquatiliium historiae pars altera*, 1556. [N.T.]



rasciugandosi tornano nell'acqua. Levansi a quel volo cacciati di sotto da que' *pescialbucore* e *bonitti*, i quali sono così presti sotto l'acqua ad aspettarli al balzo, dove egli hanno a tuffarsi, come essi sieno presti a volare. Fuggono il nemico dell'acqua volando, e per l'aria ne trovano uno che è maggiore, contro al quale non hanno argomento. Questi sono certi uccellacci grandi come nibbi, del colore e delle fattezze delle nostre mugnaie, li quali stanno sopra l'acqua sempre, e tosto che quelle schiere de' volatori si levano in aria, se ne veggono rasciugare più d'uno per ogni uccello, i quali volando poi se li pappano, e con un cotal pigolare l'uno verso l'altro pare che si carapignino come bei signori, e poi d'averli inghiottiti si calano a lavare il becco. Eserciti di dolfini grandissimi, posti in ordinanza come file di soldati; tuberoni grandissimi e feroci. Questi sono una medesima spezie con i pesci cani, o molto simili. Li maschi hanno fuori il membro genitale nella pancia con i granelli, e le femine sono vivipare. Hanno sette e otto ordini di denti nel palato e nella mascella di sotto, fatti come ferri di lancette acutissimi e taglienti da mozzare con essi il ferro. Sono coperti di cuoio, e non di scaglie; e quando e' fanno forza, e che si irritano, è quella loro pelle dura in modo, che nulla può tagliarla. Sono carnivori e voracissimi; e ne raccontano i naviganti di questi mari di avere abboconato e inghiottito uno uomo in due bocconi, che era caduto al mare. L'ingordía loro gli fa con grandissima facilità capitare male, perchè non si tosto è un amo in mare con un pezzo di carne o di pesce, che queste bestiacce vi corrono e vi rimangono prese; e se per sorte egli scappano, in un girare d'occhio vi si ripigliano, e tirati in nave, con la morte e strazio loro danno soddisfazione all'oziosa turba. Appariscono al bordo della nave tosto che in Guinea si rimane senza vento, e sempre se ne trovano

por aqueles peixes albacoras e bonitos, os quais são muito rápidos debaixo d'água ao esperarem o salto, onde devem mergulhar, pois são rápidos para voar. Fogem do inimigo da água voando, e no ar encontram um que é maior, contra o qual não há argumento. Essas são certas aves grandes do tamanho de milhafres, da cor e feições das nossas gaivinas<sup>137</sup>, que sempre ficam acima da água, e assim que aquelas hordas de voadores levantam voo, são vistos serem comidos mais de um por pássaro, que depois, voando, os comem, e com tal chilrear um para o outro que parece que se apalpam como belos cavalheiros e, depois de engoli-los, descem para lavar o bico. Exércitos de golfinhos enormes, colocados em ordem como filas de soldados; tubarões grandíssimos e ferozes. Esses são de uma mesma espécie do cação, ou muito semelhantes. Os machos têm o membro genital externo na barriga com os grãos, e as fêmeas são vivíparas. Eles têm sete e oito fileiras de dentes no palato e na mandíbula inferior, feitos como lancetas muito afiadas e cortantes capazes de cortar ferro. São cobertos com couro, e não com escamas; e quando eles fazem força e ficam irritados, é a pele deles que fica tão dura que nada pode cortá-la. São carnívoros e muito vorazes; e os navegantes desses mares contam terem abocanhado e engolido um homem, que havia caído no mar, em duas bocadas. A gula deles facilmente os leva a encontrar coisas ruins, porque assim que um anzol está no mar com um pedaço de carne ou peixe, essas feras correm para ele e nele são apanhadas; e se, por acaso, eles escapam, num piscar de olhos são apanhados de novo, e arrastados para bordo do navio, com a sua morte e angústia dão satisfação à multidão ociosa. Aparecem a bordo do navio logo que fica sem vento na Guiné, e sempre são encontrados quando o vento

<sup>137</sup> Pássaro também chamado de "trinta-réis". [N.T.]

quando il vento calma. Ma, stando la nave alla vela con vento fresco, non si riveggono. Gli altri pesci, detti di sopra *bonitti et albucore*, seguitano sempre la nave poi di averla trovata una volta, e sono di quella spezie, che, morti e posti allo scuro, danno luce; intanto che io vi rimasi ingannato, credendo che dentro ad un catino coperto fusse una lucernina. In mare ancora, seguendo la nave di notte, essendo il cielo sereno, fanno bellissima vista, che paiono tante fiaccole sotto l'acqua. Ricordaimi, stando alla vela, d'una questione che già fece V. S. *De generatione vel de productione lucis*, a proposito della schiuma del mare, perchè diverse volte ho veduto la notte, stando sereno il cielo, ma senza luna, l'onde biancheggianti del mare rendere tanto lume, che si leggerebbe una lettera largamente. Del moto della calamita vorrei discorrere diffusamente a V. S., ma come io non mi satisfaccia dell'osservazione fatta in questo viaggio per essere stato piccolo, quanto alla longitudine, mi riservo a farlo poichè io mi sarò condotto in India, dandomi nostro Signore Iddio grazia di condurmivi. Gli effetti che appariscono sono, in questo meridiano di Lisbona, declinare ella da Tramontana verso Greco circa di 7 gradi e mezzo de' 360 in che si divide l'orizzonte. In Granata declina uno quarto d' un vento; costì declinerà più; ma nel meridiano dell'isole Terzere più occidentali, o 60 leghe più a Ponente, si volge ella dirittamente a Tramontana; e navigando più a Ponente verso l'Indie occidentali, si volta verso Maestro; e andando al cammino d' India orientale poco più oltre che 'l Capo di Buonasperanza, si volge a punto a Tramontana un'altra volta; e andando più oltre per l'India, si volge a Maestro: cosa fantastica a considerarsi. Io cercherò di fare le più vere osservazioni che mi saranno possibili, rimettendo poi a V. S. il rendere la ragione di accidente così maraviglioso; non lasciando anco di dire a V. S. che, sebbene nell' isole Terzere

acalma. Mas, estando o navio com a vela em vento fresco, não são vistos. Os outros peixes, chamados acima de bonitos e albacoras, sempre seguem o navio depois de tê-lo encontrado uma vez, e são daquela espécie que, mortos e colocados no escuro, dão luz; fui enganado, acreditando que dentro de uma pequena bacia houvesse uma pequena lâmpada. Ainda no mar, seguindo o navio à noite, o céu estando claro, formam uma bela visão, que parecem muitas tochas debaixo d'água. Recordei-me, estando acordado, de uma questão que Vossa Senhoria já levantou *De generatione vel de productione lucis*, sobre a espuma do mar, porque várias vezes eu vi a noite, estando claro o céu, mas sem a lua, as ondas brancas do mar dando tanta luz que se poderia ler uma carta tranquilamente. Sobre o movimento do ímã, gostaria de discorrer difusamente a Vossa Senhoria, mas como não me satisfaço com a observação feita nesta viagem por ser pequena, em termos de longitude, reservo-me o direito de fazê-lo, pois serei levado para a Índia, dando-me o nosso Senhor Deus a graça de me conduzir. Os efeitos que aparecem são, neste meridiano de Lisboa, declinar de Tramontana para Grego cerca de 7 graus e meio dos 360 em que se divide o horizonte. Em Granada, declina um quarto de vento; por aqui declinará mais; mas no meridiano da Ilha Terceira mais a oeste, ou 60 léguas a Poente, ela se volta direto para o Tramontana; e navegando mais para o Oeste em direção às Índias Ocidentais, volta-se para Mistral; e indo para o caminho da Índia oriental, um pouco além do Cabo da Boa Esperança, volta-se precisamente para Tramontana; e indo mais adiante para a Índia, ele se volta para o Mistral: algo fantástico a se considerar. Eu tentarei fazer as observações mais verdadeiras que me forem possíveis, remetendo, então, a Vossa Senhoria o deixar a razão de tão

ella si volta dirittamente a Tramontana, andando verso Mezzogiorno per la medesima linea diritta, si vede fare differenza notabile, che è quello che più mi fa maravigliare.

Dell' arte del navigare ho veduto un certo che, quanto basta per non andare preso alle grida di questi villani, che si pensano che non sia nel mondo altre osservazioni che le loro. Ho fatta buona provizione di globi celesti, di sfere, d' astrolabi, di radii astronomici e d' altri sì fatti strumenti; sicché chi gli vedesse tutti, e non sapesse più oltre, penserebbe che se Tolomeo rinascesse, che e' si fusse per porre a sedere: e tuttavia questi tali istrumenti a me servono a poco altro che a satisfarmi di averli, massime sendo in mare difficilissima ogni osservazione, eziandio quella del sole a mezzodì.

Io mi rimetterò, piacendo a Dio, al viaggio in fine di questo mese, al più lungo. Dio voglia che sia con migliore successo di quello dell'anno passato, e in tutte le parti dove io mi troverò, terrò memoria del molto obbligo che io tengo a V. S., e sarò desideroso di servirla, non lasciando di tediarla di quando in quando con qualcuna di queste cose o somiglianti; e quando ella mi farà favore di darmi nuove di se, mi sarà gratissimo: et al presente con baciarmi le mani faccio fine. Nostro Signore vi guardi. Di Lisbona, a' 6 di marzo 1582.

Di V. S. aff.<sup>mo</sup> serv.<sup>re</sup>

maravilhoso acidente; também não deixando de dizer a Vossa Senhoria que, embora na Ilha Terceira se volte diretamente para o vento Tramontana, indo para o Sul pela mesma linha reta, vê-se uma diferença notável, que é o que mais me deixa maravilhado.

Da arte da navegação vi uma certeza, suficiente para não me deixar levar pelos gritos desses camponeses, que pensam não haver no mundo outra observação senão a deles. Fiz um bom suprimento de globos celestes, esferas, astrolábios, raios astronômicos e de outros instrumentos assim feitos; de modo que quem quer que os visse todos, e não soubesse mais nada, pensaria que se Ptolomeu renascesse, que ele estaria prestes a se sentar: e, ainda assim, esses instrumentos me servem pouco além de me deixar satisfeito em tê-los, especialmente já que são muito difíceis de observar no mar, mesmo a do sol ao meio-dia.

Eu me colocarei, querendo Deus, em viagem ao final deste mês, no máximo. Deus queira que seja mais bem-sucedido do que no ano passado e, onde quer que eu esteja, terei em mente a grande obrigação que tenho para com Vossa Senhoria, e estarei ansioso em lhe servir, nunca deixando de lhe aborrecer de quando em quando com alguma dessas coisas ou similares; e quando me fizer o favor de dar notícias de si, ficarei muito agradecido: e, neste momento, ao lhe beijar as mãos, finalizo. Nosso Senhor lhe guarde. De Lisboa, a 6 de março de 1582.

De Vossa Senhoria  
Cordialíssimo Servidor

### 3.1.7 Carta LXVI

LXVI.

A Baccio Valori, in Firenze.

Illustre ed eccell. sig.<sup>re</sup>

L'ordinario passato pregai messer Francesco nostro a fare scusa per me con V. S. del non averle fatto intendere la mia tornata a dietro in questo regno, dopo essere stato 5 mesi a girone per questo oceano con più fastidio che soddisfazione, sì per l'esercizio in se del navigare, e sì per essere stato la metà del tempo certo di non potere per quel viaggio conseguire il mio fine: cosa che mi ha dato, oltre al danno, tanto dispiacere, che io non potrei sprimerlo a V. S. Partimmo di qui tardi, e a questo si aggiunse il trovare a questa costa, nell'uscire, vento contrario, che ci trattenne altri 10 giorni; sicché avanti che noi ci indirizzassimo al cammino nostro, era mezzo aprile. Andammo finalmente, e circa a' 25 entrammo nella zona torrida, nella quale sino a 5 o 6 gradi d'altura da questa parte trovammo l'aria temperatissima, pur che non si stesse, come dire, a ricevere la forza del sole al Mezzogiorno, che piomba senza una discrezione al mondo. Fummo fino a quivi accompagnati da venti Grechi, che escono dall'isola della Madera e dalle Canarie: qui rimanemmo in calma, consumando il calore del sole e la veemenza del moto la materia del vento. Vannosi a trovare gli altri venti, che vengono da Mezzogiorno, a forza di burrasche, le quali nascono ad ora ad ora con tuoni et acqua, che hanno poca durata, come il sole consuma tosto la materia che se gli para dinanzi presso alla linea equinoziale, a 4 o 5 gradi. Da questa parte trovammo stanza fastidiosa e tediosa; il cielo sempre coperto, e che fa grandissima pioggia tanto calda, come se ella fosse venuta dal fuoco; il bere senza consolazione nessuna. Ma riscontrando i venti che vengono di Mezzodì, subito si torna a cielo

LXVI.

A Baccio Valori, em Florença.

Illustre e Excelentíssimo Senhor

No passado ordinário implorei ao nosso senhor Francesco que se desculpasse por mim a Vossa Senhoria por não lhe ter feito entender meu retorno a este reino, depois de ter estado 5 meses a girar por este oceano com mais aborrecimento do que satisfação, seja pelo exercício em si de navegar, seja por ter estado metade do tempo certo de não conseguir atingir o meu objetivo para aquela viagem: que, para além do prejuízo, me deu tanto desgosto que não o pude expressar a Vossa Senhoria. Saímos daqui tarde, e a isso se somou o achado nesta costa, ao partir, um vento contrário, que nos reteve outros 10 dias; então, antes de partirmos em nossa jornada, eram meados de abril. Finalmente, fomos, e por volta de 25, entramos na zona tórrida, na qual até 5 ou 6 graus de altitude deste lado encontramos o ar muito temperado, mesmo que não fosse, por assim dizer, receber a força do sol ao meio-dia, que cai sem critério para o mundo. Fomos até lá acompanhados por ventos Gregos, que saem da ilha da Madeira e das Canárias: aqui ficamos em calma, consumindo o calor do sol e a veemência do movimento em matéria do vento. Vai-se a encontrar os outros ventos, que vêm do Sul, por força das tempestades, que surgem de hora em hora com trovões e água, que têm pouca duração, como o sol consome logo a matéria que lhe aparece perto da linha equinozial, a 4 ou 5 graus. Deste lado

temperato, spazzando i venti l'aria di tutte queste cose che sono cagione di tedio. Fummo a dare in certe secche nella costa del Verzino, poste in 18 gradi dalla banda di Mezzogiorno, dette gli Abrogli, donde fu forza tornare a dietro, non regnando in quelle parti se non un vento per molti mesi, e l'opposto poi a suo tempo, che i Portoghesi domandano *Monzones*; e ponemmo tanto tempo nella tornata, quanto nello andare appunto. Tutto il viaggio è stato di 2800 leghe in circa, il quale abbiamo passato con sanità, non senza qualche diligenza per preservarsi ora con pillole, ora con dieta, ed ora con un poco di sangue. Pericolo nessuno non avevamo passato in tutto il cammino; ma all'entrare di questo porto fummo ristorati, chè stemmo una notte intera perduti e morti, rompendosi l'ancore, i cavi, le ve'e, e tutto quanto noi tenevamo; dal quale pericolo fummo salvati certo miracolosamente. Quel *Crusero*, che si vede da Mezzogiorno con 60 gradi di declinazione dalla banda di Mezzogiorno, sono 4 stelle, due della seconda grandezza, una della terza, che è nel piè della Croce, e una della quarta, che è nel braccio di Ponente, le quali sono ne' piedi di dietro della immagine del Centauro, che se ne dicano molli. Dietro gli vengono due stelle, una della maggior grandezza, tanto bella come il Cane Sirio, e l'altra più che della seconda: le quali sono ne' piedi davanti del medesimo Centauro, nella figura del quale sono molte più stelle che non dipingono gli astrologi, siccome anco nella Nave d'Argo, che è certo un bellissimo segno con molte stelle, e molto belle; e tra l'altre quella detta Canopo, che è nel remo, la quale nè in grandezza nè in luce cede alle due grandi dette di sopra del Cane e del Centauro. Sono in que' paralleli alcune altre immagini, che non sono tra le 48 considerate ne' globi, sopra le quali in nave è impossibile il fare osservazione nessuna pel continuo moto della nave, il

encontramos um lugar cansativo e entediante; o céu sempre coberto, provocando muita chuva tão quente como se ela tivesse vindo do fogo; bebendo sem nenhum consolo. Mas encontrando os ventos que vêm do Sul, imediatamente volta-se a um céu temperado, varrendo os ventos o ar de todas essas coisas que são causa de tédio. Acabamos dando em certas águas rasas na costa do Brasil, localizadas a 18 graus do lado Sul, chamadas de Abrolhos, de onde fomos forçados a voltar, reinando nessas partes apenas um vento por muitos meses, e depois o oposto a seu tempo, que os portugueses chamam de Monções; e passamos tanto tempo no retorno quanto na ida. A viagem toda foi de aproximadamente 2.800 léguas, que percorremos com sanidade, não sem algum cuidado para nos preservar, ora com comprimidos, ora com dieta, ora com um pouco de sangue. Não havíamos passado por nenhum perigo em toda o caminho; mas ao entrar neste porto fomos revigorados, pois passamos uma noite inteira perdidos e mortos, quebrando as âncoras, os cabos, as velas e tudo o que tínhamos; de cujo perigo certamente fomos milagrosamente salvos. Aquele Cruzeiro, que pode ser visto do Sul com 60 graus de declinação da faixa Sul, são 4 estrelas, duas de segunda magnitude, uma de terceira, que está ao pé da Cruz, e uma de quarta, que está no braço do Poente, nos pés traseiros da imagem do Centauro, de modo que se dizem macios. Atrás vêm duas estrelas, uma de tamanho maior, tão bela quanto o Cão Sirius, e a outra mais que a segunda: que estão nas patas dianteiras do mesmo Centauro, em cuja figura há

quale malvolentieri dà luogo all'osservare il sole per trovare l'altezza del polo, contuttochè ogni giorno si pigli; a che stanno fitti questi villani, senza sapere altro della cosa.

La calamita è uno strano strumento per la sua varietà, della quale è difficil cosa a trovare la causa: nè anche la minima parte degli accidenti si conoscono, volgendosi in certi luoghi a Tramontana dirittamente; in altri va da Tramontana a Greco, fino a 14 gradi di tutta la circonferenza dell'orizzonte; altra volta va verso Maestro, e fa tutte queste differenze a grado a grado, camminando da Levante a Ponente, ed anche da Mezzogiorno a Tramontana. Servonsene i piloti per sapere se sono presso alla terra o no, sapendo la differenza che ella fa in quel luogo dove e' l'hanno; ma per farne regola per trovare la longitudine, come molti si stimano, è impossibile; e per vederne quello che se ne poteva vedere, era necessario tornare a dietro per ritornare a viaggio per vedere gli strumenti che bisognavano, e provvedersene. Credomi che sia possibile, e non molto difficile a chi intende l'uso dell'astrolabio, trovare la longitudine, di che l'anno passato trattai in Madrid col gentilissimo signor Lorenzo Canigiani, figliuolo del signor ambasciadore; e adesso aspetto certa sua difficoltà per vederne la risoluzione. Un poco di cognizione di queste matematiche mi ha data molta soddisfazione, come si può immaginare V. S., anzi fatto parer niente ogni travaglio. Questo è quanto al passato: del futuro posso dire a V. S. che io disegno di rimettermi al viaggio, per vedere di fare stare la mala fortuna. Piaccia a Dio che tutto sia per suo servizio e salute nostra. Per ordine di V. S. presi qui, e le trassi la valuta di 60 scudi por portargli meco, i quali, insieme con altri molti che io ne avevo di diversi amici, gli divisi sopra le 4 navi che andavano in India, e così quelli, che sono andati, saranno là in compagnia degli altri ricevuti da Lorenzo

muito mais estrelas do que pintam os astrólogos, como também no Navio Argo, que é certamente um sinal muito bonito com muitas estrelas, e muito bonitas; e entre outros a chamada Canopus, que está no remo, a qual nem em tamanho nem em luz perde para os dois grandes acima chamados, o Cão e o Centauro. Estão nesses paralelos algumas outras imagens, que não estão entre as 48 consideradas nos globos, sobre as quais no navio é impossível fazer quaisquer observações devido ao movimento contínuo do navio, que relutamente dá lugar à observação do sol para encontrar a altura do polo, embora seja medido todos os dias; o que esses aldeões estão fazendo, sem saber mais nada sobre a coisa.

O ímã é um instrumento estranho devido à sua variedade, da qual é difícil encontrar a causa: nem mesmo a mínima parte dos acidentes é conhecida, voltando-se em certos lugares diretamente para Tramontana; em outros vai de Tramontana a Grego, até 14 graus de toda a circunferência do horizonte; em outro momento ele vai em direção ao Mistral, e faz todas essas diferenças passo a passo, caminhando do Levante ao Poente, e também do Sul ao Norte. Os pilotos o utilizam para saber se estão próximos ao solo ou não, sabendo a diferença que faz naquele local onde o possuem; mas tornar uma regra encontrar a longitude, como muitos estimam, é impossível; e para ver o que dele se podia ver, era necessário voltar de viagem para ver os instrumentos necessários de que precisavam e deles se abastecer. Acredito que seja possível, e não muito difícil para quem entende do uso do astrolábio, encontrar a longitude,

Strozzi nostro fiorentino: al quale ordinaí che in assenza mia, se io mi fussi morto, non pensando punto al tornare a dietro, ne comprasse curiosità e gentilezze, come era il gusto di V. S. (chè così dovrà fare), e le mandasse qui al signor Raffaello Fantoni, che le manderebbe a V. S. Tra i danari che io portava meco erano 15 scudi de' sopraddetti, i quali sono qui, e vedrò di spendergli in qualcosa di gusto per V. S.; e se io troverò un pezzo del legno aloè buono, che mi pare una cosa preziosa, gliene manderò; se no, piglierò qualche altra cosa, come a suo tempo le scriverò. Intanto, perchè io non ho più tempo, farò fine, pregando V. S. a tenermi nella sua buona grazia e a comandarmi, facendo parte al nostro signor Piero Vettori del poco che si contiene in questa lettera, che V. S. pensasse di potergli esser caro. Intanto con altra supplirò verso di lui al debito mio: che nostro Signore Iddio dia a V. S. quanto desidera, e guardi di male. Di Lisbona, a' 24 di settembre 1582. Di V. S. affezionatiss. servii.<sup>re</sup>

sobre o que discuti no ano passado em Madri com o muito gentil senhor Lorenzo Canigiani, filho do senhor embaixador; e agora aguardo alguma dificuldade sua para ver sua resolução. Um pouco de conhecimento dessas matemáticas me deu grande satisfação, como pode imaginar Vossa Senhoria, de fato, fez todo trabalho parecer nada.

Isso é sobre o passado: sobre o futuro posso dizer a Vossa Senhoria que pretendo voltar à viagem, para ver se o azar fica. Queira Deus que tudo seja a Seu serviço e da nossa saúde. Por ordem de Vossa Senhoria, peguei aqui e trouxe-lhe a moeda de 60 escudos para levar comigo, que juntamente com muitas outras que tive de vários amigos, dividi entre os 4 navios que iam para a Índia, e assim aqueles que se foram estarão lá na companhia dos outros recebidos por Lorenzo Strozzi, nosso florentino: a quem ordenei que, na minha ausência, se eu morresse, sem pensar em voltar, que comprasse curiosidades e gentilezas, como era do gosto de Vossa Senhoria (que assim deverá fazer), e mandasse aqui ao senhor Raffaello Fantoni, que as enviaria a Vossa Senhoria. Entre o dinheiro que levava comigo estavam 15 escudos dos mencionados, os quais estão aqui, e hei de gastá-los em algo que agrade a Vossa Senhoria; e se eu encontrar um pedaço da boa madeira de aloés, que me parece algo precioso, enviar-lhe-ei; caso contrário, pegarei qualquer outra coisa, assim como oportunamente escreverei. Entretanto, porque já não tenho mais tempo, terminarei, pedindo a Vossa Senhoria que me guarde em sua boa graça e me ordene, compartilhando com nosso senhor

Piero Vettori o pouco que está contido nesta carta, que Vossa Senhoria pensasse poder-lhe ser caro. Nesse tempo, pagarei minha dívida para com ele com outra: que nosso Senhor Deus dê a Vossa Senhoria tanto quanto deseja e cuide-se do mal.

De Lisboa, aos 24 de setembro de 1582.

De Seu Cordialíssimo Servidor.



### 3.1.8 Carta LXIX

LXIX.

A Francesco Valori, in Firenze.

Molto magnif.<sup>o</sup> sig. mio oss.<sup>o</sup>

Perchè voi non gridiate, come voi potrete avere fatto l'anno passato, vi scrivo questi versi senza avervi che dire cosa nessuna se non le solite cose, che io sto bene, siane lodato Iddio, e che io spero il medesimo di voi e della vostra brigata: di che con il primo ordinario dovrò sentirne da voi le novelle, perchè accusando queste lettere che sono venute in questo anno, lettere di qua de' 28 d' agosto, quest'altro calza a punto con la ricevuta de' tanti di settembre quando io stava già qui. Ora, a proposito di negozi, non ho che soggiugnervi, avendomi spodestato de' vostri denari, i quali (che non mi è piaciuto gran fatto) sento che sono doventati dolcitudine, sì che potrà stare che dopo l'essere andati a pricissione per mezzo il mondo, e' vi diano, quanto a profitto, poca dolcezza. Piaccia a Dio che quelli che sono andati in India ristorino, sì come io tengo per certo che per mie mani sarebbe loro intervenuto: non so quello che si sarà per le mani d' altri. E quanto all'anno nuovo, non so che dirmivi. Se io mi conduco là, credo che noi faremo qualche bene: se non mi vi conduco, direbbe il dottore, io non vi sarò: faccia nostro Signore Iddio la sua santissima volontà. Viene scritto di Castiglia che col signor Gianfigliuzzi verrebbe fino a Spagna il signor Francesco Bonciani, cosa che mi darebbe gusto infinito. Voi vi stiaciasti e appollaiasti e 'ngrassasti, sì che non vi moveresti nè anche con lo staffile, se fusse bene quello del Chelli che faceva male. Per tornare al Bonciano, e' non dovrà lasciare di venire fino qui, poichè delle cose di Spagna questa città è una, la maggiore e la più importante. Quanto al menarlo in India, noi dovremo

LXIX.

A Francesco Valori, em Florença.

Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor

Para que você não grite, como poderia ter feito no ano passado, escrevo-lhe estes versos sem ter o que lhe dizer a não ser as mesmas coisas, que estou bem, Deus seja louvado, e que eu espero o mesmo do senhor e de sua brigada: do que com o primeiro ordinário terei de saber do senhor as novidades, porque acusando estas cartas que chegaram neste ano, cartas estas de 28 de agosto, esta outra se encaixa perfeitamente com o recebimento das tantas de setembro quando eu já estava aqui. Agora, por falar em negócios, só tenho a acrescentar-vos, tendo-me despojado do seu dinheiro, o qual (e disso não gostei muito) sinto ter se tornado doçura, de modo que poderá estar, que depois de ter ido em procissão por meio mundo, lhes deem, em termos de proveito, pouca doçura. Queira Deus que aqueles que foram para a Índia sejam restaurados, assim como eu tenho por certo que pelas minhas mãos teriam eles intervindo: não sei o que será pelas mãos de outros. E quanto ao ano novo, não sei o que dizer. Se eu for lá, creio que faremos algum bem: se eu não for, diria o doutor, não estarei lá: que o nosso Senhor Deus faça a sua santíssima vontade. Vem escrito de Castela que com o senhor Gianfigliuzzi viria até a Espanha o senhor Francesco Bonciani, o que me daria um prazer infinito. O senhor se incomodou e repousou e engordou, de modo que não se moveria nem mesmo com o chicote, mesmo que fosse aquele do Chelli que machucava. Para voltar ao Bonciano, ele não deve deixar de vir até aqui, já que esta cidade é uma das coisas da Espanha, a maior e a mais importante. Quanto a levá-lo à Índia,

contentarci del pensarvi, chè così conviene. Aspetto da voi sopra questo proposito e sopra mille altri una serqua, che dich'io? una grossa di nuove: non mi siate avaro. Di qua non ci è che farvi sapere. Don Antonio partì dalla Terzera con 35 navi, con 3000 fanti, molta munizione e artiglieria; dicesi che andava alla Madera, ma più si teme della Mina e del Verzino; e la fiotta che resta a comparire a Sevilla non è la più sicura cosa del mondo. Qui sono molti legni, e come legni si stanno: altro non ho. Piacciavi salutare il signor Giovanni e offerirmegli. E con raccomandarmi a voi, al vostro fratello e tutti i vostri, faccio fine. Addio. Di Lisbona, a' 15 di novembre 1582.

Vostro affez.<sup>mo</sup>

teremos que nos contentar em pensar nisso, pois assim convém. Aguardo do senhor sobre esse assunto e sobre mil outras uma dúzia, o que eu digo? Um monte de novidades: não seja mesquinho. Daqui não há nada para que o senhor saiba. Dom Antonio deixou a Terceira com 35 navios, 3.000 na infantaria, muita munição e artilharia; diz-se que ia para a Madeira, mas mais se acredita que seja a Mina e o Brasil; e a frota que falta aparecer em Sevilha não é a coisa mais segura do mundo. Aqui há muita madeira e como madeira estão: não tenho mais nada. Gostaria de cumprimentar o senhor Giovanni e a ele me ofereço. E me recomendando o senhor, ao seu irmão e a todos os seus, finalizo. Adeus. De Lisboa, aos 15 de novembro de 1582.

Muito cordialmente.

### 3.1.9 Carta LXXXI

LXXXI.

A Francesco Valori, in Firenze.

Molto magnif. sig. mio osservandiss.

Se io avessi auto bene tra le mani le regole del Galateo, o pure fattone qualche capitale, io lasciava stare il darvi consiglio sopra il mandare o non mandare danari in India, giacché voi non me ne chiedevi: ma egli è il diavolo; ciascuno vuol parere aver belle invenzioni alle mani, e va fortificandole sue risoluzioni, quando non si può meglio, a spese degli amici.

Che gli faremo? La sta così, come io vi dico. Una parte de' vostri danari vennero ad andar male e perdersi (dico per voi, chè, quanto al caso in se, si dice qua che tutto quello che portava quella nave, secondo lui, e' si salvò); una parte ne era tornata a dietro; e due parti, che fanno quattro, stanno in India indisposte. Oh che buona ventura è se la Tancina può, andare già in busca del marito, giacché io vi proposi questo avviamento per farle la dota! Io mando a' vostri la copia della: lettera che mi scrive di Goa Lorenzo Strozzi, dove dà ragione della causa perchè rimangono indisposti. E quanto a quest'anno, sarà stato un apporsi a non comperare niente per mandare a Portogallo, perchè i prezzi d'ogni cosa sono qua maggiori che non sono in Portogallo; e giacché egli hanno perduto due anni di tempo, ne perderanno un altro per vedere quello che e' sapranno fare alle mie mani, chè potrei forse mandarneli in luogo, che nè voi nè io ne avessimo più travaglio. Lasciate un poco fare a me, chè se voi ve ne lodate a questa volta, io vel perdono.

LXXXI.

A Francesco Valori, em Florença.

Meu Muito Magnífico  
Estimadíssimo Senhor

Se eu bem tivesse tido as regras de Galateo<sup>138</sup> em minhas mãos, ou mesmo feito algum capital, eu deixaria de lado o dar conselho sobre mandar ou não mandar dinheiro para a Índia, já que o senhor não me perguntou: mas ele é o diabo; todo mundo quer dar a impressão de ter belas invenções às mãos e vai fortalecendo suas resoluções, quando não se pode melhor, às custas dos amigos.

O que faremos? Está assim, como lhe digo. Uma parte do seu dinheiro deu errado e se perdeu (digo pelo senhor, que, quanto ao caso em si, fala-se aqui que tudo aquilo que aquele navio carregava, segundo ele, foi salvo); uma parte havia voltado; e duas partes, que totalizam quatro, estão na Índia indispostas. Oh! Que coisa boa se a Tancina já puder ir em busca do marido, já que lhe propus essa iniciativa de dar-lhe o dote! Estou enviando aos seus uma cópia dele: carta que me foi escrita por Lorenzo Strozzi, de Goa, onde ele explica a causa pela qual eles permanecem indispostos. E quanto a este ano, deve ter sido uma relutância em não comprar nada para mandar para Portugal, porque os preços de tudo aqui são mais elevados do que em Portugal; e como perderam dois anos de tempo, perderão outro para ver o que podem fazer com minhas mãos, pois eu poderia talvez mandar no lugar, que nem o senhor nem eu tenhamos mais trabalho. Deixe que eu faça um pouco, pois se o

<sup>138</sup> Galateo: título de um famoso tratado chamado *Galateo ovvero de' costumi*, obra de Giovanni Della Casa (1503-1556), no qual estão conselhos e regras sobre modos de conversar, de se vestir, de estar à mesa, de se comportar com as pessoas na sociedade, ou seja, regras de etiqueta social. [N.T.]

Quanto ad andarvi proponendo qualche altra cosa, io me ne passerò così brevemente, perchè io mi penso che questa vi basterà, e che voi non vorrete più negozi d'India. Voi sapete come diceva in Venezia quel facchino in abito di vescovo; *fasì mo vu*. Questo è quanto a questo capo, del quale mi sono spedito, come disse quel prete al suo cherico che gli rimproverava il non aver saputo leggere un mal passo: — non lo saltai io bene? — diss' egli. Quanto al resto, noi ci conducemmo poi alla per fine, se bene in capo di sette mesi, col più travaglioso viaggio che avesse mai nave: domandatene la storia nostra, che io mando al Signor Lorenzo Canigiani. Sette mesi in mare sempre sempre, e non diventar pesce eh? elle son cose salvatiche: e messer Nicio per certo non arrivò fin qui, ché durava fino adesso a dire: acqua. L'altre quattro navi della nostra compagnia con miglior discorso del loro piloto passarono le difficoltà più tosto di noi, e facendo il cammino loro tra la costa d' Africa e l' isola di San Lorenzo, furono a Mozambique, dove si riposarono 20 o 25 giorni; e di qui partite vennero a Goa al tempo consueto, senza avere mai un travaglio che sia, o ammainar pure un tratto la vela; e, giunte qui, ebbono comodità di fare il negozio loro o in tutto o in parte, conforme alla qualità di ciascuno. Il nostro piloto, che l'anno passato fu a dare nel Verzino sopra que' bassi, impaurito a questa volta, innanzi che si mettesse a traversare la linea, si messe tanto sotto la costa di Guinea, che, calmandosi i venti, vi ci raggirammo la povertà di 46 giorni; e perdendo qui questo tempo e questa occasione, trovammo tutte le stagioni e' venti mutati in modo, che oltre al correre per perduti perdutissimi, quando noi fummo a passare il capo di Buonasperanza, trovammo poi venti contrari, che tra in detto luogo, e sotto l' isola di San Lorenzo, ci trattenemmo più d' altri 45 giorni; et avendo già scorso tant' oltre col tempo, ci fu forza di andare

senhor se louvar disse desta vez, eu perdo mesmo.

Quanto a propor outra coisa ao senhor, vou falar brevemente, porque penso que isso lhe bastará e o senhor não vai mais querer negócios da Índia. O senhor sabe como aquele carregador vestido de bispo dizia em Veneza; *fasì mo vu*. Isso é quanto a este feito, do qual eu mesmo despachei, como disse aquele padre ao seu clérigo que o repreendeu por não ter sabido ler uma passagem ruim: “Não pulei bem?” – disse ele. Quanto ao resto, nós prosseguimos, então, ao fim, se bem que a cabo de sete meses, com a viagem mais árdua que um navio já fez: pergunte da nossa história, que eu envio ao senhor Lorenzo Canigiani. Sete meses no mar direto, e não virar peixe, hein? isso são coisas selvagens: e meu senhor Nicio certamente não chegou até aqui, para dizer até agora: água. Os outros quatro navios da nossa companhia, com melhor discurso do seu piloto, passaram as dificuldades mais rapidamente que nós, e fazendo o seu caminho entre a costa da África e a ilha de São Lourenço, foram a Moçambique, onde descansaram 20 ou 25 dias; e, partindo daqui, vieram a Goa no tempo habitual, sem terem tido qualquer trabalho que seja, nem mesmo baixado a vela por um momento; e, aqui chegados, tiveram a comodidade de fazer o seu próprio negócio, no todo ou em parte, conforme a qualidade de cada um. O nosso piloto, que no ano passado foi parar no Brasil por aquelas terras baixas, assustado dessa vez, antes de começar a cruzar a linha, aproximou-se tanto da costa da Guiné que, quando os ventos acalmaram, contornamos a pobreza de 46 dias; e perdendo aqui esse tempo e essa ocasião, encontramos todas as estações e os ventos mudados de tal forma que, além de corrermos como perdidos perdidíssimos, quando fomos passar pelo Cabo da Boa Esperança, encontramos, então, ventos contrários, os quais, no dito lugar, e pela ilha de São

fuori della detta isola senza pigliare terra nessuna: cosa mollo travagliosa: e appunto stando di fronte alla metà di essa, demmo sopra una corda di bassi, detti i Garagai, i più pericolosi e paurosi che siano in tutta questa carriera; dove chi tocca non ha nessuno genere di rimedio, non vi sendo se non tre o quattro secche di arenali, dove non è acqua nè albero, nè cosa nessuna, e tanto il gran caldo, che l' uova senza essere covate vi nascono. Piacque a Dio di tirarcene fuori e insieme liberarci da altri travagli, perchè montando tutta quella isola, entrammo in questi mari d' India, dove non sono burrasche nè venti forzosi, nè ci gonfia il mare, ma sempre ci è tranquillità e vento piacevole quanto sia il mare, che è sempre piano e tanto giocondo alla vista, che nessuno lo riconoscerebbe da quello di dianzi; e ben se gli poteva dire come quel Bergamasco, che, scappato da una grandissima tempesta, in vedendo poi il mare molto tranquillo, *esclamarit: mo el fa el gatton*. E, per tornare, la veduta d' un giorno solamente di così tranquille onde fa parere altrui bene impiegato ogni travaglio. E con tutto questo, come noi venivamo qua sospettando quello che era, che l' altre navi fossero andate a Goa, dove mi veniva grandissimo danno per andare in mano d'altri tre quarti delle mie commessioni, veniva molto abbattuto; ma, giunto poi qua, davo grazie a Dio, che i danari che venivano a consegnare a me, fussino andati in mano d' altri, per la dolorosa comodità che ci era d' impiegare un solo basalucco, stimando che in Goa arebbono auto o miglior comodità, o, se pure avessero fatti i negozi disavvantaggiosi, altri sarebbono che darebbono le male soddisfazioni. Ma anche in questo ho avuto cattivo riscontro, perchè a Lorenzo Strozzi sono avanzati nelle mani più di 20 ducati, di danari ch' ei ricevette in assenza mia, e li tiene a mio ordine, e

Lourenço, permanecemos mais outros 45 dias; e tendo já decorrido tantas outras com o tempo, tivemos forças para sair da dita ilha sem tomar terra alguma: coisa muito trabalhosa: e parados bem no meio dela, tocamos uma corda de baixos, chamada de Garajau, os mais perigosos e medrosos que são em toda essa carreira; onde quem toca não tem nenhum tipo de remédio, não havendo senão três ou quatro secos areais, onde não há água, nem árvore, nem coisa alguma, e tanto calor, que ali nascem ovos sem chocar. Queira Deus tirar-nos dali e junto nos liberar de outros trabalhos, porque subindo aquela ilha, entramos nesses mares da Índia, onde não há tempestades nem ventos fortes, nem o mar encrespa, mas há sempre tranquilidade e vento agradável como o mar, que é sempre plano e tão alegre aos olhos, que ninguém o reconheceria como aquele de antes; e bem se poderia dizer, como aquele Bergamasco, que, tendo escapado de uma tempestade muito grande, e vendo, depois, o mar muito tranquilo, *esclamarit: mo el fa el gatton*. E, para retornar, a visão de um dia somente de tão tranquilas ondas faz parecer bem empregado todo trabalho tido. E com tudo isso, como vínhamos suspeitando que fosse, que outros navios tivessem ido a Goa, que me daria grandíssimo prejuízo por ir às mãos de outros três quartos das minhas comissões, seria muito triste; mas, chegando, depois, aqui, dei graças a Deus porque o dinheiro que vinham me entregar tinha ido parar nas mãos de outros, devido à dolorosa comodidade que havia de usar um só *basalucco*<sup>139</sup>, estimando que em Goa teriam carros ou melhor comodidade, ou, ainda que tivessem feito negócios desvantajosos, outros seriam que dariam más satisfações. Mas também nisso tive um retorno ruim porque chegaram nas mãos de Lorenzo Strozzi mais de 20 ducados,

<sup>139</sup> Referência a uma moeda indiana de baixíssimo valor. [N.T.]

altri me ne hanno consegnati e consegnano qui, dove non è niente in che impiegare con isperanza di profitto: di maniera che io mi rimarrò qua con essi nelle mani. E quanto all' interesse e utile degli amici, meglio è così, perchè il profitto ricompensa il tempo che si perde; ma come ciascuno desidera di rivedere il suo in viso, é 'l diavolo. Tuttavia io non ci posso altro fare, e non sono per disperarmi.

Tornando al viaggio, messer Giovanni, Orazio et io siamo stati sempre sani, per grazia d' Iddio. È ben vero che se noi avevamo da andare più oltre, o stare 15 giorni più al mare, che noi l'aremmo passata male, perchè io almeno cominciava già a sentire delle infermità comuni a questa carriera, delle quali ammalarono in un giorno 160 persone. Le malattie sono queste: cominciano in mala maniera a enfiare le gengive, e impedire il mangiare, e massime il biscotto; ad altri s'infradiciano e caggiono; ad altri si fanno tanto grosse, che bisogna tagliarle col rasoio per potere serrare la bocca, la quale getta, come e' vengono in questo male, un odore tanto cattivo, quanto voi potete immaginarvi. Con le gengive enfiando le ginocchia e tutte le gambe a poco a poco, e si vanno scoprendo in esse certe lentiglie, le quali vanno allargando, sicché elle pigliano la gamba tutta, la quale all' enfiare dà tanto dolore, che è grandissima pietà a vedere i poveri infermi. Febbre non si scuopre, ma poco appresso dà un dolore di petto, il quale non proibisce però la respirazione, ma termina bene la vita. A questo accidente séguita la morte in due giorni, spegnendosi quasi una lampada per mancamento d'olio. Ora di questi infermi ne sbarcammo nell' ospedale fino a 160, i quali oggi sono quasi guariti tutti, se non due che ci vennero tanto maltrattati, che nello sbarcare si morirono. Non ci mancò poi di avere auto a vista di terra un poco di contrasto, chè stemmo per calme otto giorni senza poterla pigliare. Vennero a

dinheiro que ele recebeu na minha ausência, e o mantém por minha ordem, e outros me entregaram e estão entregando aqui, onde não há nada para empregar com esperança de lucro: de modo que ficarei aqui com eles em minhas mãos. E quanto ao interesse e lucro dos amigos, é melhor assim, porque o lucro recompensa o tempo perdido; mas como cada um deseja ver seu rosto novamente, é o diabo. Contudo, não posso fazer mais nada e não estou para me desesperar.

Voltando à viagem, meu senhor Giovanni, Orazio e eu sempre estivemos saudáveis, pela graça de Deus. É bem verdade que se tivéssemos que ir mais longe, ou ficar mais 15 dias no mar, teríamos passado mal, porque eu, pelo menos, já começava a sentir as enfermidades comuns a esta carreira, da qual adoeceram, num dia, 160 pessoas. As doenças são estas: as gengivas começam a inchar de maneira ruim, e impedem de comer, e, no máximo, biscoito; em outros, amolecem e caem; em outros ficam tão grossas que é necessário cortá-las com uma navalha para poder fechar a boca, a qual exala, como eles vêm nesse mal, um odor tão ruim quanto se possa imaginar. Com as gengivas incham os joelhos e todas as pernas pouco a pouco, e nelas se descobrem certas lentilhas, que vão aumentando, de modo que tomam a perna toda, que, ao inchar, causa muita dor, que é de grande piedade ver os pobres enfermos. A febre não se revela, mas logo em seguida dá uma dor no peito, que não impede, porém, a respiração, mas bem acaba com a vida. A este acidente segue-se a morte em dois dias, e a pessoa se apaga quase como um candeeiro por falta de óleo. Desses enfermos nós desembarcamos no hospital até 160, quase todos recuperados hoje, senão dois que foram tão maltratados que morreram quando desembarcaram. Não nos faltou, pois, ter tido à vista de terra um pouco de

noi questi cuiussi di terra in lor piccoli burchiellini, ne' quali va un uomo che rema con un remo simile ad una mestola da stiuma. Portàvanoci delle loro coselline; foglie di betle, che è il comune cibo loro; certi loro fichi fatti a modo di cornetti; cocchi, o noci d' India, che quando sono acerbi si chiamano *lagne*, e se ne fa molto conto per essere pieni dentro d' un'acqua dolcissima e molto grata al gusto, e particolarmente quando sono freschi, che dicono essere sanissimi. Altre frutterelle ci recavano, sgraziate a meraviglia, le quali furono messe subito da messer Giovanni da dua al quattrino a due reali l'una, reclamante il proveditore della grascia, che era in nave, quanto e' poteva, ma non v'ebbe rimedio veruno; che non abbassarono di prezzo, sì fummo in terra. Ora questa gente è nel vestire molto lussuriosa, che tengono il maggior sarto del mondo che fa loro i panni; questi è messer Domeneddio: voglio inferire che vanno ignudi dal minore fino al re di questa terra, al quale fummo a baciare le mani in casa sua là in un palmaio, dove ci dette buona e grata udienza, e mandoccene in pochissime parole. La villa, dove questo re tiene i suoi palagi e dove vivono i suoi cittadini, è come dire tanti porcili quante case sono; e non dico questo per volere menomare le cose altrui, ma fate conto che elle sieno sotto terra un pochetto, e che dentro non vi si possa per un uomo stare ritto. Sono le mura, e anche il tetto, tutte di foglia di palme; e l'uscio e le finestre sono la medesima cosa. Io non vidi mai la più laida cosa di quella. La vita degli abitatori è differente, perchè vi sono Gentili, Giudei e Mori. Tra i Gentili vi è una razza che sono forestieri in tutta questa terra d' India, che si chiamano Bramani, i quali non possono ammazzare cosa nessuna; anzi, trovandosi dove si ammazzano galline o

contraste, de modo que ficamos por calmos oito dias sem poder pilhá-la. Vieram a nós esses pedaços de terra em pequenos barquinhos, nos quais vai um homem que rema com um remo parecido com uma escumadeira. Eles nos trouxeram algumas de suas pequenas coisas; folhas de bétel<sup>140</sup>, que é alimento comum deles; alguns de seus figos feitos como *croissants*; cocos, ou nozes da Índia, que quando são verdes se chamam *lagne*, e são muito apreciados por serem cheios de água muito doce e muito agradáveis ao paladar, e, particularmente, quando estão frescos, dizem ser muito saudáveis. Outras frutinhas nos trouxeram, maravilhosas, que foram imediatamente colocadas pelo senhor Giovanni em par ou em quatro, a dois reais cada, reivindicando o fornecedor da graça, que estava no navio, tanto quanto pôde, mas não houve remédio algum; e não baixaram o preço, assim descemos a terra. Agora, essa gente é muito luxuosa no vestir, elas têm o maior alfaiate do mundo que faz as roupas delas; este é o senhor Domeneddio: quero inferir que eles andam nus do menor ao rei desta terra, o qual fomos beijar as mãos em sua casa lá em um palmeiral, onde nos deu boa e grata audiência, e nos falou em pouquíssimas palavras. A vila, onde este rei tem seus palácios e onde vivem os seus cidadãos, é como dizer que há tantas pocilgas quanto casas; e não digo isso para querer diminuir as coisas alheias, mas faça de conta que estejam um pouquinho enterradas, e que dentro não cabe um homem em pé. São as paredes, e também o teto, tudo de folhas de palmeira; e a porta e as janelas são da mesma coisa. Nunca vi coisa mais imunda do que isso. A vida dos habitantes é diferente, porque há Gentios, Judeus e Mouros. Entre os Gentios há uma raça que é forasteira em

<sup>140</sup> Da espécie *P. betle*, popular na Ásia, é planta pimenteira também conhecida como bétele ou tambul, tem raízes adventícias, flores em espigas e folhas grandes, aromáticas, com propriedades estimulantes e medicinais. [N.T.]

altri animali, gli comprano per dar loro la vita. Questi hanno molti buoni costumi nelle leggi loro, ma non gli osservano. Hanno il vincolo del matrimonio strettissimo, intanto che morendo il marito, quando il corpo si va a bruciare, la moglie che resta si getta ancora ella nel capannello, che che qualcuno di costà se ne dica. È ben vero che questo è in elezione sua; ma vi è ordine, per servarsi sempre il buon costume, che in quel momento del fare la risoluzione ella bea una bevanda che la fa furiare e nabissare, e correr là a quel fuoco. Dicono avere auto principio questo costume dai darsi già un bel tempo le vedove; ma io tengo per certo che ciò dependa dalla strettezza del vincolo che è tra la moglie e'l marito di questa gente. Gli altri Gentili naturali non l'intendono di questa maniera, nè in mangiare nè in sottoporsi al cervello d'una moglie, perchè e' mangiano d'ogni cosa, e pigliano più d'una moglie sino a quante ne vogliono; e le donne altresì si fanno cavare i loro appetiti quando e'vengono loro; e questo apertamente, chè nessuno se ne prende cura: solo lascia l'uomo che va a starsi con lei, alla porta, non la bestia, che non si potrebbe fare quello, perchè è entrante, ma la spada e la rotella: che vuol dire che la signora sta accompagnata; e vassene chi viene poi alle sue consolazioni. Di qui viene che questa seconda gente non riconosce la sua generazione; perchè, se bene chiamano figliuolo chiunque nasce in casa, non lasciano loro per questo niente, ma eredi sono i figliuoli della sorella, che è cosa certa esser nati dalla banda di quella donna del medesimo sangue: e questo ha luogo in tutta questa costa d'India, così nei re, come ne' rocchi, ne' cavalli e ne' delfini. Questa è quasi tutta gente di guerra, e non ha niente del suo, se non quello che il re li dà, che sono tante palme che li danno tanti cocchi: e non sarà vero che poi li giunghiate mai senza le loro armi, che sono alcuni spada e rotella, altri arco e

toda esta terra da Índia, que se chamam Brâmanes, os quais não podem matar nada; pelo contrário, encontrando-se onde se matam galinhas ou outros animais, compram-nos para lhes dar vida. Esses têm muitos bons costumes em suas leis, mas não os observam. Eles têm o vínculo de um casamento muito próximo, de modo que, morrendo o marido, quando o corpo vai queimar, a mulher que fica se joga ela também na fogueira, até que alguém dali se pronuncie. É bem verdade que isso é uma escolha dela; mas há uma ordem para sempre observar o bom costume, para que no momento de tomar a resolução ela beba uma bebida que a deixe furiosa e engasgada, e correr para aquele fogo. Dizem que as viúvas já começaram esse costume desde um bom tempo; mas tenho certeza de que depende da intimidade do vínculo que existe entre a esposa e o marido dessa pessoa. Os outros Gentios naturais não entendem desse modo, nem em comer, nem em se submeter ao cérebro de uma esposa, porque comem de tudo e tomam mais de uma esposa até quantas quiserem; e as mulheres do mesmo modo arrancam o apetite deles quando eles as veem; e isso abertamente, que ninguém cuida disso: apenas deixa o homem que vai ficar com ela, à porta, não o animal, que não poderia ser feito isso, porque está entrando, mas a espada e o escudo: o que significa que a senhora está acompanhada; e vai quem então chega às suas consolações. Daí resulta que este segundo povo não reconhece sua própria origem; porque, embora chamem de filho a todos os nascidos na casa, não deixam nada por isso, mas herdeiros são os filhos de suas irmãs, que com certeza nasceram do mesmo sangue daquela mulher: e isso ocorre em toda esta costa da Índia, tanto em reis, como em rochas, nos cavalos e golfinhos. Essa é quase toda gente de guerra, e nada tem de próprio, exceto o que o rei lhes dá, que são tantas



frecce: altri archibuseri, e altri portano zagaglie fatte a loro maniera. Alcuni pochi ve ne sono mercanti, che chiamano *Ciattini*, e 'ntendono in tutte sorte di cose. Quegli altri sciagurati di que' Bramani sono tutti o sensali o mercatanti, poltroni come le cimici. Gridano tra loro uno abbaimento, che il diavolo non l'intenderebbe; e quando e' vengono al giuoco delle pugna, sono tenuti tra loro medesimi micidiali e ladri, e ogni male. Questi d' ingannare altrui, perdetene il pensiero, chè e' lo fanno, se possono; ma se altri se n' avvede, in casa l' uomo si fa la giustizia da se, chè si tamburano come vitelle gonfiate.

Ora io ho fatto un lungo scrivervi, e ho detto poche cose, e quelle di niun valore. Scusatemi e perdonatemi, facendo conto che io non posso più, essendomisi a punto sul tempo dell'estremo travaglio ammalato Orazio. Sia di tutto ringraziato Iddio. Ricordovi tenermi in vostra grazia e degli amici: e salutate il signor Giovanni nostro per mia parte, e offeritemeli dove io vaglia e possa. Raccomandatemi a vostro fratello, e fate vezzi alla vostra signora. Addio. In Cocchino, a' di dicembre 1583.

Affezionatissimo

Quella benedetta ec.

palmeiras quanto muitos cocos: e não será verdade que depois os juntem nunca sem as suas armas, que são algumas espadas e escudos, outros arcos e flechas: outros arcabuzeiros, e outros carregam lanças feitas à sua maneira. Alguns poucos são mercadores, que chamam *Ciattini* e entendem de todo tipo de coisa. Esses outros condenados brâmanes são todos atravessadores ou mercadores, preguiçosos como percevejos. Gritam entre si um latido, que o diabo não entenderia; e quando eles vêm para a batalha, são tratados entre si mesmos como assassinos e ladrões, e todo tipo de coisa ruim. Aqueles que enganam os outros, perdem a cabeça, pois eles o fazem, se puderem; mas se os outros estão cientes disso, na casa dos homens a justiça é feita com as próprias mãos, pois eles tamborilam como bezerros inchados.

Agora eu me estendi muito ao lhe escrever e disse poucas coisas, e sem nenhum valor. Desculpe-me e me perdoe, fazendo de conta que não posso mais, estando exatamente no momento do extremo trabalho do adoentado Orazio. Agradeço a Deus por tudo. Eu lhe lembro de me manter em sua graça e dos amigos: e cumprimente nosso senhor Giovanni de minha parte, e me ofereço a ele onde eu valha e possa. Recomende-me a seu irmão e mande lembranças a sua senhora. Adeus. Em Cochim, em dezembro de 1583.

Cordialmente  
Aquela bendita ec.

### 3.1.10 Carta LXXXIV

LXXXIV

Al Cardinale Ferdinando de' Medici, in Firenze.

Illustr.<sup>mo</sup> rev.<sup>mo</sup> Monsig.<sup>re</sup>

Noi ci partimmo di Lisbona agli 8 d' aprile passato, cinque navi in compagnia per questa costa d' India: e avanti che noi fossimo all' isola di Canaria, ci eravamo tutti perduti di vista. L' altre 4 navi con buon consiglio andarono al loro cammino, e passando l'equinoziale a' tempi debiti, vennero in breve al Capo di Buonasperanza, e di quivi a Mozambique; dove riposatasi la gente a suo piacere, e tornatasi a imbarcare, venne a pigliar porto nella baia di Goa a' 20 di settembre, conforme all'ordinario. Il nostro piloto, con diverso consiglio, per fuggire l'inconveniente dell'anno passato, che dette in certe secche nella costa del Verzino, donde e' tornò a dietro, si tenne tanto nella parte contraria di Guine, che non potette uscire di quelle calme se non molto tardi, avendo portato gran pericolo che non c' intervenisse il medesimo che l'anno passato. Passammo pure finalmente l'equinoziale a' 12 di giugno, e dipoi il Capo di Buonasperanza a' 15 d'agosto, e pigliando il cammino fuori dell' isola di San Lorenzo, per esser già tardi a andar per dentro, stemmo perduti sopra certi bassi che le sono al dirimpetto, detti i Garagagi; ma, uscite, venimmo al nostro cammino, e vedemmo questa tanto desiderata terra a' 9 di novembre, e demmo fondo in questa baia di Coccino. Iddio lodato, che ci fece salvi. Per viaggio non vedemmo cosa nuova degna di scriversi, se non questa: che in Guine pigliammo pesci grandissimi (chiamangi i Portoghesi Albocore, e sono una spezie di tonno) con i lacci, senza altra esca, non ostante che fossero

LXXXIV

Ao Cardeal Ferdinando de' Medici, em Florença.

Ilustríssimo e Reverendíssimo  
Monsenhor

Sáimos de Lisboa no dia 8 de abril passado, cinco navios em companhia para esta costa da Índia: e antes de chegarmos à ilha das Canárias, havíamos nos perdido todos de vista. As outras 4 naus com boa direção seguiram o seu caminho, e passando o equinócio no devido tempo, chegaram logo ao Cabo da Boa Esperança, e de lá para Moçambique; onde a gente tendo descansado como quis, e tendo regressado para embarcar, aportou na baía de Goa no dia 20 de setembro, conforme o esperado. Nosso piloto, com diferente orientação, para escapar dos inconvenientes do ano passado, quando foi parar em certos baixos na costa do Brasil, onde ele voltou, permaneceu tanto tempo na parte oposta da Guiné, que não conseguiu sair daquelas calmas senão muito tarde, tendo levado grande perigo que não nos atrapalhasse como no ano passado. Passamos finalmente o equinócio em 12 de junho, e depois o Cabo da Boa Esperança em 15 de agosto, e pegando a estrada fora da ilha de São Lourenço, pois já era tarde para ir para o interior, nos perdemos em certos baixos que estão opostos a ele, chamados de Garajau; mas, saindo de lá, voltamos ao nosso caminho, e vimos esta terra tão desejada no dia 9 de novembro, e ancoramos nessa baía de Cochim. Louvado seja Deus, que nos salvou. Durante a viagem não vimos nada de novo digno de registro, exceto isto: que na Guiné pegamos peixes muito grandes (chamados pelos Portugueses de Albacoras, e são uma espécie de atum) com armadilhas, sem

veloci come saette; e quasi che l'arte si volesse ristorare, nell' altura del Capo di Buonasperanza pigliammo certi uccelli molto grandi con gli ami.

In terra si rappresentarono alla vista tutte cose nuove, sì quanto alle piante, come degli animali e degli uomini. Le piante sono in tutto differenti dalle nostre, nè per similitudine se ne può dar cognizione. La costa è tutta vestita di palme di queste che fanno i cocchi, e d' altre che fanno un frutto che domandano areca, che questi Negri mangiano col betle. Gli altri frutti sono molti e di varia figura; e 'l mandar quest' anno semi o altre mostre di essi non ha avuto luogo, perchè sono venuti tardi, e a questa scala priva d'ogni comodità per simili gentilezze non ho potuto far nessuna diligenza in questa parte. Ma spero di emendar la falta l'anno prossimo, perchè andando a Goa dopo la spedizione di queste navi, potrò provedermi con più comodo di tutte queste novità.

Di animali nuovi domestici, abbiamo qua gli elefanti grandi a dismisura, i quali servono a scaricare e caricare le barche in questa riviera. Levano, suspendendola ad uno de' mascellari con una corda, una botte di 12 barili, con quella facilità che un uomo porterebbe un peso di 4 o 6 libbre. Strascicano pel medesimo modo un legno, che 4 para de' nostri buoi non potrebbero: con esso dicono che un solo vara una galera, 'e la tira in secco. Sono docili e obbedienti a chi li governa, come di loro si dice. Vendonsi a misura per la lunghezza a 100 ducati d'oro il *covodo*, e costerà uno 1000 e 1200 scudi, conforme a che son grandi. Questi che sono qui, sono tanto alti, che il *Naire* che vi va sopra, par piccolino. Buoi e bufoli ci sono in molta quantità, ma piccolini; e qui nella terra servono qualcuno a carrettare a modo nostro, ma per la terra a dentro alla foresta non hanno altro uso che portar la soma, come gli asini o i muli, e vanno per questa terra portando pepe o riso, o che altro fa di bisogno, a numero di otto o diecimila per

outra isca, apesar de serem tão rápidos como flechas; e como se a arte quisesse se restaurar, na altura do Cabo da Boa Esperança, pegamos alguns pássaros muito grandes com anzóis.

Na terra, foram representadas aos olhos todas as novidades, tanto no que diz respeito às plantas quanto aos animais e aos homens. As plantas são completamente diferentes das nossas, nem por semelhança podemos dar conhecimento delas. A costa é toda coberta de palmeiras, dessas que fazem os cocos, e outras que dão frutos chamados noz de areca, os quais os Negros comem com bétel. As outras frutas são muitas e de várias formas; e o envio de sementes ou outras exhibições delas este ano não foi possível, porque chegaram tarde, e a esta escala privados de todos os confortos para semelhantes gentilezas não pude fazer nenhuma diligência nesta parte. Mas espero emendar a falta no próximo ano, porque indo para Goa depois do embarque desses navios, poderei me munir de todas estas novidades com mais comodidade.

De animais domésticos novos, temos aqui os elefantes de enormes dimensões, os quais servem para descarregar e carregar os barcos nesta costa. Levantam, suspendendo, por uma das mandíbulas com uma corda, uma pipa de 12 barris, com aquela facilidade com que um homem carregaria um peso de 4 ou 6 libras. Arrastam do mesmo modo uma madeira, que 4 pares dos nossos bois não conseguiriam: com isso dizem que um único homem lança uma galé e a puxa para terra firme. São dóceis e obedientes a quem os governa, como dizem. São vendidos por medida de comprimento a 100 ducados de ouro o côvado, e custará uns 1.000 e 1.200 escudos, dependendo do tamanho. Esses que estão aqui são tão altos que o Naire que cavalga sobre eles parece pequeno. Bois e búfalos existem em bastante quantidade, mas pequenos; e

volta. Alla foresta, per quanto io ho potuto intendere e parte vedere, chè gli portano a vendere qui, sono tutte le sorte di salvaggiumi che tra noi: pernici, ma differenti dalle nostre, chè queste sono piccole e di penne più scure delle nostre starne, e hanno su per le gambe tre sproni pungenti, come spina d' una marruca: galline salvatiche o galli piccoli, e quasi col medesimo colore nella penna delle starne o pernici dette di sopra: pagoni salvatichi ci sono, e di tutte queste sorte d' uccelli portano a vendere: lepri, cervi, capri, cignali e qualche coniglio, ma non molti. Sonci dipoi lonze e tigri, di fiere brave, in tanto che non è molto sicuro andare per la foresta. Pesci di nuova figura qui non ne ho veduti. Sono per questo rio, detto Mangate, de' coccodrilli, che qui domandano *Lagarti*, e ne fanno per tutti questi rii della costa, e per tutti gli altri dell'Asia e dell' Africa, ancora che forse sono stati creduti propri del fiume Nilo.

Gli abitatori di tutta la costa sono una gran parte forestieri, Giudei, Mori e Bragmeni. I Mori in molti luoghi si son fatti signori assoluti, e particolarmente dove i Portoghesi non hanno potuto usare la forza. I Giudei sono qui gente abietta, come in tutte le altre parti, ma non sono angariati da' Gentili, come da' Mori e da' Turchi in Barbaria e in Costantinopoli. I Bragmeni sono una gente abietta essi ancora, i quali seguono la dottrina di Pittagora, quanto al vivere, perchè non mangiano di nessuna cosa che abbia senso, né sofferiscono di ammazzare una formica nè una serpe; e se veggono un Cristiano che ammazzi una gallina o un colombo, lo comperano per dargli il volo. Vedesi che la loro religione tira a' buoni costumi, ma non l'osservano, se non in queste chiacchiere di sopra, e in lavarsi ogni di due o tre volte. Portano un filo in tre doppi ad armacollo, che

aqui na terra precisam de alguém para carregar à nossa maneira, mas adentro da floresta eles não têm outra utilidade a não ser levar a carga, como burros ou mulas, e vão por esta terra carregando pimenta ou arroz, ou o que mais for necessário, em número de oito ou dez mil por vez. Na floresta, pelo que pude perceber e em parte ver, que aqui os trazem para vender, há todo tipo de animais de caça: perdizes, mas diferentes das nossas, visto que essas são pequenas e com penas mais escuras do que as nossas perdizes cinzentas, e nas patas três esporas espinhosas, como o espinho de Jerusalém<sup>141</sup>: galinhas selvagens ou galos pequenos, e com quase a mesma cor na pena das perdizes ou perdizes citadas acima: pavões selvagens existem, e de toda esta espécie de aves carregam para vender: lebres, cervos, cabras, javalis e alguns coelhos, mas não muitos. Depois, há as onças e tigres, de bravas feras, de modo que não é muito seguro andar pela floresta. Peixes de novos tipos aqui não os vi. Há para isso o rio, chamado de Magnate<sup>142</sup>, os crocodilos, que aqui se chamam Lagartos, e estão por todos esses rios da costa, e por todos os outros da Ásia e da África, embora talvez se acredite que pertençam ao rio Nilo.

Os habitantes de toda a costa são na sua maioria estrangeiros, Judeus, Mouros e Brâmanes. Os mouros fizeram-se senhores absolutos em muitos lugares, e particularmente onde os Portugueses não conseguiram usar a força. Os Judeus aqui são pessoas abjetas, como em todas as outras partes, mas não são perseguidos pelos gentios, como são pelos mouros e turcos no Berbere e em Constantinopla. Os Brâmanes ainda são um povo abjeto, que segue a doutrina de Pitágoras, quanto ao viver, porque não

<sup>141</sup> *Paliurus spina-christo*. [N.T.]

<sup>142</sup> O rio que mais se aproxima do escrito por Sasseti seria o rio Mahanadi, na Índia. Na carta LXXXV ele cita novamente, mas com grafia diferente: Magnate, daí a possível ligação pela semelhança fonológica com o rio situado em território indiano. [N.T.]

domandano linea, la quale e' ricevono dal loro prelado di età di 10 anni, nella quale consiste il principio della religion loro non altrimenti che nel battesimo consista la nostra, e per quella fanno i loro giuramenti forti. E se, per caso, alcun Cristiano o Moro o altri chi si sia, glielie rompe, è il diavolo; chè gli bisogna andare dal suo prelado, e far grandissimi digiuni, perch'ella gli sia resa. Hanno certi loro Pagodi, i quali venerano come santi, e sono i loro idoli, referendo a Dio principalmente ogni cosa sì delle naturali come delle volontarie; nelle quali mi pare che mescolino un poco di necessità e di destino. Sono gente sottilissima quanto i Giudei, o più; abietti come loro, e di nessuno spirito; e non portano stecco d'arme, se non un coltellaccio senza punta. Gridano fra loro fortissimamente, e 'l più più fanno alle pugna. Questa è quella gente, le mogli de' quali, quando muore il marito, s'abbruciano col corpo del medesimo marito, ancoraché i Portoghesi nelle loro terre non lo permettano. I naturali di questa costa, detti *Nairi*, sono essi ancora Gentili; nel mangiare meno superstiziosi de' Bragmeni, che non rifiutano carne e pesce; ma non mangiano già d'ogni carne, perchè non ammazzerebbono una vacca a pena di essere tenuti scelerati. Sono gente miserabile, che vivono di betle e areca, facendo tutto giorno un verso di biasciar quest'erba, impiastratovi sopra un poco di gesso che domandano *Cuiname*. Mangiano un poco di riso, burro e latte; ma questo è quando fanno banchetti. Questi anch'essi hanno loro Pagodi e loro idoli; ma come sono gente poco conversabili, non ho potuto intendere particolare de' casi loro. Hanno il matrimonio senza pericolo d'adulterio, provedendosi le donne, oltre al marito, a volontà loro liberamente: e' figliuoli che nascono in casa non eredano, ma i figliuoli delle

comem nada que tenha sentimento, e sofrem por matar uma formiga ou uma serpente; e se virem um Cristão matando uma galinha ou um pombo, compram-no para fazer o animal voar. Vê-se que a religião deles encoraja a boa moral, mas não a observam, exceto nessa conversa acima, e em se lavar a cada duas ou três vezes. Usam um fio em três duplos a tiracolo, que chamam de linha, a qual eles recebem de seu prelado de 10 anos, que consiste no princípio da religião deles não é diferente do nosso batismo, e para isso eles fazem fortes juramentos. E se, por acaso, algum Cristão ou Mouro ou qualquer outro que seja os quebrar, é o diabo; aí ele precisará ir ao seu prelado e fazer jejuns muito grandes para que lhe seja devolvido. Eles têm certos Pagodes<sup>143</sup> próprios, os quais veneram como santos, e são seus ídolos, referindo-se principalmente a Deus, todas as coisas naturais como as voluntárias; nas quais me parece que misturam um pouco de necessidade e destino. São gente muito sutil tanto quanto os Judeus, ou mais; abjeta como eles, e sem nenhum espírito; e não carregam nenhuma vara de arma, exceto uma faca sem ponta. Gritam entre si muito alto, e, além disso, fazem lutas. São aquelas pessoas cujas mulheres, quando morrem os maridos, queimam-se com o corpo do marido, ainda que os Portugueses nas suas terras não o permitam. Os naturais desta costa, chamados Naires, ainda são Gentios; são menos supersticiosos que os Brâmanes, ao comer, pois não recusam carne e peixe; mas ainda não comem todo tipo de carne, porque não matariam uma vaca sob pena de serem detidos como profanos. São pessoas miseráveis, que vivem de bétel e areca, passando o dia inteiro a mastigar uma erva, misturada sobre um pouco de gesso, chamada *Cuiname*. Comem um

<sup>143</sup> A palavra 'pagode' vem do sânscrito *dāgoba*, derivado de *dhātu-gōpa*, com o sentido de "lugar onde se conservam relíquias", representando um monumento sacro dos países budistas (VACCA, 1935, s/p). [N.T.]

sorelle sono gli eredi. Di questa casta de' *Nairi* sono i re, de' quali ce ne sono in grande abbondanza, chè ogni 4 palme hanno un re; e già anticamente dicono che era signore di tutto questo Malabar il re di Calicut detto Zamorino, che vuol dire imperadore, uno de' quali dicono essere stato quel re Negro che andò a offerire a Nostro Signore; e antiveggendo che non tornerebbe vivo, dicono che dispensò tutto il suo Stato alla gente che era nella sua corte: ma mi pare che questo sia falso, dicendo l' Evangelista che i detti re si tornarono nelle terre loro. Fra questi naturali sono molti Cristiani di setta antica fatti dall'apostolo San Tommaso che venne qua a predicare, già declinati a molte eresie, almeno considerando il rito romano; che forse è venuto in gran parte dal non avere penetrato qua le riforme de' concili, nè eziandio di quelli che si celebrarono nella Grecia, il rito della qual chiesa seguono oggi ancora, essendo provisto il prelado loro, che ha titolo d' arcivescovo, dal patriarca antiocheno. Dicono i sacerdoti le loro messe nella lingua caldea, pigliano moglie e fanno il mercante crudelissimamente; e se potessero fare alcuna falsità e ingannare altrui, come i mercatanti fanno, sì il farebbono di buona voglia. Non sono ostinati nella loro eresia, ma si lasciano corregger con facilità, ancoraché in tutto sia impossibile: e un prelado loro, che è stato processato per eretico da questi padri della compagnia di Gesù, essendo stato assicurato, passa a Portogallo per venire a baciare i piedi a Nostro Signore, e ricevere da lui la conferma del suo grado. Dicono essere uomo di santissima vita: Nostro Signore l'incammini

Di Coccino, gennaio 1584.

pouco de arroz, manteiga e leite; mas isso quando fazem banquetes. Esses também têm seus Pagodes e seus ídolos; mas como são pessoas de pouca conversa, não consegui entender detalhes de suas vidas. Têm matrimônio sem perigo de adultério, provendo-se as mulheres, além do marido, livremente à vontade: e filhos que nascem na casa não herdram, mas os filhos das irmãs são os herdeiros. Desta casta dos Naires são os reis, os quais existem em grande abundância, para cada 4 palmeiras há um rei; e já antigamente dizem que o senhor de todo este Malabar era o rei de Calicute, chamado Samorim, que quer dizer imperador, um dos quais dizem ser aquele rei Negro que foi fazer uma oferenda a Nosso Senhor; e prevendo que não voltaria vivo, dizem que cedeu todo o seu estado ao povo que estava na sua corte: mas me parece que isso é falso, visto que o Evangelista diz que os ditos reis voltaram às suas terras.

Entre esses naturais há muitos Cristãos de antiga seita feita pelo apóstolo São Tomé que aqui veio pregar, já declinado a muitas heresias, pelo menos considerando o rito romano; que talvez em grande parte tenha vindo por não terem penetrado aqui as reformas dos concílios, nem mesmo daquelas que se celebraram no Grécia, cujo rito da mesma igreja ainda hoje é seguido, sendo o seu prelado, que tem o título de arcebispo, concedido pelo patriarca antioqueno. Rezam os sacerdotes as suas missas na língua caldea, tomam esposas e tornam-se mercadores muito cruelmente; e se pudessem fazer alguma falsidade e enganar os outros, como fazem os mercadores, sim, eles o fariam de bom grado. Não são obstinados na sua heresia, mas se deixam facilmente corrigir, ainda que seja impossível em tudo: e um dos seus prelados, que foi julgado como herege por esses padres da Companhia de Jesus, tendo sido segurado, passa em Portugal para beijar os pés de Nosso

Senhor, e receber dele a confirmação do seu posto. Dizem ser um homem de vida santíssima: que Nosso Senhor lhe guie.

De Cochim, janeiro de 1584.

### 3.1.11 Carta LXXXV

LXXXV

Al cap. fra Piero Spina, cav. di malta, in Firenze.

Illustre e rever. sig. mio osserv.

Chi non ha che contare se non le medesime cose, dovrebbe starsene per non infastidire chi ascolta o chi legge. È ben vero che quando si mette tanto tempo in mezzo, che la memoria se ne smarrisce, o almeno non è sì fresca, soffresi. Questo fa ch' io torni a dire a V. S. il successo del mio viaggio, da che io mi partii di Lisbona, fino a che io arrivai in questa costa, tutto pieno, al solito mio, di fastidio, di lunghezza, di pericoli di quasi perdersi, come l'altro: alle quali cose tutte s'aggiunge un danno grande, per aver trovato ch' altri in assenza mia fecero già i mia negozi non conforme all'ordine; pure questa è la minima, chè dove stia di mezzo l'arrivare a salvamento, alla fine tutto si può comportare.

Noi ci partimmo di Lisbona alli 8 d'aprile 1583, con una conserva di cinque grandissime navi, essendo io imbarcato sopra la capitana San Filippo, la medesima che tornò a dietro e mi ricondusse a Lisbona l'anno innanzi. Tornai sulla medesima, perché, avendo a passare i mari che noi trovammo poi, non vi bisognava meno che la sua bontà; e anche perchè avendo tutte le cose a correre il suo pericolo una volta e aver la sua disgrazia, e gli uomini tutti a fare qualche errore considerabile nel loro esercizio, mi pareva che queste cose potessero essere già passate; perchè quella nave stette perduta due volte nel primo viaggio, e il nostro pilota aveva preso quel granchio che lo fece tornar a dietro, che bastava a canonizzarlo per un balordo, con tutto ch' e' fusse il migliore della carriera. Andammo navigando di

LXXXV

Ao cap. frei Piero Spina, cav. de Malta, em Florença.

Meu ilustre e Reverendo Estimadíssimo Senhor

Quem não tem o que contar a não ser as mesmas coisas, deveria ficar lá para não incomodar quem ouve ou quem lê. É bem verdade que quando se coloca tanto tempo no caminho, a memória se perde, ou, pelo menos, não é tão fresca, é sofrido. Isso faz com que eu volte a contar a Vossa Senhoria o sucesso da minha viagem, desde que saí de Lisboa até chegar a esta costa, repleto, como me é peculiar, de aborrecimento, de demora, de perigos de quase se perder, como outros: coisas às quais se acrescenta um grande prejuízo, por ter descoberto que outros, na minha ausência, já haviam feito meus negócios não de acordo com a ordem; mas isso é o mínimo, porque no que diz respeito a chegar a salvo, tudo pode se comportar no final.

Saímos de Lisboa no dia 8 de abril de 1583, com um comboio de cinco navios muito grandes, estando eu embarcado no navio-capitânia São Felipe, o mesmo que voltou e me levou de volta a Lisboa no ano anterior. Voltei no mesmo navio, porque, tendo de atravessar os mares que depois encontramos, não precisava de nada menos que da sua bondade; e também porque, tendo todas as coisas correndo perigo uma vez, ter sua desgraça, e todos os homens fazendo algum erro considerável em seu exercício, pareceu-me que essas coisas já poderiam ter passado; porque aquele navio se perdeu duas vezes na primeira viagem, e nosso piloto havia errado, o que o fez retornar, o que bastou para canonizá-lo como um tolo, com tudo para que fosse o melhor da carreira.



conserva l'una nave a vista dell'altra quattro giorni, e avanti che noi scoprimmo l'isola della Madera, già aveva preso ciascuno la sua dirotta, e perduto di vista tutti, non ostante gli ordini, le istruzioni e i comandamenti. Noi seguendo il nostro viaggio, avemmo tempo differente dal solito ben tosto: con tutto ciò ci conducemmo nella costa di Guinea con ragionevol passaggio; la qual costa si conta dall'altura di 6 gradi dalla banda di Tramontana fino al passare l'equinoziale: clima sventuratissimo, perchè quella terra d'Etiopia getta una calma, un'aria grossa vermiglia, un caldo travaglioso, piogge sconsolate e un fastidio che non lascia vivere altrui. In questo spazio di mare, che è una cosa di 100 leghe, stemmo voltando e aggirandoci 40 tanti giorni; perchè il nostro piloto, che l'anno passato perdette il viaggio per gettarsi troppo a Ponente, donde e' fu per dare in quelle secche nella costa del Verzino, guardandosi quest'anno da quell'inconveniente, si tenne tanto a Levante nella costa contraria, che noi perdemmo qui l'occasione di ben navigare. Uscivamo pure già di questo tedio, et eravamo condotti presso alla linea equinoziale a un grado e mezzo; e con la prua a Libeccio e il vento Scilocco assai fresco, pensavamo doverci spedir presto da quella noia; se non quando l'altro giorno col sole trovammo d'aver fatto il viaggio del gambero, ché una corrente ci trasportò a dietro quel giorno e tre altri poi, sino a che noi tornammo a montare in 5 gradi (cosa sentita non più): donde pure finalmente ci movemmo e passammo l'equinoziale, avendo posto, dal di che noi ci partimmo, 60 tanti giorni. Passammo poi quella traversa della costa del Verzino con ragionevol tempo, e con tutte le diligenze non fummo gran fatto discosto da que' bassi, e passando quella punta con una paura delle vecchie, conducemmo nell'altura dell'isole di Tristan d'Acunha e del Capo di Buonasperanza con un tempo buono; e

Navegamos lado a lado, um navio à vista do outro, por quatro dias, e antes de descobrirmos a ilha da Madeira, cada um já havia tomado seu rumo e todos se perdido de vista, apesar das ordens, instruções e comandos. Nós, seguindo nossa viagem, logo tivemos um tempo bem diferente do habitual: com tudo isso, chegamos à costa da Guiné com uma travessia razoável; cuja costa pode ser contada na altura de 6 graus da faixa de Tramontana até passar o equinócio: um clima muito infeliz, porque aquela terra da Etiópia lança uma calmaria, um ar vermelho espesso, um calor de dar trabalho, chuvas desconsoladas e um incômodo que não deixa os outros viverem. Neste espaço de mar, que é algo de 100 léguas, ficamos dando volta e girando por 40 dias; porque o nosso piloto, que perdeu a viagem no ano passado por ter se lançado muito para o Poente, ao que foi a terminar naqueles baixos da costa do Brasil, protegendo-se contra esse inconveniente neste ano, manteve-se tanto a Levante na costa contrária, que aqui perdemos a oportunidade de bem navegar. Conseguimos sair desse tédio, e fomos levados para perto da linha equinocial em um grau e meio; e com a proa a Sudoeste e o vento Siroco bastante fresco, pensamos que teríamos que nos livrar rápido daquele tédio; senão quando, no outro dia, com o sol, descobrimos ter feito a viagem do camarão, pois uma corrente nos levou para trás naquele dia e outros três depois, até que voltamos a subir em 5 graus (algo não mais sentido): de onde finalmente saímos e passamos o equinócio, tendo colocado, de onde partimos, 60 e tantos dias. Passamos, então, por aquela travessia da costa do Brasil em tempo razoável, e com todas as diligências não fomos muito longe daquelas terras baixas, e passando por aquele ponto com medo do passado, atingimos o alto da ilha de Tristão da Cunha e do Cabo da Boa Esperança

in questa traversa, dove per la furia del vento si suol correre con dua o tre braccia di trinchetto, la Dio misericordia, trovammo calme che ci tennero fermi più di 15 giorni: alle quali si aggiunsero altrettante di venti grecali e levanti, che ci fecero parar con le vele in basso, sicché qui ancora perdemmo un grandissimo tempo. Vólseci ristorare il vento, ma fu cosa senza discrezione; perchè, la notte avanti a San Lorenzo, d' un tratto saltò un Ponente in campagna tanto furioso e col mare sì grosso, che nell' ammainare fummo perduti, perchè il mare prese la punta dell' antenna, e tenne la nave tanto alla banda, che ciascuno, raccomandandosi a Dio, s' andava rassettando nella sua coscienza. Quel pericolo particolare passò, ma ne succedettero tanti degli altri, che a contarli tutti sarebbe lunga tela. Io mi passai, dopo il primo pericolo, gli altri della notte assai bene, perchè all' oscuro infernale non gli scorgeva; e 'l giorno, ch' io desiderava, gli scoperse di maniera, che noi ci tenemmo spacciati sempre dal primo ufficiale fino al minimo passeggiere: perocché la nave non ben provveduta di vele correva con quattro spanne di trinchetto rattoppato, che si sostenne a forza di boti; che se dove egli era cominciato a rompersi in più d' un luogo, egli andava seguitandola cosa era libera, ch' il mare c' inghiottiva senza nessun genere di rimedio. Scurissima cosa era il cedere il mare tant' alto, che i castelli della nave stavano sempre sotto buon tratto, e' colpi tanto forti, che il costato d' ogni altra nave non arebbe potuto reggere a nessun partito; e con tutto che ci scoppiassino alcune curve, l' acqua era tant' alta nel convesso della nave, che avanti ch' ella potesse uscire per le buche perciò fatte, ne sopravveniva sempre dell' altra, e la nave mal calafatata n' andava sempre inghiottendo, e la gente più che mezza morta di paura non poteva dare alla banda. Quanto fu di buono in questo tormento, fu il non rompere nè perder

com um tempo bom; e, nessa travessia, onde devido à fúria do vento é costume correr com dois ou três mastros de proa, pela Misericórdia de Deus, encontramos uma calma que nos manteve parados por mais de 15 dias: a que foram adicionados outros ventos gregos e levantes, que nos fizeram parar com as velas baixas, de modo que aqui novamente perdemos muito tempo. Voltou-se a restaurar o vento, mas foi coisa sem discricção; porque, na noite anterior a São Lourenço, de repente um Poente surgiu na área tão furioso e com o mar tão agitado, que na descida nos perdemos, porque o mar tomou a ponta do mastro e segurou o navio tão para o lado, que cada um, encomendando-se a Deus, começou a limpar a consciência. Aquele perigo específico passou, mas ocorreram tantos outros, que seria uma longa teia contá-los todos. Eu passei, depois do primeiro perigo, os outros da noite muito bem, porque na escuridão infernal não eram percebidos; e no dia, que eu desejava, descobri-os de tal maneira que sempre nos mantivemos aprisionados, desde o primeiro oficial até o menor passageiro: porque o navio, não bem provido de velas, corria com quatro palmos de mastro remendado, que se apoiou à força de murros; que se por onde começava a se quebrar em mais de um lugar, ia seguindo o que estava solto porque o mar nos engolia sem remédio. Uma coisa muito sombria era o mar tão alto que os castelos dos navios estavam sempre sob bom trato e os golpes tão fortes que o lado de qualquer outro navio não teria podido resistir a partido algum; e com tudo que estourassem algumas curvas, a água era tão alta no convés do navio, que antes que ela pudesse sair pelos buracos para isso feitos, vinha sempre outra, e o navio mal calafetado sempre engolindo, e as pessoas mais da metade mortas de medo de não poderem chegar ao destino. O que foi bom nesse tormento foi o não quebrar ou perder nada. Ficamos nesse perigo por

nulla. Stemmo in questo pericolo una cosa di 40 ore. Trovammoci poi d'aver passato il Capo di Buonasperanza a' 15 d'agosto, e con quella così poca vela gettammo nostro conto, che correremo a ragione di 50 leghe il giorno. L'essere passati tanto tardi ci faceva temere d'aver a pigliare il cammino fuori dell' isola di San Lorenzo (viaggio lungo e travaglioso per le malattie che danno alla povera gente), ma i contrasti de' venti per prua ci levarono presto da questo travaglio; perchè a questa tardanza si aggiunsero molti altri giorni di perdita, e, così commettemmo il viaggio per fuori; ma condotti già a Mezzogiorno e Tramontana con la punta dell' isola di San Lorenzo, ci dettero altri Grecali che ci tennero su le volte senza potere spuntare quell' isola fino a 58 giorni, facendo prova della nostra pazienza. Venne pure alla fine un vento che i Portoghesi chiamano generale, col quale andammo a nostro cammino, e ci stimavamo andar fuori d' un' isoletta che chiamano di Diego Rodriguez; chè chi fa questo cammino è ben navigato, fuggendo una corda di bassi, che chiamano i *Garagiagi*, che sono tra l' isola di San Lorenzo e quest' isola di Diego Rodriguez: ma la cosa fu sì fatta, che noi vi ci ritrovammo una sera sopra a bocca di notte, e tornando a dietro, andammo tutta la notte col piombo in mano. Lascio considerare a V. S. che confidenza fusse la nostra, perchè qui in toccando o facendo altro mal recapito, non restava speranza alcuna di salute, essendo quei bassi tutti allagati, se non due corone d'arida arena, senza palme, senz' acqua o senz' altro bene. La mattina al levar del sole scoprimmo una di queste secche, che fu la prima terra che noi vedessimo in sei mesi. Lascio considerare a V. S. che gusto ci desse quella vista; e pensando che la nave ad ogni spanna toccasse, e che dicesse — qui sto, — andavamo negoziando a viso aperto con la morte, e come si dice, a sano e puro intelletto, senz' aver luogo di

cerca de 40 horas. Descobrimos, então, que havíamos passado o Cabo da Boa Esperança no dia 15 de agosto, e com tão pouca vela lançamos nossa conta, que correremos à razão de 50 léguas por dia. Ter passado tão tarde nos fazia temer de ter de pegar o caminho fora da ilha de São Lourenço (viagem longa e penosa devido às doenças que infligem à pobre gente), mas os contrastes dos ventos à proa logo nos aliviaram deste trabalho; porque a esse atraso foram adicionados muitos outros dias de perda e, assim, iniciamos a jornada para fora; mas já conduzidos ao Sul e Tramontana com a ponta da ilha de São Lourenço, nos deram outros Gregos que nos mantiveram nas voltas sem poder despontar naquela ilha por até 58 dias, testando nossa paciência. Por fim, veio também um vento que os Portugueses chamam de geral, com o qual seguimos nosso caminho, e estimávamos deixar uma ilhota que chamam de Diego Rodríguez; pois quem faz esse caminho navega bem, fugindo de uma corda de baixos, que eles chamam de Garajau, que fica entre a ilha de São Lourenço e essa ilha de Diego Rodriguez: mas a coisa foi tão feita, que nós nos encontramos num entardecer acima da foz na calada da noite, e retornando, passamos a noite toda com chumbo na mão. Deixo Vossa Senhoria considerar a confiança que foi a nossa, pois aqui tocando ou fazendo outro mal endereço, não restava esperança alguma de saúde, estando aqueles baixos todos alagados, senão duas coroas de areia árida, sem palmeiras, sem água ou sem outro bem. Ao nascer do sol, pela manhã, descobrimos uma dessas águas rasas, que foi a primeira terra que vimos em seis meses. Deixo para Vossa Senhoria considerar o prazer que essa visão nos deu; e pensando que o navio tocaria em cada palmo, e que diria — aqui estou —, estávamos negociando cara a cara com a morte, e como dizem, com um intelecto são e puro, sem

far testamento. Il vento era Scilocco e assai fresco, e facendosi presso a quella secca che noi lasciammo sopravvento, perchè arrivando a voglia nostra ci liberavamo da essa, il timore restava di quello che non si vedeva; col quale andammo fino a Mezzogiorno, o poco appresso, chè perdemmo il fondo; et entrando in un canale che è tra questi bassi e certi altri che chiamano di Nazzare, andammo a nostro cammino, senza trovar di poi altri contrasti che venti deboli, o somiglianti cose. La gente, che non era poca, venne sana fino a che noi tornammo a passare l'equinoziale, dove i disagi e' mali trattamenti ne' poveri soldati poteron più che la forte complessione di questa gente, che in 2 giorni soli ne ammalorno più di dugento. La malattia è enfiare le gengie mostruosamente, e poco appresso tutto il viso e il capo con tanta deformità, che è cosa mostruosa. Segue enfiare le ginocchia e le gambe tutte, e da principio escon fuori, a guisa di petecchie, certe punture nere, le quali vanno allargandosi in breve, tanto che tutta la gamba si fa come inchiostro, e dà nelle giunture un dolore eccessivo, che a guardar solo, non che a toccare un infermo, si fa morire di spasimo. Li rimedi sono scarsi, e 'l ristoro di quest'infermi è una scodella di lente, o una pappa di farina, quando il dispensiere, lo scrivano e 'l capitano (che tutti si raccozzano) non se le sono pappate. Ho considerato molte volte con quanta facilità un capitano ch' io voglio dir io, condurrebbe una compagnia in questo viaggio con le provvisioni che si farebbono de' danari che a quest' effetto spende il re, scambiando le provvisioni e i mantenimenti, e distribuendo a ciascuno quello che gli viene a tempo e luogo, senza rubargliene la metà o più: ma questa cosa già invecchiata per questo viaggio non ha altro rimedio che lasciar morir sempre una parte di questa gente.

espaço para fazer um testamento. O vento era Siroco e muito fresco, e à medida que se aproximava daquele baixio que deixamos a barlavento<sup>144</sup>, porque chegando por nossa vontade nos libertamos dele, o temor ficou daquilo que não se podia ver; com o qual fomos até o Sul, ou um pouco mais perto, que perdemos terreno; e entrando em um canal que está entre essas terras baixas e algumas outras que chamam de Nazaré, seguimos nosso caminho, sem encontrar outros conflitos além de ventos fracos ou coisas semelhantes. As pessoas, que não eram poucas, estavam saudáveis até voltarmos a passar o equinocial, onde os desconfortos e maus tratos dos pobres soldados podiam fazer mais do que a constituição forte dessa gente, que em apenas dois dias adoeceram mais de duzentos. A doença inchaa gengiva monstruosamente, e logo depois todo o rosto e a cabeça com tanta deformidade que é uma coisa monstruosa. Continua a inchar os joelhos e todas as pernas, e, a princípio, saem, como se fossem petéquias, algumas picadas pretas, as quais logo vão se alargando, tanto que a perna inteira fica como tinta, e dá dor excessiva nas juntas, que só de olhar, em vez de tocar um enfermo, faz morrer de espasmo. Os remédios são escassos, e a recuperação desses enfermos é uma tigela de lentilhas, ou uma papa de farinha, quando o entregador, o escrivão e o capitão (que todos se reúnem) não as tiverem comido. Considerarei muitas vezes com que facilidade um capitão, quero dizer eu, conduziria uma companhia nesta viagem com as provisões de que fariam dinheiro que, a esse efeito gasta o rei, trocando provisões e mantimentos, e distribuindo a cada um o que lhe chega no tempo e no lugar certo, sem roubar metade ou mais: mas isso é coisa velha já para esta viagem, não há outro remédio senão

<sup>144</sup> Termo náutico que se refere ao lado do barco que recebe o vento, onde sopra o vento. [N.T.]

Ma tornando alla navigazione, dopo questi tanti fastidi, noi demmo finalmente in questi mari d' India tanto tranquilli, con venti sì soavi e cielo in maniera temperato, che ogni passato travaglio mi pareva essere stato bene impiegato, perché dalla vista solamente resta contenta tutta l'anima. Scoprimmo questa costa a' 4 di novembre, e pigliammo fondo in questa baia di Coccino in 40 gradi d' altura dalla parte di Tramontana, ali 8 di novembre, essendo stati in mare 215 giorni, senza vedere altra terra che quella sventurata secca, che in vero, quando io vi penso, mi pare cosa da non si credere se non d'un pesce: e pure è così, e la speranza di poter sopportar oggi ci fa passare in domani, chè altrimenti non si potrebbe andare avanti. Pensavamo che le navi di conserva avessero passati questi e somiglianti travagli; e dalla prima intendemmo che tutte a quattro erano giunte nella baia di Goa a' 20 di settembre, essendo passate senza ammainar pure un tratto la vela: cosa che noi avevamo fatta tante volte, che già mi girava la testa dal tanto girare a quell' argano. Queste sono in somma le cose che accaddero nel viaggio.

Di questa terra posso io dar poco conto a V. S., perché in pochi giorni si vede poco del poco che ci tengono i Portoghesi. Siamo adesso nella state: ci fanno caldi grandi, dove non arriva la virazione del giorno e 'l vento da terra la notte e quando questi dua venti calano, la cosa è tediosa. L'acqua non ci è buona, donde procede che quasi la terza parte di questi Malabari hanno le gambe mostruose, e' granelli grossi come la testa; e chi può, per fuggir queste noie, fa venir l'acqua per bere 5 leghe lontano. La povera gente beve di quella de' pozzi, che si cavano 9 braccia a fondo; altri, un po' migliori, del rio Magnate, sopra la riva del quale alla foce sta questa città. Terra non ci ho veduta ancora, ma tutta arena, la quale non è però deserta, ma ricchissimamente piena di palme alte a

deixar sempre morrer uma parte dessas pessoas.

Mas voltando à navegação, depois desses tantos aborrecimentos, finalmente entramos nesses mares da Índia tão tranquilos, com ventos muito suaves e céu temperado, que todo trabalho passado me pareceu ter sido bem empregado, porque pela vista somente fica contente a alma. Descobrimos essa costa no dia 4 de novembro, e desembarcamos na baía de Cochim a uma altitude de 40 graus do lado norte, no dia 8 de novembro, tendo ficado no mar por 215 dias, sem ver outra terra além daquele infeliz baixio, que, na verdade, quando penso nisso, parece-me algo em que não se pode acreditar, exceto em um peixe: e, no entanto, é assim, e a esperança de poder suportar hoje nos faz passar para o amanhã, que de outra forma não se poderia continuar. Pensávamos que os navios conservados haviam passado por essas e outras dificuldades semelhantes; e desde o início entendemos que todos os quatro haviam chegado à baía de Goa no dia 20 de setembro, tendo passado sem sequer abaixar a vela por um momento: o que tínhamos feito tantas vezes que minha cabeça já estava girando de tanto girar muito naquele gancho. Estas são, em suma, as coisas que aconteceram na viagem.

Desta terra posso dizer pouco a Vossa Senhoria, porque em poucos dias se vê pouco do pouco que os Portugueses têm. Estamos agora no verão: faz muito calor, onde não chega a mudança do dia e o vento do chão à noite e quando esses dois ventos diminuem, fica entediante. A água lá não é boa, do que resulta que quase um terço desses Malabares têm pernas monstruosas e testículos grandes como a cabeça; e quem pode, para escapar desses aborrecimentos, manda trazer água para beber a 5 léguas de distância. Os pobres bebem dos poços, que são cavados a 9 braços de fundo; outros, um pouco melhores, do rio

dismissione di differenti maniere: perchè altre fanno que' cocchi che non senza ragione noi domandiamo noci d' India, i quali sono la rendita, il campo, la vigna, gli ulivi e 'l bosco di questa gente; altre fanno areca, che è un frutto che mangiano questi Negri con l'erba betle, non dissimile in figura alla noce moscada; altri fanno datteri e frutta, delle quali non ho io però ancora qui vedute nessuna. L'altre piante tutte sono tanto dalle nostre differenti, che poca similitudine viene altrui in fantasia per darle a intendere. Frutte di diverse maniere, e nessuna sorte, al parer mio, che agguagli le nostre, e non le migliori; nè fino a qui ne ho trovata alcuna che émpia il gusto, se non l'ananas, di figura e grandezza d'una gran pina, fatto appunto e prodotto nella sua pianta come il carciofo. L' odore dell'ananas è tale, che si sente dalla via quando se ne tiene in camera; ma è tanto gentile, che non se ne sente noia nessuna: e perchè in questo e' non è simile se non a se medesimo, non saperei a che agguagliarmelo. Il colore è d'oro, un po' verso il rame. Mondasi e tagliasi per traverso; e quando è maturo bene, è tenero, con aspettare pure il dente. Il sapore è come di fragole e di popone, sugoso, e molto piacevole al gusto, e col vino acquista forza mirabile, siccome tra noi le dette due frutta, alle quali io gli prepongo. Dicono questi che danno opera alla sanità, che sono mal sani; e adducono per segno, che ficcandoci un coltello la sera e lasciandovelo fino alla mattina, vi si trova rosso tutto il ferro. Io, per non gli voler peggio, non ho fatta questa esperienza. Altri dicono che rompe la pietra nella vescica, che sarebbe, se fusse vero, altro che aver buon odore; et io credo che tanto o quanto giovi, o provochi l'orina, perchè il sugo è astersivo, e se gli sente vigore considerabile. Costa una frutta di queste due *basalucchi*, che sono uno di questi *ventini*; e d'uno n'avanza a due o tre moderate persone. Holli fino a qui trovato

Magnate, à margem do qual esta cidade fica na foz. Ainda não vi terra, mas tudo areia, que, no entanto, não é deserta, mas ricamente cheia de palmeiras excessivamente altas de maneiras diferentes: porque outras fazem esses cocos que, não sem razão, chamamos de nozes da Índia, que são a renda, o campo, a vinha, as oliveiras e a floresta desta gente; outras produzem areca, que é uma fruta que esses Negros comem com a erva bétel, não muito diferente da noz-moscada; outras produzem tâmaras e frutos, dos quais, porém, ainda não vi nenhum aqui. Todas as outras plantas são todas diferentes das nossas, que pouca semelhança das outras me vêm à imaginação para lhes dar a entender. Frutas de diversas formas, e nenhum tipo, a meu ver, que se iguale às nossas, e não as melhores; também não encontrei até agora nenhum que preencha o gosto, senão o abacaxi, em forma e tamanho de uma grande pinha, feito e produzido em sua planta como a alcachofra. O cheiro do abacaxi é tanto que dá para senti-lo da rua quando se coloca no quarto; mas é tão suave que não se sente nenhum enjoo: e porque ele não é semelhante senão a si mesmo, eu não saberia comparar. A cor é dourada, um pouco acobreada. Descasca-se e se corta transversalmente; e quando está bem maduro é macio, fácil de morder. O sabor é de morango e melãozinho, succulento, e muito agradável ao paladar, e com o vinho adquire força admirável, e entre nós os dois citados frutos eu lhe indico. Dizem os que trabalham na saúde que não são saudáveis; e afirmam, como um sinal, que se você colocar uma faca nele à noite e deixá-lo lá até de manhã, você encontrará todo o ferro vermelho. Eu, para não lhe desejar o pior, não fiz essa experiência. Outros dizem que quebra a pedra na bexiga, o que seria, se for verdade, diferente de ter um cheiro bom; e acredito que tanto ou quanto ajude, ou provoque a urina, porque o caldo é limpante, e se sente

un difetto che non è piccolo, che è quello di non esser tutto l'anno: come di tutte l'altre frutta, che io non trovo che vagliano niente, come certi che chiamano fichi, non so perchè. Uve non ci sono, chè la terra non le produce; nè grano tampoco, ché ci viene di Cambaia. Il mantenimento comune è riso et erba di betle, la quale mangiano con gesso, o con quell' areca ch'io dissi di sopra; e dicono che è molto buona. L'erba è acuta, e tira al pepe (dico il betle); fa buono stomaco e buono alito, conforta la testa, e lascia la bocca come sanguinosa. De' buoi si sérvono in luogo di muli a portare la soma, et anco a carrettare: sono differenti da' nostri nelle corna, ch'egli hanno simili alle capre e volte al filo della schiena, e non aperte come i nostri. Le vacche si macellano per li Cristiani, Mori e Giudei, e per qualcuno de' Gentili; e non sono mala carne. I bufoli piccini, siccome anche i buoi, son pochissimo differenti: che se non fusse che sono del color del cervio, non si conoscerebbono. Un elefante è qui tant' alto, che chi è in terra giudica con la vista molto piccolo chi lo cavalca; d' onde è nato il proverbio: *e' pare un Naire sopra l'elefante*. Sta per questa riviera travagliando, e ha quel buono intendimento che dicono; perchè al comando di quel Negro si fa innanzi e indietro, e piglia e lascia, et è molto ubbidiente persona e bello animale, per esser così bruttissimo e contraffatto; e più galante è la Bada un pezzo.

Gli uomini sono ben disposti, et ancoraché ghezzi, non hanno quel viso rincagnato come i Negri di Guinea. L'abito è ricchissimo, e fatto da quel gran sarto della natura, che veste così appunto; solamente un cencio imbrogliava le vergogne davanti, e passa. I naturali della costa (dico i Nairi) son tutti gentili. Hanno certe loro chiese, che chiamano Pagodi, dove vanno a farsi schiavi del nabisso. Sono tutti gente di guerra, e quando il loro capitano o re muore nella battaglia, sono obbligati andare a morire

vigor considerável. Um fruto desses custa dois *basalucchi*, que é um desses vintezinhos; e um dá para duas ou três pessoas moderadas. Até agora encontrei um defeito que não é pequeno, que é aquele que não dá o ano todo: como todas as outras frutas, que não acho que valham algo, como alguns que chamam de figos, não sei por quê. Não há uvas, porque a terra não as produz; tampouco o trigo, que vem de Cambaia. A manutenção comum é arroz e folha de bétel, que comem com gesso, ou com aquela areca que mencionei acima; e dizem ser muito bom. A erva é pontiaguda e apimentada (digo a bétel); faz bem ao estômago e ao hálito, conforta a cabeça e deixa a boca como sangrenta. Os bois são usados em vez de mulas para carregar a carga, e também para transportar: são diferentes dos nossos nos chifres, que eles têm parecidos com os das cabras e apontados para a ponta do dorso, e não abertos como os dos nossos. As vacas são abatidas para os Cristãos, Mouros e Judeus, e para alguns dos Gentios; e não são carne ruim. Os búfalos pequenos, assim como os bois, são muito pouco diferentes: se não fossem da cor do veado, não se diferenciariam. Um elefante aqui é tão alto que quem está no chão julga com os olhos quem o está cavalgando muito pequeno; daí nasceu o provérbio: *ele parece um Naire em cima de um elefante*. Está trabalhando ao longo desta costa e tem aquele bom entendimento que dizem; porque ao comando do Negro vai-se para frente e para trás, e pega e deixa, e é muito obediente pessoa e belo animal para ser assim tão feio e falso; e mais galante é o Bada um pouco.

Os homens são bem-dispostos e, mesmo sendo negros pálidos, não têm aquele rosto achatado dos Negros da Guiné. A roupa é riquíssima e feita por aquele grande alfaiate da natureza, que se veste exatamente assim; somente um pano esconde as vergonhas à frente, e

a volontà del loro signore: e chiamansi questi tali già destinati alla morte Amocchi, e quel re che più ne tiene è più possente, perché stretto nella guerra manda a morire contro ai nemici una banda di questa gente, qual pare a lui, i quali non volendo morire senza vendetta, e avendo a morire a tutti i patti, fanno impeto terribile. Non fu dissimile a questo modo di fare, o almeno all'intenzione, un sacrificio che di se stesso fece uno de' consoli romani nella guerra de' Latini, ritirandosi già il suo corno della battaglia. La causa perché abbiano costoro a morire per obbligo, perdendo il loro capitano e loro signore, pare essere in guerra mollo ragionevole, perchè nessuno buono soldato arebbe a veder morire il suo capitano, rimanendo egli vivo. La guerra fra' Gentili in qualche parte è molto simile a quella de' Compari, perchè dove sta il segno del re, nessuno tira o ferisce, e, doppo la zuffa appiccata, al levar d' un segno si dividono. L'armi sono archibusi, lance come mezze picche, archi lunghi, e spada e rotella, senza le quali mai non si colgono questi Nairi; e pongono grandissima industria in tenerle lucide e terse. D' un'altra sorte di Gentili è ripiena la terra, che chiamano Bracmani, i quali, ancora che naturali, paiono forestieri. Questi sono della setta di Pittagora, perchè non ammazzano cosa nessuna, nè mangiano cosa che patisca morte: erba solamente e frutta e latte e burro è la vita loro; e 'l vino, per esser simile al sangue, è fuggito da loro. Sonoci poi infinità di Mori passatici d'Arabia, gente perversa al solito, Giudei e schiavi d'infinite nazioni, una gran parte delle quali ha V. S. vedute in Portogallo; che per suo manco tedio non voglio replicare adesso.... Di Cocchino, alli... di gennaio 1584.

passa. Os nativos da costa (digo os Naires) são todos gentios. Eles têm certas igrejas próprias, que chamam de Pagodes, onde vão para serem escravos do inferno. São todas pessoas de guerra, e quando seu capitão ou rei morre em batalha, são obrigados a ir e morrer pela vontade de seu senhor: e são chamados aqueles já destinados à morte de *Amocchi*, e aquele rei que quanto mais tem, mais poderoso fica, porque, pressionado na guerra, manda um bando dessa gente para morrer contra os inimigos, como parece a ele, os quais, não querendo morrer sem vingança, e tendo de morrer em todos os termos, fazem um ímpeto terrível. Não foi diferente desse modo de agir, ou ao menos na intenção, um sacrifício que de si mesmo fez um dos cônsules romanos na guerra dos Latinos, retirando seu chifre da batalha. A razão pela qual tenham esses que morrer por obrigação, perdendo o seu capitão e seu senhor, parece ser na guerra muito razoável porque nenhum bom soldado gostaria de ver morrer o seu capitão, ficando ele vivo. A guerra entre Gentios em qualquer parte é muito parecida àquela dos Compari, pois onde está o sinal do rei, ninguém atira nem fere, e, iniciada a batalha, ao retirar o sinal dividem-se. As armas são arcabuzes, lanças como meias lanças, arcos longos e espada e escudo, sem os quais esses Naires nunca serão capturados; e se esforçam muito para manter suas ideias lúcidas e claras. A terra está cheia de outro tipo de Gentios, a quem eles chamam de Brâmanes, que, embora nativos, parecem forasteiros. Esses são da seita de Pitágoras, porque não matam coisa alguma, nem comem nada que sofra a morte: erva somente e frutas e leite e manteiga são sua vida; e do vinho, sendo semelhante ao sangue, eles fogem. Há, pois, uma infinidade de Mouros que passam pela Arábia, gente perversa como sempre, Judeus e escravos de nações infinitas, grande parte dos quais



Vossa Senhoria viu em Portugal; que devido ao seu tédio não quero lhe responder agora.... De Cochim, aos...de janeiro de 1584.

### 3.1.12 Carta XCV

XCV.

A Michele Saladini, in Pisa.

Con le due prime navi che partirono vi scrissi una lettera sola per la posta; questa sarà a cavallo *a logaggio*, sicché non mi potrò soddisfare rispondendo alla letterona vostra. Dirovvi prima, che ho molto contento di comprendere dal vostro scrivere che voi vi siate dato alla cosmografia. Parmi che manchi poco, per certa regola che abbiamo determinata qua il signor Piero Grifo ed io di quello che bisogna a tirar gli uomini a India, a vedervi una volta comparire. E che sì.... Voi credete bene voi che io mi ricordi di quello che io scrissi al Buonamico, a proposito de' venti e del Colombo: il qual Buonamico mi fece un bel servizio con quella lettera, scrivendomi il nostro Tenero, a non so che proposito, che ella andava per le mani del signor Don Giovanni. Non si può discredersi a questi tempi con un amico! Ora io credo che 'l mio argomento volesse dir questo in suo linguaggio, che que' venti libecci, donde dicono gli scrittori che fu mosso Colombo come filosofo a fare argomento che in quella parte fosse terra, non nascono se non quivi intorno alle Canarie; di che dava per segno, che d'ogni tempo dalle Canarie per avanti verso quelle parti si trovano i venti al segno di Greco. Aggiungete la ragione che di dentro de' tropici non passano i venti fuori, *si credere dignum est*, dicendo il padre Acosta, che '1 vento Noto non ispira dall'altra Orsa, ma dal tropico, o suo limite. Questo fu l'argomento, o volle essere. Correggete o la mia lettera o 'l concetto fattone, dove dice che in altura di 4 gradi trovano il vento Greco, e con la prua per Maestro vengono alle Canarie, perchè come con

XCV.

A Michele Saladini, em Pisa.

Com os dois primeiros navios que partiram lhe escrevi somente uma carta por correio; esta será na pressa e fúria, já que não poderei ter a satisfação de responder a sua grande carta. Dir-lhe-ei, antes, que estou muito contente em compreender a partir de seu escrito que o senhor se encantou pela cosmografia. Parece-me que falta pouco, por certa regra que determinamos aqui o senhor Piero Grifo e eu a respeito daquilo que precisa para levar os homens à Índia, a ver-lhes uma vez aparecer. E que sim...o senhor acredita bastante, o senhor, pelo que me lembre daquilo que eu escrevi ao Buonamico a respeito dos ventos e de Colombo: o tal Buonamico me fez um belo serviço com aquela carta, escrevendo-me o nosso Tenero<sup>146</sup>, a não sei por que propósito, que ela andava pelas mãos do senhor Dom João. Não se pode discutir nesses tempos com um amigo! Agora eu creio que o meu argumento quisesse dizer isso em sua linguagem, que aqueles ventos de sudoeste, de onde dizem os escritores que foi movido Colombo como filósofo para argumentar que naquela parte existia terra, não nascem senão lá em torno às Canárias; do que dava por sinal que de cada tempo das Canárias para frente em direção àquelas partes encontram-se os ventos ao sinal de Greco. Some a razão que de dentro dos trópicos não passam os ventos de fora, *si credere dignum est*, dizendo o padre Acosta<sup>147</sup>, que o vento Noto não inspira pela outra Orsa, mas pelo trópico, ou seu limite. Esse foi o argumento, ou quisera ser. Corrija ou a minha carta ou o conceito empreendido, no qual se diz

<sup>146</sup> Giambatista Strozzi, chamado de Tenero por este ser seu nome acadêmico, da *Accademia degli Alterati*. [N.T.]

<sup>147</sup> Padre Gioseffo Acosta. [N.E.]

la carta in mano potrete vedere, questo è impossibile, chè vanno larghi dalle Canarie 400 o 500 leghe e più; e tali si conducono a vista della terra nuova di Bavagliaos, e venuti nell'altura delle Terzere co' venti di quella terra, corrono per quell'altura fino a che diano nell'isole; e bene spesso danno anche ne' Franzesi.

Ma per tornare al Colombo, che in quello suo scoprimento alcuno furto vi avesse d'invenzione, non ne fate dubbio; chè, oltre a qualche altro riscontro, il pilota della nostra nave mi contava quello che ho sentito altre volte, di non so che storia d'un uomo che morì, e rimasero i suoi figli nell'isola della Madera, con non so che altre cose. E quanto al ritorno dell'Indie occidentali, avete da sapere che e' non vengono pel medesimo cammino donde e' vanno, perchè al ritorno passano dietro all'isola Spagnola (a questo tempo mi fate correre con la carta da navigare): dico la flotta di nuova Spagna e quella di terraferma, le quali passano per quel canale che fa la Cuba con la Florida; e uscendo di tra que' bassi si gettano per l'Est Nord-Est (o volete Greco Levante), e vanno alla Bermuda, dove si giuntano con la flotta di San Domingo, e quivi co' venti di quella costa si conducono al medesimo cammino che le navi de' Portoghesi. Ma per tornare un'altra volta a Colombo, io non credo che per levargli la congettura de' venti se gli levi la gloria dell'azione sua, perchè le cose già passate in giudicato non si possono cavare del capo alle persone; nè uno storico, per vero che fusse, che scrivesse di Troia diversamente da Omero, farebbe cosa....; e io in particolare sapete quanto ho aiutato ed esortato il nostro Tenero a tentare la sua passata: opera degna, e che ha in se grandezza e meraviglia, e altro che le novelle d' Ulisse. Chè quanto a quel nostro Vespucci, bisogna che si stia con quello che gli cape. Buono sarebbe che l'amorevolezze l'aiutassero; ma di Lisbona aspettare aiuto? ti so dire che tu

que na altura de 4 graus encontra-se o vento Grego, e com a proa para o Mistral vêm às Canárias porque, como com o papel em mãos pode ver, isso é impossível, que vão em mar aberto das Canárias 400 ou 500 léguas e mais; e tais se conduzem a vista da nova terra de Bavagliaos, e vindos na altura dos Açores com os ventos daquela terra, correm por aquela altura até que deem nas ilhas; e bem frequentemente dão também nos Franceses.

Mas para retornar ao Colombo, que naquele seu descobrimento algum furto tinha de intenção, não tenha dúvida; que, além de qualquer outra observação, o piloto do nosso navio me contava aquilo que ouvi outras vezes, de não sei que história de um homem que morreu, e ficaram os seus papéis na ilha da Madeira, com não sei que outras coisas. E quanto ao retorno das Índias occidentais, o senhor deve saber que eles não vêm pelo mesmo caminho por onde vão, porque no retorno passam por trás da ilha Espanhola (neste tempo faça-me correr com o papel para navegar): digo a frota da Nova Espanha e aquela de terra firme, as quais passam por aquele canal que Cuba faz com a Flórida; e saindo daquelas baixadas se lançam para o Leste Nordeste (ou se quiser Grego Levante), e vão às Bermudas, onde se juntam com a frota de São Domingo, e aqui com os ventos daquela costa se conduzem ao mesmo caminho que os navios dos Portugueses. Mas para voltar uma outra vez a Colombo, eu não creio que para levar-lhe a conjectura dos ventos se lhos leve a glória de sua ação porque as coisas já passadas por julgamento não se podem tirar da cabeça das pessoas; nem um historiador, por verdadeiro que fosse, que escrevesse de Troia diferentemente de Homero, faria algo....; e eu, particularmente, saiba o quanto ajudei e apoiei o nosso Tenero a tentar a sua sorte: obra digna e que possui em si grandezza e maravilha, e além das

infornerai domane. Non fu mai la più sciagurata gente per serbare loro memorie proprie: pensate quello che faranno, delle straniere. Dico così, scrivendomi il Migliorati che voi l'avevate ricerca di notizie, e che egli era ricorso ad un suo dottore, detto *Quebra sin hoc*, che vuol dire Spezzacampane, il quale gli aveva promesso certa lettera scritta dal Vespucci alla Signoria di Firenze: or vedete se voi siete bene avviato.

Le cose della calamita, mi raccomando a voi, sono senza conto. Che cosa è questa, che 80 leghe a Ponente dell'ultima isola delle Terzere si volta giustamente al polo; in Lisbona declina a Greco più d'una quarta; costà vie più; nella costa del Verzino (in malora sia!) due quarte; di qui dal Capo di Buonasperanza in un Capo che si chiama *das Agulhas*, si volta un'altra volta a Tramontana giustamente; da quivi in qua tira a Maestro; e 'n questa costa fa differenza tirando pure a Maestro una quarta e mezzo? Andate a rinvenirla voi; e quello che è peggio, nel medesimo meridiano in un'altura fa una differenza, in un'altra un'altra, che non l'intenderebbe Mariano, non che il Nozzolino. Attraversando, o, per dir meglio, passando le Canarie per venire in India, si viene per Mezzogiorno e Tramontana con quell'isole, e passasi tra l'isole di Capoverde e la terraferma, e vassi dritto il più che si può sino in altura di 4 gradi dalla nostra banda, ove si trovano i venti, che chiamano generali, i quali per lo più cominciano a tirare da Scirocco; e con questi bisogna passare l'equinoziale, ponendo la prua per Garbino: e chi si trova più presso alla terra d'Etiopia, e gli danno questi venti, fa miglior navigazione, perchè si trova più a vantaggio: dicono i Portoghesi più *abal de vento*; sopra vento, direbbono i nostri. Nello attraversare la linea tengono conto

histórias de Ulisses. E quanto àquele nosso Vespúcio, precisa que fique com aquilo que lhe cabe. Bom seria que as amabilidades o ajudassem; mas de Lisboa esperar ajuda? Eu só digo a você que nunca a terá. Nunca houve povo mais miserável para conservar as suas próprias memórias: pense naquilo que farão das estrangeiras. Digo assim, escrevendo-me o Migliorati<sup>148</sup> que o senhor havia buscado notícias e que ele havia recorrido a um seu doutor, dito *Quebra sin hoc*, que quer dizer Quebrasinos, o qual lhe havia prometido certa carta escrita por Vespúcio a Senhoria de Florença: agora veja se o senhor está bem arranjado.

As coisas do imã, que tempo perdido<sup>149</sup>, estou sem contas. O que é isso, que a 80 léguas no Poente da última ilha dos Açores se volta justamente ao polo; em Lisboa declina a Grego mais de uma quarta de légua; nessa costa ainda mais<sup>150</sup>; na costa do Brasil (em que mal hora!) duas quartas; daqui do Cabo da Boa Esperança em um Cabo que se chama *das Agulhas* se volta outra vez ao Vento Norte corretamente; daqui a ali puxa pelo Mistral; e nessa costa faz diferença ao puxar pelo Mistral uma quarta e meia? Venha redescobri-la o senhor; e o que é pior, no mesmo meridiano a uma altura faz uma diferença, em uma outra, faz outra, que não pretendia Mariano, a não ser o Nozzolino. Atravessando, ou para dizer melhor, passando as Canárias para vir à Índia se se vem pelo Sul e vento Norte com aquelas ilhas e se passa entre a ilha de Cabo Verde e a terra firme e se vai em frente o mais que se possa até a altura de 4 graus das nossas bandas, onde se encontram os ventos, que chamam de gerais, os quais geralmente começam a puxar a Siroco<sup>151</sup>; e com esses precisa passar o equinocial,

<sup>148</sup> Outro apelido dado a um acadêmico *Alterato*. [N.T.]

<sup>149</sup> Expressão assim traduzida conforme nota trazida por Marcucci (1855). [N.T.]

<sup>150</sup> Costà: "nella costa", ou seja, "na costa". Informação trazida na edição de Marcucci (1855). [N.E.]

<sup>151</sup> Vento colateral; vento noroeste. [N.T.]

con uno scoglio, che chiamano il *Penedo de San Pedro*, che chi se lo lascia più a Ponente, ha fatto miglior navigazione, e chi gli passa presso, ha bisogno che Dio lo aiuti. Que' venti scirocchi sogliono andare a Levante, e talvolta a Greco Levante, con li quali si mette la prua a Mezzogiorno, e Mezzogiorno e Scirocco; o si si fa buona navigazione, chè si passa presso a quell' isola che domandano di *Martino Vas*. Chi si sta con li Scirocchi, come facemmo noi la prima volta, va a dare nella costa del Verzino: e tanto che se ne ha vista, mi raccomando alla signoria vostra, chè a tornare a dietro si ha buon patto. Svernare colà non si può, perché il re lo proibisce, sendo in quei rii e *Gusani* (come gli chiamano) che rendono le navi innavigabili: e poche svernavano là, che non facessero la mala fine: e'n somma, bene naviga chi più passa discosto dalla costa del Verzino. Ma molti per questo rispetto si pongono tanto col culo nella costa d'Affrica, che dannoli addosso le calmerie, e fannoli perdere il viaggio, come fu per avvenire a noi la seconda volta.

Quanto alla trasmutazione che faccia la linea equinoziale, cotesto doveva essere al tempo di Tiresia, quando il maschio femmina divenne: a me non è accaduto tale, nè alla prima né alla seconda, nè alle quattro volte che io sono passato sotto quella benedetta linea. Ma per la differenza che voi dite trovarsi ne' pepi che vengono di Lisbona, da quelli d'Alessandria, dirò io a V. M.: quelli che andavano a Lisbona da 4 anni indietro, uscivano tutti di questo male avventurate Cocchino, dandogli questo re a' Portoghesi da un pezzo in qua per dispetto; e sempre si caricavano de' nuovi colti innanzi al tempo, donde viene il non esser pieni, e nel seccarsi fare molta scorza e avere poca sostanza.

colocando a proa para o Ocidental: e quem se encontra mais em terra da Etiópia e lhes dão esses ventos, faz melhor navegação porque se encontra mais em vantagem: dizem os Portugueses mais *abal de vento*; vento acima, diriam os nossos. Ao atravessar a linha dão-se com um rochedo, que chamam o Penedo de São Pedro, que quem o deixa mais a Poente fez navegação melhor, e quem por ali passa precisa que Deus o ajude. Aqueles ventos sudoestes costumam ir a Levante, e talvez a Grego Levante, com os quais coloca-se a proa a Sul, e Sul e Sudoeste; ou como se faça boa navegação, que se passa por aquela ilha que chamam de *Martino Vas*. Quem se dá com os ventos de Sudoeste, como fazíamos nós na primeira vez, vai dar na costa do Brasil: e tanto que se viu disso, digo a Vossa Senhoria que é melhor retornar. Invernar por lá não se pode porque o rei o proíbe, sendo naqueles rios e Gusanos<sup>152</sup> (como os chamavam) que deixam os navios inavegáveis: e poucos invernavam lá, que não terminassem mal: e, em suma, bem navega quem mais se distancia da costa do Brasil. Mas muitos a esse respeito colocam-se tanto o traseiro na costa da África, que dão nas calmarias, e os fazem perder a viagem como acabou por acontecer a nós na segunda vez.

Quanto à transmutação que faz a linha equinocial, esta devia estar no tempo de Tirésias<sup>153</sup>, quando o macho fêmea se tornou: para mim não aconteceu isso, nem na primeira nem na segunda, nem nas quatro vezes que eu passei sob aquela bendita linha. Mas pela diferença que o senhor diz se encontrar nas pimentas que vêm de Lisboa, a partir daquelas de Alexandria, direi eu a Vossa Mercê: aqueles que iam a Lisboa 4 anos atrás, saíam todos deste

<sup>152</sup> Moluscos bivalves, acéfalos e alongados, que vivem em madeiras submersas, como em embarcações ou estacas, perfurando-as. Também são chamados de 'vermes'. [N.T.]

<sup>153</sup> Tirésias: deus da mitologia grega que foi transformado em mulher por alguns anos até voltar à forma de homem. [N.T.]

Quest' anno ne ho carico fra gli altri seis000 cantara nella costa tra qui e Goa, che mi costa ogni grano un capel bianco; e fra esse ne sono da 4000 cantara, che bene si può riporre il pepe gauro, che non ha che fare con questo in nessun conto. I Mori che lo navigano a Mecca, se lo cavano di questa costa (che ne cavano molto), lo comprano del vecchio, e lo nettano; chè, come va contra bando, costa molto, e non franca la spesa a navigare scorza o polvere; e bene ne cavano di Calicut, ov' egli è più sciaguratello che non è questo di Cocchino assai; ma la maggior parte di quello che va in Alessandria, che domandano gauro, va dall' isola Samatra, e quivi viene dalla Giava d' una terra che chiamano Sunda. E nella Samatra ha un re Moro, il cui regno si dice Dachen, ove vanno i Mori della Mecca a caricare il pepe, che è grosso e buono e 'n sua stazione; e questo è, come io vi dico, il pepe gauro; e se di Lisbona vi mandassero del pepe di Onor, vedreste che non ne ha tale nel mondo come quello.

Nella costa d' Etiopia i Portoghesi hanno la prima fortezza, passata la prima terra de' Mori, che si chiama Arguia, nell' isole di Capoverde; e mi pare che innanzi alla Mina tengano un altro castello nella costa di Malaguetta senza più, ma amistà e commercio per tutti quei rii più a basso di Congo, Sumicongo ed Angola, ove vanno di San Tommè e di Lisbona a comprare Negri; e 'n tutti questi rii sono Portoghesi, e molti di quei Negri sono Cristiani soggetti al vescovo di San Tommè, il quale mi diceva in Portogallo che sono molto gentili Cristiani; e 'l Migliorati, che era presente, rispondeva: *Así lo creo yo*. La prima fortezza nel Verzino è sopra Fernambuch verso la linea 7 o 8 leghe, che la presero loro i Franzesi. Ma sotto Fernambuch ne sono pure assai a modo loro; e tra l'altre Los Isleos, che sono di Francesco Giraldi, la

mal-aventurado Cochim, dando-lhes este rei aos Portugueses um pedaço daqui por despeito; e sempre se encarregavam dos novos cultivos antes do tempo, de onde vem o não estar cheios e ao secar-se fazer muita cortiça e ter pouca sustança. Este ano tenho carga entre os outros 6000 cântaros na costa entre aqui e Goa, que me custa cada grão um cabelo branco; e entre esse estou a 4000 cântaros, que bem se pode repor a pimenta gauro, que não tem nada a ver com isso em nenhuma conta. Os Mouros que a navegam para Meca, conseguem desta costa (da qual conseguem muito), compram da velha e a limpam; que, como vai em contrabando, custa muito, e não franca a despesa para navegar cortiça ou pólvora; e tiram bastante de Calicute, onde é mais desconsiderado que este de Cochim; mas a maior parte da que vai para Alexandria, que chamam gauro, vai da ilha Samatra e aqui vem de Java de uma terra que chamam Sunda. E em Samatra há um rei Mouro, cujo reino se diz Dachen, onde vão os Mouros de Meca a carregar pimenta, que é grande e boa e na sua estação; e isso é, como lhe digo, a pimenta gauro; e se de Lisboa lhe mandassem pimenta de Onor<sup>154</sup>, veriam que não há como tal no mundo.

Na costa da Etiópia os Portugueses têm a primeira fortaleza, passada a primeira terra dos Mouros, que se chama Arguia, nas ilhas de Cabo Verde; e me parece que diante da Mina haja um outro castelo na costa de Malaguetta sem mais nada, mas amizade e comércio por todos aqueles rios abaixo do Congo, Sumicongo e Angola, onde vão de São Tomé e de Lisboa para comprar Negros; e em todos esses rios são Portugueses, e muitos daqueles Negros são Cristãos sujeitos ao bispo de São Tomé, o qual me dizia em Portugal que são muito gentis Cristãos; e o Migliorati, que estava presente, respondia: *Así lo creo yo*. A

<sup>154</sup> Antiga aldeia. [N.T.]

Baya di Todos los Santos, Porto Siguro e 'l rio di Gennero, e altri luoghi che ora abitano e ora disabitano, perchè que' Negri fanno mal pensare di loro. Da Malacca per Legante abitano un'isola che è nella foce del rio della Cina, che si chiama Macao, e vi sta un vescovo, ma non vi è altra fortezza: chè il re della Cina non è c....., e due o tre volte ha minacciato di cacciarne gli; e come l'anno passato non venne di là la nave solita, si dubita forte che non si sia cavato questa maschera, perchè fecero là non so che insolenza. Basta: sonvi 700 scudi di mio: beneditegli, chè arebbono a tornare adesso fra un mese. Nel Giapan non hanno niente, se non amistà: là comandano i padri Gesuiti, fanno la guerra, e pongono i re in istato, e altre cose. La fede di quell'isola è di Gentili, tutta bestialità. La gente è acutissima, bene inclinata, con molto onore, e, come dicono i Portoghesi, trataõ verdade. Secus i Cini, cattivi, ladri, falsari, nimici. e che? ogni male. L'isole Molucche avevano un re amico de' Portoghesi, il quale dette loro una fortezza in Tudor, che è l'isola principale, e stava determinato a mandare un suo figliuolo a Goa, perché studiasse la legge cristiana. Venne in talento a un padre della compagnia di Gesù di fare ammazzare questo re, perchè i Portoghesi restassero signori di tutte l'isole, e fare i popoli cristiani; e così lo fece porre in opera dal capitano della fortezza, il quale non fu poi bastante a difendersi dal figliuolo del re morto, che prese la fortezza fuggendosi per mare il capitano; e così la tiene, dice, per darla al re di Portogallo, tanto che se gli consegna l'omicida: il quale alla fine era mandato colà in ferri; ma il galeone che lo portava peri, come quasi tutti da questo misfatto in qua, chè almeno a Goa non ne torna nessuno, partendosene pure per là ogni anno uno. Tórnanne a Malacca, ma non fanno buono negozio, chè i Giavi se ne sono fatti padroni, ancoraché i Castigliani, venuti là dalle Filippine, ne dessero loro

primeira fortaleza no Brasil fica sobre Pernambuco em direção à linha 7 ou 8 léguas, tomada pelos Franceses. Mas sob Pernambuco são mesmo a modo deles; e entre outras Os Ilhéus, que são de Francesco Giraldi, a Baía de Todos os Santos, Porto Seguro e o Rio de Janeiro, e outros lugares que ora habitam e ora desabitam porque aqueles Negros fazem mal pensar deles. De Malacca por Levante habitam uma ilha que fica na foz do rio da China, que se chama Macao e há um bispo, mas não há outra fortaleza: que o rei da China não está c....., e duas ou três vezes ameaçou os caçar; e como no ano passado não veio o navio que costumava vir, duvida-se fortemente que não se tenha tirado essa máscara porque fizeram lá não sei o que de insolência. Basta: são 700 escudos meus: benditos sejam, que deveriam voltar agora dentro de um mês. No Japão não têm nada, a não ser amizade: lá comandam os padres Jesuítas, fazem guerra e colocam o rei em estado e outras coisas. A fé daquela ilha é de Gentis, toda bestialidade. As pessoas são pungentíssimas, bem inclinadas, com muita honra e, como dizem os Portugueses, *tratão* verdade. Secus os Chineses, ruins, ladrões, falsários, inimigos. E quê? Tudo mal. As ilhas Molucas tinham um rei amigo dos Portugueses, o qual deu a eles uma fortaleza em Tudor, que é ilha principal e estava determinado a mandar um filho seu a Goa para que estudasse a lei cristã. Veio em vontade própria um padre da Companhia de Jesus para matar esse rei para que os Portugueses ficassem senhores de todas as ilhas e tornar os povos cristãos; e assim o fez colocar em obra pelo capitão da fortaleza, o qual não fora, pois, suficiente a defender-se do filho do rei morto, que tomou a fortaleza, tendo fugindo por mar o capitão; e assim a possuiu, disse, para dá-la ao rei de Portugal, tanto que lhe entrega o homicida: o qual no fim foi mandado para lá acorrentado; mas o galeão que

*unas pocas*; e 'l galeone di Malucco si parte di Goa, che dovrebbe essere il capo del tratto d' India, ancorché i Portoghesi facciano quello che possono, o con nuovi dazi o con mali trattamenti, per isviarlo. E la contesa delle Molucche fra i Castigliani e' Portoghesi è fornita, chè 'l re se ne intitola signore separatamente, quasi che non voglia darle nè all'uno nè all'altro regno; ma vuole che quel tratto venga per qua, perchè i Castigliani, che furono colà, ne portarono a Maniglia, che è metropoli delle Filippine, molti garofani per mandargli a Acapul in nuova Spagna, e 'l re gli fece navigare per Malacca, a pena della testa.

La costa d' India è più orientale che non è Lisbona 96 gradi. Potrete adesso poco più o manco vedere a chi appartengano le Molucche iuridicamente secondo la divisione fatta da Alessandro VI, facendo conto che nella carta elle stiano poste presso che bene in rispetto di questa costa. Col re di Calicut detto Zamorino, che è titolo di principe, sono stati quasi sempre i Portoghesi in guerra fino all' anno passato, che stracchi cominciarono a trattar pace, che non è per ancora conchiusa; e 'l viceré che va ora a Goa, dovrà cavarne cappa o mantello. La guerra si fa per mare, e pongono i Portoghesi almeno due armate; una da Goa pel Nort, e l'altra da Goa per qua; e questa si chiama l'armata del Malabar. In tutto saranno 60 o 70 fuste e galeotte, senza coperta, con remi scorzili; e di altre particolari in tutta la costa, che in una necessità si fanno preste, arà opera di 150 altre fuste; e in Goa sono 3 galere al tutto. Del Presto Giovanni non ci viene ambasciata; del commercio è piccolo il caso suo, e di poca levata, chè quel suo oro non si vede, e lo vuole per se. Ben sapeete che queste fuste non hanno altra faccenda che impedire i Mori perchè non portino spezierie alla Mecca; ma la grascia di quel santo può molto più che voi e io non possiamo. De' Gentili se ne fanno

lhe levava, como quase todos deste crime ao menos para Goa não voltam, mesmo partindo para lá todo ano um. Voltam a Malaca, mas não fazem bom negócio, pois os Javaneses fizeram-se patrões, ainda que os Castelhanos vindos das Filipinas dessem a eles *unas pocas*; e o galeão de Maluco parte de Goa, que deveria ser o chefe da terra da Índia, ainda que os Portugueses façam aquilo que possam, ou com os novos dácios ou com maus tratamentos para desviá-lo. E o certame das Molucas entre Castelhanos e os Portugueses é executado, de modo que o rei se intitula senhor separadamente, quase que não querendo dar nem a um nem a outro reino; mas quer que aquele tratado venha para cá porque os Castelhanos, que foram acolá, de lá trouxeram a Manila, que é metrópole das Filipinas, muitos cravos para lhe mandar a Acapulco na Nova Espanha, e o rei o fez navegar para Malaca, em ameaça a sua cabeça.

A costa da Índia é mais oriental que Lisboa em 96 graus. Poderá agora pouco mais ou menos ver a quem pertencem as Molucas juridicamente, segundo a divisão feita por Alexandre VI, fazendo de conta que no mapa elas estejam bem postas por esta costa. Com o rei de Calicute dito Samorim, que é título de príncipe, estiveram quase sempre os Portugueses em guerra até o ano passado, e exaustos começaram a tratar da paz, que ainda não se concluiu; e o vice-rei que agora vai a Goa deverá conseguir capuz ou manto. A guerra é feita por mar, e põem os Portugueses ao menos duas armadas; uma de Goa pelo Norte e outra de Goa para cá; e esta se chama a armada do Malabar. Ao todo serão 60 ou 70 fustas e galeotas, sem cobertura, com remos de cortiça; e de outros particulares em toda a costa que em uma necessidade se contratam haverá obra de 150 outras fustas; e em Goa são 3 galeras ao todo.



cristiani ad ogni ora, ma in buona fe che si guadagna poco co' casi loro. E pure ieri un padre Spinola mi disse che da qui al Capo di Comorino ne ha diciassette o diciottomila alle spalle, ma sono cristianacci. De' re ve ne sono pochi qui de' cristiani, o nessuno. Nel Giapan ne sono, ma quanti non so. Con li vicini stanno anzi male che bene, e spesso spesso vengono a rottura; e come sia guerra, dietro al muro *salvus est*: e per lo contrario i Gentili in mare non fanno guerra, se non come corsali, e rubano tanto, che se tanto guadagnaste voi in un anno, scusereste il durar più fatica. Il Persiano è amico, e con questa armata passa un ambasciador suo a Portogallo. Chiamano il detto re di Persia il Scia Tamas, donde dicono venire scacco matto. Un viceré solo comanda all' India tutta da Mozambique sino a Malacca; ma i capitani gli dispaccia il re, e la residenza della sua corte è in Goa. Dal Capo di Buonasperanza per Mezzogiorno non si è veduto terra da quella in qua che veddero quei pappagalli: *unde psittacorum regio*.

Sommi abbattuto ad una penna temperata in modo, che scrive correntemente senza molta fatica: altrimenti de' vostri quesiti mal soluti non avevi per adesso altra informazione. Dico questo per trapassare fuori de' quesiti ad altri propositi, perché di quelle navigazioni così australissime come settentrionalissime me ne riferisco volentieri a Olo Magno, per non morirvi di freddo in leggerle, non che cercarle. La stanza mia (dacché voi me ne domandate) è parte in Goa, e parte qui in Concino, e parte in mare: ché bisogna andare di su e di giù, visitando questi luoghi dove la *pimenta* si raguna; favellare a questi re di scacchi, e dare loro sempre del buono; e sì andare consumando la vita sua su per queste fuste, che è, vi prometto, un

Do Padre Giovanni<sup>155</sup> não vem embaixada; quanto ao comércio é pequeno o seu caso, e de pouca monta, que aquele seu ouro não se vê e o quer para si. Bem sabe o senhor que estas fustas não têm senão função de impedir os Mouros para que não levem especiarias a Meca; mas a graça daquele santo pode muito mais que você e eu. Dos Gentis se os tornam cristãos a toda hora, mas em boa fé que se ganha pouco com os casos deles. E bem ontem um padre Spinola me disse que daqui até o Cabo de Comorino há dezessete ou dezoito mil nas costas, mas são cristãozinhos. Do rei há poucos aqui cristãos, ou ninguém. No Japão existem, mas quantos não sei. Com os vizinhos estão mais para mal do que para bem e frequentemente vêm em partes; e como é guerra, atrás do muro *salvus est*: e ao contrário, os Gentis no mar não fazem guerra, se não como corsários e roubam tanto que se tanto você ganhasse em um ano, desculparia o durar tanto esforço. O Persa é amigo e com esta armada passa um embaixador seu para Portugal. Chamam o tal rei da Pérsia o Scia Tamas, de onde dizem vir o xeque-mate. Um vice-rei somente comanda a Índia toda de Moçambique até Malaca; mas os capitães desagradam ao rei, e a residência da sua corte fica em Goa. Do Cabo de Boa Esperança para o Sul não se viu terra daquela para cá que viram aqueles papagaios: *unde psittacorum regio*.

Estou abatido como uma pena apontado que escreve correntemente sem muito esforço: caso contrário quanto aos seus quesitos mal solucionados não havia por ora outra informação. Digo isso para expressar alguns quesitos a outros propósitos porque daquelas navegações tão australíssimas como setentrionalíssimas me refiro a Olo Magno para não morrer de frio ao lê-las, além de buscá-las. A

<sup>155</sup> Também chamado "Prete Gianni", ou Padre Giovanni.

esercizio da cani. A Malacca non ho  
pensato unto. Sarà quel che Dio<sup>145</sup> .....  
Di Coccino, 1585.

minha permanência (desde que senhor  
me perguntou) é em parte em Goa e em  
parte aqui em Cochim e em parte no mar  
porque precisa ir de lá para cá visitando  
esses lugares onde a pimenta se  
encontra; discursar a esses reis de  
xadrez e dar-lhes sempre do bom; e ir  
consumindo a vida por estas fustas o que  
é, lhe prometo, um exercício do cão. Em  
Malaca não pensei em nada. Será aquilo  
que Deus.....

De Cochim, 1585.

---

<sup>145</sup> Aqui, Marcucci (1855) põe em nota de rodapé que ficou em dúvida quanto ao que estava escrito no manuscrito, sugerindo que fosse algo como: “*Sarà lo che Dios quiscer (?) da ogni poco dolente*”, misturando espanhol com italiano, querendo dar ideia de: “Que seja o que Deus quiser (?) de algo dolorido”. O ponto de interrogação colocado pelo editor sugere faltarem palavras na sentença, difíceis de serem identificadas. [N.T.]

## 4 COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO

Após o trabalho de tradução, parto para a reflexão acerca das escolhas efetuadas ao longo do processo, permeado de desafios, especialmente pelo distanciamento temporal em relação à linguagem utilizada, como formas de tratamento, vocabulário arcaico, nomes próprios e expressões que mudaram ao longo dos anos, entre outros casos específicos que serão vistos a partir de agora. Antes de se partir para os comentários propriamente ditos a respeito das escolhas tradutórias, são trazidas algumas reflexões acerca do ato de traduzir e o que representa a tradução em si, todos fatores que contribuíram para o constante ato de negociação durante o projeto.

Miller, ao dissertar sobre o seu conceito de tradução, afirma que “[...] tradução: a palavra significa, etimologicamente, ‘levada de um lugar a outro’, transportada pelas fronteiras entre uma língua e outra, um país e outro, uma cultura e outra”<sup>156</sup> (1996, p. 207). Deste modo, traduzir as cartas de Sasseti para o português pode contribuir para a compreensão dos fenômenos históricos, sociais e culturais da época refletidos nos textos do mercador, a partir de um foco narrativo, uma visão da época, como aqui já mencionado, reflexos de um olhar europeu em relação ao Outro, ao novo que lhe surgia, um olhar masculino, eurocêntrico, que não necessariamente retrata(ou) uma verdade, mas (d)escrevia uma verdade.

Sobre o ato de traduzir, Miller (1996) afirma que o texto de partida é transportado de uma cultura a outra por alguém que pertence a outra cultura que não aquela da língua de partida. Diz o autor que “um trabalho é, num sentido, ‘traduzido’, isto é, deslocado, transportado, levado por meio, até mesmo quando é lido em sua língua original por alguém que pertence a outro país e a outra cultura ou a outra disciplina”<sup>157</sup> (1996, p. 207). Nesse sentido, o ato de traduzir pode acontecer de modo implícito, não necessariamente por meio de uma tradução escrita, mas inclusive quando determinado conteúdo é lido por alguém que não fala aquele idioma e ou que não pertence à área/disciplina do texto. Ou seja, a tradução ocorre, nesta situação, de

---

<sup>156</sup> “[...] translation: the word means, etymologically, ‘carried from one place to another’, transported across the borders between one language and another, one country and another, one culture and another.”

<sup>157</sup> “[...] a work is, in a sense, “translated”, that is, displaced, transported, carried across, even when it is read in its original language by someone who belongs to another country and another culture or to another discipline.”

forma mental visto que o leitor necessita levar para a sua realidade o conteúdo abordado em tal texto, ato que é visto por Eco (2014) como interpretação, o ato que antecede a tradução propriamente dita.

Berman ressalta que “traduzir é, obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganham seu verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege” (2002, p. 17). O crítico aborda a ética da tradução acompanhada do ato de traduzir e sobre sua “fidelidade”, sendo essa definida a partir do resgate, da afirmação e da defesa da pura visada tradução, a qual seria o escopo de realizar um texto traduzido tentando desvencilhar-se o máximo possível de ideologias e olhares que possam tirar o sentido do texto de partida no texto transportado para outra língua/cultura. Sendo assim, a tradução desejada seria a tentativa de escrever, na língua de recepção da tradução, o que o autor do texto primeiro almejou escrever e passar a seus leitores, mesmo que, no caso de Sassetti, o leitor devesse ser, primariamente, o destinatário da missiva.

Logicamente, se traduzir fosse simplesmente passar de uma língua a outra uma palavra e / ou expressão, a atividade de tradutor seria muito prática, pois bastaria consultar em dicionários bilíngues, por exemplo. Contudo, como aponta Britto sobre o assunto:

A questão é que as diferenças entre as línguas já começam na própria estrutura do idioma, tanto na gramática quanto no léxico; isto, é na maneira de combinar as palavras e no nível do repertório de “coisas” reconhecidas como tais em cada língua. Pois um idioma faz parte de um todo maior, que é o que denominamos de cultura; e as “coisas” reconhecidas por uma cultura não são as mesmas que as outras reconhecem. (2012, p. 14)

Nem sempre uma palavra usada em italiano, por exemplo, é usada do mesmo modo no português, e o mesmo com outros idiomas. Exemplo tradicional utilizado para caracterizar esse fenômeno é a palavra ‘saudades’, a qual existe em língua portuguesa, mas, em contrapartida, deve ser adaptada com outros modos de dizer em outras línguas. O mesmo ocorre com inúmeras outras palavras entre os mais diversos idiomas no mundo. Deste modo,

[...] alguns teóricos passaram a afirmar que a distinção entre original e tradução não passa de um preconceito: se é impossível determinar o sentido estável de um original e é impossível que uma tradução diga a mesma coisa que ele, segue-se que original e tradução são textos diferentes, e não há por que hierarquizá-los, colocando o original acima da tradução por ser mais autônomo. (BRITTO, 2012, p. 21)

E complementa o autor: “Não há como negar que é impossível que uma tradução seja absolutamente fiel a um original. (BRITTO, 2012, p. 36) Isso porque até mesmo o idioma do texto de partida pode dar margem a inúmeras leituras sem que seja possível determinar uma única verdade apresentada pelo dito original. Além disso, um leitor pode avaliar positivamente uma tradução enquanto outro leitor de modo negativo, pois existem variáveis intrínsecas a cada pessoa e cada uma poderá receber a tradução conforme suas crenças, valores, área de estudo, etc, como aponta Venuti em seu livro *Escândalos da tradução* (2019).

Ainda, a voz da tradutora neste projeto de tradução se dá por meio dos paratextos, em especial, as notas de rodapé, como será discutido no item 4.4. O uso de paratextos é um modo de o tradutor se fazer ouvir, não ficando invisível e levar ao leitor o entendimento de que está lendo uma tradução.

Britto também destaca a dificuldade que um tradutor encontra ao ter de explicar ao público a respeito do seu ofício, tendo, muitas vezes, que obrigatoriamente corrigir alguns mal-entendidos existentes acerca de seu trabalho. Ele ainda ressalta quanto à tradução literária: “Traduzir [...] nada tem de mecânico: é um trabalho *criativo*. O tradutor não é necessariamente um traidor; e não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis” (BRITTO, 2012, p. 18-19).

Desse modo, cabe ao tradutor despir-se também de preconceitos que fazem parte do senso comum no que diz respeito ao trabalho de tradução e passar a assumir uma postura de responsabilidade pela empresa que executa, ou seja, exatamente por não ser atividade mecânica e que não pode ser substituída facilmente por ferramenta de automação, o tradutor literário, em especial, precisa ter bem claro que exerce papel fundamental e de responsabilidade ao trabalhar com textos entre línguas (e culturas) diferentes.

Nesse aspecto, Venuti afirma que a tradução é também uma forma de erudição, pois, segundo ele, “tanto a tradução quanto a erudição dependem da pesquisa histórica nas suas representações de um texto arcaico ou estrangeiro, mas nenhuma das duas pode produzir uma representação que seja completamente adequada à intenção do autor” (2019, p. 92). O teórico diz que tanto uma quanto a outra fazem um trabalho de reinvenção do texto para uma dita comunidade cultural diferente daquela onde havia sido inserido o texto de partida, inclusive com objetivos distintos.

Vale ressaltar que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2019, p. 138) e isso é perceptível nas cartas de Sassetti, visto que ele descreve usos e costumes de povos pouco conhecidos do mundo europeu da época, como mostra o trecho da Carta XCV endereçada a Miguel Saladini, quando o mercador escreve a percepção que possui de alguns povos asiáticos à época:

No Japão não têm nada, a não ser amizade: lá comandam os padres Jesuítas, fazem guerra e colocam o rei em estado e outras coisas. A fé daquela ilha é de Gentis, toda bestialidade. As pessoas são pungentíssimas, bem inclinadas, com muita honra e, como dizem os Portugueses, *tratão* verdade. *Secus* os Chineses, ruins, ladrões, falsários, inimigos. E quê? Tudo mal. As ilhas Molucas tinham um rei amigo dos Portugueses, o qual deu a eles uma fortaleza em Tudor, que é ilha principal e estava determinado a mandar um filho seu a Goa para que estudasse a lei cristã.<sup>158</sup> (1855, p. 313)

O discurso de Sassetti era aguardado em território italiano a fim de que os interessados pudessem conhecer os novos povos que iam surgindo à medida que as navegações aconteciam. Esse conhecer dava-se, logicamente, a partir da observação eurocentrista e masculina daquele período. Portanto, “Um tradutor sem uma percepção histórica [...] permanece um prisioneiro de sua representação de tradução e daquelas representações que carregam os ‘discursos sociais’ do momento” (VENUTI, 2019, p. 170-1). Desse modo, ao traduzir Sassetti, foi necessária a busca pela compreensão do contexto histórico da época, bem como por entender as razões pelas quais o mercador escreveu o que se encontra de sua produção até hoje.

Ainda sobre o ato de traduzir, ressalto que neste projeto tradutório diversos elementos foram pesquisados a fim de se obter uma tradução a mais próxima possível da inatingível meta de fidelidade, como já debatido aqui. A importância da qualidade diferencial de estilo em uma tradução pode ser “a marca do autor naquele texto e que o diferencia de outros textos do mesmo gênero na época” (ANDRADE, 2015, p. 346). Uma marca de Sassetti é a quantidade de informação que suas correspondências levavam de um local a outro, com narrativas acerca de fatos locais e produtos que

---

<sup>158</sup> “Nel Giapan non hanno niente, se non amistà: là comandano i padri Gesuiti, fanno la guerra, e pongono i re in istato, e altre cose. La fede di quell’isola è di Gentili, tutta bestialità. La gente è acutissima, bene inclinata, con molto onore, e, come dicono i Portoghesi, *trataõ* verdade. *Secus* i Cini, cattivi, ladri, falsari, nimici.e che? ogni male. L’isole Molucche avevano un re amico de’ Portoghesi, il quale dette loro una fortezza in Tudor, che è l’isola principale, e stava determinato a mandare un suo figliuolo a Goa, perché studiasse la legge cristiana.”

poderiam ser considerados de importância para os mandantes em Florença, como destaca Brege (2020), ao chamar o mercador de agente dos Médici.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos tradutores, como já citado aqui, é a diferença cultural entre as sociedades e a busca por correspondentes nem sempre é factível, necessitando de recursos que possam contribuir com a qualidade do texto traduzido. Tais recursos estariam em vários pontos do texto, iniciando com o tipo de vocabulário empregado até os recursos estilísticos utilizados no texto de partida e que devem estar na tradução a fim desta manter os traços essenciais que consigam carregar as características autorais.

Nesse sentido, ao se colocar em xeque a questão da equivalência entre os termos, tem-se, nas palavras de Barone que, “a rigor, qualquer tradução é falsa, não existem equivalentes exatos” e “isto é culpa dos dicionários, que fizeram acreditar na existência de equivalentes, o que não é verdade” (1996 apud SCHNAIDERMAN, 2011, p. 26). Não é intenção aqui lançar culpa sobre os dicionários, ferramentas essenciais para o trabalho de qualquer tradutor. A ideia é fazer refletir acerca da questão da “equivalência”. Eco disserta sobre a “negociação” que existe no ato de traduzir. Diz ele: “é preciso, portanto, renunciar a algumas das propriedades (porque explicitando-se todas corre-se o risco de fornecer uma definição de dicionário, perdendo-se o ritmo) e salvar apenas as [propriedades] relevantes para o contexto”. (2014, p. 96)

Ao se realizar uma tradução propriamente dita são feitos “cortes”: cortes de sentido, cortes de palavras, cortes de consequências implicadas. Deste modo, “ao traduzir *não se diz nunca a mesma coisa*. A interpretação que precede cada tradução deve estabelecer quantas e quais das possíveis consequências [sic] ilativas que o termo sugere podemos cortar” (ECO, 2014, p. 107).

A partir disso, pode-se afirmar também que nem sempre ao se realizar uma negociação na tradução ambas as partes ficam em situação equânime: pode ocorrer uma negociação mais satisfatória ao texto de chegada ou ao texto de partida, dependendo do que se pretendeu valorizar no projeto efetivado, como aponta Eco:

Há traduções que enriquecem esplendidamente a língua de destino e que, em casos que muitos consideram afortunados, conseguem dizer mais (ou são mais ricas de sugestões) que os originais. Mas em geral esse evento refere-se justamente à obra que se realiza na língua de chegada, no sentido em que realiza uma obra apreciável por si mesma, não como versão do texto fonte. Uma tradução que chega a “dizer mais” poderá ser uma obra excelente em si mesma, mas não é uma boa tradução. (2014, p. 127)

O que Eco discute é o que Berman (2012) define como uma das tendências deformadoras da tradução, ou seja, o “corrigir” um texto ao se efetivar uma tradução, buscando “esclarecer” demais o que o autor do texto tido por original escreveu, não define um texto traduzido como exemplo de boa tradução. É certo que decisões devem ser tomadas ao longo do projeto tradutório, mas a questão da negociação deve sempre se fazer presente a fim de que se consiga uma tradução – mais uma vez – que busque o cumprimento do projeto de tradução. Nesta pesquisa, a meta de tradução é apresentar um texto que mantenha tanto quanto possível as características do autor, tanto pelas questões estilísticas, já mostradas nos capítulos anteriores, quanto pelas informações e conhecimentos históricos trazidas pelos textos. Pode-se dizer que tal busca está estreitamente ligada à consciência do tradutor, a questões de ética e bom-senso que regem o tradutor.

Deste modo, a busca por termos correspondentes entre a língua de partida e a língua de chegada é vista como algo mais atingível em relação a termos “equivalentes”. Berman, em sua obra *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*, afirma que “as equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências” (2012, p. 84). O autor também reflete sobre o ato de romantizar uma obra. Segundo ele, “a obra romântica musicaliza o *medium* da representação e confunde assim seu conteúdo objetual” (BERMAN, 2002, p. 210). Isso tem a ver com o estilo do texto e o “colorido” que ele apresenta: sonoridade das palavras, tais como as rimas e as aliterações presentes. Esse “colorido” presente nos escritos de Sasseti estão nos arcaísmos utilizados pelo mercador, os latinismos, o vocabulário próprio da época e, também, mais especificamente, à atividade mercantil, além das referências a escritores de renome ao longo das cartas, tais como Petrarca e Dante. Sasseti também faz uso de palavras estrangeiras, especialmente o espanhol, a língua das navegações no período em que viveu, e tal característica foi mantida nas cartas traduzidas com o intuito de preservar a voz estrangeira na tradução.

Para Berman (2012), é preciso fazer com que se cultive no leitor a “consciência-de-provérbio”, ou seja, no caso da existência de uma expressão na língua de partida, o tradutor deve mantê-lo na língua de chegada e não buscar um equivalente a fim de que o leitor tome ciência de que na cultura da língua de partida existe determinado modo de falar, por exemplo, e não uma sua espécie de adaptação



no idioma para o qual foi traduzido querendo dizer algo. A consciência do estrangeiro é de grande relevância para os estudos da tradução: o estudioso afirma que é importante que se sinta o estrangeiro habitando no texto traduzido. A respeito da importância da existência do estrangeiro em uma tradução, Berman cita o alemão Herder, que afirma:

Não é para desaprender minha língua que aprendo outras; é para intercambiar meus hábitos de educação que viajo entre os povos estrangeiros; não é para perder a cidadania de minha pátria que me torno um estrangeiro naturalizado; se eu assim agisse, perderia mais com isso do que ganharia. Mas passeio nos jardins estrangeiros para colher neles flores para minha língua, como para a noiva na minha maneira de pensar: observo os costumes estrangeiros a fim de sacrificar os meus ao gênio de minha pátria, como tantos frutos amadurecidos sob um sol estrangeiro (2002, p. 72-3).

“Sob um sol estrangeiro” é que a reflexão da tradução da letra se pauta, buscando valorizar as potencialidades do autor do texto de partida, indo desde a língua até o estilo de se expressar, tendo, pois, como função, não o tornar acessível uma obra na língua do público que a receberá, mas proporcionar a quem recebe a tradução a sensação como se estivesse lendo um texto “estrangeiro”, isto é, vindo de outra cultura/língua. Complementa Novalis: “Só compreendemos naturalmente tudo o que é estrangeiro por meio de um tornar-se estrangeiro – uma modificação em si” (apud BERMAN, 2002, p. 192).

Tal modificação implica deixar latente o “estrangeiro”, fazê-lo presente no texto traduzido para que o leitor possa identificá-lo como sendo pertencente a outra cultura.

Ao realizar a tradução das cartas de Sassetti escolhidas como *corpus* para essa pesquisa, procurei considerar essas premissas, ou seja, construir, na língua portuguesa, o sentimento estrangeirizante da língua de Sassetti, embora eu também tenha buscado em alguns momentos negociar mais explicitamente a forma e o sentido, para usar o termo cunhado por Eco, de modo a permitir que o texto de chegada se tornasse legível e compreensível aos leitores do século XXI.

Voltando às características da escrita de Sassetti que a meu ver poderiam causar estranhamento à língua portuguesa, percebe-se em suas cartas o uso de estruturas sintáticas invertidas, bem como um vocabulário composto de palavras e expressões soltas na frase, mudança de assunto, mostrando um pensamento fragmentado. Contudo, leva-se em consideração o que Humboldt disserta acerca do

que vem a ser “estrangeiro” e a sensação de estranho em uma tradução, é importante considerar que:

Se a tradução deve trazer para a língua e o espírito da nação o que não possuem diferentemente, a primeira exigência é a da fidelidade. Essa fidelidade deve estar dirigida para o verdadeiro caráter de original e não [...] para o que há de acidental nele; da mesma forma, de um modo geral, toda boa tradução deve nascer de um amor simples e sem pretensão pelo original [...] A esse ponto de vista está necessariamente ligado o fato de que a tradução carrega em si um certo colorido de estranheza, mas os limites a partir dos quais isso se torna um erro [...] são aqui muito fáceis de traçar. Por mais que se tenha sentido o estrangeiro, mas não a estranheza, a tradução terá atingido seus objetivos supremos; mas no lugar em que aparece a estranheza como tal, obscurecendo talvez o estrangeiro, o tradutor denuncia que não está à altura de seu original. (apud BERMAN, 2002, p. 276)

Desse modo, sentir o “estrangeiro” sem causar estranhamento seria o ponto ideal de uma tradução. Causar o estranhamento na leitura de uma obra traduzida não representa o estrangeiro, pois é necessário que o público da língua de chegada compreenda o que está escrito, mesmo sabendo tratar-se de um texto escrito em outro período de tempo, por um autor oriundo de outra cultura, etc.

A tradução de textos distantes no tempo e no espaço, tal como o são as cartas de Sasseti, representa um grande desafio tradutório e, em muitos momentos, a escolha pela domesticação ou estrangeirização do texto de chegada gera um conflito na escolha do tradutor, assim como a oposição arcaizar/modernizar. No item 4.1 teço comentários sobre as escolhas da tradução aqui apresentada no que diz respeito aos marcadores temporais, e poderei mostrar com mais propriedade as implicações dessa característica do trabalho e escolhas de tradução.

Eco (2014) também apresenta uma reflexão sobre o assunto a partir do pensamento do chamado pai do sistema educacional alemão, o diplomata e linguista Wilhelm von Humboldt (1767-1835), o qual traz as expressões “estranheza” e “o estranho” ao afirmar que enquanto a primeira mostra uma escolha do tradutor que parece incompreensível, o segundo diz respeito a uma escolha do tradutor que provoca a impressão no leitor de estar em contato com o texto pela primeira vez. Diante disso, Eco complementa:

Uma tradução não pode e não deve ser um comentário ... A obscuridade que às vezes se encontra nos escritos dos antigos [...] deriva da concisão e ousadia com as quais, desprezando proposições coordenadas, são alinhados os pensamentos, as imagens, os sentimentos, as lembranças, os pressentimentos assim como brotam da profunda emoção da alma. E se penetramos na atmosfera do poeta, de sua época e dos personagens

representados, pouco a pouco desaparece a obscuridade e surge em seu lugar uma alta clareza. (2014, p. 203).

E é esse o estrangeiro sobre o qual fala Berman, estrangeiro esse que todo tradutor que tenha esse propósito no horizonte deveria buscar em suas escolhas tradutórias a fim de realmente apresentar ao leitor do texto de chegada uma tradução que se mostre como tal, mas, ao mesmo tempo, busque se manter próximo ao texto de partida, observando a negociação entre as línguas e / ou culturas envolvidas.

Sendo assim, a intenção da tradução das cartas de Filippo Sassetti, correspondências escritas entre os anos de 1578 e 1581, é o de apresentar o “estranho” ao leitor de língua portuguesa, mostrando um autor pouco conhecido, mas que teve sua importância em seu tempo e ainda hoje pode se revelar importante para conhecer aspectos da história das grandes navegações e mesmo do Brasil colonial. Salienta-se que o texto de Filippo Sassetti não chegou ainda à cultura nacional brasileira por certamente não ter sido considerado um cânone literário, ou simplesmente por ter sido considerado periférico, talvez por sua prosa epistolar, talvez porque não fora escolha editorial ao longo dos últimos séculos, ou mesmo por ter ficado à margem da história mesmo na Itália. Várias são as probabilidades em que os escritos sassettianos podem se enquadrar, e como traz Venuti,

A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones peculiarmente domésticos para literaturas estrangeiras, cânones que se amoldam a valores estéticos domésticos, revelando assim exclusões e admissões, centros e periferias que se distanciam daqueles existentes na língua estrangeira (2019, p. 138).

O autor ainda acrescenta: “Os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas” (2019, p. 138). Mais uma vez, é a importância da tradução fazendo-se presente, sendo uma das grandes contribuidoras para a construção de novos cânones, tornando as literaturas universais. Eco é um dos defensores da tradução como crítica, uma vez que ele mesmo defende a ideia de que “uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão da obra traduzida” (2014, p. 291). Portanto, a tradução dos textos de Sassetti poderão levar a novos estudos a partir da entrada em outros países por meio do trabalho de tradução. Daí a importância de se trazer para a cultura brasileira um autor do século XVI, período em que a identidade brasileira estava se

moldando a partir das influências estrangeiras mesclando-se com o povo local que aqui habitava.

Partindo de tais premissas, escolhi para análise neste capítulo os seguintes tópicos, que foram sendo observados e selecionados ao longo do estudo e releitura das cartas justamente por se mostrarem bastante evidentes durante a leitura:

- **marcadores temporais**: incluindo-se as formas de tratamento utilizadas na época (com especial atenção aos pronomes de tratamento), abertura e encerramento das correspondências, uso de abreviações, maiúsculas iniciais e ortografia empregadas, além das partes tradicionais de uma carta;

- **questões de léxico**: utilização de nomes próprios, neologismos e estrangeirismos. Nesse item também são observados topônimos (nomes de lugares), uso de palavras e ou expressões típicas da navegação, além de palavras e expressões com referências externas;

- **aspectos estilístico-sintáticos**: parágrafos, estrutura das frases e características de estilo das correspondências;

- **paratextos**: entendidos aqui como sendo os elementos de acompanhamento do texto, como informações sobre o autor, notas da edição, glossário, bibliografia, prefácios, posfácios, notícias de apresentação, citações, referências existentes, etc.

Após a análise inicial dos desafios encontrados ao longo do projeto tradutório, desenvolvo a seguir os comentários das escolhas empreendidas para a tradução para o português das cartas escritas em dialeto toscano de Filippo Sassetti no século XVI.

#### 4.1 MARCADORES TEMPORAIS

O tempo é algo a ser bastante pensado quando se trata de tradução, visto que quanto mais distante um texto de partida vai se tornando, mais distante da realidade atual ele vai ficando. Para o tradutor, *modernizar* ou *arcaizar* uma tradução se torna uma escolha: para o leitor de Sassetti ou se buscará fazer com que este leitor viaje até o século XVI em meio às navegações ou será produzido um texto de chegada que realmente “chegue” até o leitor de hoje (ECO, 2014). Outra possibilidade, a meu

ver, seria buscar um ponto no meio do caminho, ou um *albergue no meio do longínquo*, parafraseando Berman; um lugar que não está nem na língua/cultura de partida, nem na língua/cultura de chegada.

Um dos pontos que pode ser analisado como fator de marcação temporal seriam as notas ao pé da página - ou notas de rodapé -, pois como declara Lyra:

A leitura do tradutor, bem como a do leitor, tem como referencial o momento em que é feita. Ocorre que o tradutor, ao contrário daquele que é tão somente leitor, ao acrescentar a nota ao pé da página, está “datando” este momento. Assim é que a nota, além de denunciar a passagem de um terceiro, pode vir a “envelhecer”, no sentido de desatualizar, o texto por onde ele passou. (1998, p. 79)

Dessa forma, ao mesmo tempo em que as notas contribuem para a compreensão de um texto, podem se tornar elemento que marca o texto em determinado momento da história, corroborando com o “envelhecimento” do escrito. Farei uma análise das notas de rodapé no item 4.4, destacando que o texto de partida possui notas de explicativas elaboradas por Ettore Marcucci, organizador da obra.

Andrade declara que traduzir um texto antigo “requer do tradutor o estabelecimento de estratégias para lidar com a transposição do tempo entre original e tradução, de modo que o texto produzido tenha o sabor de uma época sem vestir-se forçadamente de antigo” (2015, p. 348). Desta forma, alguns elementos são marcas temporais bastante expressivas num texto traduzido, como muitas das formas de tratamento, deixando evidente a relação entre os sujeitos das histórias, e algumas formas escritas de palavras e expressões, além de emprego de certos vocábulos em determinados contextos, itens a serem descritos nos tópicos a seguir.

#### **4.1.1 Formas de tratamento**

Nas cartas traduzidas, as formas de tratamento não foram tão diversificadas. Contudo, houve a necessidade de escolha entre pronomes de tratamento, visto que o autor escreve a seus destinatários utilizando-se da 2ª pessoa do plural (vós) ou “voi” em italiano. Desta forma, após reflexões e mais leituras acerca dos alocutivos de cortesia em língua italiana, optei por alterar o uso de “Vós” para “o senhor” ou todas as vezes em que aparecia o pronome oblíquo “vi” a tradução ficou em “lhe”, passando para a 3ª pessoa do singular. Isso ocorreu porque “Voi” também pode ser considerado um termo neutro, com respeito, mas, ao mesmo tempo, com

intimidade para com o interlocutor (GARZANTI ITALIANO, 2015). Serianni acrescenta sobre o assunto:

Por alguns séculos – digamos do Cinquecento ao Novecento – a nossa língua [italiana] dispunha, então, de um sistema tripartite: *tu/voi/lei*. Poderíamos afirmar, esquematizando um pouco, que o italiano literário dos séculos passados se encaminhava para compartilhar a mesma situação do inglês atual: o pronome *allocutivo* [de tratamento] não marcado era *voi* (como *you*), *lei* e *tu* eram empregados respectivamente como variante altamente formal e altamente informal, mas *tu* podia representar um pronome de tratamento sem conotação social, ou seja, usado em referência a Deus ou a uma entidade abstrata personificada (como o inglês *Thou*)<sup>159</sup>. (2000, p. 7)

Além disso, é importante frisar que o pronome “você”, no Brasil, é de cunho íntimo-pessoal, podendo ser intercambiado com o pronome “tu”. Dependendo da região, “você” é a forma de tratamento entre amigos, assim como “tu”, mais utilizada no Sul do Brasil. Desta forma, ao refletir um pouco mais sobre os pronomes utilizados nas cartas de Sasseti e a função do “voi/vi” contida nelas, resolvi fazer uso da expressão “o senhor”, caso aparecesse o pronome sujeito “voi”, a fim de enfatizar mais a forma de cortesia, o respeito que o “voi” carrega em detrimento do excesso de informalidade que o “tu” ou o “você” poderiam denotar. “Vós” foi descartado porque soaria estranho demais aos ouvidos do leitor brasileiro, indicando excesso de formalidade, o que não parece ter sido a intenção do autor, e, portanto, nem deveria ser, segundo o entendimento aqui apresentado, a intenção da tradução. (GÖRSKI; COELHO, 2009)

Andrade contribui com o tema de não utilizar o pronome “vós” na tradução para o português:

tanto os gramáticos quanto as editoras consideram o pronome ‘vós’ em pleno desuso na língua portuguesa do Brasil, e investigações me levaram a saber que o pronome de tratamento ‘vós’ fora pouco usado no Brasil inclusive nos séculos passados, quando aqui se usava sobretudo ‘vosmecê’ (que ao longo dos anos teria adquirido a forma ‘você’). De modo que certa familiaridade que temos com este uso pronominal hoje em dia se deve muito mais à persistência do ensino da conjugação da segunda pessoa do plural na pessoa do ‘vós’, seguindo a norma culta, e eu arriscaria dizer, às traduções teatrais, poéticas e sobretudo bíblicas, nas quais o fiel se dirige sempre à figura de

<sup>159</sup> “Per alcuni secoli - diciamo dal Cinquecento al pieno Novecento - la nostra lingua disponeva dunque di un sistema tripartito: *tu/voi/lei*. Potremmo affermare, schematizzando un po', che l'italiano letterario dei secoli scorsi era avviato a condividere la situazione dell'inglese attuale: il pronome allocutivo non marcato era *voi* (come *you*), *lei* e *tu* si adoperavano rispettivamente come variante altamente formale e altamente informale, ma *tu* poteva rappresentare un allocutivo non connotato socialmente, e quindi usato in riferimento a Dio o a un ente astratto personificato (come l'ingl. *Thou*) [...]” Disponível em: <<https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/gli-allocutivi-di-cortesia/142>>. Acesso em: nov. 2022.

“Deus”, ou do “Pai”, com respeito e adoração por algo superior designado pelo pronome ‘vós’. (2005, p. 355)

Esse pensamento corrobora com a minha escolha de não utilizar o pronome de 2ª pessoa do plural na tradução das cartas sassettianas, pensando, como já destacado, na legibilidade dos textos. De todo modo, é importante ressaltar que, mesmo um leitor italiano necessitaria de um glossário para compreender totalmente as cartas deixadas pelo mercador-escritor visto existirem dezenas, ou centenas de palavras e expressões oriundas de áreas diversas, como a náutica, ou mesmo relacionadas a outras obras literárias, o que necessitaria de notas explicativas, como o fez Marcucci na edição aqui utilizada como texto de partida, além de Dei, na sua edição de 1995.

Portanto, se no texto em italiano, voltado para um público leitor em língua italiana, a existência de notas e glossário seriam úteis para a melhor compreensão da obra, a tradução também pode e deve ter o direito de conter notas (como traz o item 4.4 sobre paratextos) e adaptação de palavras ou sentenças conforme o pensado público leitor da obra.

É possível perceber a relação do epistológrafo com o destinatário pelo uso de pronomes de tratamento ao longo das cartas. No quadro a seguir, apresento o uso de pronomes de tratamento nos idiomas português, italiano, francês e inglês moderno a fim de comparação com os idiomas envolvidos na tradução aqui proposta, o italiano e o português, seguido dos comentários relacionados ao uso de pronomes nas cartas de Sasseti. Segundo Brown e Gilman (1972), esses idiomas são os que possuem mais dados para este tipo de análise.

### Quadro 1 - Pronomes de tratamento de 2ª pessoa

Idioma	2ª pessoa singular (familiar)	2ª pessoa singular (cortesia)	2ª pessoa plural (familiar)	2ª pessoa plural (cortesia)
Inglês Moderno	You	You	You	You
Francês	Tu	Vous Il/elle	Vous	Vous Ils/elles
Italiano	Tu	Lei ou lei Voi (fora de uso) Ella (arcaico)	Voi	Voi Loro ou loro (raro)
Português (Norte, Sudoeste e Centro-oeste no Brasil)	Você, às vezes tu	Você (menos formal) O senhor/a senhora; seu (de	Vocês	<i>os senhores/as senhoras; Vossas Excelências</i>

		sr.) ou dona, a madame; Vossa Excelência (oblíquo: o/a, lhe, se, si) Vós/O Senhor/ A Senhora)		
Português (Sudeste e Nordeste no Brasil, alguns socioletos em São Paulo, coloquial ao carioca (Rio de Janeiro) e Uruguai	<i>tu</i> (porém, quase sempre conjugava-se na 3ª pessoa do singular como “você”), às vezes <i>você</i>	<i>você</i> (menos formal) <i>o senhor, a senhora</i> (mais formal)	Vocês	Os senhores/as senhoras

Fonte: BROWN; GILMAN, 1972 (adapt.)

A reforçar a intenção da tradução aqui empreendida, o quadro contribui para manter a expressão “o senhor”, pois o que Sasseti pareceu expressar foi respeito e informalidade ao mesmo tempo. O pronome “vós”, pronome praticamente em desuso no Brasil, como já dito, soaria muito estranho e muito formal, já a opção pelo termo “o senhor” pareceu ser a opção mais adequada para esta tradução.

A não formalidade excessiva encontrada nas cartas nos traz um ponto curioso sobre os escritores de cartas ao longo dos tempos. Mesmo não sendo o foco aqui, destaco que existia um grande descontentamento por parte de muitos escritores-epistológrafos de séculos passados ao fazerem uso da pena para escrever cartas, como declarou o romancista francês Gustave Flaubert em uma missiva endereçada à sua sobrinha Caroline, em 16 de janeiro de 1879: “E a respeito de cartas, estou tão cheio de escrever cartas! Tenho vontade de publicar nos jornais que nunca mais responderei a nenhuma: quatro hoje! Seis ontem! Meu tempo é comido por esses rascunhos imbecis” (DIAZ, 2016, p. 229).

Esse pensamento era comum a outros escritores, pois, segundo eles alegavam, escrever cartas era algo menor que não lhes exigia grande pensar. A isso Diaz (2016) deu o nome de “repulsa dérmica”, sentimento nutrido por escritores no que diz respeito ao ato de escrever missivas, sentimento que se modificou muito ao longo dos séculos, especialmente a partir do século XIX. Essa repulsa era devido à não obrigatoriedade de formalismos, mas sim, uso de convencionalismo e linguagem aproximativa, como se percebe pelo conteúdo das missivas de Sasseti: ele usa traços de formalidade na abertura das cartas, principalmente, e, ao longo dos textos, discorre



como se estivesse a conversar com um próximo. Vejamos um trecho retirado da carta LXVI endereçada a Baccio Valori:

Illustre e Excelentíssimo Senhor

No passado ordinário implorei ao nosso senhor Francesco que se desculpasse por mim a **Vossa Senhoria** por não ter feito **você** entender meu retorno a este reino, depois de ter estado 5 meses a rodar este oceano com mais aborrecimento do que satisfação, seja pelo exercício em si de navegar, seja por ter estado metade do tempo certo de não conseguir atingir o meu objetivo para aquela viagem: que, para além do prejuízo, me deu tanto desgosto que não o pude expressar a **Vossa Senhoria**.

[...]

Entre o dinheiro que levava comigo estavam 15 escudos dos mencionados, os quais estão aqui, e hei de gastá-los em algo que agrade a **Vossa Senhoria**; e se eu encontrar um pedaço da boa madeira de aloés, que me parece algo precioso, enviar-lhe-ei; caso contrário, pegarei qualquer outra coisa, assim como oportunamente escreverei. <sup>160</sup> [negritos meus] (1855, p. 212-5)

Ao se dirigir diretamente ao destinatário, Sasseti lança mão do pronome de tratamento (Vossa Senhoria) ao longo da correspondência. Contudo, em virtude da riqueza descritiva, a formalidade fica relegada a segundo plano. No caso da mesóclise mostrada acima no excerto (enviar-lhe-ei) para traduzir “gliene manderò”, optei por manter uma mesóclise para a construção usada em italiano: “gli” (pronome na função de objeto indireto) + “ne” (partitivo) + “manderò” (verbo no futuro). Em português, a mesóclise só pode ser construída com verbos no tempo futuro e início de frase. Nesse caso específico, escolhi fazer uso do recurso mesoclítico como forma de manter uma forma curta, evitando uma das tendências deformadoras da tradução, como aponta Berman (2012), que seria a do alongamento das sentenças. Em italiano é comum o uso de pronomes mesmo em conversas informais, mas em português, a depender de contexto, o uso pronominal soaria como algo muito estranho, com excesso de formalidade, assim como o uso de “vós”.

Nos casos em que optei pela mesóclise, foi tentando mesclar com as demais formas mais coloquiais do texto de partida, com certa coloquialidade comum

---

<sup>160</sup> “Illustre ed eccell. sig.<sup>re</sup> / L’ordinario passato pregai messer Francesco nostro a fare scusa per me con V. S. del non averle fatto intendere la mia tornata a dietro in questo regno, dopo essere stato 5 mesi a girone per questo oceano con più fastidio che soddisfazione, sì per l’esercizio in se del navigare, e sì per essere stato la metà del tempo certo di non potere per quel viaggio conseguire il mio fine: cosa che mi ha dato, oltre al danno, tanto dispiacere, che io non potrei sprimerlo a V. S. [...] Tra i danari che io portava meco erano 15 scudi de’ sopraddetti, i quali sono qui, e vedrò di spendergli in qualcosa di gusto per V. S.; e se io troverò un pezzo del legno aloè buono, che mi pare una cosa preziosa, gliene manderò; se no, piglierò qualche altra cosa, come a suo tempo le scriverò.”

do gênero carta, mas em paralelo aos pronomes de tratamento utilizados pelo florentino.

Outros casos de uso de mesóclise foram nas cartas LXVI, LII e XCV, que transcrevo a seguir, com os textos trazidos em português e em italiano a fim de facilitar a análise:

LXVI

Quanto às outras questões, que em bom castelhano **dir-se-ia** *en lo demás*, nós estamos com um pouco de uma pestezinha penosa, que parece mesmo que cada pelo lhe custa um pão.

Quanto all'altre cose, che in buono castigliano **si direbbe** *en lo demas*, noi ci stiamo con un poco di pesterella stentata sì, che pare proprio che ogni pelo gli chiegga un pane. (SASSETTI, 1855, p. 140)

LII

[...] não seria uma grande coisa se pudesse ter um pouco mais de 100 florins o cântaro das mesmas libras, cujo preço **poder-se-ia** empregar dentro de alguns milhares de ducados para mantê-los;

[...] non sarebbe gran fatto che si potessero avere a poco più di 100 fiorini il cantaro delle medesime libbre, al quale pregio **si vi potrebbe** impiegare dentro qualche migliaio di ducati per serbarli; [...]. (SASSETTI, 1855, p. 159)

XCV

**Dir-lhe-ei**, antes, que estou muito contente em compreender a partir de seu escrito que o senhor se encantou pela cosmografia.

**Dirovvi** prima, che ho molto contento di comprendere dal vostro scrivere che voi vi siate dato alla cosmografia. (SASSETTI, 1855, p. 308)

No caso das cartas LXVI e LII temos verbos no futuro do pretérito com o “se” indicativo de condição. A mesóclise foi escolhida como forma de conferir ao texto da tradução certa formalidade em meio à descrição utilizada pelo autor, pois ele mostra certo domínio de outros idiomas e faz questão de mostrar isso nas cartas por meio de palavras e expressões em outras línguas. Logo, é uma pessoa que possui grande domínio da língua materna a ponto de se utilizar de outros recursos de escrita.

Na carta XCV, por ser início de sentença e evitando o uso de pronome sujeito (eu), que também é ausente em italiano, optei por seguir a gramática normativa e lançar mão da mesóclise também.

Saindo da análise a respeito da colocação pronominal mesoclítica, ao observar a carta L, destinada a Francesco Valori, vemos que, logo após iniciar a correspondência com a saudação, Sasseti já parte para o conteúdo, como se pode ler a seguir:

Meu Muito Magnífico

Estimadíssimo Senhor.

Esperava suas cartas de 30 de novembro em resposta à minha de 30 de outubro, escrita de Madri sobre o meu passeio até as costas na Índia, e não a recebi, pois talvez **você** tenha ido para alguma vila ou talvez a carta tenha parado em Sevilha, ou talvez mal chegado, ou talvez não tenha me respondido. Eu tenho muito pouco a **lhe** acrescentar, e muito mais eu não penso que a resposta disso seja encontrar-me acabado, podendo, desde primeiro de março em diante, se os navios estiverem em ordem, partir qualquer dia.<sup>161</sup> [negritos meus] (1855, p. 153)

Mais uma vez, assim como nos demais textos traduzidos, a presença do pronome de 3ª pessoa para tratar com o interlocutor se manteve.

Dando sequência à análise dos pronomes empregados na tradução, outro caso que surgiu nas correspondências de Sassetti foi o uso da forma de tratamento arcaica “Messer”. Segundo o dicionário *Garzanti Italiano* (2015), “*messere*” era um título de honra para dirigir-se a juízes e a juristas. Na atualidade, faz parte da gíria popular. Em português seria algo como “Meu senhor”. A *Enciclopedia* traz que realmente era uma forma utilizada no período medieval, mas na atualidade encontra-se em desuso. Era comum ser empregado “messer si” ou “messer no”, “sim, meu senhor” ou “não, meu senhor”, respectivamente. (TRECCANI, 2019) Deste modo, adota-se para a tradução de “messer” a forma “meu senhor”, buscando apresentar ao leitor de Sassetti da atualidade o modo de tratamento nas correspondências do período bem como o intercâmbio de pronomes que caracterizam as cartas. Também, ao se utilizar “meu senhor”, nesse caso, diferenciar-se-ia de “voi”, em português “lhe”. O quadro abaixo resume a ideia do projeto tradutório:

## Quadro 2 – Estratégia de tradução dos pronomes pessoais e formas de tratamento

<u>Italiano</u>	<u>Português (tradução)</u>
voi	o senhor
tu	você

<sup>161</sup> “A Francesco Valori, in Firenze.

Molto magnifico sig. mio osservandissimo.

Aspettavo vostre lettere de' 30 di novembre in risposta della mia de' 30 d'ottobre, scrittavi di Madrid a proposito della gita mia sino costi in India, e non ho ricevutone, ché forse sarete andato fuori in qualche villa, o forse la lettera sarà andata a Sevilla, o forse mal capitata, o forse non mi arete risposto. Io ho che soggiugnervi molto poco, e tanto più quanto io non penso che la risposta di questa sia per ritrovarmi all'asciutto, potendo dal primo di marzo in là, se le navi saranno in ordine, partire ogni giorno.”

vi	lhe
ti	lhe/a você (dependendo da posição na sentença)
Messer	Meu senhor

Fonte: Da Autora

Ao longo do processo de reflexão sobre a tradução, e para melhor compreender o texto, fiz uso de um quadro que resume a ideia de tratamento e as relações interpessoais a partir do uso de *Tu* e *Vos* do latim, língua que deu origem ao italiano. Faziam uso de *Tu* aqueles que tinham grau de superioridade seja por título ou idade para com o seu interlocutor, enquanto *Vos* saía do interlocutor menos nobre e/ou em forma de respeito para com o outro. Segue o quadro:

### Quadro 3 - Uso dos pronomes *Tu* e *Vos* do latim

Cliente	Oficial	Empregado	Genitor	Mestre	Irmão mais velho
T↓V ↑V	T↓V ↑V	T↓V ↑V	T↓ T↑V	T↓ T↑V	T↓ T↑V
Garçom	Soldado	Empregador	Criança	Servo fiel	Irmão mais novo

Fonte: BROWN; GILMAN, 1960, p. 260 (adapt.)

O quadro aqui transcrito colaborou para manter o posicionamento neste projeto tradutório em fazer uso de “o senhor” e “lhe” a fim de marcar a relação de poder entre os interlocutores, pois Sasseti escrevia as cartas seguindo uma hierarquia, para os seus mandatários em Florença, principalmente. Portanto, a relação de respeito teve de ser marcada na tradução e foi a opção escolhida para chegar ao leitor brasileiro do texto de Filippo Sasseti.

Ainda sobre os pronomes empregados pelo mercador, só que ao longo dos textos, cabe aqui citar que na carta XCV (com traços de menor formalidade) há um trecho em que o autor faz uso da 2ª pessoa do singular (tu/ti) ao escrever a seu interlocutor/leitor, conforme o trecho abaixo:

#### Quadro 4 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti I

<p>Chè quanto a quel nostro Vespucci, bisogna che si stia con quello che gli cape. Buono sarebbe che l'amorevolezze l'aiutassero; ma di Lisbona aspettare aiuto? <b>ti</b> so dire che <b>tu</b> infornerai domane. Non fu mai la più sciagurata gente per serbare loro memorie proprie: pensate quello che faranno, delle straniere.</p>	<p>E quanto àquele nosso Vespúcio, precisa que fique com aquilo que lhe cabe. Bom seria que as amabilidades o ajudassem; mas de Lisboa esperar ajuda? Eu sei dizer <b>a você</b> que <b>você</b> engolirá perguntas. Nunca foi o povo mais desafortunado para conservar as suas próprias memórias: pense aquilo que farão, das estrangeiras.</p>
---	--

Fonte: A Autora

O autor está escrevendo em 2ª pessoa do plural (o que foi traduzido como 3ª pessoa do singular no português), mas no meio da carta escreve “tu” e “ti”. Nesse caso, como o próprio Sasseti mostrou intenção de familiaridade com o interlocutor/leitor, optei por traduzir para “você” e “a você”, respectivamente, visto o pronome de 2ª pessoa “tu”, para o leitor brasileiro, ser restrito a algumas regiões, em especial o sul do Brasil. Desse modo, preferi fazer uso dos pronomes “você/a você/lhe” sempre que surgirem, nas cartas, as formas de 2ª pessoa do singular.

O mesmo ocorre na Carta XLVI, mesmo apresentando tom mais formal: há alguns trechos em que Sasseti mostra-se mais íntimo do interlocutor/leitor, fazendo uso dos pronomes “tu/ti”, ou seja, fazendo uso de um pronome de 2ª pessoa, como apresentado abaixo:

#### Quadro 5 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti II

<p>Fummi detto da principio da uno amico nostro che mi scrisse di Pisa — manderottela, e se ella non ti piace, si potrà dire che tu abbia perduto il gusto delle cose buone</p>	<p>Foi-me dito desde o princípio por um amigo nosso que me escreveu de Pisa – a mandarei a você, e se você não gostar dela, poder-se-á dizer que tu tenhas perdido o gosto pelas coisas boas;</p>
---	---

Fonte: A Autora

Assim como ocorreu na carta XCV, na carta XLVI, com traços de maior formalidade, também aconteceu a mesma situação. E por que razão faria Sasseti uso dos pronomes pessoais dessa forma? Talvez para marcar algum assunto tratado nos

trechos em que passa para a 2ª pessoa do singular de cunho mais íntimo, mais amigável, visto que na sequência ele segue a missiva no mesmo tom de formalidade com que escrevia.

A Carta LIV, do mesmo modo, apresenta em vários momentos o tratamento de mais cordialidade com o destinatário da missiva, Francesco Valori, exatamente para quem Sasseti mais escreveu em suas cartas.

### Quadro 6 - Uso de pronomes pessoais nas cartas de Sasseti III

<p>Quanto a' fatti miei, <b>ve</b> ne discorsi por una mia letteraccia, credo de' 27 di giugno, pure troppo: poi che, come disse il lupo al breviario, elle sono tutte parole. Quella mia scaffaccia si è anziché no sollevata tre quattrini, e 'n cambio di quel motto die io vi scrissi, poi che egli è venuto in considerazione <b>a lei</b> quest'altro,— che diavolo sarà;</p>	<p>Quanto aos meus assuntos, já <b>lhe</b> contei numa das minhas correspondências, acredito que de 27 de junho, muito mesmo: e depois, como disse o lobo ao breviário, elas são todas palavras. Aquela minha embarcação levantou uns trocados, e no lugar daquele lema eu escrevi, pois ele veio em consideração <b>ao senhor</b> este outro, — que diabo será;</p>
---	--

Fonte: A Autora

O uso de “lei” (o que seria “Lei”, mas considerando a falta de padrão nos escritos) reforça a ideia de que o mercador realmente se dirigia ao destinatário da missiva com respeito, não tratando com o pronome “tu”, o que indicaria realmente um grau maior de proximidade entre remetente e destinatário. Na tradução, segui o padrão apresentado no Quadro 2.

No que diz respeito aos pronomes de tratamento, os quais não foram vastos, as escolhas do projeto de tradução foram as seguintes:

- V.S.: Vossa Senhoria
- V.M.: Vossa Mercê.

Optei por não utilizar nenhuma forma abreviada desses pronomes com o intuito de não deixar pontos de dúvida. No caso de V.M. o leitor poderia, facilmente, confundir-se com “Vossa Majestade”, por se tratar de texto antigo, fazendo confusão no momento da leitura. Daí, a opção por escrever tudo por extenso, sem abreviações nos pronomes de tratamento.

O cuidado maior com esses termos aconteceu na abertura das cartas, ficando a narrativa das cartas com uso de pronomes de pessoas variando entre segunda e terceira pessoas, como aqui já mencionado.

#### 4.1.2 Abertura e encerramento das cartas

Nas cartas aqui traduzidas, verificam-se algumas diferenças estruturais. Como já trazido em itens anteriores nesta tese, ao longo dos tempos foram publicados e divulgados manuais sobre como escrever dependendo do assunto e para quem fosse destinada a correspondência. No caso de Sassetti, tem-se, conforme apresentado anteriormente, grupos específicos para quem ele escrevia, uma vez que se percebe a repetição de destinatários nas edições de suas correspondências.

Como já destacamos, não se pode afirmar que Sassetti seguia algum manual de escrita epistolar ou não, mas, independentemente disso, existia uma certa padronização de suas missivas, seguindo a clássica estrutura com a *salutatio* (a abertura, a saudação), seguida da *captatio benevolentiae*, da *narratio*, a *petitio* e a *conclusio*, como apontado por Garfield (2016).

Os quadros 7 e 8 trazem, respectivamente, a abertura e o encerramento das cartas sassettianas e, analisadas, podemos dizer que todas seguem um padrão de abertura, como o uso de “Meu Muito Magnífico”, sempre exaltando o destinatário com um pronome de tratamento — o que poderia se enquadrar como a *captatio benevolentiae* —, e encerrando com alguma prece a Deus ou pedindo alguma espécie de bênção seguido de local e data (*conclusio*). O que talvez fuja à regra seja a ordem da narrativa e o motivo da escrita: Sassetti geralmente escreve logo após a saudação o assunto pelo qual está escrevendo, tal como se vê no início da carta XCV:

Com os dois primeiros navios que partiram l'he escrevi somente uma carta por correio; esta será na pressa e fúria, já que não poderei ter a satisfação de responder a sua grande carta. Dir-l'he-ei, antes, que estou muito contente em compreender a partir de seu escrito que o senhor se encantou pela cosmografia.<sup>162</sup> (1855, p. 308)

---

<sup>162</sup> “Con le due prime navi che partirono vi scrissi una lettera sola per la posta; questa sarà a cavallo a *logaggio*, sicché non mi potrò soddisfare rispondendo alla letterona vostra. Dirovvi prima, che ho molto contento di comprendere dal vostro scrivere che voi vi siate dato alla cosmografia.”

Dentre as cartas traduzidas, tomemos como exemplo a carta LIV, destinada a Francesco Valori, um dos correspondentes frequentes de Sassetti. Nesta missiva, o mercador faz a saudação inicial e, logo após, já inicia a falar de assuntos os mais variados:

Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor Francesco

Não posso me alongar muito na resposta à sua caríssima do dia 12 passado porque desagradavelmente me falta tempo. Não se ouve por estes mares falar do nosso senhor Giovanni, pelo que começo a ficar espantado e sentir muito, sabendo como são feios os mares daqui. Que Deus, por sua bondade, lhe ponha a Sua santa ajuda. E quanto às comissões, que é o que importa, com o tempo veremos aquilo que se poderá fazer; e por necessidade é que eu ou o Orazio Neretti nos encontramos a fornecer as suas ordens porque ele é bom de cabeça ao discorrer assim universalmente, abrindo caminho [...].<sup>163</sup> (1855, p. 169)

Sem delongas ou linguagem rebuscada, Sassetti logo começa a escrever quais assuntos serão o tema da correspondência, não sendo identificado um padrão em seus escritos. Exemplo disso é a missiva LII, na qual ele, após a saudação de abertura, fala sobre um episódio de troca de presentes com o interlocutor das cartas, naquele caso, Francesco Valori. Em tom irônico, ele agradece o queijo enviado e escreve:

Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor

Desta forma, sim, pareceremos mercadores obedientes, continuando com cartas normalmente, e ainda mais acompanhando-as com certas gentilezas de vez em quando, como eu fiz com aquelas luvas, e você agora com aquele pedaço de queijo; o qual, ao chegar, terei que ver se há alguém que queira dar um trato comigo, porque, quanto a eu o comer, não sou muito de fazer como você, mas me é conveniente dar um jeito nesta comida pelo medo de não dar matéria ao corpo para construir uma casa.<sup>164</sup> (1855, p. 158)

---

<sup>163</sup> “A Francesco Valori, in Firenze.

Molto mag.<sup>co</sup> sig. Francesco mio oss.<sup>mo</sup>

Non posso essere molto lungo in risposta della cara vostra de' 12 del passato, perchè come a' dappochi mi manca il tempo. Messer Giovanni nostro non si fa sentire in questi mari, di che comincio a restare meravigliato e pigliarmene dispiacere, sapendo quanto siano brutti questi mari di qua. Dio per sua bontà li porga il suo santo aiuto. E quanto alle commissioni, che lieva, al tempo vedremo quello che si potrà fare; e di necessità è che io o Orazio Neretti ci troviamo al fornire i suoi ordini, perchè egli è buona testa nel discorrere così universalmente, facendoseli anche la strada avanti [...].”

<sup>164</sup> “Molto magn. signor mio oss.mo

A questo modo sì, che noi parremo mercatanti da dovero, continuando con lettere ordinariamente, e tanto più accompagnandole con certe gentilezze di quando in quando, come feci io di que' quanti, e voi adesso con quella piastrella di cacio; la quale allo arrivo suo bisognerà eh' io vegga se ci sarà nessuno che la voglia girare meco, perchè, quanto al mangiarmela, io non pure non sono fatto come voi, ma mi è convenuto dare bando a questo cibo per la paura di non fare materia in corpo da murare una casa.”



Sem uso de rebuscamentos ou expressões com grande formalidade, a carta se inicia com um tom de brincadeira como uma conversa entre amigos, como corrobora Dei (1995) ao afirmar que as cartas sassettianas possuem um tom familiar típico desse gênero literário do século XVI.

Geralmente, nas primeiras linhas, Sasseti faz uma ligação com algum ponto já escrito em carta anterior e destaca sobre o que vai falar, o que fica reforçado na carta XLIV a seguir:

Creio não ter feito bastante o suficiente para não ter escrito ainda a Vossa Senhora. Cheguei a Sevilha e, para lhe escrever, esperava que chegassem os navios do novo Mundo, para que, escrevendo-lhe e contando-lhe algo das novidades que se costumam ver, eu lhe entediaria menos. Fiquei poucos dias, e me foi necessário vir aqui, onde não sei quanto tempo ficarei. Das coisas que aconteceram na viagem e dos costumes das pessoas, tratarei com Vossa Senhora, porque não se pode julgar quando se está de passagem.<sup>165</sup> (1855, p. 120)

Como se nota, Sasseti faz breve relato ao destinatário explicando-lhe que gostaria de poder contar mais novidades, mas que não dependia somente dele. Após, ele prossegue narrando os fatos e feitos da viagem.

Das doze cartas traduzidas e que citam o Brasil, sete delas foram destinadas à família Valori e duas delas a dois religiosos, pelo que se percebe pelo pronome de tratamento empregado. A fim de entendermos melhor o emprego dos pronomes na abertura das cartas, vamos conhecer os destinatários das missivas deste projeto tradutório:

- Baccio Valori: Bartolomeo Valori, conhecido por Baccio, irmão de Francesco Valori e amigo íntimo de Sasseti, teve diversos cargos públicos, tais como comissário do grão-duque de Pistoia e Pisa, além de bibliotecário da Biblioteca Medicea Laurenziana;

- Francesco Valori: colega de estudos de Sasseti em Pisa e um de seus amigos mais próximos. Ao retornar a Florença, retomou a atividade mercantil, não abandonando os interesses eruditos e literários;

---

<sup>165</sup> “Io dubito di non aver fatto troppo a sicurtà meco medesimo per non avere ancora scritto a V. S., poichè io mi partii da lei. Io giunsi a Seviglia, e per iscriverle aspettava che ne venissero dal nuovo Mondo le navi, acciocchè, scrivendole e raccontandole qualcosa delle novità che sogliono vedersi, io venissi a meno tediarla. Stettivi pochi giorni, e fummi necessario venire qui, dove io non so quanto io mi starò. Delle cose passate nel viaggio, e de’ costumi delle genti non tratterò a V. S., perchè in passando non si può giudicare.”

- Francesco Bonamici: ou Buonamici, colega de estudos em Pisa;  
 - Cardinale Ferdinando de' Medici: cardeal e irmão de Francesco de' Medici.

- Cap. Frade Piero Spina, Cavaleiro de Malta: ou Pietro Spina, conforme em algumas edições se encontra. Não foram encontradas informações mais detalhadas a seu respeito;

- Michele Saladini: florentino, amigo de Sasseti, era mercador, mas cultivava interesse por questões de ciência e geografia.

Mesmo com o tom menos formal das missivas, Sasseti via-se forçado, por educação ou respeito hierárquico, a fazer uso de formas de tratamento que mostrassem, logo na abertura das cartas, que ele se colocava como um servidor dos destinatários. Na tradução, optei por deixar as palavras inteiras, sem abreviações, como se pode ver ao analisar a abertura de todas as doze cartas aqui traduzidas no quadro a seguir.

#### Quadro 7 - Abertura das cartas

Carta	Italiano	Tradução	Destinatário
XLIV	Molto magnifico et eccellentissimo signor mio.	Meu Muito Magnífico e Excelentíssimo Senhor	Baccio Valori
XLVI	Illustre ed eccell. sig. <sup>re</sup>	Ilustre e Excelentíssimo Senhor	Francesco Bonciani
L	Molto magnifico sig. mio osservandissimo.	Meu Muito Magnífico Estimadíssimo Senhor	Francesco Valori
LII	Molto magnif. <sup>o</sup> signor mio oss. <sup>mo</sup>	Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor	Francesco Valori
LIV	Molto mag. <sup>co</sup> sig. Francesco mio oss. <sup>mo</sup>	Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor Francesco	Francesco Valori
LXIII	-	-	Francesco Bonamici
LXVI	Illustre ed eccell. sig. <sup>re</sup>	Ilustre e Excelentíssimo Senhor	Baccio Valori
LXIX	Molto magnif. sig. mio osservandiss.	Meu muito Magnífico Estimadíssimo Senhor	Francesco Valori
LXXXI	Molto magnif. <sup>o</sup> signor mio oss. <sup>mo</sup>	Meu uito Magnífico Estimadíssimo Senhor	Francesco Valori

LXXXIV	Illustr. <sup>mo</sup> rev. <sup>mo</sup> Monsig. <sup>re</sup>	Ilustríssimo e Reverendíssimo Monsenhor	Cardinale Ferdinando de' Medici
LXXXV	Illustre e rever. sig. mio osserv.	Meu Ilustre e Reverendo Estimadíssimo Senhor	Cap. Frade Piero Spina, Cavaleiro de Malta
XCV	-	-	Miguel Saladini

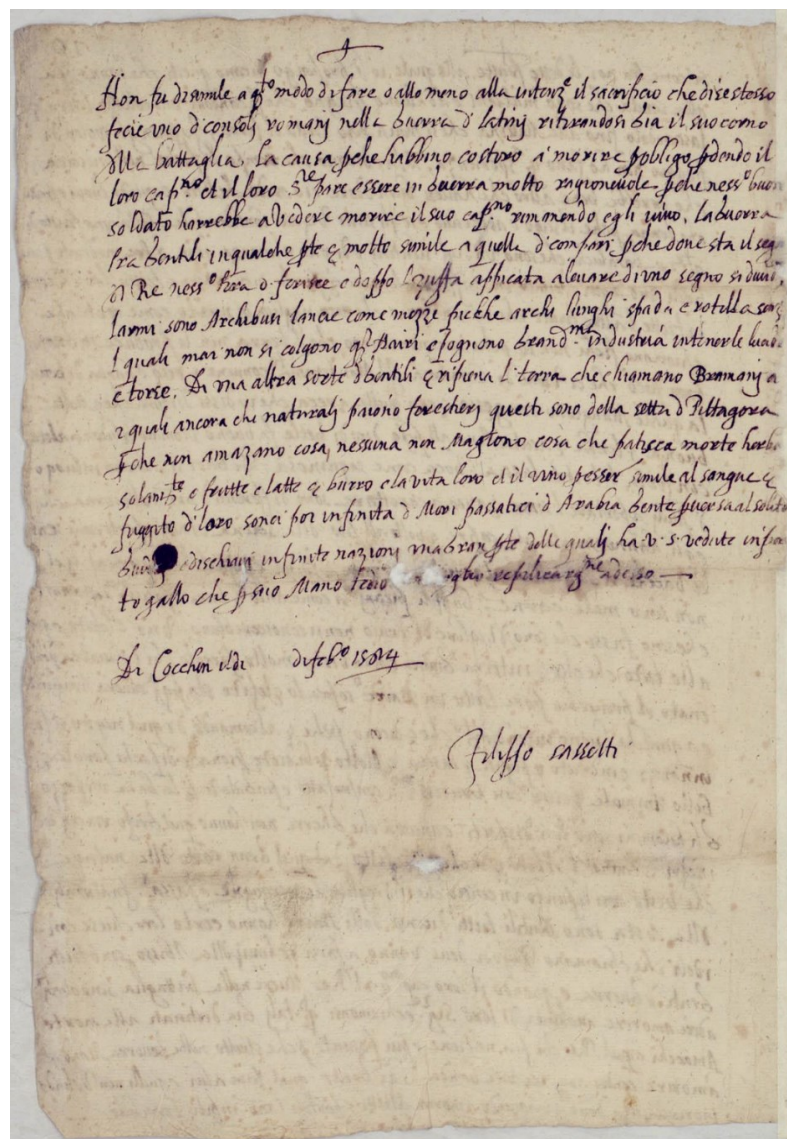
Fonte: Da Autora

O modo de escrever a abertura de cada carta era diferente, às vezes abreviando, em outros momentos escrevendo parte da palavra, ainda, em outras circunstâncias, com a palavra por inteiro. A seguir, um manuscrito de uma das cartas escritas por Sasseti para ilustrar a minha análise:



Na figura a seguir, vê-se a assinatura do mercador, bem como o encerramento comum às suas cartas, com local e data, nem sempre acompanhada do dia, mas com mês e ano do texto. Outro detalhe a notar é que Sassetti parece ter escrito em ambos os lados do papel, embora não se possa afirmar que essa prática fosse recorrente em todas as cartas. No seu século provavelmente o papel ainda fosse um bem de alto custo, o que ajudaria a justificar o aproveitamento de ambos os lados da folha, como a carta da Figura 15, datada de outubro de 1584, enviada de Cochim.

**Figura 15 - Manuscrito de Filippo Sassetti**



Fonte: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, 2019<sup>167</sup>

<sup>167</sup>Disponível em:

<[https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search\\_basesearch&query\\_fieldname\\_1=keywords&query\\_querystring\\_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca](https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search_basesearch&query_fieldname_1=keywords&query_querystring_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca)>. Acesso em: nov. 2019.

Para falarmos do encerramento das cartas, note-se o quadro a seguir:

### Quadro 8 - Encerramento das cartas

Carta	Italiano	Tradução	Destinatário
XLIV	Di Lisbona, alli 10 d'ottobre 1578.	De Lisboa, em 10 de outubro de 1578.	Baccio Valori
XLVI	A Dio. Di Lisbona. Il vostro obbligatissimo servitore.	A Deus. De Lisboa. O seu obedientíssimo servidor.	Francesco Bonciani
L	Di Lisbona, a' 15 di gennaio 1581.	De Lisboa, 15 de janeiro de 1581.	Francesco Valori
LII	Addio. Di Madrid, a' 26 di giugno 1581. Vostro aff. <sup>mo</sup> .	Adeus. De Madri, em 26 de junho de 1581. Seu Cordialíssimo.	Francesco Valori
LIV	Addio. Di Madrid a' 7 d'agosto, <i>idest</i> di state 1581. Ser. <sup>e</sup> vostro aff. <sup>mo</sup>	Adeus. De Madri, no dia 7 de agosto, <i>id est</i> no verão de 1581. Seu Servidor Cordialíssimo	Francesco Valori
LXIII	Di Lisbona, a' 6 di marzo 1582. Di V. S. aff. <sup>mo</sup> serv. <sup>re</sup>	De Lisboa, a 6 de março de 1582.  De Vossa Senhoria Cordialíssimo Servidor	Francesco Bonamici
LXVI	Di Lisbona, a' 24 di settembre 1582. Di V. S. affezionatiss. servii. <sup>re</sup>	De Lisboa, aos 24 de setembro de 1582. De Seu Cordialíssimo Servidor.	Baccio Valori
LXIX	Addio. Di Lisbona, a' 15 di novembre 1582. Vostro affez. <sup>mo</sup>	Adeus. De Lisboa, aos 15 de novembro de 1582. Muito cordialmente.	Francesco Valori
LXXXI	Addio. In Cocchino, a' di dicembre 1583. Affezionatissimo Quella benedetta ec	Adeus. Em Cochim, em dezembro de 1583. Cordialmente Aquela bendita ec.	Francesco Valori
LXXXIV	Dicono essere uomo di santissima vita: Nostro Signore l'incammini Di Coccino, gennaio 1584.	Dizem ser um homem de vida santíssima: que Nosso Senhor lhe guie.  Di Cochim, janeiro de 1584.	Cardinale Ferdinando de' Medici
LXXXV	Di Cocchino, alli... di gennaio 1584.	De Cochim, aos...de janeiro de 1584.	Cap. Frade Piero Spina, Cavaleiro de Malta

Fonte: Da Autora

O mercador florentino não demonstra ter tido preocupação em fazer uso de diversos modos de encerramento de suas correspondências. No geral, agradecia a Deus ou alguma menção religiosa, em alguns casos pedia para não se esquecerem dele e adicionava local e data.



Em relação à linguagem utilizada, as cartas de Sassetti eram, de certa forma, livres de formalismos excessivos. Em geral, na troca de correspondências havia uma licença de formalismos, dando-se, os interlocutores, a liberdade de fazerem uso de pronomes menos formais, como já destacado no item 4.1.1. Isso se confirma pela observação da falta de padrão na abertura das cartas, nas quais, mesmo a um mesmo destinatário, havia uma irregularidade no modo de escrever, apesar de, na maioria das vezes, o mercador empregar pronomes de tratamento respeitando uma certa hierarquia em relação ao destinatário. Aos religiosos – Ferdinando de' Medici e Piero Spina – fez-se uso de “Reverendíssimo” e “Monsenhor”, formas usadas para se dirigir a pessoas que exercem alguma função religiosa. A respeito dos níveis de hierarquia, escrevem Brown e Gilman:

Pode-se dizer que uma pessoa possui poder sobre outra no grau de que ele está apto a controlar o comportamento do outro. Poder é a relação entre, pelo menos, duas pessoas, e é não recíproco no sentido de que ambos podem não tem poder na mesma área de comportamento. O poder semântico é similarmente não recíproco; o superior diz T e recebe V. <sup>168</sup> (1972, p. 256)

No caso das cartas XLVI, L e XCV, vê-se uma leve diferença desde a abertura das cartas: enquanto na carta XLVI, dirigida a Francesco Bonciani e escrita ainda em Lisboa, sem especificação de data, mas certamente antes de 1583, Sassetti, após citar o nome do futuro leitor de sua carta, escreve “Meu Muito Magnífico Estimadíssimo Senhor”, enquanto na Carta XCV o autor da missiva apenas se dirige ao interlocutor com “A Michele Saladini, em Pisa’. Ou seja, a partir dessa forma inicial de tratamento na carta identifica-se que havia uma relação mais distante entre Francesco Bonciani e Sassetti do que com Michele Saladini. A carta L, por sua vez, repete a abertura da missiva XLVI, com a saudação “Meu Muito Magnífico Estimadíssimo Senhor”, com o destinatário sendo Francesco Valori, um colega da *Accademia*, portanto, sabidamente um literato florentino.

A propósito do assunto sobre a saudação das correspondências, La Salle ressalta que:

É preciso que o estilo da carta seja tal como o assunto tratado. Se, por exemplo, fala-se de uma coisa séria, é preciso que o estilo seja sério; e deve-se evitar o uso de qualquer expressão familiar e ainda menos de termos

---

<sup>168</sup> “One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says T and receives V. “

jocosos. Deve-se zelar para que o estilo seja claro e conciso, pois nas cartas cumpre ter o cuidado de se colocarem as coisas em poucas palavras; é a maneira de escrever que tem a melhor aparência e que muito mais agrada. [...] No final da carta, em sinal de submissão para com a pessoa a quem se escreve, depois dos termos “eu sou”, ou outros semelhantes, colocam-se estas palavras “vosso muito humilde e muito obediente servidor”. E isso se coloca em duas linhas na parte de baixo e no canto da folha de papel, do lado direito; [...].(1736 apud HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 89-90)

O trecho acima retrata “regras” escritas no século XVIII, praticamente dois séculos após os escritos deixados por Filippo Sassetti, mas que servem para ilustrar como se pensava a escrita epistolar desde então. Percebe-se que o mercador seguia de certa forma tais regras epistolares.

Quanto ao encerramento das cartas, na Carta XLVI, a mais formal, Sassetti encerra dizendo “A Deus. De Lisboa. O seu obedientíssimo servidor”<sup>169</sup> (1855, p. 140), enquanto na Carta XCV, menos formal, ele nem se despede com alguma forma de tratamento, ele apenas põe lugar e data: “De Cochim, 1585.”<sup>170</sup> (1855, p. 315). Na correspondência L a despedida se dá de forma amigável, mas respeitosa: “Guardeme na Sua Graça e mande lembranças a todos os amigos, que Deus lhe guarde. De Lisboa, 15 de janeiro de 1581”<sup>171</sup> (1855, p. 155). Portanto, uma despedida respeitosa com referência ao divino ao dirigir-se aos amigos de Florença.

Em relação à estrutura geral das cartas, percebe-se também diferença no seu tamanho: a carta XCV, a Michele Saladini, possui 2.675 palavras no total em língua italiana, enquanto a carta XLVI, destinada a Francesco Bonciani, possui 1.733 palavras, ou seja, na carta com tom menos formal o autor se estendeu nos conteúdos; já na missiva mais formal os conteúdos foram mais controlados, se é que assim se pode afirmar. A carta L possui 521 palavras, sendo uma das menores de todo o seu epistolário.

Desta forma, ao se analisar os conteúdos das correspondências citadas, tem-se que na carta a Francesco Bonciani Sassetti escreve sobre os escritos que ele havia recebido, em especial a respeito da oração pela morte de Giambatista Adriani, da presunção dos portugueses e da aversão que eles tinham contra os povos de origem castelhana, fala também da paixão pela viagem à Índia e das pestes em

---

<sup>169</sup> “A Deus. De Lisboa. O seu obedientíssimo servidor.”

<sup>170</sup> “Di Coccino, 1585.”

<sup>171</sup> “Tenetemi in grazia vostra, e raccomandatemi agli amici tutti, che Iddio guardi. Di Lisbona, a’ 15 di gennaio 1581.”



Lisboa. Já na carta a Michele Saladini os assuntos versam sobre navegação e giro dos ventos e a viagem de Colombo e de Américo Vespúcio. Também cita algumas correções em relação ao que havia escrito em cartas anteriores ao destinatário da missiva em questão; fala sobre o ímã e sua variação para se conseguir navegar melhor, também fala da pimenta e de seu comércio e sobre a dominação nas Índias, das fortalezas e armadas dos portugueses, fazendo-se alongar mais nessa correspondência em relação à carta XLVI.

Vistas as questões de abertura e encerramento das cartas, seguimos com as demais análises da tradução realizada, focando a próxima seção nas abreviações, usos de maiúsculas e questões de ortografia

#### **4.1.3 Abreviações, maiúsculas iniciais e ortografia**

Outro aspecto observado na tradução das correspondências de Sassetti foi a utilização de determinados traços estilísticos do autor, como a utilização de letras maiúsculas para substantivos tidos como comuns. Isso ocorreu muito no caso de adjetivos pátrios ou referência a pessoas de um grupo: *Franzesi, Portoghesi, Mori, Negri, Cini, Giavi, Castigliani, Gentili, Etiope*, todos mantidos na tradução com letra maiúscula, respeitando o estilo do autor, já que não alteraria o sentido em português.

Quanto à grafia de nomes próprios, tais como lugares bem identificados na atualidade, foi modernizada a escrita na tradução realizada. Exemplo disso é “Baya de todos los Santos”, caso em que “Baya” estava com a grafia arcaica e escreveu-se na tradução “Baía”, como atualmente é grafado o nome. Os nomes próprios são apresentados no item 4.2.1.

## **4.2 QUESTÕES DE LÉXICO**

A linguagem empregada por Sassetti em suas cartas é carregada de informação de variados tipos, falando sobre navegações, compra, venda, exportação, importação, mercadorias diversas, preços, câmbios, com frequentes citações de nomes como Dante, Petrarca e Boccaccio. Portanto, uma escrita variada, indo desde expressões complexas de marinharia até citações (também complexas) de cânones da literatura italiana (AZEVEDO, 1932).

Desde modo, falar sobre o léxico presente em Sasseti é bastante interessante, vista a maneira de se expressar do autor em relação aos diversos fatos do cotidiano que presenciava enquanto agente dos Médici, em Lisboa, Madri ou nas Índias.

A seguir, seguem pontos considerados relevantes para a compreensão do projeto tradutório realizado.

#### 4.2.1 Nomes próprios, neologismos e estrangeirismos

No que diz respeito ao uso de nomes próprios nas cartas sassetianas, é possível elaborar um grande elenco de palavras: o autor cita desde nomes de pessoas até nomes de cidades e países, alguns (se não a maioria) com a grafia arcaica. A seguir apresento o elenco com nomes próprios utilizados pelo mercador ao longo de suas missivas. Os nomes de pessoas foram mantidos conforme apresentado em italiano (alguns serão citados mais adiante em virtude de trazerem ligação externa ou representarem algum codinome). A seguir, trago os nomes de lugares presentes nas cartas traduzidas.

#### Quadro 9 - Nomes próprios de lugares nas cartas de Sasseti

Grafia no texto de partida	Tradução
Acapul	Acapulco
Acquamorta	Aigues-Mortes
Africa	África
Almen'	Almeida*
Aurea Chersoneso	Península Dourada
Barbarie	Berberie
Bavagliaos	Bavagliaos**
Baya de Todos los Santos	Baía de Todos os Santos
Berberia	Berberie
Bermuda	Bermudas
Bretagna	Bretanha
Calicut	Calicute
Cambaia	Cambaia
Canarie	Canárias
Capo Buonasperanza / Capo di Buonasperanza	Cabo da Boa Esperança
Capo das Agulhas	Cabo das Agulhas
Capo di Comorino	Cabo de Comorino
Capoverde	Cabo Verde
Castigliani	Castigliani

China / Cina	China
Cocchino/Concino/Coccino	Cochim
Costa di Malagueta	Costa de Malagueta
Costantinopoli	Constantinopla
Cuba	Cuba
Dachen	Dachen
Danismarca	Dinamarca
Don Antonio	Dom Antônio
Fernambuch	Pernambuco
Ferrara	Ferrara
Fiandra	Flandres
Filippine	Filipinas
Firenze	Florença
Florida	Flórida
Francia	França
Garagai	Garajau
Giapan	Japão
Giava	Java
Goa	Goa
Granata	Granada
Iddio	Deus
India	Índia
Indie	Índias
Inghilterra	Inglaterra
Isola dela Madera	Ilha da Madeira
Isola di San Lorenzo	Ilha de São Lourenço
Isola Terzera	Ilha Terceira
Linguadoca	Languedoc
Lisbona	Lisboa
Los Isleos	Os Ilhéus
Macao	Macao
Madrid	Madri
Malacca	Malaca
Malucco / Molucche	Ilhas Molucas / Molucas
Maniglia	Manila
Mecca	Meca
Mina di Sangiorgio	São Jorge da Mina
Monzambiquo / Mozambique	Moçambique
Narbona	Narbona
Nuova Spagna	Nova Espanha
Olanda	Holanda
Ostarlant	Osterland
Penedo de San Pedro	Penedo de São Pedro
Persia	Pérsia
Pisa	Pisa
Porto Siguro	Porto Seguro
Portogallo	Portugal
Provenza	Provença
Rio de Gennero	Rio de Janeiro
Roano	Roano**

San Domingo	São Domingo
San Tommè / Santommé	São Tomé
Seviglia/Sevilla	Sevilha
Spagna	Espanha
Tago	Tejo
Terzere	Açores
Tristan d'Acunha	Tristão da Cunha

Fonte: A Autora

\*Almeida: conforme aponta Marcucci (1855), seria uma referência a Portugal.

\*\*Não encontrado um correspondente geográfico para o nome.

É possível perceber, inclusive, a alteração geográfica em relação à atualidade. No caso de Ostarlant / Osterland, região que pertencia, mesmo no período da publicação da edição de 1855, base desta tradução, ao Reino da Saxônia, lugar que, na atualidade, é uma região da Alemanha.

Percebe-se que há grafias distintas referindo-se ao mesmo local, fato comum para a época em virtude de discussões sobre a norma da língua italiana ainda estarem acontecendo, como declara Tesi a respeito dos debates sobre a língua durante o *Cinquecento*:

Na primeira metade do século XVI, mas especialmente na década de 1520-30, houve um acalorado debate sobre a norma linguística do literário vulgar que interessava um pouco a todos os intelectuais da época. Foram numerosas as posições que resultaram em tratados, diálogos, difamações polêmicas nas quais tradicionalmente se colocava o rótulo da **questão da linguagem**, querendo incluir sob essa expressão uma série de reflexões [...] cujo objeto não é tanto o uso real da linguagem literária [...], tanto quanto as múltiplas hipóteses de trabalho sobre uma **linguagem ideal da literatura**<sup>172</sup>. (2012, p. 194, negritos meus)

Portanto, não há como exigir de Sassetti uma escrita padronizada se nem mesmo havia uma definição concreta a respeito da questão da língua na Itália, especialmente naquele período. No entanto, faço referência a esse ponto conforme as missivas do mercador florentino, um dos representantes da língua toscana.

No que concerne aos nomes de pessoas, na carta XLVI aparece “monsieur Priore”, cujo nome era Vincenzo Borghini. (SASSETTI, 1855). Ainda na carta XLVI Sassetti cita um “Trasformato”, o que se deixou na tradução por se tratar

<sup>172</sup> “Nella prima metà del Cinquecento, ma soprattutto nel decennio 1520-30, si assiste ad un acceso dibattito sulla norma linguistica del volgare letterario che interessa un po’ tutti gli intellettuali del tempo. Numerose furono le prese di posizione che sfocciarono in trattati, dialoghi, libelli polemici ai quali tradizionalmente si è apposta l’etichetta di **questione della lingua**, volendo racchiudere sotto questa espressione una serie di riflessioni [...] che hanno per oggetto non tanto l’uso effettivo della lingua letteraria [...], quanto le molteplici ipotesi di lavoro su una **lingua ideale della letteratura**.”

de um codinome dado a algum acadêmico que pertencia à *Accademia degli Alterati*, instituição da qual Sasseti também pertencia.

Sasseti permeou suas missivas com palavras e expressões estrangeiras e ou estrangeirizadas. A influência do espanhol fica bastante evidente, uma vez que Portugal e Espanha formavam a União Ibérica e Sasseti servia tal União por intermédio dos Capponi e dos Médici. Assim, o contato com tais línguas se fazia evidente.

Além do espanhol e do português, Sasseti utilizava-se do latim, língua mãe das línguas neolatinas, de onde também derivou o italiano. As palavras ou expressões mantidas em língua estrangeira ficaram grafadas em itálico na tradução, assim como no texto de partida utilizado. No quadro a seguir, são elencadas algumas das expressões estrangeirizadas e ou arcaizadas utilizadas por Sasseti em suas cartas, as quais aparecem em itálico na tradução.

#### Quadro 10 - Uso de expressões estrangeiras

Palavra/expressão	Forma traduzida
<i>inter æquales</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>tonnine</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>boto á Deos que el mas flaquo portugeuz presta para doze castellanos; si, boto á Deos</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>y los SS<sup>res</sup> Castellanos apañerão á Portugal; así dizen, y será muito çedo muito çedo</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>en lo demas</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>vamos á la comida</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>das Agulhas</i>	Expressão utilizada em português
<i>abal de vento</i>	Expressão mantida, pois o autor revela na carta ser uma expressão comum em português
<i>Así lo creo yo</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>unas pocas</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>salvus est</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>unde psittacorum regio</i>	Itálico e sem tradução em português
<i>pimenta</i>	Palavra utilizada em português

Fonte: Da Autora

O itálico foi mantido para diferenciar o que não pertencia à língua italiana. No caso da tradução, preservei o itálico somente nas palavras/sentenças não pertencentes à língua portuguesa, como mostrou o quadro 10. Optei por manter essa forma para dar ao leitor a possibilidade de compreender que o autor escreveu seus

textos utilizando-se de palavras e ou expressões estrangeiras, como no caso do trecho “*boto á Deos que el mas flaquu portuquez presta para doze castellanos; si, boto á Deos*”. Segundo nota de Marcucci (1855), Sasseti parecia conhecer a língua espanhola melhor do que a portuguesa, apesar de ter estado por um tempo maior em Lisboa. A ideia da conservação da expressão conforme o texto de partida é uma escolha de estilo também almejando manter alguns traços da escrita do autor.

Houve casos de retirada de itálicos que estavam com palavras em português e de uso mais corrente, como é o caso de “fidalgo”: mesmo sendo um arcaísmo em língua portuguesa, denotando relação com o período colonial, optei por deixar sem itálico, diferente da expressão “abal de vento”, a qual, mesmo segundo o autor das cartas uma expressão falada pelos portugueses, não soa como algo compreensível em português, ao menos para o leitor do século XXI e, possivelmente, expressão ligada à marinharia, como traz o tópico 4.2.2. Por isso, o que foi levado em consideração para deixar o uso de itálico ao longo das missivas foi realmente i) estar em idioma que não fosse em português; ii) mesmo em português, mas em um uso mais arcaizado.

Sobre a questão da interferência de estrangeirismos nas missivas de Sasseti, Tesi traz que a influência hispânica sobre a língua italiana, especialmente nos séculos XVI e XVII, acontece por conta da potência que representava a Espanha na época:

basta pensar, como consequência direta do domínio espanhol sobre alguns territórios italianos, na penetração do hispanismo nos dialetos lombardos, no napolitano ou no sardo. Também não podemos esquecer que o influxo de um grupo conspícuo de palavras “exóticas” (especialmente zoônimos e fitônimos), fruto das explorações geográficas extraeuropeias, é regulado no italiano do século XVI-XVII pelo papel da intermediação realizada apenas pelo espanhol (e português)<sup>173</sup>. (2012, p. 224-5)

O próprio Sasseti é citado por Tesi (2012, p 226) como exemplo de uso de hispanismo na língua italiana do século XVI, mais especificamente em uma relação da corte espanhola escrita pelo mercador: “Esta terra vale tanto para formar aos

---

<sup>173</sup> “basti pensare, come conseguenza diretta del dominio spagnolo su alcuni territori italiani, alla penetrazione degli ispanismo nei dialetti lombardi, nel napoletano o nel sardo. Né bisogna dimenticare che l’afflusso di un gruppo conspícuo di parole ‘esotiche’ (soprattutto zoonimi e fitonimi), frutto delle esplorazioni geografiche extraeuropee, viene regolato nell’italiano cinque-seicentesco dal ruolo d’intermediazione (o di ‘trafila’) svolto proprio dallo spagnolo (e dal portoghese).”

homens bom juízo e para acostumá-los a tratar as coisas com paciência e fleuma, como eles dizem”.<sup>174</sup> (2012, p. 226)

A referência aqui é sobre a palavra ‘flemma’, cujo significado (calma, controle das próprias ações) teria relação direta com comportamentos dos espanhóis à época. Daí o uso por Sasseti no trecho acima citado devido à influência da cultura hispânica em seu cotidiano.

Um estrangeirismo interessante apresentado por Sasseti foi na carta LII, em que ele escreve o seguinte: “Ir para outro país significa ter que fazer outra prática, e passar lá este mesmo tempo ou mais: o que para quem vai em **trinta-quinze** não é a intenção; [...]”<sup>175</sup> (1855, p. 162)

A tradução ficou “trinta-quinze” e não “quarenta e cinco”, que seria o número respectivo escrito por Sasseti, porque, a partir da nota explicativa de Marcucci no texto de partida falava-se em jogo de palavras com a língua francesa, a qual possui sistema diferente do habitual em italiano – e também em português. Como a intenção foi manter o jogo de palavras empregado no texto de partida, optei por preservar a ideia também em português, fazendo uso de uma breve nota explicativa para o leitor.

#### 4.2.2 Palavras e expressões próprias da navegação

Outra situação particular dos textos de Sasseti é o uso de palavras e expressões relacionadas à navegação. Primeiramente porque compreender o que significa um tipo de vento ou como está o mar não é conhecimento comum e, como já citado nesta tese, Sasseti pode ser considerado um dos primeiros geógrafos da história, sendo que o legado escrito deixado por ele a esse respeito é, de certa forma, vasto. Portanto, a compreensão e consequente tradução de alguns termos foi desafiador. O quadro a seguir traz as expressões relacionadas à área da navegação encontrada nas cartas traduzidas.

---

<sup>174</sup> “Questa terra vale tanto a formare agli uomini buon giudizio, e ad avvezzarli a trattare le cose con pazienza e con flemma [...]”

<sup>175</sup> “L’andare in un altro paese vuol dire avere a fare un’altra pratica, e spendervi questo medesimo tempo o più: la qual cosa ad uno che vadia per e’ **trentaquindici**, non è il proposito; [...]”

### Quadro 11 – Palavras e expressões típicas da navegação

Palavra/expressão	Tradução	Significado
Maestro	Mistral	Tipo de vento
Tramontana Ventavolo	Tramontana Vento Norte	Traduzido com a palavra “vento” a fim de especificar direto no texto
Libecci	Ventos de sudoeste	Por estar no plural, foi utilizada em forma de locução
Greco	Grego	Tipo de vento
Scirocco/Scilocco	Siroco	Tipo de vento noroeste. Chamado de vento colateral
Mezzogiorno	Sul	Direção Em italiano é comum referir-se a “Mezzogiorno” como sendo o lado Sul
Fusta	Fusta	Embarcação do tipo galé
Galeotte	Galeotas	Pequena galé de até 20 metros
Vanno larghi	Vão em mar aberto	Expressão típica de marinha
Garbino	Ocidental	Direção do vento
Settentrione	Setentrião	Polo norte / região norte
Monzone / Monzone	Monção	Ventos sazonais ligados à alternância das estações chuvosas

Fonte: Da Autora

O vocabulário apresentado no quadro refere-se a expressões de marinha e navegação, o que poderia, para a época, ser comum, mas que nos dias de hoje poderia perder o sentido para um leitor do século XXI pouco familiarizado com esse vocabulário específico, em virtude do desuso de tais termos. No entanto, como o projeto de tradução era considerar o caráter estrangeiro do texto de partida e as características do estilo do autor no texto de chegada, a opção foi manter em português, sempre que possível, a palavra mais parecida com o correspondente em italiano, evitando domesticar o texto para o almejado leitor em português do Brasil.

#### 4.2.3 Palavras e expressões ligadas a elementos da mitologia e da literatura

Um dos maiores desafios encontrados durante a tradução das cartas de Sasseti foi a relação que muitas expressões possuíam com temas externos ao texto. Ainda mais por se tratar de um texto histórico, sendo cartas datadas do século XVI, a distância com o contexto da época acaba por dificultar a compreensão de muitas situações. Como aponta Andrade:



Um texto antigo sempre exige do leitor a disponibilidade para se transportar no tempo. Um texto antigo bom, em geral, promove esta viagem de modo natural, ajudando o leitor a sair de sua cômoda posição linguística e a dar os passos necessários para entrar em outra época. A tradução de um texto antigo não é diferente: requer do tradutor o estabelecimento de estratégias para lidar com a transposição do tempo entre original e tradução, de modo que o texto produzido tenha o sabor de uma época sem vestir-se forçadamente de antigo, para usar uma ideia bem leopardiana. (2015, p. 348)

O fator temporal faz-se essencial para a escolha do tipo de tradução a ser empreendida. No que se refere ao distanciamento temporal, Paes defende que:

Incutir no leitor essa noção de distanciamento – vale dizer, de estar ele lendo um texto do passado – constitui-se num dos pontos daquele compromisso de fidelidade paramórfica de fidelidade [...]. Há estratégias em contrário, como as “modernizações” do teatro clássico, mas dificilmente se poderia, a rigor, chamá-las de traduções; são antes adaptações ou “imitações deslumbrantes”, para citar a frase com que Paulo Rónai rotulou as recriações poéticas de Ezra Pound (1990, p. 97).

Começando pela carta XLVI, endereçada a Francesco Bonciani: a expressão “delle sfragellatrici” possui relação semântica com “esfacelar” em português. Daí a tradução por “esfaceladoras”. Segundo a edição de Marcucci (1855), tal seria uma expressão relacionada a um tipo de inteligência secreta, talvez algo comum e entre os correspondentes da carta em questão. Vejamos o trecho:

Agora, em suma, estamos nós aqui, e mesmo que eu não seja digno do senhor, não deixe de estar atento porque o senhor leva tanto em consideração as letras do alfabeto ou do balanço, como se eu confiasse nas divisões do livro do P. e das esfaceladoras<sup>176</sup> (SASSETTI, 1855, p. 136).

A solução encontrada para a tradução foi fazer uso de nota explicativa apontando o suposto significado indicado na edição de 1855.

Outra expressão que poderia passar despercebida aos olhares de um leitor comum seria a expressão no feminino “Quanto alla vostra fatta sopra messer Giovambatista Adriani [...]” traduzida por “Quanto à oração<sup>177</sup> feita a respeito do meu senhor Giovambatista Adriani [...]”. Conforme comentários de Marcucci (1855), mesmo não estando explícita a palavra ‘oração’ na sentença, a referência é a ela,

<sup>176</sup> “Ora in somma noi siamo qui, e se pure pure io non degno voi, non lasciate di stare su le vostre, perchè voi tenete così bene conto delle lettere per alfabeto o per bilancio, come io mi avessi a fare delle partite sul libro del P. e delle sfragellatrici.”

<sup>177</sup> Conforme comentários de Marcucci (1855), mesmo não estando explícita a palavra ‘oração’ na sentença, a referência é a ela, endo, pois, uma oração fúnebre encontrada em *Prose Fiorentine, Parte I, vol. III*.

sendo, pois, uma oração fúnebre encontrada em *Prose Fiorentine*, Parte I, vol. III. Sem tal referência trazida pelo editor Marcucci (1855), tal fato poderia ficar perdido, por isso a escolha em deixar como nota de rodapé na carta traduzida. Sobre o uso de notas, falarei com mais detalhes no item 4.4 sobre paratextos.

Sassetti também faz referência à Canção XXII de Petrarca: “E dopo questo, si parte ella e’l sonno” na mesma carta XLVI, mais uma expressão que não deixa explícita tal relação literária. Outra referência interessante é o “brincar de carrossel”. Na verdade, “giuocare a caruselli” seria um jogo em que cavaleiros lançavam bolas de argila, atividade levada pelos espanhóis a Nápoles. Após, tornou-se uma festa de cunho militar com o intuito de mostrar habilidades, sempre com cavaleiros. (TRECCANI, 2019). Tal explicação aparece em nota de rodapé na tradução sugerida, assim como a referência à “Canção XXIV”, estrofe 4, de Petrarca na carta XLIV (destacada em nota de rodapé).

Na carta XLVI outro elemento com característica temporal é a palavra “ducado”, aparecendo como moeda de troca. Vejamos: “Quanto às outras coisas, quanto estará o senhor a escrever-me? – se você esbarrar com um colar de pérolas de 350 a 400 ducados, roube-o, e faça-me bom uso”<sup>178</sup> (1855, p. 138). A fim de termos ideia do valor do ducado, vejamos o que diz Bueno a esse respeito:

Na Europa do século XVI, os preços eram praticados em ducados. Por exemplo: um quintal (ou 60 quilos) de pimenta valia cerca de 35 ducados e um quintal de pau-brasil, 2,5 ducados (8,75 gramas de ouro). Uma nau valia aproximadamente mil ducados (ou 3,5 quilos de ouro) e uma arroba (ou 15 quilos) de açúcar, meio ducado. Conforme dito neste livro, Portugal pagou à Espanha 350 mil ducados (ou 100 quilos de ouro) pela posse das ilhas Molucas. (2016, p. 145)

E acrescenta:

O ducado circulava em Portugal, mas a principal moeda da nação era o cruzado. Vinte e cinco cruzados valiam um ducado. Embora a moeda circulante fosse o cruzado, a moeda de conta em Portugal era o real (cujo plural, até 1580, era reais, e não réis, como seria a partir de então) – que não circulava mais desde fins do século XV. Um cruzado valia 400 reais. Uma nau valia 25 mil cruzados e a sua artilharia equivalia a dez mil cruzados. Um escravo negro valia cerca de três mil cruzados e um nativo do Novo Mundo, mil cruzados. A manutenção de um pelotão de 150 soldados durante um ano, em Angola, na África, custava 7.500 cruzados em 1536. Um serralheiro ganhava 175 cruzados por ano; um ferreiro, 150, e um condutor de carroças, 25 cruzados anuais. (2016, p. 145-6)

---

<sup>178</sup> “Quanto all’altre cose, quanto starete voi a scrivermi?—se tu ti abbattessi ad un vezzo di perle di 350 in 400 ducati, piglialo, e servimi bene.”

Tal informação é necessária para se ter a noção do valor da moeda citada nas cartas, uma vez que não é possível ter esse conhecimento apenas sob o viés das cartas, sobretudo devido ao distanciamento temporal e às mudanças na nomenclatura e nos valores das moedas que foram ocorrendo ao longo dos séculos.

Ainda sobre referências a elementos e personagens da mitologia e da literatura que as cartas apresentam, mostra-se um elenco de palavras com suas respectivas significações, utilizadas por Sasseti para enriquecer seu texto epistolar. Seguem:

- Vento Noto: segundo a mitologia grega, Noto (ou Notus), um dos quatro ventos da mitologia grega conhecido como vento quente, úmido e formador de nuvens e também o vento que trazia a chuva e a névoa, geralmente associado ao verão;
- Ursa: referência à Ursa Maior, constelação do hemisfério celestial norte;
- Tirésias: Também com origem na mitologia grega, Tirésias foi um profeta cego de Tebas, famoso por ter passado por sete anos em formato de mulher. Daí o motivo por Sasseti ter empregado a expressão: “quando o macho, fêmea se torna”, numa alusão à transmutação, à mudança de sexo.

Podemos, ainda, elencar ligações a outras obras, tais como referências a Dante Alighieri, Francesco Petrarca e outros. Na Carta LII, é trazida a expressão “Non vidi mai cotal contradivvieto” [Nunca vi tamanha contradição], sendo uma alusão a um verso do poeta florentino Domenico di Giovanni, cujo pseudônimo era Burchiello, o qual se dizia inimigo dos Médici e era dotado de uma escrita permeada de expressões satíricas e obscuras à época.

#### 4.2.4 Outros casos de léxico

Há algumas situações que não foram resolvidas com pesquisa e busca nos materiais relacionados a Sasseti e ao período de sua vida, nem mesmo nos dicionários e enciclopédias. Um dos casos foi a palavra *tonnine*: que nem mesmo o editor da edição de 1855, Ettore Marcucci, conseguiu decifrar. Disse ele: “Não tenho a mínima luz sobre o que signifique *tonnine*, do que Sasseti estava tão atordoado”<sup>179</sup>. Essa situação foi anotada em nota de rodapé para que o leitor saiba a razão pela qual

---

<sup>179</sup> “Non ho verun lume di queste *tonnine*, da cui era tanto stordito il Sasseti”. (MARCUCCI, 1855, p. 197)

esse não foi um termo possível de ser explicado, daí a minha opção em mantê-lo como consta no texto em italiano, marcando-o em itálico na tradução para o português.

Há algumas lacunas em meio aos textos das cartas, que correspondem às mesmas lacunas presentes na edição de Marcucci (1855), sobre a qual foi baseado este projeto tradutório. Para Marcucci, tais ‘vazios’ estão presentes devido à ilegibilidade dos manuscritos, ficando indecifráveis tais partes. As lacunas foram marcadas com reticências, como abaixo destacado da Carta XCV, mesmo esta missiva não fazendo parte do epistolário traduzido, mas apenas representando como foi feito o trabalho de preparo das cartas para publicação):

Mas para voltar uma outra vez a Colombo, eu não creio que para levar-lhe a conjectura dos ventos se lhos leve a glória de sua ação porque as coisas já passadas por julgamento não se podem tirar da cabeça das pessoas; nem um historiador, por verdadeiro que fosse, que escrevesse de Troia diferentemente de Homero, faria algo....; [...].<sup>180</sup> (1855, p. 309)

Marcucci, na edição escolhida para este projeto tradutório, fala sobre os “vazios” deixados na edição por ele organizada e afirma no prefácio da obra que:

Portanto, sem nenhum escrúpulo, deixei alguma coisa em branco, onde a forma do caractere sassetiano, sempre por sua natureza, era mais inextricavelmente envolvida, ou escapou à vista porque a folha rasgada, ou a tinta ilegível; embora eu ainda não tenha deixado de tentar as provas de algum outro olho ou análise [...].<sup>181</sup> (1855, p. XI)

Assim, nos espaços em que aparecem reticências há inlegibilidade textual em virtude dos fatores temporais que acabaram deixando algumas partes incompreensíveis. Nesses casos, enquanto tradutora, não procurei preencher esses espaços, mas mantive a marca da ausência, da falta do texto e da sua inlegibilidade, acreditando que tal fato não comprometeu em demasia a compreensão do texto.

Outra situação que permaneceu como estava no texto de partida foi a palavra *Magnate/Mangate*, que deve fazer referência a um rio na região da Índia. Na tradução, por não ter encontrado com exatidão o nome do possível rio ao qual Sasseti

<sup>180</sup> “Ma per tornare un'altra volta a Colombo, io non credo che per levargli la coniettura de' venti se gli levi la gloria dell'azione sua, perchè le cose già passate in giudicato non si possono cavare del capo alle persone; nè uno storico, per vero che fusse, che scrivesse di Troia diversamente da Omero, farebbe cosa....; [...].”

<sup>181</sup> “Laonde senza veruno scrupolo ho lasciato qualcosa in bianco, dove la forma del carattere sassetiano, scabrosetto sempre di sua natura, era più inestricabilmente avviluppata, o sottratasi alla vista perchè lacero il foglio, o stinto l'inchiostro; quantunque io non mancassi ancora di tentar le prove dell'altrui occhio e giudizio [...].”

se referia, optei por inserir uma nota de rodapé sugerindo o rio Mahanadi, pela semelhança fonológica entre as palavras. Duas cartas citam tal rio e em ambas a grafia é diferente, assim como apresentei neste parágrafo.

Outra questão de escolha de tradução foi na carta LXIII: a palavra *brezza* permaneceu em italiano e em itálico porque o próprio autor já havia escrito *brisa* e explicou que se chamava *brezza* em italiano, como mostra o trecho: “[...] o qual, por estar sempre gelado, é chamado por eles de brisa, que talvez deva significar nossa *brezza*”<sup>182</sup> (1855, p. 196).

Desse modo, para não repetir a palavra em português e tentando preservar como escreveu Sasseti, optei por destacar em itálico a palavra como estrangeirismo.

Houve casos em que o mercador tentou escrever em português a partir daquilo que ouvia, mas acabou ficando com grafia errada. Esse é o caso de *trovoadas* para a qual ele escreveu *troccoadas*. Como sabemos que o próprio Marcucci editou algumas palavras dos manuscritos, existe a possibilidade de o erro gráfico ter vindo daí, mas é algo que não podemos afirmar com exatidão.

Ainda na carta LXIII, aparece a expressão *acqua da partire*, a qual ficou sem tradução, mas que também recebeu nota de rodapé. O trecho foi o seguinte: “Parece-me bastante considerável chover muitas vezes certa água que queima a roupa como a *acqua da partire* [...]”<sup>183</sup> (1855, p. 200). Mesmo com a referência apresentada na edição que serviu de base para a tradução aqui realizada, não foi possível precisar com exatidão o sentido de tal expressão, daí a opção em manter em italiano acompanhado de nota explicativa sobre o possível contexto aplicado.

Ao longo dos textos, nota-se o uso de palavras típicas do local onde Sasseti se encontrava, como é o caso de nomes de moedas estrangeiras: *basalucco* (antiga moeda indiana de valor muito baixo) e *maravedi* (antiga moeda cunhada na Península Ibérica pelos Almorávidas). A opção na tradução foi por conservar o nome estrangeiro, sem tradução, com apanhamento de nota explicativa, como aparece na carta LII:

Aquilo que, como não se cancela, ao se fazer algo isso é mesmo a coisa mais ridícula do mundo, podendo assemelhar-se a certos mestres do ábaco esfarrapados e morrendo de fome, os quais, durante toda a vida, não fazem

<sup>182</sup> “[...] il quale, per essere sempre gelato, è da costoro addimandalo *brisa*, che dee forse volere inferire la nostra *brezza*.”

<sup>183</sup> “E' mi par bene considerabile piovere molte volte certa acqua che abbrucia i panni come l'acqua da partire.”

nada além de contas, e nunca manuseiam ou veem um **maravedi**.<sup>184</sup> (1855, p. 162)

*Basalucco* apareceu na carta LXXXI, como segue: “[...] depois, aqui, dei graças a Deus porque o dinheiro que vinham me entregar tinha ido parar nas mãos de outros, devido à dolorosa comodidade que havia de usar um só **basalucco**”.<sup>185</sup> (1855, p. 247). Aqui, é possível, pela leitura, identificar que se trata de moeda, de dinheiro, seguindo o contexto de uso da palavra. Mesmo assim, optei por explicar paratextualmente em forma de nota explicativa de rodapé.

#### 4.3 ASPECTOS ESTILÍSTICO-SINTÁTICOS

Entre os aspectos estilístico-sintáticos aqui analisados está a questão dos extensos parágrafos com assuntos variados. A carta XLVI pode representar essa fala com destaques em negrito dos assuntos tratados por Sassetti no mesmo parágrafo:

Seria um polido elogiozinho fazer uma **história deste reino**, desde o primeiro rei até este moderno, com a sua árvore transformada; e deste velho, neste pouco tempo em que ele esteve, não muito mais a dizer ao que me vem dito. E eu faria isso com gosto, mas aquelas suas **tonnine** me deixaram, de uns tempos para cá, atônito de tal maneira que nas **horas livres** não consegui fazer nada; e eu, depois, nem mesmo fiquei exausto, como naquelas que tenho para liberar os pensamentos. Se o senhor me dissesse – o que você está fazendo? Não está lendo nada? – Nada: folheio algum livreco sobre as novidades da Índia, do Brasil e da China; e enquanto eu os leio, faço mil fantasias de ir lá para ver e tocar e escrever; e depois disso, voltam os pensamentos de casa e lá se vai a ideia e o sono. Você me disse que faltava pouco para o **Trasformato** conseguir um episcopado: diga a ele, pelo amor de Deus, que não nos deixe na maior necessidade porque a pobre **Accademia** definharia; não esqueça.<sup>186</sup> (1855, p. 137)

<sup>184</sup> “La qual cosa, come in altro non si disdice, nel fare roba ella è pure la più ridicola cosa del mondo, potendosi assomigliare a certi maestri d’abbaco stracciati e cascanti di fame, i quali di tutta la vita loro non fanno altro che conti, e non maneggiano nè veggono mai un maradevis.”

<sup>185</sup> “poi qua, davo grazie a Dio, che i danari che venivano a consegnare a me, fussino andati in mano d’altri, per la dolorosa comodità che ci era d’impiegare un solo basalucco.”

<sup>186</sup> “Sarebbe un garbato loghetto da fare una storia di questo regno, dal primo re fino a questo moderno, con il suo albero alla trasformata; e di questo vecchio, in questo poco tempo che e’ ci è stato, non sarebbe mancato che dire molto, a quello che vienemi detto. Et io mi ci sarei messo molto volentieri, ma quelle vostre *tonnine* mi hanno da un pezzo in qua sbalordito di maniera, che nell’ ore rubate non mi sono potuto mettere a fare nulla; et io non me ne sono poi anche disfatto, come quelli che mi ho a liberare a questi pensieri. Se voi mi diceste — o pure che fai tu? non leggi tu niente? — Nulla: fiato qualche libretto delle novità d’ India, del Verzino e della China; e mentre che io le leggo, fo mille castellucci d’andare là a vedere e toccare e scrivere; e dopo questo, tornano e’pensieri di casa, e si parte ella e ’l sonno<sup>186</sup>. Dicestimi che’l Trasformato stava a picco per tirare a certo vescovado: diteli, per

Se bem observado, ao menos cinco assuntos são tratados num mesmo parágrafo: a história do reino, as tais *tonnine* (que não são identificadas, e, lembrando, nem mesmo Marcucci em sua edição de 1855 as define), fala do tempo ocioso e as atividades que realiza em tais momentos, além de citar um colega acadêmico de codinome *Trasformato* (que seria numa tradução livre “Transformado”) e a *Accademia degli Alterati*, ou Academia dos Alterados, conforme aqui já mencionado.

Outro ponto a ser observado no que diz respeito ao estilo do texto de Sasseti é o relacionado ao discurso dos cronistas de viagem, discurso esse que comumente é enquadrado como literatura de informação, contudo, devido ao cuidado estético na escritura dos textos, é tratado também como texto literário, como já apresentado no Capítulo 2. O excerto a seguir levanta o fato de tais cronistas terem de fazer uso de recursos linguísticos para suprir necessidades vocabulares frente ao desconhecido:

A significação eufórica da América para o homem europeu, que vai desde o espetacular impacto do Descobrimento até pelo menos os fins do século XVIII, faz-se pela incorporação de mitos e lendas dos testemunhos narrados dos primeiros viajantes. São freqüentes [sic] nos cronistas expressões como “encantamento”, “sonho”, “maravilha”, “não sei como contar”, “faltam-me palavras” que se bem denotam o assombro natural diante do desconhecido, refletem também a falta de referência para os novos objetos, seres e fenômeno (CHIAMPI, 2015, p. 99).

A falta vocabular para nomear o novo era comum entre os cronistas e já destaquei esse aspecto também no Capítulo 2. A fim de ilustrar a citação acima, segue trecho da carta LXIII, uma das mais extensas do epistolário traduzido com citação do Brasil:

De outras afeições não vimos grande diversidade: não muitos trovões; relâmpagos raros; inúmeras e **grandes estrelas cadentes**, tanto que depois de estarem queimadas fica marcada a luz no ar. Vimos um **tufão de beleza maravilhosa**, de modo que, de tão perto, ele não me provocou muito medo, e tanto é que os homens do navio riram ao atingi-lo com um tiro de artilharia, como eu disse a eles; e ele continuou se aproximando, mas, por fim, ficou de um lado e logo desapareceu. O **ar estava orvalhado como quando aparece um arco-íris**, e mais, de modo que sem outra chuva banhava: o sol brilhava claramente.<sup>187</sup> (1855, p. 201, negritos meus)

---

la passione d’iddio, che non ci lasci al maggiore uopo, perchè la povera Accademia languirebbe; ma raccomandatemeli.”

<sup>187</sup> “D’altre affezioni non vedemmo gran diversità: tuoni non molti; saette rare; stelle cadenti senza numero e grandi, intanto che dipoi d’esser arse rimane impresso il lume nell’aria. Un *tifone* vedemmo di meravigliosa bellezza, se, come molto presso, e’ non mi avessi fatto molta paura, e tanto più che gli uomini di nave si ridevano di forarlo con un tiro d’artigliera, come io diceva loro; ed egli ci si andava

A descrição da cena trazida na carta acima elencada demonstra o espanto, a ‘maravilha’ do encantamento em relação à paisagem que se apresentava ao longo da viagem, por exemplo. E tudo isso precisava ser descrito para que o destinatário pudesse receber a informação o mais real possível a fim de poder recriar a partir daquilo que tinha ciência.

Chiampi (2015) ainda ressalta que a presença de citações de autores gregos e latinos, por exemplo, eram uma forma de suprir a chamada lacuna semântica diante das novidades que se apresentavam ao Velho Mundo. Além disso, a alusão a textos bíblicos, a lendas medievais e aos mitos clássicos eram grandes recursos estilísticos utilizados pelos cronistas de viagem, característica presente nas cartas de Sasseti, como se pode observar na carta XLVI: “Quando chegarem a Vossa Senhoria, por favor, mande lembranças a eles e, acima de tudo, guardem-me em sua memória, que é o que eu preciso para isso; e Nosso Senhor lhe proteja e guarde.”<sup>188</sup> (1855, p. 128).

A menção a Deus é bastante frequente nas cartas, em especial, no encerramento das missivas, sendo na forma *Iddio*, *Dio* ou *Nostro Signore*, como apresenta acima. Um outro exemplo retirado da carta LXIII apresenta, mais uma vez, a ligação com elemento externo, partindo para os gregos e latinos como forma de valorizar o texto. Veja:

A respeito de tal falta das estrelas, me vem aquilo que Plauto brincou em uma de suas comédias, onde ele apresenta a estrela de Artur, discorrendo sobre o ofício das estrelas, diz, que à noite descem à terra para considerar as ações humanas e reportar tudo a Júpiter.<sup>189</sup> (1855, p. 204)

Como já visto no item 2.2, a figura do divino aparece como uma força que surge para “pôr à prova a fé e a coragem dos seus fiéis” (TINGUELY, 2014, p. 147), daí o passar por provações em alto-mar ou em meio a outras culturas.

---

pure sempre accostando, ma alla fine rimase da una parte, e poco appresso svanì. L' aria era rorida come quando apparisce l'arcobaleno, e più, sicché senz'altra pioggia bagnava: il sole si scorgeva chiaramente.”

<sup>188</sup> “Quando vengono da V. S., piacciale raccomandarmi loro, e sopra tutto tenermi in sua memoria, che è quanto mi occorre per questa; e Nostro Signore la contenti e guardi.”

<sup>189</sup> “Circa al quale mancamento delle stelle, mi sovvenne quello che Plauto scherzò in una sua comedia, dov'egli introduce per prologo la stella di Arturo, che discorrendo dell'ufizio delle stelle dice, che la notte scendono in terra per considerare le azioni umane, e rapportare tutto a Giove.”



Outra característica observada nos escritos de Sassetti e comum aos cronistas de viagem é uso de metáforas, hipérbolos (exageros) e uso de reticências, como confirmamos nos exemplos retirados das cartas traduzidas:

CARTA LIV	cioè <b>un gran pezzissimo</b> , si che si dice che l'imperatrice si fermerà al governo di questi regni.	ou seja, <b>um grande pessimismo</b> , tanto que se diz que a imperatriz vai ficar no governo desses reinos.
CARTA LXIII	Del piovere in Guinea l'acqua che è come tiepida, non mi pare da maravigliarsene, perchè l'ambiente caldissimo là potrà riscaldare. E' mi par bene considerabile piovere molte volte certa acqua che abbrucia i panni come l'acqua da partire, essendo i vapori donde ella s'ingenera, tirati di sul mare, e giorno per giorno, e non come le nostre piogge dell'autunno, chè per essere di materia mescolala con esalazione terrestre, e ricotta dal calore della state, pare che tirino a questa natura.	De chover na Guiné a água quase morna não me surpreende, porque o ambiente muito quente lá poderá aquecer. Parece-me bastante considerável chover muitas vezes certa <b>água que queima a roupa</b> como a <i>acqua da partire</i> , sendo os vapores, de onde ela é gerada, puxados do mar, e dia após dia, e não como as nossas chuvas de outono, por serem de material misturado com exalação terrestre e recozidas pelo calor do verão, parece que tendem a essa natureza.

O sufixo “-issimo” da língua italiana foi substituído, em alguns casos, por outro advérbio de intensidade, a depender do texto. Abaixo, trago algumas escolhas realizadas pensando na fluidez do texto quando da presença de tal sufixo:

- Carta LXIII: *tuttoché alla riva di qua e' ne sia ricchissimo* > embora a costa daqui seja riquíssima deles;
- Carta LXIII: *mi sarà gratissimo* > ficarei muito agradecido;
- Carta LXVI: *che è certo un bellissimo segno con molte stelle* > que é certamente um sinal muito bonito com muitas estrelas;
- Carta LXXXI: *dove mi veniva grandissimo danno* > que me daria grandíssimo prejuízo;
- Carta LXXXV: *clima sventuratissimo* > um clima muito infeliz.

A escolha tradutória para o caso do sufixo “-issimo” se deu em virtude de contexto de leitura. Foram preservados alguns casos sufixais quando não causariam estranhamento no texto de chegada para o leitor de português brasileiro, visto que o uso constante desse sufixo ocorre em língua italiana, mas é menos comum na língua portuguesa.

No que concerne aos tempos e modos verbais, algumas situações se mostraram desafiadoras, pois a forma verbal da língua no texto de partida era distante do idioma italiano *standard* atualmente. Por isso, além da dificuldade na busca semântica do termo, houve a adaptação no tempo verbal. Exemplo disso é o uso do pretérito imperfeito do indicativo devendo ser substituído pelo pretérito perfeito. Veja o caso a seguir extraído da carta LXXXV: “**Conseguimos** sair desse tédio, e **fomos levados** para perto da linha equinocial em um grau e meio.”<sup>190</sup> (1855, p. 267, negritos meus).

As formas verbais destacadas mostram exatamente como acima explanado: traduzir não é algo que ocorre no sentido literal da palavra, e foi isso que foi avaliado para proceder com alterações desse tipo a fim de se alcançar uma tradução que tivesse o cuidado em manter características do texto de partida, mas que também conseguisse um texto de chegada capaz de permitir ao leitor uma leitura fluida, como já destacamos.

Vale ressaltar, também, o estilo de construção dos parágrafos. Apesar de Marcucci ter afirmado no prefácio da edição de 1855 que havia feito ajustes dos parágrafos, pois era estilo da época escrever em textos mais inteiros, tendo ele dividido em parágrafos menores as cartas, ainda se percebe uma paragrafação extensa. Além disso, o estilo sassettiano de escrever acontecia com muitas inversões sintáticas, conforme se nota no trecho a seguir, retirado da carta LII, o qual mostra verbo deslocado (“ **você** na cama a pensar **estava**”), trechos separados por vírgulas, como numa leitura curta, mas em parágrafos extensos, como se pode perceber:

Quanto aos meus casos (*majus opus moneo*), gostaria que você voltasse à sua imaginação daquela empresa tão belíssima que eu estraguei você naquela manhã entrando em seu quarto em Pisa, e o senhor na cama a pensar estava; que quando lhe perguntei, por remorso que tinha por isso, o que o senhor expressou por isso, e me disse – por fé que não sei, – Ao nosso propósito, eu estou finalizando que posso realmente dizer não saber o que se tenha de ser os casos meus.<sup>191</sup> (1855, p. 161)

<sup>190</sup> “**Uscivamo** pure già di questo tedio, et **eravamo condotti** presso alla linea equinoziale a un grado e mezzo.”

<sup>191</sup> “Quanto poi a’ casi miei (*majus opus moneo*) io vorrei che voi tornaste in fantasia di quella impresa sì bellissima che io vi guastai quella mattina entrando in Pisa in camera vostra, e voi stando nel letto a pensarvi sopra; che domandatovi, per rimordimento che io n’avevo, quello che voi sprimevi per essa, mi dicesti—affé che io non lo so.— Al nostro proposito, io sono in termine che io posso veramente dire di non sapere quello che si abbia da essere de’ casi miei; [...]”

Na carta LXIII, Sassetti descreve de forma bem detalhada os ventos e vários fenômenos naturais, além de peixes e tipos de plantas. O trecho a seguir mostra a construção frasal na descrição de tipos de peixes, seguindo, assim como trecho acima destacado, parágrafos longos, mas repletos de vírgulas para fazer pequenas pausas. Além das vírgulas, o viajante-escritor se utiliza de conectores, especialmente pronomes e conjunções. Veja-se:

Sobem para aquele voo perseguidos por baixo por aqueles peixes albacoras e bonitos, **os quais** são muito rápidos debaixo d'água ao esperarem o salto, **onde** devem mergulhar, pois são rápidos para voar. Fogem do inimigo da água voando, e no ar encontram um que é maior, contra o qual não há argumento. Esses são certas aves grandes do tamanho de milhafres, da cor e feições das nossas gaivinas, **que** sempre ficam acima da água, e assim que aquelas hordas de voadores levantam voo, mais de uma se seca para cada ave, é possível ver pegarem mais de um para cada pássaro, **os quais** voam, depois, comem-nos, e com tal chilrear um para o outro parece que se apalpam como belos cavalheiros e, depois de engoli-los, descem para lavar o bico.<sup>192</sup> (1855, p. 205, negritos meus)

As expressões destacadas em negrito mostram um pouco de como escrevia Sassetti por meio de conectores que permitissem à sentença ter continuidade, fazendo muito uso de vírgulas. Essa é uma característica da época que se procurou manter na tradução.

#### 4.4 PARATEXTOS

Um dos elementos que foram cruciais para a tradução das cartas de Sassetti foram os paratextos da edição de Marcucci, de 1855. Isso se justifica porque nessa edição, com 111 cartas do mercador toscano, é possível encontrar diversas informações relativas ao autor bem como a citações e / ou expressões da época, além de impressões do próprio organizador/editor sobre o conteúdo das cartas.

Por se tratar de uma escrita com um grande distanciamento temporal (século XVI), os paratextos trazidos na edição que serviu de base para este projeto tradutório foram de grande relevância. Ademais, “as notas de pé de página ‘datam’ o

<sup>192</sup> “Levansi a quel volo cacciati di sotto da que’ *pescialbucore* e *bonitti*, **i quali** sono così presti sotto l’acqua ad aspettarli al balzo, **dove** egli hanno a tuffarsi, come essi sieno presti a volare. Fuggono il nemico dell’acqua volando, e per l’aria ne trovano uno che è maggiore, contro al quale non hanno argomento. Questi sono certi uccellacci grandi come nibbi, del colore e delle fattezze delle nostre mugnaie, **li quali** stanno sopra l’acqua sempre, e tosto che quelle schiere de’ volatori si levano in aria, se ne veggono rasciugare più d’uno per ogni uccello, **i quali** volando poi se li pappano, e con un cotal pigolare l’uno verso l’altro pare che si carapignino come bei signori, e poi d’ averli inghiottiti si calano a lavare il becco.”

texto dentro da cultura onde a tradução será consumida” (LYRA, 1998, p. 79). Por isso, ressalto aqui a importância dos paratextos, que seriam os elementos que acompanham o texto, desde os elementos pré e pós-textuais – como o prefácio e posfácio – até ilustrações, capa, notas do tradutor, de rodapé e tudo o mais que estiver acompanhando o texto principal. Vejamos o que diz Genette a esse respeito:

A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de paratexto da obra, conforme o sentido às vezes ambíguo desse prefixo em francês: vejam, dizia eu, adjetivos como “parafiscal” ou “paramilitar”. Assim, para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público (2009, p. 9)

A partir disso, podemos inferir que a edição tomada como texto de partida para este projeto de tradução comentada vestiu-se de muitos elementos paratextuais de modo a apresentar-se como livro para o leitor a partir daquela data da publicação (1855), contribuindo enormemente, a partir das notas, tabelas, explicações, prefácio e os demais elementos que cercam e prolongam as cartas de Sassetti, para a compreensão do autor e do conteúdo dos escritos.

Por vezes esquecidos, os paratextos nem sempre recebem a atenção merecida. Pela característica do texto de partida utilizado para esta tese, a saber, uma edição compilada por um organizador interessado em fazer os textos de Sassetti circularem e serem lidos / compreendidos no século XIX, o que quero destacar é a importância que a edição de Marcucci deu aos paratextos e que, hoje, acabaram sendo primordiais para a execução da tradução das cartas sassettianas.

Marcucci, em seu “Prefácio” na edição aqui tomada como ponto de partida para o projeto tradutório, mostrou-se verdadeiramente interessado em apresentar Sassetti ao mundo, apresentando uma edição rica em detalhes paratextuais, não se contentando em publicar somente as cartas, mas todo um conjunto de elementos para ajudar a situar o leitor no contexto do escritor do século XVI, como trazem as figuras

nas próximas páginas desta tese. A figura 16 mostra uma página da edição de Marcucci em que se visualizam as notas como paratextos das cartas de Sassetti.

Figura 16 - Página da edição do texto de partida com uso de paratextos

conte Lucanor; dove si raccontano molte similiade,<sup>1</sup> et in una cotal novelletta dice così: — *El conde partióse de su casa, y dexó á su muger encinta, y volviendo halló que su muger la cual dexó encinta, habia parido un niño*; — che vuol dire: Il conte partissi, e lasciò la moglie encinta,<sup>2</sup> e questo è per parentesi.<sup>3</sup> Non so se 'l Piccolomini, che ne tratta, se le concede tanto lungamente: Federigo lo saprà.

Io non rinvento bene la comp. dello Strozzi, perchè vostro fratello e Pirro bene sta; ma quell' altro de' Corsi non so che o come: ditemi con la prima chi era suo padre. E se per ventura elli fa o fa fare madrigali, o se pure è di quello del quale è Fra Santi; io ne sono al buio. E' non è però ragione, che delle cose poetiche altri se ne vadia così senza saperne il pos., chè vi si imparano mille tratti; e quanto al farlo tornare mercatante, non lo crediate, chè, oltre a che non li conviene, e' non si ha ad indonnare.<sup>4</sup> Voi sapete la verità.... Però tirate a dietro agli altri più presicci, che non ve ne mancano. El Bonciano, per quanto io sento, non è per questo cammino. Voi mi parete divenire et essere divenuto un bello scrittore, e la regola non fa per voi a questi tempi. Non so come io mi stia col Berti, chè non ho novella de' casi suoi, già un pezzo. Dicemi il signor Ambrogio, che Simone lo lasciò: non so io chi si arà carico di rifare la famiglia, o se vi si pensa; e molto molto che si vadia oltre, e' figliuoli, quando pure abbiano aspettare il 42<sup>mo</sup> settenario, non saranno co' piè rossi. Non sarebbe male farli questi discorsi, e vedere di risolverci qualche cosa;<sup>5</sup> chè fare sempre nesti con fessi quando si invecchia, oltre al pericolo di tagliarsi, si stenta a mettere la marza nel fesso.

<sup>1</sup> *Similiade*. Vocabolo ripetuto anche nella Lettera CII, equivalente forse a *racconti*, *novellette*, *aneddoti*. Quest' ultimo sinonimo, benchè non di Crusca, e rifiutato per buono, l'aggiunsi appunto per poter notare trascorrevamente, che, oltre alla sua derivazione dal greco e dal latino, ha pure l' autorità de' miglior libri moderni. Il Muratori e il Monti ne usarono a tutto pasto. Il Vannetti (per addurne un qualche esempio) dice in una sua Lettera: *Odi e sonetti vennero in campo, e aneddoti letterari e critiche e dispute*. Il Pindemonte (*Lettere*) lo usa perfino come aggettivo: *E che non si vogliono concedere a me, perchè escono aneddote a Milano*.

<sup>2</sup> Supplisco la traduzione dell' altre parole spagnuole: *e tornando trovò che la sua moglie, lasciata incinta, aveva partorito un bambino*.

<sup>3</sup> *E questo è per parentesi*. Con l'altro che segue è tutto inedito.

<sup>4</sup> *Indonnare*. O, come pur sembra, *indonnare*.

<sup>5</sup> *Qualche cosa*. Abbreviatura che io leggo a vanvera.

As notas de rodapé, na Idade Média, eram chamadas de “glosa” e cercavam o texto. Foi na França que ganharam o nome de “manchetes” e começaram a ocupar as margens do texto. Somente no século XVI as notas se transferiram para o pé da página, sendo chamadas de notas de rodapé (CHEROBIN, 2011).

Na tradução empreendida, a opção foi manter algumas notas de rodapé sempre que, a partir do meu olhar enquanto tradutora, eu entendesse que a falta de explicação de algum termo pudesse afetar o entendimento do texto devido a algum elemento relacionado ao tempo do escrito ou vocabulário específico de termo técnico. É válido lembrar que “as funções das notas são múltiplas, entre as principais encontramos: definições ou explicações de termos usados no texto, referências de citações, indicações de fontes” (CHEROBIN, 2011, p. 229).

Antes de explicar as notas utilizadas, lembramos o que Genette afirma a respeito da nota enquanto elemento paratextual: “Uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento” (2009, p. 281).

As notas destacadas no capítulo referente à tradução foram identificadas por “Nota do Editor” [N.E.], quando foi uma nota adaptada da edição de Marcucci (1855), e também por “Nota da Tradutora” [N.T.], nas situações de pesquisa e escolha da tradutora. É importante ressaltar que mesmo as N.E. foram escolhidas por mim enquanto tradutora deste projeto de tradução de comentada, e tais escolhas refletem as notas da edição do texto de partida que considerei de extrema importância para o êxito do processo da tradução.

Na tradução aqui apresentada, as notas deixadas pelo editor da obra de 1855 colaboraram para compreender não só o contexto histórico-filosófico-literário, como também certos usos e expressões linguísticas dos textos. Podemos citar, por exemplo, , uma das notas da carta XLVI, a qual fala sobre a dificuldade de encontrar significado para a palavra “tonnine” usada por Sasseti. Escreve Marcucci na nota: “Não faço a mínima ideia do que sejam essas *tonnine*, pelo que estava tão atordoado Sasseti, que até ouviremos um pouco mais ao lembrar delas, quão verdadeiramente estupefato elas o deixaram”<sup>193</sup> (1855, p. 137). Sendo assim, foi deixado “tonnine” na

---

<sup>193</sup> “Non ho verun lume di queste tonnine, da cui era tanto stordito il Sasseti, che eziandio udremo poco più oltre ricordargliele, come veramente sbalordito che lo avevano.

tradução e colocada uma nota de rodapé explicativa da escolha por estrangeirizar a palavra, consoante Berman defende. Outro caso que foi resolvido com o auxílio das notas da edição de onde se partiu a tradução é o da sigla do pronome de tratamento: “V.M.” encontrada na carta XLIV. A tradução ficou como “Vossa Mercê”, pronome de tratamento usado em forma de respeito em língua portuguesa à época dos escritos, e foi essa forma que acabou originando o atual “você” em português.

Outro caso a ser destacado para se obter dados a serem pesquisados a respeito dos textos traduzidos está na Carta LII, quando a nota trazida por Marcucci traz o poeta florentino Burchiello, que havia sido citado na missiva por Sassetti. Sem essa nota seria muito difícil verificar qualquer identificação no texto, pois não consegui encontrar referência literária do verso citado no item 4.2.3.

Nas doze cartas traduzidas, foram mantidas algumas notas de rodapé, em número bem inferior ao que apresenta o texto de partida, na edição publicada por Marcucci, de 1855. A escolha por usar ou não notas ao pé de página certamente passou pelo meu filtro enquanto tradutora, e a minha opção foi de manter as notas em casos aparentemente necessários para a compreensão de algum trecho ou expressão. O quadro a seguir mostra o número de notas de rodapé presentes no texto utilizado para a tradução assim como na proposta de tradução realizada:

#### **Quadro 12 – Notas de rodapé**

<b>Carta</b>	<b>Texto de partida Nº de notas de rodapé</b>	<b>Tradução Nº de notas de rodapé</b>
XLIV	30	06
XLVI	19	08
L	05	02
LII	17	06
LIV	14	06
LXIII	54	04
LXVI	05	-
LXIX	02	01
LXXXI	25	02
LXXXIV	15	03
LXXXV	38	01
XCV	24	10

Fonte: Da Autora, 2022

Houve considerável redução no número de notas, pois a proposta desta tradução é levar ao leitor dos dias de hoje uma leitura que possa se aproximar do contexto da época dos escritos, apesar da consciência de que se trata de um texto distante temporalmente, o que, naturalmente, pode levar a uma certa dificuldade na leitura devido a alguns fatores como os já elencados, tais como vocabulário específico, referências a elementos de mitologia e literatura de um outro período, formas de tratamento não (tão) usadas atualmente e outros enumerados neste capítulo 4.

Um dos casos de escolha em não colocar nota de rodapé foi na Carta LXIII, quando Sasseti fala de diversas espécies de peixes. Tendo consciência de que nem mesmo um falante nativo de italiano conseguiria identificar somente pela leitura as espécies de peixes que existem, optei por deixar sem nota de rodapé para o leitor do texto em português, evitando explicação em demasia de algo que naturalmente o leitor curioso buscaria se aprofundar, caso seja de sua escolha, sendo este o trecho: “[...] São de um tipo que chamam de Bonito, conhecidas como *Pelamis vera* seu *Thunnus Australis*, de Rondelet.”<sup>194</sup> (SASSETTI, 1855, p. 204)

A respeito das notas, Genette afirma que

as notas podem ser, em termos de estatuto, de leitura facultativa e endereçar-se, por conseguinte, apenas a alguns leitores: aqueles a quem possa interessar determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota (2009, p. 285)

Levando em consideração esse pensamento facultativo das notas é que algumas escolhas, como a acima descrita, me baseei nas escolhas das notas mantidas e / ou adicionadas à tradução.

Além de desnudar o tradutor, deixando-o visível ao leitor, faz este se lembrar de que realmente alguém já passou por aquele texto e ali deixou sua marca, eliminando a ideia de transparência que Venuti (2021) destaca ao declarar que é gerado um efeito de transparência quando há fluência na tradução, sendo que, a partir disso, pode-se pressupor que a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro está representada na tradução.

Na carta XLIV foram utilizadas seis notas de rodapé, sendo duas Notas do Editor e as outras quatro Notas da Tradutora e trazem as seguintes explicações: uma

---

<sup>194</sup> “Sonvi una sorte che domandano *Bonitti*, detti *Pelamis vera* seu *Thunnus Australis* dal Rondelezio.”



serve para retomar o uso de texto externo à obra, duas são usadas para explicar uma expressão relacionada a um evento ou objeto e as outras três notas para falar de regiões que, na atualidade, não existem mais ou mudaram de nome, como destacado a seguir:

1. Referência “Canção XXIV”, estrofe 4, de Francesco Petrarca. [N.E.]
2. Atualmente, região pertencente à Alemanha. Já fez parte do Reino da Saxônia, de 1806 a 1918. [N.T.]
3. Corresponde aproximadamente à faixa litorânea dos atuais estados de Gana, Togo, Benim e Nigéria. São Jorge da Mina, Arguim, Cabo Verde e São Tomé constituíam os quatro núcleos fundamentais da presença portuguesa na costa ocidental africana (FREUDHENTHAL, s/d). [N.T.]
4. Expressão que significa rebeliões ocorridas em 1282 às vésperas da Segunda-Feira após a Páscoa, iniciando uma série de batalhas pelo controle da Sicília (AMARI, 1843 apud MARCUCCI, 1855, p. 124). [N.E.]
5. Refere-se à atual região de Marrocos e países em torno da África. [N.T.]
6. Tecido feito com pele de cabra ou, mais antigamente, de carneiro (TOMMASEO ON-LINE, 2015). [N.T.]

As oito notas da carta XLVI foram utilizadas para explicar termos arcaicos, pessoas a quem Sassetti fez referência, palavras não identificadas e marcadas em itálico, citação de outros autores e costume de época, como destacado a seguir:

1. Referência a algum tipo de inteligência secreta, segundo consta na edição do texto traduzido. [N.T.]
2. Nome de um acadêmico da Accademia degli Alterati, da qual participava Sassetti. [N.T.]
3. Mesmo não estando explícita a palavra ‘oração’ na sentença, a referência é a ela, sendo, pois, uma oração fúnebre encontrada em *Prose Fiorentine, Parte I, vol. III*. [N.E.]
4. Cujo nome era Vincenzo Borghini. [N.T.]
5. Palavra desconhecida. Afirmou Marcucci (apud SASSETTI, 1855, p. 137): “Não tenho a mínima luz sobre o que signifique *tonnine*, do que Sassetti estava tão atordoado”. [N.E.]
6. Referência à Canção XXII de Petrarca: “E dopo questo, si parte ella e’l sonno”. [N.E.]
7. Elipse de “sarete” e “arete”, portanto, um arcaísmo, neste caso. [N.T.]
8. Referência a um jogo em que cavaleiros lançavam bolas de argila, atividade levada pelos Espanhóis a Nápoles. Após, tornou-se uma festa de cunho militar com o intuito de mostrar habilidades, sempre com cavaleiros. (TRECCANI, 20019). [N.T.]

A carta L traz somente duas notas de rodapé, ambas para referenciar pessoas citadas por Sassetti:

1. Referência a Giovanni Bondelmonti, apelidado entre amigos de “Vecchino”. [N.E.]
2. Referência a Pietro Calefato, Conde Paladino, professor de direito civil, que usava barba comprida. [N.E.]

Na carta LII é feito uso de seis notas de rodapé: uma para explicar o uso de um sinal gráfico; outras duas para referenciar personagem ou obra externa ao texto; e as demais para explicar expressão de empréstimo linguístico e referência a uma expressão que, sem conhecer a biografia do autor, não se compreenderia bem. São elas:

1. Na edição de Marcucci, de 1855, a grafia estava “12 0/0”. Pelo conteúdo, inferiu-se, na tradução, que “0/0” seria o mesmo que o símbolo de percentual (%). [N.T.]
2. Referência à obra *Saturnalia*, do escritor, filósofo e filólogo romano, Ambrósio Teodósio Macróbio, autor também de *Comentário ao Sonho de Cipião*. E “pega” é uma ave da família dos corvos. [N.E.]
3. Jogo de palavras em referência aos numerais cardinais em francês. [N.T.]
4. Do espanhol *maravedí* (com origem no árabe *murābiṭī*). Antiga moeda espanhola e portuguesa, cunhada na Península Ibérica pelos Almorávidas. [N.T.]
5. Referência a um ditado popular referente a um personagem chamado Nanni, que era cego, mas que sempre falava “ver” tudo. Esse mesmo personagem aparece em *Il Malmantile racquistato* (1673), de Lorenzo Lippi. [N.E.]
6. “Aquele que tinha sede”, ou “Assetato”, era o nome acadêmico de Sasseti. Daí, a citação sobre “esponja do vinho”, como uma forma de tentar saciar a suposta sede do mercador, que era uma de suas características. [N.T.]

A carta LIV igualmente traz seis notas explicativas, sendo quatro para contextualizar personalidades da história ou fatos históricos e duas trazendo unidade de medida ou moeda arcaica, as quais se mostraram fundamentais para que o leitor da atualidade consiga ter uma noção dos valores citados, como seguem:

1. Antiga medida correspondente a 12 canadas ou 48 quartilhos, equivalente a 12,8 litros. [N.T.]
2. Ou *alcavalas*: a alcabala era uma cobrança obrigatória do imposto sobre vendas, por isso elevava o preço dos produtos que registrava. Comum nos domínios da Espanha. [N.T.]
3. Rei Filipe II, o conquistador de Portugal, chamado, à época, “o demônio do Sul”. [N.T.]
4. Famoso corsário e almirante turco chamado de “Lucciali” pelo historiador Girolamo de’ Franchi Conestaggio, na obra *Storia dell’unione del Portogallo alla Corona di Castiglia* (MARCUCCI, 1855). [N.E.]
5. Fernando Álvarez de Toledo y Pimentel (1507-1582): terceiro Duque de Alba, o herdeiro de uma das mais nobres linhagens espanholas. Sua casa pertencia ao número das vinte e cinco famílias cujos membros ostentavam o título de *Grandes de Espanha*, sendo por isso considerados os “primos” do rei (CARAYOL, 2022). [N.T.]
6. Conhecido como “O Prior do Crato” (CARAYOL, 2022). [N.T.]

Na carta LXIII foram colocadas quatro notas de rodapé: a primeira explicando uma palavra que foi deixada em italiano; a segunda a respeito de uma expressão que também foi deixada em italiano por se optar em explicar o contexto de uso de tal expressão; a terceira referencia um nome de personalidade histórica e a quarta trata do nome de um animal, a fim de ampliar o entendimento do leitor sobre o que seria a palavra mantida na tradução. Vejamos:

1. Brezza: 'brisa', em italiano. [N.T.]
2. *Acqua da partire*: expressão encontrada na obra *Trattato sopra l'orificeria e la scultura* [Tratado sobre a ourivesaria e a escultura], de Benvenuto Cellini, de 1857. Nesse Tratado, Cellini cita que tal "acqua da partire" seria feita com uma mistura de oito libras de alume. [N.T.]
3. Guillaume Rondelet (1507-1566): médico naturalista francês, autor das obras *De piscibus marinis*, 1554; *Universae aquatiliium historiae pars altera*, 1556. [N.T.]
4. Pássaro também chamado de "trinta-réis". [N.T.]

Na carta LXXXI foram usadas três notas explicativas: a primeira, referindo-se ao nome usado na carta e que fazia referência a uma obra do século XVI; a segunda, explicando a não tradução de um termo por se referir a uma moeda indiana da época; e a terceira nota para falar de uma espécie vegetal típica da Ásia.

1. Galateo: título de um famoso tratado chamado *Galateo ovvero de' costumi*, obra de Giovanni Della Casa (1503-1556), no qual estão conselhos e regras sobre modos de conversar, de se vestir, de estar à mesa, de se comportar com as pessoas na sociedade, ou seja, regras de etiqueta social. [N.T.]
2. Referência a uma moeda indiana de baixíssimo valor. [N.T.]
3. Da espécie *P. betle*, popular na Ásia, é planta pimenteira também conhecida como bétetele ou tambul, tem raízes adventícias, flores em espigas e folhas grandes, aromáticas, com propriedades estimulantes e medicinais. [N.T.]

A carta LXXXIV traz apenas três notas explicativas, sendo elas para referenciar uma espécie vegetal, outra para falar da opção por não traduzir o nome de um rio, pela incerteza de ser o nome pesquisado durante a tradução, e a terceira para falar acerca de uma tradição. Seguem:

1. *Paliurus spina-christo*. [N.T.]
2. O rio que mais se aproxima do escrito por Sasseti seria o rio Mahanadi, na Índia. Na carta LXXXV ele cita novamente, mas com grafia diferente: Magnate, daí a possível ligação pela semelhança fonológica com o rio situado em território indiano. [N.T.]

3. A palavra 'pagode' vem do sânscrito *dāgoba*, derivado de *dhātu-gōpa*, com o sentido de "lugar onde se conservam relíquias", representando um monumento sacro dos países budistas (VACCA, 1935, s/p). [N.T.]

A única nota da carta LXXXV é para falar de um termo náutico específico:

1. Termo náutico que se refere ao lado do barco que recebe o vento, onde sopra o vento. [N.T.]

Já a carta XCV utiliza dez notas explicativas, sendo que quatro delas fazem referência a pessoas do convívio de Sasseti; as demais notas foram utilizadas para explicar alguma expressão.

1. Giambatista Strozzi, chamado de Tenero por este ser seu nome acadêmico, da *Accademia degli Alterati*. [N.T.]
2. Padre Gioseffo Acosta. [N.E.]
3. Outro apelido dado a um acadêmico *Alterato*. [N.T.]
4. Expressão assim traduzida conforme nota trazida por Marcucci (1855). [N.T.]
5. Costà: "nella costa", ou seja, "na costa". Informação trazida na edição de Marcucci (1855). [N.E.]
6. Vento colateral; vento noroeste. [N.T.]
7. Moluscos bivalves, acéfalos e alongados, que vivem em madeiras submersas, como em embarcações ou estacas, perfurando-as. Também são chamados de 'vermes'. [N.T.]
8. Tirésias: deus da mitologia grega que foi transformado em mulher por alguns anos até voltar à forma de homem. [N.T.]
9. Antiga aldeia. [N.T.]
10. Também chamado "Prete Gianni", ou Padre Giovanni. [N.E.]

As cartas LXVI e LXIX não tiveram nota de rodapé.

Além das notas de rodapé, de igual importância tiveram outros elementos paratextuais encontrados na edição de Marcucci, os quais foram consultados para a tradução realizada, como a expressão na Carta XLIV, quando traz "Vespro Ciciliano": a partir da nota de rodapé trazida pelo editor do texto de partida foi possível identificar o sentido da expressão; este foi levado para a tradução como forma de localizar o leitor de tal acontecimento histórico.

O Prefácio trazido por Marcucci foi apresentado ao longo de 13 páginas, dividido em três partes, como o próprio editor escreve nos parágrafos iniciais. A divisão se deu: I) alguma escrita sobre a biografia de Sasseti; II) de onde partiu a ideia de publicar a coletânea de cartas do mercador; III) quais e quantas organizações foram realizadas para a edição de 1855, a qual, como já mencionei, serviu de base para este projeto de tradução.

Além das notas e o prefácio, outros elementos paratextuais presentes na edição de Marcucci (1855) tiveram relevância ao longo da tradução aqui efetuada, tais como:

- **Espólio de vozes e modos de dizer**, com grande utilidade no projeto tradutório, pois contemplou expressões com suas respectivas explicações. A edição da qual partiu a tradução traz 127 páginas dedicadas a esse elemento paratextual;

- **Tabela dos nomes próprios e das coisas notáveis**: elemento útil para a certificação de ser a pessoa correta na tradução, visto poder haver personalidades com mesmo sobrenome, por exemplo. A esta tabela, em ordem alfabética, Marcucci dedicou 114 páginas;

- Lista com **Nomes das pessoas** para quem Sasseti escreveu. Francesco Valori, Bacio Valori e Lorenzo Giacomini foram os destinatários mais frequentes do mercador;

- Lista com **Erros corrigidos** por Marcucci: apresentando como ficaram as palavras ou expressões na edição pelo editor publicada em 1855. Nem todos os erros indicados nessa tabela provocariam alteração no sentido do texto traduzido, porém, alguns itens realmente mostram desvio que poderiam alterar semanticamente parte do texto, como nos casos dos numerais.

Esse cuidado com o conteúdo contribuiu para a seleção desta edição de Ettore Marcucci como texto de partida para realizar a tradução das cartas de Sasseti, apresentadas no Capítulo 3 e neste comentadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta dos escritos de Filippo Sassetti deu-se de modo gradual, pois, assim como ele mesmo “descobriu” lugares, pessoas e ‘coisas’, as suas cartas também foram resultado de uma revelação em meio a textos de cunho linguístico, o que moveu a pesquisa em busca de mais informações a respeito do mercador. Foi em Tesi (2012) que me apareceu pela primeira vez a possibilidade de conhecer melhor o período das navegações de um ponto de vista de quem tinha por função (d)escrever aquilo que via e ouvia.

Quando “descobri” o nome de Sassetti em meio às leituras que fazia aleatoriamente para me aprofundar um pouco na história da língua italiana, qual não foi minha surpresa ao me deparar com uma parte da história das línguas e um nome desconhecido, até então, para mim. Após esse achado, foi-me possível perceber o valor de seus textos para a história em meio àquele período das navegações e de descobertas para o mundo de então: Novo Mundo, Oriente, caminhos das Índias. E Sassetti foi um dos que contribuíram para que o centro europeu de então tomasse conhecimento do que acontecia fora de seu eixo.

Ao passar pelo olhar perscrutador do mercador florentino, logo se via uma tradução cultural. Ao narrar o que via e ouvia a outros de sua rede de amigos e negócios, Sassetti tornava-se um tradutor cultural de seu tempo: as cartas eram o meio pelo qual isso acontecia.

Sair de Florença, passar um tempo em Lisboa e em Madri para depois rumar para a Índia representou para Filippo Sassetti um grande passo rumo ao novo, ao seu destino. De lá ele não retornaria mais para a Itália e sua cidade natal, Florença, não porque não quisesse, mas porque teve a vida ceifada por motivos de doença antes do tempo de seu retorno à terra natal.

O primeiro passo para dar início à tradução foi definir o *corpus* que seria utilizado. Ressalto que não foi tarefa fácil encontrar material com as cartas de Sassetti, muito menos referências bibliográficas a seu respeito, pois apesar da sua importância para a história, ainda é um autor pouco estudado, mesmo na Itália. Após ter encontrado em arquivo digital a edição tomada como texto de partida, organizada por Ettore Marcucci e publicada em 1855, dediquei-me à leitura das 111 cartas escritas pelo mercador e até aquele ano conhecidas, disponíveis nesta edição.

Como trouxe ao longo da tese, existiram outras poucas edições com cartas de Sasseti publicadas. A última edição de que se tem conhecimento é a de 1995, organizada pela pesquisadora italiana Adele Dei, a qual reuniu as cartas escritas da Índia, compreendendo o período de 1583 a 1588, ano da morte do florentino.

Finalmente, o ponto conclusivo para a definição do *corpus* foi a citação do nome do Brasil em algumas das cartas encontradas, correspondências que faziam parte do epistolário publicado em 1855 por Marcucci. Diante disso, percebi que a escolha do *corpus* a se traduzir deveria passar pelo fator “Brasil” devido ao falar do país, de suas costas, de algumas de suas cidades, da economia, do comércio de escravizados e outros assuntos pertinentes à então Colônia de Portugal. Das 111 cartas totais, doze delas falavam algo a respeito do Brasil – citado como “Verzino” nas correspondências sassettianas.

Ao ler suas missivas, percebe-se o tom observador com que ele empregava nos escritos: detalhes de roupas, de comportamento, de divisão social, tudo parecia ser alvo de seu engenho. E cada vez mais parecia que ele queria descobrir mais e mais daqueles povos.

Ao traduzir suas cartas, essa carga cultural e social teve de ser levada em consideração, assim como todo seu passado acadêmico dos anos de Pisa e a influência dos homens de letras florentinos sobre ele, elementos que foram ponderados no processo de realizar a tradução e seus comentários e notas nesta tese.

Antes de falar sobre a dificuldade de executar a tradução propriamente dita, ressalto que mereceu destaque pesquisar a respeito da intenção (ou intenções) dos escritos por trás das palavras usadas pelo autor. Muito além de grande domínio na escrita, com vasto conhecimento vocabular e estrutural na construção textual, questões políticas estavam intrínsecas ao texto. Não somente por poder ser visto como um tradutor cultural, homem das letras pertencente à Academia, mas por fazer de suas cartas uma ferramenta de jogo político.

Como agente dos Médici, Sasseti exerceu com maestria o cargo de correspondente de uma das famílias mais influentes da península itálica: em suas missivas seguiam informações de estratégia militar e política sobre o povo com o qual (con)vivia o mercador florentino. Além disso, com grande conhecimento em botânica, Sasseti era estratégico, também, para os Médici, que tinham interesse no comércio de especiarias bem como ampliar o conhecimento a respeito das plantas e demais

produtos que surgissem no Oriente e que poderiam ter alguma importância para seus negócios.

O jogo de interesses existia até mesmo na troca de palavras das correspondências trocadas: o fato de falar mal dos portugueses, por exemplo, ia além de mera antipatia ou discordância nas ações tomadas, mas acabou sendo uma estratégia articulada para ganhar espaço junto à coroa espanhola e, com isso, algumas vantagens, como explorado durante a tese.

Em relação à tradução, afirmo que os desafios foram diversos: desde o refletir sobre a abertura e o encerramento das cartas, com os sufixos sintéticos (*issimo*) empregados nos pronomes, até mesmo o vocabulário da época – isso foi o que mais causou desafios na hora de tomar decisões sobre como traduzir. Tipos de ventos, direção de bússola, palavras que se referiam a uma dada questão cultural de outro povo, Sasseti não costumava ser muito preciso e ou bem estruturado nos assuntos de suas cartas: iniciava um pensamento, não o terminava, iniciava outro assunto, retomava dado termo e assim por diante.

Somente escrevendo é que ele conseguiria libertar-se de um período repleto de assuntos acumulados a serem despachados praticamente uma vez ao ano por meio dos navios que seguiriam para a Europa, tornando o trabalho de tradução mais complexo em virtude de toda essa carga léxica e semântica constante de suas cartas.

Destaco o relevante papel que as notas explicativas trazidas na edição do texto de partida tiveram, possibilitando ao mundo um registro bastante completo acerca de Sasseti e de suas cartas. A partir das notas produzidas por Marcucci, as quais foram ricas em detalhes em diversos momentos de dúvida, foi possível buscar muitas das referências citadas para traduzir ao leitor do século atual, sendo o leitor almejado, falante de português do Brasil. Os paratextos foram úteis para a tradução assim como a tradução apresentou outros paratextos, crendo serem também importantes para quem os vier a ler.

Contudo, diante do uso de tais elementos paratextuais, surgiram questões relacionadas à tradução em si, como: até onde explicar é preciso? Essa foi a pergunta que norteou o uso de notas de rodapé na tradução levada a cabo, pois existem diferentes publicações a depender das exigências editoriais, umas com mais, outras com menos, outras ainda com nenhuma nota de rodapé, por exemplo.



Desse modo, parti do pressuposto de que explicar é necessário em alguns momentos e optei por fazer uso de algumas notas explicativas, em número bem menor do que o apresentado na edição de 1855, pensando na legibilidade da tradução para o leitor almejado.

No que diz respeito à tradução, pode ser que alguma escolha tradutória não tenha saído como pretendeu Sasseti, talvez alguma forma de tratamento não possua a mesma carga semântica à que ele utilizou em seu período, daí a função do tradutor em meio aos textos: de partida e de chegada, em busca das palavras que possam dizer “quase a mesma coisa”, como disse Umberto Eco (2014). Quanto mais passa o tempo, mais elementos que podem caracterizar um texto arcaico podem ser repensados, reelaborados e ressignificados em outras vestes que possam ser compreensíveis aos leitores atuais. Talvez alguma palavra não corresponda exatamente àquilo que Sasseti escreveu no século XVI, mas a negociação realizada neste projeto de tradução buscou conversar com o século do autor e o atual, a fim de que o leitor de hoje, assim como citou Eco (2014), converse com o autor do texto de partida por meio do texto de chegada. Para isso, busquei manter no texto expressões ou palavras que não sejam modernas, mas que não criem ruído na identificação de um texto antigo. O objetivo foi o de provocar algum grau de estranheza no leitor para que este identifique estar lendo realmente uma carta de séculos atrás.

O vocabulário relacionado aos ventos poderia ter sido simplificado, usando os pontos Norte, Sul, Leste e Oeste, mas a opção foi preservar os nomes não tão habituais a um falante de português brasileiro, como Tramontana (para vento norte) e todas as demais palavras relativas aos ventos.

Apesar de destacarmos a importância dos paratextos, optei por economizar no uso de notas explicativas para que o leitor possa, ele também, sentir o gosto de buscar compreender o significado de uma expressão ou outra. O objetivo foi não interferir muito no texto de partida, tentando valorizar as suas características na tradução realizada.

Desta feita, traduzir é um dos modos de se levar adiante a experiência e o engenho de Sasseti, engenho este pouco debatido e publicado em todo o mundo até os dias de hoje. A partir desta tradução, que muitos outros trabalhos e pesquisas possam se concretizar, inclusive, dentro de outras áreas, não somente nos Estudos da Tradução e nas Letras, visto que o legado histórico deixado pelo mercador-escritor

se deu em diversos campos, desde botânica, marinharia, astronomia, zoologia, histórico, cultural, foram inúmeros setores envolvidos diretamente nas missivas.

Nesta tese foram traduzidas as cartas que possuíam algum vínculo com o Brasil e que o citavam em algum momento do texto. Contudo, há uma centena aguardando para ser estudada, compreendida e divulgada. Uma figura histórica como Filippo Sassetti não poderia permanecer no esquecimento, assim como ele mesmo pedia em suas correspondências, pois há muito material para ser estudado, com a finalidade de compreender também muitas das mazelas econômicas, políticas, sociais e culturais que nos afligem e nos caracterizam no presente. Fica, aqui, o desejo de ver isso se concretizar.

## REFERÊNCIAS

- ALESSANDRINI, Nunziatella. Goa “Principal Terra d’Índia” nas Cartas de Filippo Sassetti. In: **Goa: Passado e Presente**, tomo 2, Lisboa, CEPCEP e CHAM, 2013, pp. 629-640. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3529104/\\_Goa\\_Principal\\_Terra\\_d\\_India\\_nas\\_Cartas\\_de\\_Filippo\\_Sassetti\\_in\\_Goa\\_Passado\\_e\\_Presente\\_tomo\\_2\\_Lisboa\\_CEPCEP\\_e\\_CHAM\\_2013\\_pp.\\_629-640\\_ISBN\\_978-972-9045-31-8](https://www.academia.edu/3529104/_Goa_Principal_Terra_d_India_nas_Cartas_de_Filippo_Sassetti_in_Goa_Passado_e_Presente_tomo_2_Lisboa_CEPCEP_e_CHAM_2013_pp._629-640_ISBN_978-972-9045-31-8)>. Acesso em: 25 out. 2019.
- ALESSANDRINI, Nunziatella. Images of India through the Eyes of Filippo Sassetti, a Florentine Humanist Merchant in the 16th Century. In.: HARRIS, Mary N.; LÉVAL, Csaba. **The Orient and Africa as Seen by Western Europeans**. Pisa: Pisa University Press, 2007.
- ANDRADE, Adriana Aikawa da Silveira. **Cartas de Roma (1822-1823)**: tradução comentada das missivas de Giacomo Leopardi para o português. Tese de Doutorado. Florianópolis/Siena, 2015.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. Viagens de um florentino a Portugal e à Índia (Século XVI). In: **Novas Epanáforas – Estudos de história e literatura**”, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1932, pp. 97 -135.
- BALDWIN, Geoffrey P. A tradução da teoria política na Europa Moderna. In.: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, R. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. [Tradução de Roger Maioli dos Santos].
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico do auge do capitalismo. Obras Escolhidas, v. 3. Editora Brasiliense, 1989. [Tradução de José Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista].
- BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica. [Trad. Maria Emília Pereira Chanut]. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. [Tradução Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini]. 2. ed. Tubarão: Copiart, 2012.
- BERNOCCHI, Francesco; MONTAGANO, Alessio. **Fior di fiorini**: monete, mercanti e cambiavalute al tempo del banco Medici-Sassetti - Monaci, signori e contadini: le monete della Badia dal Medioevo ai tempi del Granduca. Tipografia La Marina – Calenzano: Vaiano, 2011.
- BESSION, Françoise. La littérature de voyage et d’ascension: du passage de la relation de voyage à la conscience de la relation au monde. In : **ILCEA Revue de l’Institut des langues et cultures d’Europe, Amérique, Afrique, Asie et Australie**, n. 28, 2017.

BIBLIOTECA NAZIONALE CENTRALE DI FIRENZE. 2020. Disponível em: <[https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search\\_basesearch&query\\_fieldname\\_1=keywords&query\\_querystring\\_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca](https://opac.bncf.firenze.sbn.it/opac/controller.jsp?action=search_basesearch&query_fieldname_1=keywords&query_querystring_1=filippo+sassetti&Submit=Cerca)>. Acesso em: jan 2020.

BLIKSTEIN, Izidoro. Indo-europeu, linguística e...racismo. **Revista USP**, (14), 104-110. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i14p104-110>>. Acesso em: 25 out. 2019.

BLOCKER, Déborah. Le lettré, ses pistoles et l'académie: comment faire témoigner les lettres de Filippo Sassetti, accademico Alterato? In: **Littératures Classiques**, n. 71, 2010, pp. 29-66.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo, Cultrix, 2006.

BOUTIER, Jean. **Les habits de l'« Indiatico »**. Filippo Sassetti entre Cochin et Goa (1583-1588). Découvertes et explorateurs. Actes du colloque international, Bordeaux, 12-14 juin 1992, 1994, Paris, France. pp.157-166.

BREGE, Brian. A Florentine Humanist in India: Filippo Sassetti, Medici agent by annual letter. In: FINDLEN, Paula. **The Renaissance of letters**. Oxon: Routledge, 2020.

BREGE, Brian. **The empire that wasn't: the Grand Duchy of Tuscany and Empire, 1574-1609**. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade de Stanford. Stanford, 2014.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert (1960). The pronouns of power and solidarity. In: **T. A. Seboek. Style in Language**. Cambridge, MA: MIT Press. pp. 253–276. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>> Acesso em: 25 out. 2015.

BRUSCOLI, Francesco Guidi. Da comprimari a protagonisti: i fiorentini in Portogallo nel Basso Medioevo (1338-1520). In: **eHumanista**, 38, 2018, pp. 65-82.

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil**. rev. ampl. Coleção Brasilis 2. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

BURKE, Peter. **Varieties de história cultural**. [Trad. Alda Porto]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie (orgs.). *Cultural translation in early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Disponível em: <[http://ebooks.cambridge.org/search\\_results.jsf?searchType=quick&resultView=chapter&searchTerm=cultural%20translation&isbn=9780511497193](http://ebooks.cambridge.org/search_results.jsf?searchType=quick&resultView=chapter&searchTerm=cultural%20translation&isbn=9780511497193)>. Acesso em: 03 dez. 2015.

CARAYOL, José Manuel Gómez. Fernando Álvarez de Toledo y Pimentel – Um Grande de Espanha. In.: **Revista Arautos do Evangelho**, n. 247, julho/2022. Disponível em: <<https://revista.arautos.org/category/rae247/>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

CAROSELLO. In.: **Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani S.p.A.**. 2019. Disponível em: <<https://www.treccani.it/vocabolario/carosello/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

CHEROBIN, Nicoletta. Gérard Genette. Paratextos Editoriais. In.: **Cadernos de Tradução**, v. 2 n. 28, p. 225-229, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/22459/20440>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COMUNE DI VAIANO. Villa del Mulinaccio. s/d. Disponível em: <<https://www.comune.vaiano.po.it/il-territorio/villa-del-mulinaccio/galleria-fotografica/%3E>>. Acesso em: fev. 2020.

DE GUBERNATIS, Angelo. **Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali**. Livorno: F. Vigo, 1875.

DEI, Adele. Introduzione. In.: **Lettere dall'India (1583-1588)**. Roma: Salerno Editrice, 1995.

DEI, Adele. **Viaggi e letteratura tra resoconto e invenzione**. 2008. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Viaggi-e-letteratura-tra-resoconto-e-invenzione-Dei/06e3e4addea603991c21e7e4a43fdafe51982171>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Los traductores en la historia**. [trad. Grupo de investigación en traductología, bajo la coordinación de Martha Lucía Pulido] Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2005.

DEVI, Reena. **Glass Bridges: Cross-Cultural Exchange between Florence and the Ottoman Empire**. Master's Thesis, University of Edinburgh, 2009.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. [Tradução de Brigitte Hervot; Sandra Ferreira].

DICIONÁRIO DOS ITALIANOS ESTANTES EM PORTUGAL. 2004. Disponível em: <<http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp?id=64>>. Acesso em: 23 out. 2017.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 2002.

DORÉ, Andréa. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 311-339 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14002.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Rio de Janeiro: Record, 2014. [Tradução de Eliana Aguiar].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. Ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

FRANCO, Renato. **Dez lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GARFIELD, Simon. **L'arte perduta di scrivere le lettere – il fascino della posta nell'era di Internet**. Milão: TEA, 2016.

**Garzanti Italiano**. Edizione aggiornata. Varese: La Tipografia Varese, 2015.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. [Tradução de Álvaro Faleiros].

GIRAP, Sneha. **Filippo Sassetti**. 2018. Disponível em: <<https://alchetron.com/Filippo-Sassetti>>. Acesso em: 20 out. 2019.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. In: *Work. pap. linguíst.*, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Edição. [Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DO&A, 2006.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. [Tradução de Ligia Fonseca Ferreira].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. [Tradução de Bernardo Leitão et al].

LEOPARDI, Giacomo. **Zibaldone di pensieri**. Le Monnier: Firenze, 1921.

LUCAS-DUBRETON, Jean. **La vita quotidiana a Firenze ai tempi dei Medici**. Milano: BUR Rizzoli, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/download/6039/5609/18739>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LYRA, Regina Maria de Oliveira tavares de. Explicar é preciso? Notas de tradutor: quando, como e onde In.: **Fragmentos**, v. 8, n. 1, p. 73/87, jul/dez. Florianópolis, 1998.

MARCUCCI, Ettore. Prefazione. In.: SASSETTI, Filippo. **Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti** (a cura di Ettore Marcucci). Florença: Felice Le Monnier, 1855.

MESSERE. In.: **Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani S.p.A.**. 2019. Disponível em: <<https://www.treccani.it/vocabolario/messere/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

MILANESI, Marica. **Filippo Sassetti**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1973.

MILLER, J. Hillis. Border crossings, translating theory: Ruth. In.: BUDICK, Sanford; ISER, Wolfgang (ed.). **The translatability of cultures: figurations of the space between**. Stanford, California: Stanford University Press, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAIS CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. **Caracol**, (3), 152-173.

NEGRI, Renzo. Enciclopedia Dantesca. 1970. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/pietro-vettori\\_%28Enciclopedia-Dantesca%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/pietro-vettori_%28Enciclopedia-Dantesca%29/)>. Acesso em: 27 dez. 2019.

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio (org.). **Cronistas do descobrimento**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2012.

OURIQUE, João Luis Pereira. O "contar histórias" da formação: o narrador na perspectiva de Walter Benjamin. In.: **Cadernos Benjaminianos**, n. 1 (2009), p. 111-122. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/5305>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

PAES, José Paulo. **Tradução - a ponte necessária**: aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PAGODA. In.: VACCA, Giovanni. Enciclopedia Italiana, 1935. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/pagoda\\_%28Enciclopedia-Italiana%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/pagoda_%28Enciclopedia-Italiana%29/)>. Acesso em: 06 fev. 2023.

PATOTA, Giuseppe. **Il Garzantino di Italiano**. Varese, 2015.

RILLI, Jacopo. Consolo dell'Accademia Fiorentina a' nobili e virtuosi Signori Accademici Fiorentini. In: **Notizie letterarie: ed istoriche intorno agli uomini illustri dell'Accademia fiorentina**. Parte prima, Parte 1. Florença: 1700, pp. 5-14.

SANSOVINO, Francesco. **Del secretario di M. Francesco Sansouino**, libri 7: nel quale si mostra & insegna il modo di scriuer lettere acconciamente & con arte, in qual si voglia soggetto. Veneza: Matthio Valentino, 1608. Disponível em: <[https://archive.org/details/bub\\_gb\\_Eyb8o-bjFGsC/page/n1/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_Eyb8o-bjFGsC/page/n1/mode/2up)>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SASSETTI, Filippo. **Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti** (a cura di Ettore Marcucci). Florença: Felice Le Monnier, 1855.

SASSETTI, Filippo. **Lettere dall'India (1583-1588)** (a cura di Adele Dei). Roma: Salerno Editrice, 1995.

SASSETTI, **Lettere da vari paesi**, a cura di BRAMANTI, Milano, Longanesi, 1970.

SCHEMES, Elisa Freitas. **Oswaldo Cabral na "Terra da liberdade"**: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução**, ato desmedido. Perspectiva: São Paulo, 2011.

SERIANNI, Luca. Gli allocutivi di cortesia. In.: **La Crusca per voi**, n. 20, aprile 2000.

SILVA, Jamerson Marques da. Concílio de Trento: uma trama de crises e decretos nos passos de uma *Ecclesia Semper Reformanda*, in **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p. 130-150.



SURDICH, Francesco. Filippo Sassetti. **Dizionario Biografico degli Italiani** - Volume 90 (2017). Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-sassetti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-sassetti_%28Dizionario-Biografico%29/)>. Acesso em: 20 out. 2019.

TESI, Riccardo. **Storia dell'Italiano**: la formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento. Bologna: Zanichelli, 2012.

TINGUELY, Frédéric. **Le voyageur aux milles tours**: les ruses de l'écriture du monde à la renaissance. Paris: Honoré Champion, 2014.

TOSATTI, S.B. Enciclopedia dell'Arte Medievale. In.: PITTURA. **Enciclopedia Treccani**, 1998. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/pittura-pigmenti-pittorici\\_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Medievale%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/pittura-pigmenti-pittorici_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Medievale%29/)>. Acesso em: 04 mai. 2023.

VAN DIHOORN, Arjan; SUTCH, Susie Speakman. **The Reach of the Republic of Letters**: Literary and Learned Societies in Late Medieval and Early Modern Europe. v. 1. Leiden, Boston: Brill, 2008.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**: uma história da tradução. São Paulo: Editora Unesp, 2021. [Traduzido por Laureano Pellegrin, Lucineia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo].

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. São Paulo: Editora Unesp, 2019. [Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo].

WASSERMAN, Renata R. Mautner. **Exotic Nations**: literature and cultural identity in the United States and Brazil, 1830-2930. United States of America: Cornwell University Press, 1994.

ZILLY, Berthold. "Entrevista de Berthold Zilly". In: **Revista Metáfora**. Disponível em <<http://verahelena.blogspot.com.br/2012/07/berthold-zilly-na-revista-metafora.html>>. Acesso em: 13 out. 2019.